AUTORA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

DOROTHY TEM QUE MORRER





ROCCO
JOVENS LEITORES

DANIELLE PAIGE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

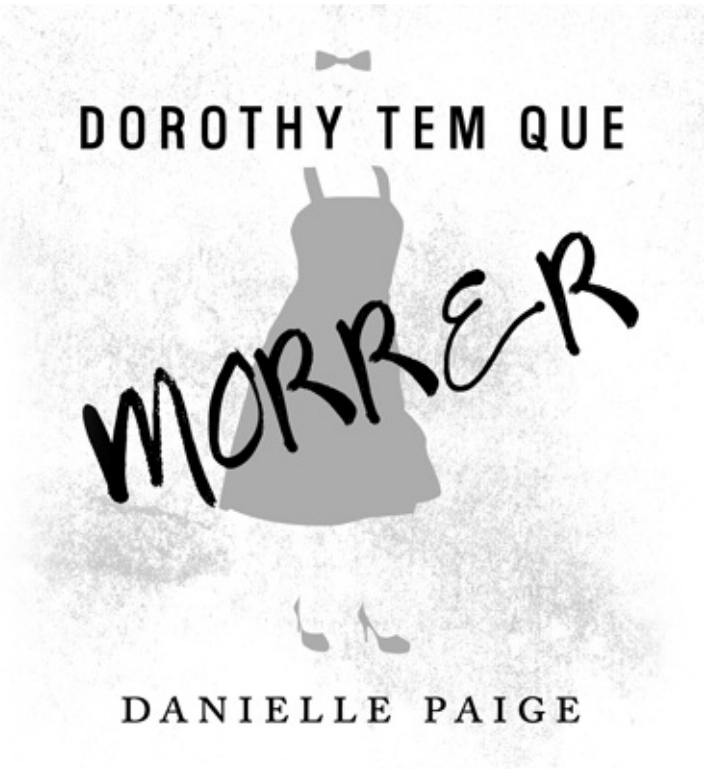
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Tradução de
CLÁUDIA MELLO BELHASSOF

ROCCO
JOVENS LEITORES

Star Books Digital

Para minha mãe, meu pai, Andrea, Sienna & Fiona.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

QUARENTA E DOIS

QUARENTA E TRÊS

QUARENTA E QUATRO

Agradecimentos

Créditos

A Autora

UM

Descobri que eu era um lixo três dias antes do meu aniversário de nove anos – um ano depois que o meu pai perdeu o emprego e se mudou para Secaucus para morar com uma mulher chamada Crystal e quatro anos antes de a minha mãe sofrer o acidente de carro, começar a tomar remédios e usar exclusivamente pantufas em vez de sapatos normais.

Fui informada da minha característica de lixo no playground por Madison Pendleton, uma garota num conjunto de moletom rosa que se achava o máximo porque sua casa tinha um banheiro e meio.

– Amy Esmola é Lixo de Trailer – disse ela às outras garotas no trepa-trepa enquanto eu me pendurava pelos joelhos de cabeça para baixo e cuidava da minha vida, com o rabo de cavalo arrastando na areia. – Isso significa que ela não tem dinheiro e todas as suas roupas são sujas. Vocês não deviam ir à festa dela, senão vão ficar sujas também.

Quando chegou a hora da minha festa de aniversário naquele fim de semana, todo mundo tinha dado ouvidos a Madison. Minha mãe e eu estávamos sentadas à mesa de piquenique na Área de Recreação Comunitária Móvel de Dusty Acres, usando nossos tristes chapéus de festa, nosso bolo sem recheio acumulando poeira. Éramos só nós duas, como sempre. Depois de uma hora na esperança de alguém finalmente aparecer, minha mãe suspirou, me serviu mais um copão de Sprite e me abraçou.

Ela me disse que, não importa o que falassem na escola, o trailer era onde eu morava, não quem eu era. E também que a nossa era a melhor casa do mundo porque podia ir a qualquer lugar.

Mesmo criança, eu era inteligente o suficiente para argumentar que nossa casa se firmava sobre tijolos, não sobre rodas. Sua mobilidade era gravemente exagerada. Minha mãe não teve uma boa resposta para isso.

Ela demorou para me dar uma resposta melhor até o Natal daquele ano, quando estávamos vendo *O mágico de Oz* na televisão grande de tela plana – a única coisa física

que sobrou da nossa antiga vida com o meu pai.

– Viu? – disse ela, apontando para a tela. – Você não precisa de rodas na casa pra ir a um lugar melhor. Tudo que precisa é de alguma coisa pra te dar um empurrãozinho.

Acho que ela não acreditava nisso, mesmo naquela época, mas pelo menos naqueles dias ela se importava o suficiente para mentir. E, apesar de eu nunca ter acreditado num lugar como Oz, eu acreditava nela.

* * *

Isso foi há muito tempo. Várias coisas mudaram desde então. Minha mãe já não era mais a mesma pessoa. Por outro lado, eu também não.

Não me preocupei mais em tentar fazer Madison gostar de mim e não ia chorar por causa de um bolo. Eu não ia chorar e ponto. Naqueles dias, minha mãe estava perdida demais no próprio mundo para pensar em me animar. Eu estava sozinha, e não valia a pena chorar.

Com ou sem lágrimas, no entanto, Madison Pendleton ainda encontrava maneiras de tornar minha vida miserável. No dia do tornado – apesar de eu ainda não saber que o tornado estava vindo –, ela estava encostada no seu armário depois do quinto tempo de aula, alisando a enorme barriga de grávida e fofocando com a melhor amiga dela, Amber Boudreaux.

Eu tinha descoberto há muito tempo que era melhor simplesmente ignorá-la sempre que eu pudesse, mas Madison era o tipo de pessoa meio impossível de ignorar, mesmo em circunstâncias normais. Agora que ela estava com oito meses e meio de gravidez, era realmente impossível.

Hoje, Madison vestia uma camiseta minúscula que mal cobria seu diafragma. Tinha "Quem é a Mamãe" escrito sobre os peitos em glitter rosa com letras cursivas. Fiz o máximo para não encarar enquanto me esgueirava por ela a caminho da aula de espanhol, mas, de algum jeito, senti meus olhos subindo, passando pela sua barriga até seu peito e, depois, seu rosto. Às vezes, simplesmente não dá para evitar.

Ela já estava me encarando. Nossos olhares se encontraram por uma fração de segundo. Congelei.

Madison me lançou um olhar furioso.

– O que você está olhando, Lixo de Trailer?

– Ah, me desculpa. Eu fiquei encarando? Só estava me perguntando se *você* era a Mãe Adolescente que eu vi na capa da revista *Star* esta semana.

Eu não queria perseguir Madison, mas às vezes meu sarcasmo assumia vida própria. As palavras simplesmente escapavam.

Madison me dirigiu um olhar vazio. E bufou.

– Eu nem sabia que você tinha dinheiro pra comprar um exemplar da *Star*. – Ela se virou para Amber Boudreaux e parou de alisar a barriga apenas o suficiente para dar um tapinha delicado nela. – Amy Esmola está com ciúme. Ela tem uma queda pelo Dustin desde sempre. Ela queria que esse bebê fosse dela.

Eu não tinha uma queda por Dustin, definitivamente não queria um bebê e de jeito nenhum queria um bebê de Dustin. Mas isso não impediu meu rosto de ficar vermelho.

Amber estourou sua bola de chiclete e deu um sorriso maligno.

– Sabe, eu a vi conversando com Dustin no terceiro tempo – disse ela. – Estava toda derretida. – Amber fez um beicinho e empurrou os peitos para a frente. – Ah, Dustin, eu te ajudo com a álgebra.

Eu sabia que estava corando, mas não tinha certeza se era de vergonha ou raiva. Era verdade que eu tinha deixado Dustin copiar meu dever de matemática mais cedo naquele dia. Mas, por mais que Dustin fosse bonitinho, eu não era burra o suficiente para achar que um dia teria alguma chance com ele. Eu era a Amy Esmola, a garota Lixo de Trailer sem peito cujas roupas eram sempre um pouco grandes demais e muito velhas. Que não tinha um amigo de verdade desde o terceiro ano.

Eu não era o tipo de garota por quem Dustin se interessaria, com ou sem a existência de Madison Pendleton. Ele "pegava emprestado" meu dever de álgebra quase diariamente durante o ano todo. Mas Dustin nunca olharia para mim desse jeito. Mesmo com os dezoito quilos a mais da gravidez, Madison brilhava como as palavras no seu peito enorme. Havia glitter na sua sombra dos olhos, no gloss labial, no esmalte das unhas, pendurado nas orelhas em argolas que esbarravam nos ombros, balançando nas pulseiras exageradas. Se as luzes se apagassem no corredor, ela poderia iluminá-lo como

uma bola de espelhos humana. Como uma ostentação humana. Enquanto isso, a única cor que eu tinha a oferecer estava no meu cabelo, que eu tinha acabado de pintar de rosa dias antes.

Eu era muito afiada – as palavras saíam rápido demais e nas horas erradas. E eu era desengonçada. Se Dustin gostava de coisas brilhantes como Madison, nunca se interessaria por mim.

Não sei se eu estava exatamente interessada em Dustin também, mas tínhamos uma coisa em comum: nós dois queríamos sair de Flat Hill, Kansas.

Durante um tempo, pareceu que Dustin também ia conseguir. Às vezes, tudo que você precisa é de um empurrãozinho. Às vezes é um tornado; outras, é o tipo de braço direito que o ajuda a conseguir uma bolsa de estudos como jogador de futebol americano. Ele tinha tudo pronto para ir. Até oito meses e meio atrás, na verdade.

Não sei o que era pior: ter uma chance e estragá-la ou nunca ter a chance.

– Eu não estava... – protestei. Antes que eu pudesse terminar, Madison estava grudada em mim.

– Escuta, Grudenta Idiota – disse ela. Senti uma gota do seu cuspe atingir meu rosto e resisti à vontade de limpá-lo. Eu não queria dar essa satisfação a ela. – Dustin é meu. Vamos nos casar assim que o bebê nascer e eu couber no vestido de noiva da minha tia Robin. Então é melhor você ficar longe dele... não que ele se interessasse por alguém como você, de qualquer maneira.

A essa altura, todos no corredor tinham parado de olhar para os armários e estavam olhando para nós. Madison estava acostumada a ser o centro das atenções – mas isso era novo para mim.

– Escuta – murmurei de volta para ela, querendo acabar com a discussão. – Foi só o dever de casa. – Senti meu mau humor aumentar. Eu só estava tentando ajudá-lo. Não porque eu tinha uma queda por ele. Só porque ele merecia uma folga.

– Ela pensa que Dustin precisa da ajuda dela – intrometeu-se Amber. – Taffy me disse que ouviu Amy se oferecer pra ser *monitora* dele depois da aula. Só uma pequena orientação acadêmica cara a cara. – Ela gargalhou alto. Pronunciou "ser monitora" como se eu tivesse dançado no colo de Dustin na frente de todo mundo no quarto tempo.

De qualquer maneira, eu não tinha oferecido. Ele pediu. Não que isso importasse. Madison já estava fumegando.

– Ah, ela fez isso, é? Bom, por que eu não monitoro um pouco essa vagabunda?

Virei para me afastar, mas Madison me agarrou pelo pulso e me puxou para encará-la. Ela estava tão perto de mim que seu nariz quase encostava no meu. Seu hálito tinha cheiro de balas azedinhas e gloss labial sabor kiwi e morango.

– Quem você pensa que é, tentando roubar meu namorado? Sem falar que ele é pai do meu bebê!

– Ele me pediu – respondi baixinho, de modo que só Madison pudesse escutar.

– O quê?

Eu sabia que devia calar a boca. Mas não era justo. Eu só havia tentado fazer uma coisa boa.

– Não ofereci. Ele me pediu ajuda – falei, mais alto desta vez.

– E o que ele poderia achar tão interessante em você? – soltou ela, como se Dustin e eu pertencêssemos a espécies totalmente diferentes.

Era uma boa pergunta. Do tipo que atinge a ferida. Mas uma resposta surgiu na minha cabeça, bem na hora, não dois segundos depois de Madison sair balançando pelo corredor. Eu sabia que era maldade, mas escapou voando da minha boca antes que eu tivesse chance de pensar duas vezes.

– Talvez ele simplesmente quisesse conversar com alguém do tamanho dele.

A boca de Madison abriu e fechou sem dizer nada. Dei um passo para trás, pronta para me afastar com minha pequena vitória. E aí ela girou, tensa, e – antes que eu conseguisse me abaixar – me deu um soco bem no maxilar. Senti minha cabeça latejar quando cambaleei para trás e caí de bunda.

Era minha vez de ficar surpresa, olhando para ela com uma confusão impressionada e tonta. Isso tinha acabado de acontecer? Madison sempre foi uma vaca total, mas – além dos esbarrões intencionais com o ombro no vestiário feminino – não era do tipo violento. Até agora.

Talvez fossem os hormônios da gravidez.

– Retire o que disse – exigiu ela enquanto eu começava a me levantar.

Pelo canto do olho, vi Amber um segundo tarde demais. Sempre disposta a aproveitar a influência da melhor amiga, ela me agarrou pelo cabelo e me empurrou de volta para o chão.

Os gritos de "Briga! Briga! Briga!" ecoaram nos meus ouvidos. Verifiquei se estava sangrando, aliviada ao perceber meu crânio intacto. Madison deu um passo à frente e se assomou sobre mim, pronta para o próximo round. Atrás dela, vi que uma enorme multidão se reunira ao nosso redor.

– Retire o que disse. Não sou gorda – insistiu Madison. Mas seu lábio tremeu um tiquinho na palavra com g. – Posso estar grávida, mas ainda sou tamanho 36.

– Chuta ela! – sibilou Amber.

Eu me afastei da sua sandália enfeitada com pedras e me levantei bem na hora em que o diretor assistente, sr. Strachan, apareceu, cercado por dois seguranças. A multidão começou a se dispersar, resmungando que o espetáculo tinha acabado.

Madison rapidamente recuou o braço que usou para me socar e voltou a alisar a barriga e arrulhar. Ela comprimiu o rosto numa careta de dor, como se estivesse lutando contra lágrimas. Revirei os olhos. Eu me perguntei se ela conseguiria realmente produzir lágrimas.

O sr. Strachan olhou de mim para Madison e de volta para mim, com seus óculos com armação de metal.

– Sr. Strachan – disse Madison, tremendo. – Ela veio pra cima de mim! De nós! – Madison deu um tapinha protetor na barriga, deixando claro que, atualmente, ela falava por duas pessoas.

Ele cruzou os braços e desceu o olhar até onde eu ainda estava agachada. Madison o pegou de jeito quando disse "nós".

– Sério, Amy? Brigar com uma garota grávida? Você sempre teve dificuldade pra ficar de boca fechada quando deve, mas isso é baixo, até mesmo pra você.

– Ela deu o primeiro soco! – gritei. Não importava. O sr. Strachan já estava me puxando para me levar até o gabinete do diretor.

– Achei que você poderia ser a pessoa melhor num momento como esse. Acho que te superestimei. Como sempre.

Enquanto eu me afastava, olhei por sobre o ombro. Madison tirou a mão da barriga só para me dar um aceno convencido. Como se ela soubesse que eu não ia voltar.

* * *

Quando saí para a escola naquela manhã, minha mãe estava sentada no sofá havia três dias. Nesses três dias, ela não tomou nem um banho, não disse quase nada e – até onde eu sei – só tinha consumido metade de um maço de cigarros e alguns punhados de salgadinhos Bugles. Ah, e os remédios que tomava. Eu nem sei quando ela se levantou para fazer xixi. Ela só ficou ali sentada vendo TV.

Antes eu tentava descobrir o que havia de errado quando ela ficava assim. Era o clima? Ela estava pensando no meu pai? Eram apenas os remédios? Ou havia algo mais que a transformava numa lesma humana?

Agora, no entanto, eu estava acostumada a ponto de saber que não era nada disso. Ela simplesmente ficava assim às vezes. Era sua versão de acordar com o pé esquerdo e, quando isso acontecia, você tinha que deixá-la sair do transe. Sempre que acontecia, eu me perguntava se, desta vez, ela ficaria assim *para sempre*.

Então, quando abri a porta do nosso trailer uma hora depois da minha reunião com o diretor, carregando todos os livros do meu armário numa sacola preta – eu tinha sido suspensa pelo resto da semana –, fiquei surpresa de ver que o sofá estava vazio, exceto por uma daquelas cobertas com mangas que minha mãe tinha comprado pela TV com um dinheiro que a gente não tinha.

No banheiro, ouvi minha mãe se movimentando: a torneira aberta, o barulho de maquiagem de farmácia em cima de um balcão minúsculo. Achei que ela havia saído do buraco de novo, afinal. Não que isso fosse sempre uma coisa boa.

– Mãe? – chamei.

– Merda! – gritou ela, seguida do som de alguma coisa caindo na pia. Ela não saiu do banheiro e não perguntou o que eu estava fazendo em casa tão cedo.

Deixei minha mochila e minha sacola preta no chão, tirei o tênis e olhei para a tela. Al Roker estava apontando para minha cidade num daqueles grandes mapas falsos. Ele estava com a testa franzida.

Acho que eu nunca tinha visto o Homem do Tempo da América franzir a testa. Ele não devia nos tranquilizar? Não era, tipo, função dele nos fazer sentir que tudo, inclusive o clima, ia melhorar logo? Se não amanhã, em algum momento da previsão para dez dias?

– Ei – disse minha mãe. – Você ouviu? Tem um tornado a caminho!

Não fiquei muito preocupada com isso. Eles sempre previam desastres aqui, mas, apesar de algumas cidades próximas terem sido atingidas algumas vezes, Dusty Acres sempre fora poupada. Era como se tivéssemos o clichê para nos proteger – Tornado Varre um Estacionamento de Trailers e Deixa Apenas uma Churrasqueira Virada. Isso é algo que acontece nos filmes, não na vida real.

Minha mãe saiu do banheiro, mexendo no cabelo. Fiquei feliz de vê-la de pé outra vez, de banho tomado e com o rosto maquiado, mas tive que fazer uma careta quando vi o comprimento da sua saia. Era mais curta do que qualquer coisa que eu tinha. Era mais curta do que qualquer coisa que Madison Pendleton tinha. Isso só podia significar uma coisa.

– Aonde você vai? – perguntei, apesar de saber a resposta. – Você fica três dias a um passo do coma e, agora, está indo pro bar?

Não era surpresa. No mundo da minha mãe, só havia dois cenários: o sofá e o bar. Se ela não estava em um, estava no outro.

Ela soltou um suspiro irritado.

– Não começa. Achei que você ia ficar feliz de me ver animada de novo. Você prefere que eu fique só deitada no sofá? Bom, talvez você fique feliz de andar pela casa o dia todo, mas *algumas* pessoas têm vida. – Ela afofou o cabelo já penteado para o outro lado e começou a procurar a bolsa.

Havia tantas coisas erradas em tudo que ela acabara de dizer que eu nem conseguia começar a processar todas as maneiras que isso me enfurecia. Em vez disso, decidi tentar o argumento sensato.

– Foi você que acabou de me dizer que tem um tornado a caminho. É perigoso. Você pode ser atingida por uma árvore ou qualquer coisa assim. Tawny não entenderia isso?

– É uma festa do *tornado*, srta. Espertinha – disse minha mãe, como se isso explicasse

as coisas. Seus olhos injetados de sangue se iluminaram quando ela viu a bolsa no chão ao lado da geladeira e a colocou sobre o ombro.

Eu sabia que não adiantava argumentar quando ela ficava assim.

– Você precisa assinar isso – exigi, segurando o pedaço de papel que o sr. Strachan tinha me dado. Era para mostrar que ela entendia o que eu supostamente tinha feito hoje e quais eram as consequências. – Fui suspensa – contei para ela.

Ela levou alguns segundos para reagir, mas, quando o fez, seu rosto não registrou surpresa nem raiva, apenas uma irritação pura.

– Suspensa? O que você fez? – Minha mãe me empurrou para o lado para pegar suas chaves. Como se eu fosse só uma coisa que estava no caminho de algo que ela queria.

Se morássemos numa casa normal, com um banheiro e meio, me perguntei, ela ainda me odiaria tanto? Será que o ressentimento era algo que se desenvolvia melhor em espaços apertados, como aquelas flores que minha mãe costumava obrigar a crescer dentro de vasinhos pequenos?

– Entrei numa briga – falei sem emoção. Minha mãe continuou me encarando. – Com uma garota grávida.

Ao ouvir isso, minha mãe soltou um suspiro longo e olhou para o teto.

– Ah, que ótimo – disse ela, com a voz repleta de algo mais do que preocupação materna.

Eu poderia ter explicado a ela. Poderia ter contado exatamente o que aconteceu; que não foi culpa minha. Que eu nem tinha batido em ninguém.

Mas a questão é que, naquele momento, eu meio que gostava da ideia de deixá-la achar que eu tinha feito alguma coisa errada. Se eu era o tipo de pessoa que entrava em brigas com garotas grávidas, a culpa era dela. E da sua absoluta falta de habilidade maternal.

– Quem era? – minha mãe exigiu saber, com a bolsa plástica batendo no balcão.

– Madison Pendleton.

Ela estreitou os olhos, mas não para mim. Ela estava tentando se lembrar de Madison.

– Claro. Aquela vaca cor-de-rosa que estragou sua festa de aniversário. – Minha mãe fez uma pausa e mordeu o lábio. – Você entende, não é? Ela já está colhendo o que

plantou. Você não precisa ajudar.

– Do que você está falando? Fui eu que fui suspensa.

Minha mãe balançou a mão no ar, imitando uma barriga de grávida.

– Dou um ano pra ela. No máximo dois, antes de arrumar um trailer ali na esquina. Aquele garoto dela não vai ficar. E ela vai ser abandonada com um belo carma.

Balancei a cabeça.

– Ela está andando por aí como se fosse o presente de Deus. Como se ela e Dustin ainda fossem ser rei e rainha do baile de formatura.

– Rá! – Minha mãe uivou. – Agora. Mas, no instante em que aquela criança chegar, a vida dela vai acabar. – Houve uma pausa longa.

Por uma fração de segundo, pensei em como as coisas costumavam ser. Minha mãe de *antes*. Aquela que secava as minhas lágrimas e me desafiou para um campeonato de comer bolo naquele aniversário fatídico.

– Mais bolo pra nós – dissera ela. Isso foi quando eu tinha nove anos. Depois que meu pai foi embora, mas antes do acidente e dos remédios. Foi a última vez em que ela se preocupou com o meu aniversário.

Eu não sabia o que fazer quando ela agia assim. Quando estávamos quase tendo uma conversa normal. Quando ela quase parecia se importar. Quando eu via um relance de quem ela costumava ser. Eu sabia que não valia a pena, mas me apoiei no balcão da pequena cozinha mesmo assim.

– Num segundo, você tem tudo, sua vida toda está diante de você – disse ela, afofando o cabelo no reflexo do fogão. – E aí, bum. Eles simplesmente sugam tudo, como pequenos vampiros, até não sobrar nada de você.

Ficou claro que ela não estava mais falando de Madison. Ela estava falando de mim. Eu era sua pequena vampira.

A raiva corroeu meu peito. Minha mãe consegue transformar qualquer situação em mais uma desculpa para sentir pena de si mesma. Para me culpar.

– Obrigada, mãe – falei. – Você está certa. Fui eu que estraguei sua vida. Não foi você. Não foi meu pai. Tomar conta de você todos os dias desde que eu tinha treze anos foi meu plano maligno pra estragar tudo pra você.

– Não seja tão sensível, Amy – bufou ela. – Nem tudo é sobre você.

– Tudo sobre mim? Como pode ser, se é sempre sobre você?

Minha mãe me olhou com raiva, e aí ouvimos uma buzina lá fora.

– Não sou obrigada a ficar aqui ouvindo isso. Tawny está esperando. – Ela disparou para a porta.

– Você simplesmente vai me deixar no meio de um tornado?

Não é que eu me importasse com o clima. Eu não esperava que fosse grande coisa. Mas eu queria que ela se importasse; queria que ela estivesse correndo em círculos, pegando pilhas para lanternas e garantindo que teríamos água suficiente para durar a semana toda. Queria que ela cuidasse de mim. Porque é isso que as mães fazem.

Só porque eu tinha aprendido a cuidar de mim, isso não significava que eu não sentia o pânico se instalando todas as vezes que ela me deixava assim – totalmente sozinha, sem a menor ideia de quando ela ia voltar ou se ela ia voltar. Mesmo sem um tornado a caminho, era sempre uma pergunta em aberto.

– É melhor lá fora do que aqui dentro – soltou ela.

Antes que eu pudesse pensar numa resposta boa o suficiente, ela saiu.

Abri a porta enquanto ela entrava no banco da frente do Camaro de Tawny; observei minha mãe ajustar o espelho para si e a vi olhar de relance para mim, pouco antes de o carro sair em disparada.

Antes que eu pudesse ter a satisfação de bater a porta, o vento fez isso por mim. Parece que esse tornado estava a caminho, afinal.

Pensei em Dustin e em sua bolsa de estudos desperdiçada, e no meu pai, que me deixou para trás só para sair daqui. Pensei no que este lugar fazia com as pessoas. Com ou sem tornado, eu não era Dorothy, e uma tempestadezinha idiota não mudaria nada para mim.

Fui até o armário na cozinha, abaixei a tampa do fogão e abri a gaveta de cima, procurando a meia de ginástica vermelha e branca que estava gorda de dinheiro – o dinheiro que eu estava guardando para uma emergência havia anos: 347 dólares. Quando a tempestade terminasse, eu poderia comprar passagens de ônibus. Isso me levaria muito além de Topeka, que era o lugar mais distante que eu já fora. Eu podia deixar minha mãe

se virar. Ela não me queria. A escola não me queria. O que eu estava esperando?

Minha mão atingiu o fundo da gaveta. Só encontrei meias.

Tirei a gaveta do lugar e a vasculhei. Nada.

O dinheiro havia sumido. Tudo que eu passei a vida economizando. Sumiu.

Não era nenhum mistério quem o tinha pegado. Era menos mistério ainda onde ela o gastara. Sem dinheiro, sem carro e sem ninguém para agitar a varinha mágica, eu estava presa aqui.

Mas não importava, de qualquer maneira. Ir embora era só uma fantasia.

Na sala de estar, Al Roker estava de volta à TV. O franzido na testa tinha desaparecido, mas, apesar de no seu rosto agora estar grudado um enorme sorriso, seu maxilar tremia, e ele parecia prestes a começar a chorar a qualquer momento. Ele continuou tagarelando, falando e falando sobre isótopos e sistemas de pressão e se esconder no porão.

Que pena não haver porões nos estacionamentos de trailers, pensei.

E aí pensei: Manda ver. Não existe nenhum lugar como qualquer um menos aqui.

DOIS

Eu precisava admitir que parecia meio assustador lá fora: o céu escurecia e se estendia pela planície vazia e achatada – um marrom rosado lamacento que eu nunca tinha visto –, e o ar assustadoramente parado.

Normalmente, num dia como hoje, mesmo com o clima ruim, o velho que mora ao lado estaria no quintal, tocando músicas country antiquadas – daquele tipo sobre perder seu carro, perder sua esposa, perder seu cachorro – na sua caixa de som antiga enquanto a gangue de garotos mais velhos com quem eu nunca falava estaria bebendo refrigerantes de cores néon em pequenas jarras de plástico, esparramados nos móveis de jardim verde enferrujados e no velho sofá despedaçado que compunham sua sala de estar ao ar livre. Mas, hoje, todos tinham sumido. Não havia nenhum movimento. Nenhuma criança. Nenhuma música. Nenhum nada. A única cor em quilômetros era a das pontas amareladas dos canteiros de grama que salpicavam a terra.

A autoestrada no limite do estacionamento de trailers, onde os carros normalmente passavam assobiando a cento e cinquenta quilômetros por hora, de repente, estava vazia. O carro em que estavam minha mãe e Tawny foi o último a sair.

Conforme a luz mudava, captei meu reflexo de relance na janela e identifiquei meu rosto emoldurado pelo novo cabelo cor-de-rosa. Eu mesma tinha pintado, e a mudança ainda era um choque para mim. Não sei nem por que fiz isso. Talvez eu só quisesse um pouco de cor na minha vida cinza estúpida e tediosa. Talvez eu só quisesse ser um pouco mais parecida com Madison Pendleton.

Não. Eu não queria ser nem um pouco parecida com ela. Queria?

Ainda analisava meu rosto quando escutei guinchos e farfalhos e virei para encarar a adorada ratinha de estimação da minha mãe, Star, enlouquecida na gaiola acima do micro-ondas. Star devia ser a ratinha mais preguiçosa do mundo – acho que não a vi usar a rodinha uma única vez nos últimos dois anos. Mas agora ela estava correndo

freneticamente, dando seus gritinhos de ratinha e se jogando nas paredes da gaiola como se fosse morrer se não conseguisse escapar.

Isso era novidade.

– Parece que ela abandonou nós duas, né? – Tentei ignorar a pontada de triunfo que senti por isso. Eu sempre tive uma suspeita furtiva de que minha mãe amava mais a Star do que a mim. Mas ela não se preocupara com nenhuma de nós.

A ratinha me encarou, parou e abriu a boca para responder com um guincho penetrante.

– Cala a boca, Star – falei.

Achei que ela ia parar depois de um segundo, mas o guincho continuou.

Star não parava.

– Tá bom – falei quando não consegui mais aguentar. – Você quer sair? Tá bom.

Abri a parte de cima da gaiola e coloquei a mão lá dentro para libertá-la, mas, quando envolvi seu corpinho, ela me agradeceu enfiando os dentes no meu pulso.

– Ai! – gritei, soltando-a no chão. – O que tem de errado com você? – Star não respondeu, apenas saiu correndo para debaixo do sofá. De preferência, para nunca mais ser encontrada. Que tipo de pessoa tem uma ratinha de estimação?

De repente, a porta do trailer se abriu.

– Mãe! – gritei, correndo até a porta aberta. Por uma fração de segundo, achei que ela tinha voltado por minha causa. Ou, se não por mim, pelo menos pela Star.

Mas era só o vento. Pela primeira vez, me ocorreu que o tornado iminente podia não ser uma piada.

Quando eu tinha doze anos, quando tudo começou, não entendi logo de cara. Achei que minha mãe estava mudando para melhor. Ela me deixava faltar à aula para termos um dia de pijama. Ela me levava para a feira no meio de um dia útil. Ela pulava na cama. Comíamos pizza no café da manhã. Mas, em pouco tempo, ela não fazia nem o café da manhã, se esquecia de me levar à escola e nem sequer tirava o pijama. Em pouco tempo, era eu que fazia o café da manhã. E o almoço. E o jantar.

A mãe que eu conhecia tinha sumido. Ela nunca mais ia voltar. Mesmo assim – não importa quem ela fosse agora –, eu não a queria por aí sozinha. Eu não confiava em

Tawny para cuidar dela num desastre. Mais do que isso, eu não queria ficar sozinha. Por isso, peguei meu celular e apertei o nome dela. Sem serviço. Desliguei.

Fui até a porta, ainda aberta e rangendo para um lado e para o outro nas dobradiças, e saí para analisar o horizonte, na esperança de ver o Camaro vermelho voltando pela autoestrada. Uma mudança de ideia.

Assim que coloquei o pé no primeiro degrau do lado de fora do trailer, ouvi um barulho sibilante quando uma cadeira de plástico de jardim voou pelos ares na minha direção. Cheguei ao chão bem a tempo de evitar ser atingida no rosto.

Então, por um instante, tudo ficou parado. A cadeira de jardim estava apoiada de lado a alguns metros de distância na terra, como se estivesse ali o tempo todo. Começou a chuviscar. Achei até que tinha ouvido um pássaro cantando.

Mas, quando me levantei hesitante, o vento recomeçou. A poeira subiu e atingiu meus olhos. O chuvisco se transformou em cortina de chuva.

O céu estava quase preto, o horizonte era um branco nebuloso desbotado, e eu vi, exatamente como nos filmes: um funil fino e escuro tremulava pela paisagem, ganhando corpo. Mais próximo. Um som baixo de zumbido, como um trem se aproximando, atingiu meus ouvidos e meu peito. A cadeira de jardim subiu de novo para o ar. Dessa vez, ela não voltou para o chão.

Devagar, voltei para o trailer e bati a porta para fechá-la, sentindo o pânico crescer no peito. Virei a fechadura e, por precaução, apertei a corrente, sabendo que nada ia funcionar.

Encostei na parede, tentando ficar calma.

O trailer todo se sacudiu quando algo o atingiu.

Eu tinha sido muito burra de pensar que isso podia ser uma piada. Todo mundo tinha ido embora – como eu não vi isso acontecer?

Agora, era tarde demais. Tarde demais para sair da cidade – mesmo que eu tivesse dinheiro para isso. Eu não tinha um carro para chegar a um abrigo. Minha mãe nem tinha pensado em pedir para Tawny me deixar em algum lugar. Eu estava presa aqui e, de qualquer maneira que a gente analisasse, era culpa da minha mãe.

Eu nem podia deitar na banheira. Não tínhamos uma banheira, assim como não

tínhamos um porão.

A voz de Al Roker na TV tinha sido substituída pelo zumbido da estática. Eu estava sozinha.

– Star? – gemi. Minha voz mal saía do peito. – Star?

Era a primeira vez na vida que eu me desesperava para ter a companhia da ratinha da minha mãe. Eu não tinha mais ninguém.

Quando afundei no sofá, não consegui identificar se quem estava tremendo era eu ou o trailer. Ou ambos.

O cobertor idiota da minha mãe rescindia ao cheiro de seus cigarros Newport, mas eu o puxei sobre o rosto de qualquer maneira, fechando os olhos e imaginando que ela estava aqui comigo.

Um minuto depois, quando alguma coisa bateu no lado direito do trailer, tudo se inclinou para o lado. Agarrei o estofado com força para não cair do sofá. Em seguida, outro estalo e uma guinada, e eu percebi que o trailer tinha se soltado da fundação.

Meu estômago desabou e continuava caindo. Senti meu corpo ficar mais pesado, minhas costas agora grudadas no estofado, e, de repente – com uma mistura de pavor e admiração –, eu sabia que estava no ar.

O trailer estava voando. Eu sentia isso.

Com medo do que ia ver, espiei por debaixo da coberta em direção à janela, abrindo os olhos apenas um pouquinho até descobrir que minha suspeita estava correta: uma luz cor-de-rosa dançava através de nuvens em espiral. Uma porta de carro enferrujada flutuava ali perto, como se não tivesse peso.

Eu nunca tinha estado num avião. Nunca subi além do observatório, o prédio mais alto de Flat Hill. E aqui estava eu agora, voando pela primeira vez num trailer duplo velho e enferrujado.

O trailer quicava, balançava, estalava e surfava, e então eu senti uma coisa molhada no rosto. E um gritinho.

Era Star. Tinha subido no sofá e estava me lambendo com carinho. Enquanto seus gritinhos baixos enchiam meu ouvido, soltei um suspiro parecido com alívio só por tê-la comigo. Não era muita coisa, mas era algo.

Minha mãe provavelmente estava no terceiro drinque agora, ou talvez abraçada a Tawny no porão do bar, com uma pilha de barris para mantê-las felizes pelo tempo que fosse necessário. Eu me perguntei o que ela ia fazer quando voltasse – quando visse que o trailer tinha desaparecido, e eu junto. Como se nunca tivéssemos estado ali. Será que sua vida seria melhor sem mim?

Bom, eu queria ir embora. Queria isso desde que soube que havia algum lugar para ir. Eu queria outros lugares, outras pessoas. Outra eu. Queria deixar tudo e todos para trás.

Mas não desse jeito.

Passei o dedo indicador na coluna peluda de Star e esperei a queda. A batida. Eu me abracei ao estofado, sabendo que minha casa de lata não ia me proteger quando atingíssemos o solo. Mas a batida não veio.

Subimos, subimos e subimos. Mais luz rosa esbranquiçada, mais nuvens cor-de-rosa, e todo tipo de coisa imaginável girando no ar no liquidificador aéreo surreal: uma vaca Guernsey com olhar imperturbável. Um Trans Am surrado e muito antigo. Um velho cartaz de posto de gasolina em néon. Um triciclo.

Era como se eu estivesse no brinquedo de parque de diversões mais insano do mundo. Nunca gostei de montanhas-russas. Subir seria divertido se não fosse necessário pensar no que sempre vinha depois.

TRÊS

Quando despertei, a primeira coisa que vi foi o piso cinza esponjoso do trailer acima de mim. Star disparava pelo meu corpo dolorido como se fosse uma pista de corrida, tentando freneticamente me acordar. Levei um segundo para perceber que estava deitada no teto.

A luz atravessava as janelas sujas – uma luz normal, clara e branca de novo, não o rosado que eu tinha visto durante o tornado nem o marrom aquarelado de pouco antes.

Eu estava viva. E alguém falava comigo.

– Pegue minha mão – dizia ele. – Pise com cuidado. – Virei a cabeça e vi um tronco inclinado pela porta aberta, metade para dentro e metade para fora, e um braço se estendendo para mim. Era um rapaz, com a silhueta traçada pela luz. Não consegui ver seu rosto.

– Quem é você? – perguntei.

– Só pegue minha mão. Tente não fazer movimentos súbitos.

Ao meu lado, Star gritou e mergulhou no bolso do meu casaco de moletom.

Eu me levantei devagar e me espanei. Nada parecia quebrado. Mas tudo doía, como se eu fosse uma boneca de pano jogada para todos os lados numa lata de metal gigantesca. Quando dei um passo, o trailer duplo balançou sob mim. Me virei, tentando me equilibrar, e ele chacoalhou de um jeito mais ameaçador ainda. Parei.

– Apenas dois passos e você vai estar em casa. Rápido – insistiu a pessoa. A distância entre sua mão e onde eu estava parecia bem maior do que dois passos. Eu queria me mexer de novo. Mas não fiz isso.

– Tudo bem – disse ele. – Não entre em pânico. Só saia daí.

Dei mais um passo, com cuidado para não atrapalhar o equilíbrio, e mais um. Segurei sua mão.

Quando minha pele encostou na dele, vi seu rosto e senti a eletricidade percorrer meu

corpo. Seus olhos foram a primeira coisa que notei: eram verde-esmeralda manchados de alguma coisa que eu nem conseguia descrever para mim mesma, e pareciam reluzir, quase flutuar diante de seu rosto. Havia algo neles que parecia quase alienígena.

Ele era um agente de resgate? E, se fosse, a que distância da minha casa eu estava, exatamente?

– Estou morta? – perguntei. Parecia possível. Até provável. Era difícil acreditar que eu tinha sobrevivido ao impacto.

– Claro que não. Se você estivesse morta, estaríamos tendo essa conversa?

Ele deu um puxão forte e súbito no meu braço e me levou pela porta inclinada. Caímos para trás, tropeçando no chão do lado de fora.

Eu me levantei depressa, cambaleando, e virei para ver que eu estava em pé na borda de uma ravina profunda. Meu pobre trailer mal se sustentava, equilibrado no precipício.

O abismo era mais parecido com um desfiladeiro: largo como um rio, se estendia até onde eu conseguia enxergar, nas duas direções. O fundo era totalmente escuro.

– Que d...? – sussurrei.

Meu trailer oscilou e, com um doloroso estalo final, se inclinou para trás e se soltou.

– Não! – gritei, mas era tarde demais. A casa que tinha sido minha estava girando e descendo e descendo e descendo para dentro da cratera.

Esperei para vê-lo bater e se espatifar em um milhão de pedaços, mas ele continuou caindo enquanto eu estava em pé ali, observando-o desaparecer no abismo.

Ele sumiu sem fazer nenhum barulho. Eu quase desapareci junto com ele.

Tudo que eu tinha estava lá dentro. Todas as peças de roupas horríveis. Todas as lembranças ruins.

Eu estava livre de tudo isso.

– Sinto muito pela sua casa – disse meu salvador. Sua voz era macia, mas me assustou do mesmo jeito. Dei um pulo e olhei, percebendo que ele estava em pé ao meu lado. – É um milagre você ter conseguido sair. Mais uns centímetros para o lado e você teria ido direto para a cratera. Foi sorte, acho. – O modo como ele falou fez parecer que na verdade achava que era algo mais do que sorte.

– O tornado fez isso? – perguntei. Encarei a cratera, me perguntando até onde ela

descia. Me perguntando o que havia lá embaixo. – Eu não sabia que tornados faziam crateras gigantescas no chão.

– Rá. Não. – Ele riu, mas não parecia achar tão engraçado. – A cratera está aí há muito tempo. – Ele não elaborou.

Virei para encará-lo e, quando o vi de pé ali, sob a pálida luz do sol cinza-azulada, minha respiração ficou presa em algum lugar da caixa torácica. O garoto provavelmente tinha a minha idade, e quase a mesma altura que eu. Era magro, musculoso e compacto, com o rosto emoldurado por um cabelo escuro bagunçado que conseguia ser forte e delicado ao mesmo tempo.

A pele dele era exageradamente pálida, como se nunca tivesse saído de casa sem protetor solar, ou como se nunca tivesse saído de casa ponto. Ele era metade estrela de rock, metade outra coisa. Eu não conseguia identificar o que era essa outra coisa, mas sabia que de alguma forma era importante.

E aqueles olhos. Reluziam ainda mais do que antes, e havia algo neles que me deixava desconfortável. Era como se ele tivesse mundos inteiros atrás dos olhos.

Ele era lindo. Lindo demais. Tinha o tipo de beleza que pode quase parecer feia; o tipo de beleza que você não quer tocar, porque sabe que pode queimar. Eu não estava acostumada a falar com pessoas da aparência dele. Eu não estava acostumada a ficar *perto* de pessoas da aparência dele.

Mas ele tinha salvado a minha vida.

– Não vou sentir saudade – falei, sem saber se era verdade ou não. – Da casa, quero dizer.

Percebi que ele não acreditou em mim, mas não argumentou.

– Nunca vi nada assim. Sua casa de lata. Deve ser muito preciosa. Uma casa feita de metal.

Acho que não havia trailers no lugar de onde ele vinha. Sorte a dele.

Percebi, olhando ao redor pela primeira vez, que não estávamos mais em Dusty Acres. Mas onde estávamos?

Na lateral da cratera, um amplo campo de gramado deteriorado se estendia ao longe. Era cinza, desigual e frágil, com um leve tom de azul. Do outro lado havia uma floresta

sombria com aparência sinistra, negra e profunda. Tudo ao meu redor parecia ter esse tom, na verdade. O ar, as nuvens, até mesmo o sol, que brilhava forte, tudo tinha uma qualidade desbotada e abatida. Havia alguma coisa morta em tudo. Quando olhei de perto, vi que havia minúsculas partículas de poeira azul voando para todo lado, como as pétalas flutuantes e delicadas de um dente-de-leão – exceto que elas cintilavam, dando a tudo um sentimento de brilho irreal.

Mas nem tudo era azul. Sob os pés do garoto, tijolos amarelos, de cor vívida como uma caixa nova de lápis de cera, estavam quase cintilando em contraste absoluto com o monocromático apagado pós-apocalíptico da paisagem.

O caminho dourado levava até a ravina e depois desaparecia no nada. Na outra direção, ele serpenteava abrindo caminho pelo campo e sumia em espiral no horizonte.

Era uma estrada.

– Só pode ser brincadeira. – Eu estava tão surpresa que nem tinha certeza se falara em voz alta ou não.

Eu tinha sido jogada aqui por um tornado, e agora estava em pé sobre algo que parecia incrivelmente com uma estrada de tijolos amarelos.

Isso só podia ser uma grande confusão. Talvez o Kansas finalmente tivesse resolvido ganhar dinheiro com a coisa toda de Dorothy criando um parque temático e o tornado tivesse me deixado aqui por acaso. Nesse caso, esse cara era só um guia de parque muito bonito. Eu o encarei, esperando uma explicação.

– Bem-vinda a Oz – disse o garoto, fazendo um sinal afirmativo com a cabeça, como se esperasse que eu já tivesse me dado conta. Pareceu quase um pedido de desculpas, tipo, *detesto ter que dar a má notícia*.

Oz.

Levei a mão à cabeça, procurando um galo ou alguma coisa assim. Eu devia ter desmaiado e estava no meio de uma alucinação especialmente maluca.

Então, soltei uma gargalhada. Ótimo! Do jeito que as coisas estavam ultimamente, imaginei que seria bom ter uma alucinação fantástica agora mesmo. Parecia que tinha sido bom para Dorothy no filme – e, na fantasia de Dorothy, ela foi recebida por um bando de Munchkins. Um garoto bonito era muito melhor do que isso.

– Você não deveria me fazer uma reverência ou algo assim? – perguntei, ainda rindo.

Em vez de rir comigo, a preocupação tomou conta do rosto do garoto, como se ele estivesse com medo de eu estar ficando meio maluca.

Será que eu estava maluca? Minha cabeça estava confusa. Se aquilo era uma fantasia, era uma fantasia estranha: esta não era a Oz sobre a qual eu lera ou que eu vira no filme. Era como se alguém tivesse drenado um pouco do Technicolor e lançado uma escuridão bem severa.

Onde estavam as bruxas boas, os campos de papoulas enormes? Onde estavam os Munchkins alegres? Acho que não sou criativa – nem feliz – o suficiente para criar isso tudo nem mesmo nas minhas fantasias induzidas pela concussão. Em vez disso, invoquei uma coisa que parecia suspeitamente com Dusty Acres logo depois de uma explosão nuclear.

Girei para absorver tudo ao redor – um pouco rápido demais, na minha empolgação – e comecei a oscilar na borda do penhasco. Meu salvador estava lá com a mão na minha cintura, me puxando para a estrada de tijolos bem a tempo de me impedir, mais uma vez, de mergulhar para a morte.

Levei um segundo, mas recuperei o equilíbrio e dei um passo à frente, voltando ao rumo. Quando coloquei um pé e depois o outro na estrada, os tijolos pareciam quase pulsar sob mim. Como se uma corrente passasse por eles.

– Parece que tem alguma coisa aí embaixo – falei, olhando para o meu tênis.

– A estrada quer que você vá para a cidade.

– A estrada? Quer... que eu? – Esfreguei a testa, confusa.

– Ela quer todo mundo. É pra isso que ela serve. A estrada está aqui há mais tempo do que qualquer um de nós. Tem uma magia profunda aí dentro... uma magia que nem mesmo ela entende. Algumas pessoas acham que ela tem mente própria. Ela quer que você vá até a cidade, mas não gosta de tornar a viagem fácil.

Fazia sentido. Nada nunca era fácil, na minha experiência.

– Quem é "ela"? – perguntei.

O garoto estendeu a mão e ajeitou um cacho do meu cabelo. O modo como fez isso não foi romântico, mas curioso, na verdade. Foi delicado, também, só que um tipo triste

de delicadeza. Ninguém nunca tinha me tocado, de qualquer maneira, e me encolhi automaticamente.

– Tem tanta coisa que você não sabe. Tanta coisa que você precisa aprender. Eu queria que não fosse assim.

Aprender o quê?, eu queria perguntar. Ou talvez eu não quisesse saber.

Nesse momento, senti uma sacudida no quadril e olhei para baixo, descobrindo Star com a cabeça para fora do bolso do meu casaco de moletom e cheirando o ar, parecendo tão confusa quanto eu. Peguei-a e a coloquei nos tijolos, e ela pulou. Acho que a estrada deu a ela a mesma sensação que me deu.

– Calma, garota – falei. – Você vai se acostumar num segundo. – Olhei de novo para o garoto. – Se aqui é Oz... – deixei a voz sumir, procurando a pergunta que estava na ponta da minha língua. E a encontrei. – O que aconteceu aqui? – perguntei.

Eu estava esperando que ele respondesse quando, do nada, uma expressão de pânico atravessou seu rosto. Por um instante, ele pareceu desorientado, como se tivesse esquecido quem era. Algo no contorno do seu corpo pareceu tremeluzir.

– Você está bem? – perguntei. Ele não respondeu. Não tinha se mexido; agora, parecia olhar através de mim.

Estendi a mão e o toquei no ombro.

– Tenho que ir – disse ele.

– Ir? – Não entendi. Ele tinha acabado de chegar ali. Eu tinha acabado de chegar ali. Que diabo estava acontecendo? – Aonde você vai?

Ele balançou a cabeça.

– Desculpe – falou. – Está ficando tarde. Nunca fiquei tanto tempo fora. Tenho que voltar antes...

– Não – falei, talvez um pouco desesperada demais. Talvez isso fosse um sonho e talvez não fosse, mas, de qualquer maneira, eu não queria ser deixada ali, no meio do nada, sozinha. – Antes do quê? Do que você está falando? Quem é você?

– Não sou ninguém – disse ele, virando e andando em direção à cratera.

– Por favor – implorei.

Ele se virou para mim mais uma vez.

– Foi aqui que tudo começou para ela, sabe. Não sei por que você está aqui ou quem te trouxe, Cabelo Rosa, mas, se você está aqui, significa que está tudo começando pra você também. Você é como ela de tantas maneiras, mas percebo que também é diferente. Não posso ajudar. Não sou poderoso o suficiente. Mas você pode ajudar a si mesma. Prove que estou certo. Não cometa os mesmos erros que ela.

– Mas...

– Seja corajosa – continuou ele. – Seja furiosa. Não confie em ninguém. Vejo você em breve.

Ele deu um passo em direção à borda da estrada, bem onde os tijolos desapareciam na escuridão. E pulou.

– Não! – gritei, me jogando para a frente, parando bem a tempo antes de cair também. Abaixo de mim, a escuridão parecia cruel e implacável. A estrada queria alguma coisa, ele me dissera, e sei que a cratera também queria. Ela estava faminta. Ela já era infinita e ainda queria mais.

Não havia sinal dele. O garoto tinha desaparecido.

Olhei para Star, sentada aos meus pés.

– Então, o que a gente faz agora? – perguntei, de alguma forma esperando que ela dissesse alguma coisa.

Ela não precisou dizer. Eu já sabia a resposta: eu ia fazer a mesma coisa que vinha fazendo a vida toda.

Virei. Simplesmente coloquei um pé na frente do outro. Nada havia mudado, exceto a cor da estrada.

QUATRO

Star e eu andamos pela estrada, e, quando ela pareceu cansada, eu a peguei e a coloquei no ombro, onde ela se empoleirou pacientemente e olhou para o nada. Ela sabia tão bem quanto eu que estávamos muito longe de casa.

Apesar do impacto do pouso em Oz, meu corpo estava surpreendentemente sem manchas roxas, dores e machucados. Na verdade, eu me sentia muito bem. A dor de cabeça que tive quando pousei tinha cedido, e agora eu me sentia cheia de energia.

Eu esperava que o lugar ficasse mais alegre conforme eu me afastasse da cratera. Ainda tinha a expectativa de encontrar uma árvore que desse pirulitos ou um comitê de boas-vindas de Munchkins alegres – ou *qualquer coisa* alegre, sério. Mas, conforme eu seguia pela estrada, o campo continuava sinistro e desolado como antes, e tudo estava envolvido numa luz azul misteriosa que me lembrava do brilho de uma televisão por baixo da fresta de uma porta fechada.

Não havia pássaros cantando. Os únicos sinais de vida eram os corvos gigantescos que ocasionalmente sobrevoavam nossas cabeças, me assustando todas as vezes que gralhavam. Não havia árvores à vista, mas o ar tinha um leve cheiro de folhas queimadas.

Depois de um tempo, os campos desgrenhados ao lado da estrada se transformaram em enormes plantações de milho dos dois lados, com talos da altura do meu corpo. Eu estava acostumada com campos de milho no Kansas, é claro, mas esses eram diferentes: cada espiga era preta e brilhosa como óleo. Parecia que tinham sido mergulhadas em piche. Ou que toda a vida havia sido sugada delas, e alguma coisa morta e maligna tivesse sido colocada no lugar.

Curiosa, estendi a mão para tirar uma espiga do talo. Antes que eu conseguisse encostar nela, uma vinha preta surgiu no chão e se enroscou no meu braço como um chicote, apertando com força. E queimava. Soltei um grito e me afastei, conseguindo me libertar com um giro, e voltei para um ponto no centro da estrada onde eu esperava ficar

fora de alcance, em segurança. Fiz uma anotação mental para não sair mexendo em nada por aqui. Esta não era a Oz de Dorothy.

Era Oz, não era? O garoto chamou assim, e o fato de eu estar andando por uma estrada feita de tijolos amarelos era suficiente para me convencer de que eu não estava no Canadá nem na Argentina. Eu só não fazia ideia do que *esta* Oz tinha a ver com a história que eu conhecia. Teria sido legal se ele tivesse me dado um pouco mais de informação.

Ou talvez ele tivesse dado: de repente, me lembrei do que ele disse antes de desaparecer na cratera. "Não cometa os mesmos erros que ela."

Será que ele estava falando de Dorothy? "Foi aqui que tudo começou para ela", dissera ele. De quem mais poderia estar falando? E que "erros" ela cometeu?

Pensei um pouco mais no assunto. E se Dorothy tivesse estado aqui, bem como o livro dizia, mas, de alguma forma, tivesse entendido tudo errado? Tipo, e se foi a bruxa que matou *ela*, em vez do contrário? Essa versão deprimente da terra das fadas definitivamente parecia malvada o suficiente para ser resultado disso.

Era uma ideia esquisita – tão esquisita que senti a dor de cabeça voltar enquanto eu tentava entendê-la –, mas e se Dorothy tivesse estragado tudo e alguém decidiu trazer outra garota do Kansas numa tentativa de melhorar as coisas?

Estremeci. Eu tinha problemas suficientes lá no Kansas. Por que não poderia ter sido varrida para um reino imaginário onde não havia absolutamente nada de errado – onde eu pudesse simplesmente colocar as pernas para cima e aproveitar umas férias agradáveis e relaxantes? Vasculhei meu cérebro, tentando lembrar se havia algum filme ou livro *assim*, e percebi que não havia nenhum.

Bom, uma coisa era certa – eu não tinha sapatos mágicos para me levar para casa. Mesmo que eu *pudesse* bater os calcanhares e voltar para o Kansas, para o exato lugar de onde saí, eu não ia fazer isso. Esse lugar era sombrio e assustador e com uma aparência um pouco maligna, mas era algo novo e diferente. Agora, eu só precisava encontrar alguém para me dizer o que estava acontecendo.

Meu coração deu um salto quando a estrada mergulhou num vale baixo e curvado para a direita, indo direto para um grupo de construções que se espalhava no pé da colina.

Uma cidade. *Tinha* que haver pessoas morando ali. Desta vez, eu ia obrigá-los a me darem algumas respostas.

No entanto, conforme eu seguia em direção a ela, comecei a perceber que minhas esperanças de contato humano poderiam ter que esperar um pouco mais. As construções, distribuídas ao redor de uma praça de pedra decrépita, estavam todas rachadas, desmoronando e cobertas de hera que parecia nunca ter sido podada. As fachadas de algumas casas estavam pintadas com algum tipo de grafite: um rosto verde franzido e irado.

A área toda tinha a aparência distinta de um lugar que fora lentamente esvaziado, meio como a cidade a alguns quilômetros de distância de Flat Hill que todo mundo abandonou quando a fábrica de flores de plástico foi fechada.

– Olá? – gritei ao chegar ao círculo de construções ao redor da praça. Não houve resposta.

De perto, ficava claro que este lugar um dia fora bonito. Mesmo abandonado, havia algo alegre e singular no modo como as casas – todas de alturas variadas – foram construídas tão próximas que eram quase empilhadas umas nas outras, como se espaço pessoal não fosse algo importante por aqui. E, embora estivessem desmoronando, cada casa era lindamente acabada, com telhados em forma de domo, janelas redondas e persianas de madeira decorada com partes de ferro enfeitadas.

Tive a ideia de espiar dentro da janela mais próxima, que mal chegava ao meu queixo. Lá dentro, uma mesa estava posta para cinco pessoas, com comida mofada em todos os pratos, como se as pessoas que moravam ali tivessem saído no meio do jantar.

– Seria muito bom eles terem uns Munchkins por aqui, hein! – falei para Star, que não tinha saído do seu posto no meu ombro. Ela simplesmente me encarou com ódio e nem se preocupou em dar sua resposta guinchada.

Pulei para trás, surpresa, quando pisei na praça. Alguém sorria para mim de um jeito triunfante. Mas logo percebi que não era uma *pessoa*. Era uma estátua feita de mármore, a primeira coisa que eu via na cidade que não estava suja nem desmoronando. Na verdade, era tão branca que parecia brilhar – tudo, exceto o par de sapatos prateados cintilantes nos pés.

Claro que eu a reconheci imediatamente. Com o rosto simpático e sorridente, o bonito vestido de guingão azul e as marias-chiquinhas cacheadas, não havia como errar: era Dorothy. A placa prateada no pedestal confirmou:

Esta é Dorothy Gale, dizia. Aquela que chegou no vento, combateu o mal e libertou os Munchkins.

Neste momento, eu já tinha desistido da ideia de que estava sonhando – meu corpo parecia pesado e sólido demais e, por mais que tudo parecesse bizarro, nada tinha a qualidade pegajosa e submersa de um sonho. Mesmo assim, era meio irreal confirmar a alternativa com meus próprios olhos: eu tinha sido jogada num conto de fadas.

– Dorothy gosta das estátuas dela – disse uma voz, vinda do nada. Surpresa, olhei ao redor para ver de onde vinha e percebi um rosto olhando para mim do segundo andar de uma casa a poucos passos de distância. – Eu, devo dizer, estou bem enjoada delas.

Houve um baque quando uma pequena mochila preta caiu perto de mim. Sem pensar, estendi a mão para pegá-la.

– Não toque nisso! – rosnou a voz. Dei um pulo para trás e a vi se arrastando para fora da janela. Ela se pendurou pelos dedos antes de cair no chão, pousando com suavidade, como se a altura não fosse nada demais. Era uma garota. Ela me olhou com um misto de suspeita e curiosidade e, quando se empertigou, vi que não podia ter mais do que um metro e vinte, mesmo usando botas de plataforma.

Agora, sim, *isso* era mais real. Eu estava cara a cara com uma Munchkin de verdade.

Pelo menos, eu tinha quase certeza de que ela era isso. Seu cabelo era preto-azulado como tinta, e seus olhos estavam emplastados de delineador grosso com cílios postiços triplos. Ela usava um batom vampiresco em tom de berinjela e uma saia de couro. Sua camiseta revelava braços cobertos por complicadas tatuagens.

Mas ela era baixinha e se movia com uma flexibilidade e uma agilidade que eram mais do que simplesmente humanas. De qualquer maneira, eu já estava ali por tempo suficiente para não me chocar com uma Munchkin gótica.

– O que foi? – rosnou a garota enquanto eu a olhava de cima a baixo com curiosidade. – Você tem algum problema?

O calor aqueceu meu rosto enquanto minha mente disparava até Madison Pendleton.

– Não. Você tem? – retruquei. Eu nem conseguia olhar para uma *Munchkin* sem arrumar confusão. Será que ela ia me socar agora?

Ela não fez isso. Em vez de me socar, soltou um muxoxo irônico e revirou os olhos.

– Vamos ver – disse ela. – Será que eu tenho um problema? Que tal eu ter *cinco mil*? – Ela veio direto até onde eu estava e pegou sua mochila aos meus pés. Estava cheia até a borda com o que imaginei ser um guarda-roupas inteiro de couro. – A resposta é sim, por sinal.

– Sou Amy – falei, esperando que isso parecesse simpático no Condado dos Munchkins. Estendi a mão, que ela ignorou.

– Indigo – respondeu ela. E olhou para o meu ombro. – Ratinha legal, por sinal. Adoro ratos. Ela fala?

Olhei para Star, ainda esperando que ela decidisse que a resposta era sim. Ela não respondeu.

– Não. – E dei de ombros.

– Que pena. – Seus olhos foram até a minha cabeça. – Mas não tenho certeza sobre o cabelo. *Ela* não vai gostar.

Levei a mão à cabeça e tirei um cacho rosa dos olhos.

– Por que minha ratinha de estimação se importaria com a aparência do meu cabelo?

De novo, Indigo assobiou.

– Não a sua ratinha, bobona. *Ela*.

– Quem é *ela*?

Indigo comprimiu o rosto e virou o pescoço como se eu fosse uma idiota total.

– Ah, sim, *quem é ela*? Por favor.

– Não, sério – falei. – Sou nova por aqui. Me diz de quem você está falando.

– *Sou nova por aqui*. – Indigo zombou de mim num falsete guinchado, colocando a mochila no ombro. Mas, ao fazer isso, ela olhou para mim. Olhou de verdade para mim. – Espera, você não está brincando, né? Você realmente *não é* daqui. – Ela estava encarando as minhas roupas. Acho que calça jeans e casaco de moletom não eram o que as crianças de Oz usavam.

– Não – respondi simplesmente. – Não sou.

Seu maxilar se abriu em câmera lenta quando a ficha caiu.

– Que *merda* – disse ela. – Você é do Outro Lugar, né? – Ela olhou por sobre os ombros, depois perguntou baixinho: – Como foi que você chegou aqui? – Não consegui identificar se seu tom era de empolgação ou medo.

– Foi um tor... – comecei, mas, antes que eu conseguisse terminar, fui interrompida por um som metálico vindo de algum lugar distante.

Indigo deu um passo para trás.

– Quer saber? – disse ela, os olhos disparando nervosos de prédio em prédio. – Não importa. É melhor se eu não souber. Na verdade, é melhor se eu nem falar com você.

– O quê? Por quê?

Ela começou a remexer na mochila, seu rostinho retorcido de preocupação.

– Como eu disse, já tenho uns cinco mil problemas; na melhor das hipóteses, mil. Ser pega conspirando com uma forasteira elevaria o número para cinco mil e um. Eu adoraria ouvir sua história, mas não vale a pena. Boa sorte. Você vai precisar. – Ela ajeitou a mochila nos ombros e começou a se afastar.

– De jeito nenhum! – gritei. – Me deixa só fazer umas perguntas. Não tenho a *menor* ideia do que está acontecendo.

– Se você tiver sorte, nunca vai descobrir – disse ela, sem diminuir o passo nem olhar para trás.

Eu não ia deixar isso acontecer de novo. Ela estava se apressando, saindo da estrada, mas minhas pernas eram mais compridas. Corri atrás dela e a peguei pelo cotovelo.

– Ei! – disse ela, virando para me encarar. – Não encoste em mim! – Ela puxou o braço para longe, mas eu o puxei de volta. E eu era mais forte.

– Deixe eu ir com você – sussurrei com urgência. Eu não sabia aonde ela ia, mas ela era a melhor esperança que eu tinha. Esperança do quê, não sei, mas eu ia descobrir isso depois. – Prometo... eu faço tudo que você quiser. Juro que não vou te colocar em apuros. Mas estou aqui sozinha e não tenho ideia do que vou fazer.

Ela mordeu o lábio. Dava para perceber que estava tão curiosa em relação a mim quanto eu estava em relação a ela. Percebi que parte dela queria ceder.

Mas então ouvimos o barulho de metal de novo. Desta vez, mais alto.

– Você parece uma pessoa legal – sussurrou Indigo. – E eu adoro ratos. Mas tira a porra da mão de mim e se afasta. A melhor coisa que você pode fazer é levar sua bunda de volta pro lugar de onde veio e esperar nunca vir parar neste lugar miserável de novo.

– Eu não *sei* como ir pra casa – falei. Mas soltei seu cotovelo. Isso não ia me levar a lugar nenhum.

– Parece que você também tem problemas, então. – Indigo cruzou os braços sobre o peito, plantando seu corpo troncudo com firmeza no chão. – Te vejo por aí – disse ela.

Sinceramente, eu estava começando a pensar que essa garota era meio babaca. Mas, se ela não ia me ajudar, eu não conseguia pensar num bom jeito de obrigá-la. Tudo que eu podia fazer era continuar seguindo a estrada e esperar que ela me levasse a algum lugar melhor.

Assim, eu me afastei, de volta à famosa estrada pavimentada com tijolos amarelos. Pelo menos, eu tinha uma ideia geral de aonde ela me levaria. Quando olhei para trás por sobre o ombro, a pequena Munchkin irritada estava me observando ir embora.

Quando passei pela estátua de Dorothy, mudei de ideia mais uma vez.

– Me diz só uma coisa – pedi a ela, virando para trás. Ela deu de ombros, sem se comprometer. Continuava de pé no mesmo ponto onde eu a havia deixado. – As pessoas de onde eu vim falam de Oz. Ouvi falar deste lugar a vida inteira. Mas isso está uma bagunça. O que aconteceu?

O rosto impassível de Indigo se contorceu.

– *Dorothy* aconteceu – respondeu ela.

CINCO

Dorothy aconteceu. Tentei perguntar a Indigo o que ela queria dizer, mas seus olhos tinham mudado de azul para preto, e ela ameaçou me dar um soco na cara se eu desse um passo a mais na direção dela ou fizesse outra maldita pergunta. Eu já tinha levado um soco na cara hoje – foi hoje, não foi? –, então fiz o que ela queria e continuei em frente.

Após apenas alguns minutos, deixei a pequena cidade para trás. Agora eu tinha voltado para a estrada. À frente, ela subia uma colina íngreme completamente desprovida de grama, a terra bruta interrompida somente por alguns fracos arbustos atrofiados aqui e ali.

Dorothy tinha estado aqui, lembrei a mim mesma. Tinha andado por aquele mesmo caminho. *Você é como ela de tantas maneiras,* dissera o garoto.

Kansas, tornado, blá-blá-blá. Quero dizer, as semelhanças eram bem óbvias, certo? Mas também havia muitas diferenças entre nós. Primeiro, pelo que eu me lembrava, ela não demorou muito para fazer amigos. Era como se todo mundo que ela encontrava – sem contar as bruxas – quisesse pular no Expresso da Dorothy.

Quanto a mim, eu tinha encontrado duas pessoas até agora, e nenhuma das duas quis algo comigo. Era meio deprimente achar que eu podia viajar até Oz e continuar sendo tão impopular quanto eu era em Flat Hill, Kansas.

Eu não sabia para onde ir em seguida, mas a Cidade das Esmeraldas parecia um lugar tão bom para começar quanto qualquer outro. Foi para lá que Dorothy seguiu em busca de ajuda. A estrada ia me levar até lá. Ela *queria* me levar até lá.

Assim, subi a colina com dificuldade e, enquanto isso, o som metálico que eu ouvira na vila continuava. Ainda era intermitente – havia alguns poucos minutos de silêncio agradável para cada trinta segundos de barulheira. Mas estava ficando mais alto a cada passo que eu dava, e logo ficou tão alto que eu precisei cobrir os ouvidos todas as vezes que começava.

Quando finalmente cheguei ao topo da ladeira, vi de onde vinha o barulho.

Ao longe, do outro lado de um campo arroxeado de poeira e sujeira e para além de um labirinto emaranhado de árvores retorcidas e espinhentas, havia um imponente dispositivo de gangorra ligado por uma confusão de canos e fios a algo que parecia um cruzamento entre uma plataforma de escavação de petróleo e um moinho.

Quando soltei um gemido, vi pelo menos vinte pessoas de altura abaixo da média empilhadas em cada lado da tal gangorra. De poucos em poucos minutos, os Munchkins começavam a pular no mesmo lugar e, ao fazerem isso, a máquina mais alta começava a girar e retinir, perfurando a terra.

Acima de toda a ação, uma figura estatuesca usando um vestido de festa reluzente flutuava no ar com serenidade, simplesmente observando-os trabalhar. Tentei ver o que a estava segurando, mas, pelo que consegui perceber, ela estava apenas... flutuando.

Espera, um *vestido de festa*?

Não consegui decidir sobre qual parte eu estava mais curiosa: o fato de ela estar levitando ou o fato de estar fazendo isso sobre um campo de terra, vestida como se estivesse a caminho do baile de formatura.

Eu a encarei com uma curiosidade extasiada. Mesmo daqui, dava para perceber que ela não era um Munchkin. Não só porque era alta demais para ser um deles. Havia algo *diferente* nela. Algo familiar que eu não conseguia identificar. Ela devia estar a pelo menos sessenta metros de distância, mas era como se sua imagem queimasse por toda a distância e se estampasse direto nas minhas retinas.

Era a criatura mais linda que eu já vira. Seu cabelo era louro-avermelhado, a pele era reluzente e o corpo irradiava uma chuva de faíscas rosa cintilantes.

Bati na minha cabeça quando percebi.

Dã. Deve ser Glinda. Supostamente, ela era a Bruxa Boa do Sul, certo?

Senti meu rosto se iluminar com a mera insanidade disso tudo. Quando eu via *O mágico de Oz* com a minha mãe, Glinda sempre fora minha personagem preferida – quem não ia querer viajar por aí numa bolha de sabão flutuante usando um vestido fantástico? Ela também era a personagem preferida da minha mãe, mas por um motivo diferente.

– Ela é uma bruxa, mas é *Boa* – minha mãe sempre dizia. – É isso que eu chamo de ter

o melhor de dois mundos.

Finalmente, Oz estava fazendo jus ao seu nome. Eu tinha que vê-la de perto.

Quando saí da estrada e comecei a abrir caminho pela massa densa de árvores destruídas e retorcidas, percebi que elas tinham a casca de um tom azul pálido enjoativo. Também eram espinhosas, e eu tinha que empurrar os galhos delicadamente para o lado, tomando cuidado para não me cortar. O tempo todo eu encarava o céu, hipnotizada pela visão de Glinda. Mal podia esperar para conhecê-la. Eu nem me importava com o fato de que meu crânio estava vibrando com o barulho que a máquina fazia.

Conforme eu me contorcia em direção a ela, Star começou a ficar inquieta. Ela enfiava as garras e se mexia no meu ombro. Havia alguma coisa nisso tudo que a incomodava.

– Quer parar? – sussurrei para ela. – É a *Glinda*. Caramba.

De alguma forma, eu conseguia ouvir a voz de Glinda ecoando por sobre o barulho ensurdecedor, como se ela estivesse falando em um megafone.

– Nada de chorar, pequenos! – ouvi Glinda gritar, a voz cheia de um encorajamento gentil e delicado.

O garoto Munchkin com quem ela estava falando não podia ter mais do que sete ou oito anos. Ele estava sentado numa cadeira pequena perto do topo da gangorra e, pelas bochechas vermelhas e os olhos inchados, ficava claro que tinha acabado de terminar uma grande sessão de choro e estava se preparando para mais uma. Glinda tentava convencê-lo a não chorar.

– O que estamos fazendo é pelo bem de Oz – consolou ela. – Você ama Oz, não é?

O garoto fez que sim com a cabeça, fungando e secando a meleca do nariz, depois se jogou de volta no movimento da gangorra.

O barulho metálico recomeçou. Meu crânio vibrava com tanta força que eu achei que podia explodir. Minhas mãos voaram para cobrir os ouvidos, mas isso não adiantou praticamente nada.

Eu estava perto o suficiente para realmente vê-la, agora. Seu vestido era ainda mais extraordinário do que parecia a distância. Em vez do vestido lindo e solto da personagem no livro, o que ela usava parecia mais uma armadura: pétalas metálicas finas formavam a

saia volumosa, enquanto joias magenta mergulhavam e se curvavam no seu peito num corpete apertado e decotado. Não era meu estilo, OK, mas, mesmo assim, era muito maravilhoso.

Ela parecia perfeita. Mesmo assim, quando me aproximei, uma sensação de desconforto me impediu de chamar seu nome.

Alguma coisa não estava certa. De longe, ela parecia linda, etérea, de outro mundo. Mas, de perto, havia algo feio nela. Algo estava errado com seu *rosto*.

Sim, ela tinha feições delicadas, a estrutura óssea perfeita, os cachos louro-avermelhados escapando por baixo de uma coroa dourada muito enfeitada enquanto ela sorria com benevolência para seus súditos fiéis. Mas o sorriso. Era – não sei como dizer de outra maneira – meio que supergrotesco.

A boca se estendia de um jeito artificial, se espalhando alucinadamente pelo maxilar, e estremecia nos cantos, como se seus lábios tivessem sido fixados assim.

Exceto o tremor, a boca não se mexia. De jeito nenhum. Nem quando ela falava.

– O que aconteceu com a boca de Glinda? – perguntei a Star baixinho, depois que a máquina parou de fazer barulho mais uma vez.

Dei um pulo quando uma voz de verdade respondeu, num sussurro rouco atrás de mim.

– (A) É PermaSorriso, e (B) você está totalmente *maluca,* sua idiota?

Virei e vi os olhos claros da cor de água-marinha de Indigo me encarando de algum lugar dentro da teia sombria dos galhos das árvores.

– *Você* estava *me* seguindo? – sussurrei de volta para minha perseguidora e, depois, com a curiosidade superando a irritação, acrescentei: – O que é PermaSorriso?

– Eu não estava te *seguindo* – respondeu Indigo com uma careta petulante. – Só estava indo na mesma direção que você. – Ela fez uma pausa. – Além do mais, eu não podia deixar você ir até Glinda como se ela fosse te dar um beijo e um biscoito. Sou mais sensível do que você imagina. E *isso* é um PermaSorriso.

Ela pegou um pequeno tubo e mostrou.

– Eu nunca uso, mas é útil tê-lo à mão – disse ela, abrindo a tampa e passando na boca como se fosse batom. Ao fazer isso, seus lábios irritados se esticaram como silicone num

sorriso amplo e maníaco e ficaram assim.

– Eca – falei, sem conseguir me impedir.

– Eu sei – comentou ela. – Eu odeio isso. – Seu enorme sorriso mal se mexia enquanto ela falava. Era como Botox num tubinho. Em seguida, ela passou no rosto de novo, na direção oposta desta vez, e, num piscar de olhos, sua boca voltou à carranca de sempre. – Todo mundo usa na cidade e, já que estou indo pra lá, vou precisar.

– A Cidade das Esmeraldas?

– Sim, a Cidade das Esmeraldas – remedou ela. – Pra onde mais? Agora *vem*. Não podemos simplesmente ficar por aqui. Ela pode sentir nosso cheiro a qualquer momento.

– Sentir nosso *cheiro*? – perguntei, genuinamente confusa. – O que ela é, um cão de caça? Além do mais, ela não deveria ser uma bruxa *boa*?

– Claro – bufou Indigo. – *Boa*. Como se isso significasse alguma coisa por aqui. Detesto dar essa notícia, mas, só porque alguém tem cabelo bonito, um belo tom de pele e uma coroa no lugar de um chapéu pontudo, isso não significa que ela não é a vaca mais malvada desta parte da Cidade das Esmeraldas. Sério. Não consigo acreditar que estou arriscando meu pescoço pra te ajudar.

– Mas... – falei.

– Nada de "mas" – disse Indigo. – Olha, estou te dando uma chance. Se quiser ficar aqui e esperar que ela goste de você, fique à vontade. Se não quiser ser morta, me siga.

Ela disparou outra vez em direção à estrada, desviando sem esforço dos espinhos e galhos, como se nem estivessem ali.

Parei por um instante. Glinda e Dorothy são malvadas? Estava tudo tão de cabeça para baixo – e, mesmo assim, alguma coisa no que Indigo dizia parecia certo. Eu não queria acreditar nela, mas sabia muito bem que nem sempre se consegue o que se quer. Então, eu a segui.

Quando cheguei de novo à estrada, estava amassada e arranhada, com a blusa rasgada e os braços riscados com cortes minúsculos. Indigo estava me esperando com uma expressão tipicamente amarga.

– Não fique muito empolgada – resmungou ela, mas eu percebi que, por baixo daquilo tudo, ela estava feliz porque a segui. – Você pode vir comigo até a cidade e,

depois, vai ficar por conta própria. E vai fazer o que eu mandar, entendeu? Você já provou que não tem instinto de sobrevivência.

– Combinado – falei.

Inclinei o pescoço para trás, para ver a suposta bruxa boa, que ainda estava flutuando sinistramente no céu. Como eu podia vir até Oz e perder a oportunidade de conhecer a primeira e única feiticeira? Era como ir à Disney World e não tirar uma foto com a Cinderela.

Acho que não preciso contar que minha mãe nunca me levou à Disney World.

Eu ainda estava hesitando quando Star sibilou para mim, com raiva. Eu sabia o que ela tentava me dizer. Com uma pontada de arrependimento, corri atrás de Indigo.

Às vezes, você simplesmente tem que confiar nos instintos da sua ratinha de estimação.

SEIS

– Bom, agora você pode me contar o que estava acontecendo lá atrás? – perguntei quando retomamos o caminho.

– Ela está fazendo mineração de magia – explicou Indigo, com o tom de alguém que explica por que o céu é azul para uma criança pequena pela quinquagésima vez.

Acho que entendi. Talvez.

– Mineração de magia? Mas ela é uma bruxa. Ela já não *tem* magia?

Indigo deu um suspiro alto e raivoso.

– Nunca é suficiente. Nunca é suficiente para ela e, com certeza, nunca é suficiente para Dorothy. Elas estão fazendo buracos daqui até a capital e sugando tudo da terra. Por que você acha que o Condado dos Munchkins está parecendo um lixão? Oz precisa de magia para sobreviver. Sem magia, ela simplesmente seca.

– Então a magia está tipo... no solo?

Pensei na cratera escura e aberta que havia engolido meu trailer. Será que era um dos locais de escavação de Glinda? Se fosse assim, o Greenpeace ia ficar muito irritado com a Bruxa do Sul se um dia chegasse a Oz.

– Ahãm. – Indigo fez que sim com a cabeça. – Bom, está em toda parte, mas começa no solo e escapa de lá. Mas, se cavarmos e tirarmos tudo para vossa majestade? Não haverá mais magia. Fim; infelizes para sempre.

Nunca pensei em mim mesma como alguém de raciocínio lento, mas isso tudo era muito confuso.

– Tá bom – falei finalmente. – Voltando um pouco. Você fica falando de Dorothy como se ela ainda estivesse aqui. Mas ela voltou pro Kansas. Isso é, tipo, a questão toda da história. *Não há lugar melhor que a nossa casa* e tal.

Sério, era a única parte de *O mágico de Oz* de que eu não gostava. A garota é sequestrada para o mundo das fadas e tudo que consegue pensar é em *ir para casa*? Claro,

ela sentia saudade da tia Em. Mas a tia Em devia estar feliz por ela ter saído do Kansas. Pessoalmente, sempre pensei que Dorothy deveria ter batido os sapatos e desejado alguma coisa melhor do que uma viagem de volta para Lugarnenhum.

– Você só ouviu metade da história. Ela *foi* pra casa – disse Indigo. – Mas, no fim das contas, parece que a casa dela não era tão legal. Por isso, Glinda a trouxe de volta pra cá. Ou, pelo menos, a maioria das pessoas acha que foi ela quem a trouxe de volta. Isso é, tipo, o que diz a lenda. De um jeito ou de outro, foi quando Dorothy chegou aqui que todos os problemas começaram.

– O que você quer dizer com isso?

Indigo deu de ombros e acenou com a mão para a paisagem.

– Veja com seus próprios olhos. Ela era legal no início... acho..., mas depois eles deram uma coroa pra ela e a transformaram em princesa. E, em algum momento depois disso, ela começou a gostar de magia. Em pouco tempo, nada era suficiente pra ela. Quanto mais ela conseguia, mais queria.

– Quer dizer que a magia a fez enlouquecer e começar a cavar crateras? Por que Glinda a está ajudando, afinal?

– Imagina o seguinte – explicou Indigo. – Você tem sua Bruxa do Leste. Dorothy a esmaga com uma casa. A Bruxa do Oeste, Dorothy a *derrete* com um balde de água. Glinda é a Bruxa do Sul. Percebe que ela é a única que está de pé? Glinda sabe o que é bom pra si. Sabe que a pior coisa que se pode fazer por aqui é atrapalhar Dorothy.

– E o Norte? – perguntei.

Indigo me deu uma olhada perplexa.

– Leste, Oeste, Sul – comentei. – E a Bruxa do Norte?

Indigo simplesmente desviou o olhar.

– Você faz perguntas demais – disse ela.

* * *

O mundo mudava de cor enquanto conversávamos. Quanto mais perto chegávamos da Cidade das Esmeraldas e mais longe de Glinda e sua máquina, o brilho azul frio do céu ficava mais ensolarado e agradável. A grama também estava mais verde e mais forte e, de

vez em quando, eu percebia alguns açafrões saindo da terra.

Eu não estava convencida, contudo, quando apurei os ouvidos, tive quase certeza de escutar uns pássaros tentando cantarolar. Por outro lado, talvez fosse apenas o som residual da perfuradora nos meus ouvidos.

– Por que os Munchkins cooperam? – perguntei. – Se está destruindo a casa deles, me parece que eles não deviam concordar.

Indigo me encarou com indiferença.

– Que tal você parar de fazer perguntas sobre coisas que nunca vai entender? – indagou ela. – Vou te levar até a Cidade das Esmeraldas e você vai encontrar uma bruxa legal que vai saber como te mandar de volta pro Kansas, onde você e seu cabelo rosa deveriam estar.

Depois disso, caminhamos em silêncio. Todas as vezes que eu tentava iniciar uma conversa, Indigo me cortava logo.

Pensei no que ela dissera sobre Dorothy. A explicação que ela me dera praticamente não justificava nada: uma coisa era acreditar que Oz tinha sido corrompida por alguém verdadeiramente malvado, mas Dorothy já fora boa. Ela lutara contra a Bruxa Malvada do Oeste e libertara Oz. Como foi que as coisas deram tão errado para ela?

De repente, o rosto da minha mãe surgiu na minha mente, e eu me lembrei de como acontecera com ela.

Não foi da noite para o dia. Ela estava com muita dor, depois do acidente de carro, e, no início, os remédios simplesmente a deixavam feliz de novo. De alguma forma, ela se sentia mais feliz do que eu já a vira desde que meu pai tinha ido embora e vendemos a casa. E isso *me* deixava feliz também.

Mas o efeito do remédio sempre acabava, e logo começou a acabar cada vez mais rápido. Ela sempre queria mais. Quando conseguia mais, queria mais ainda. E esse foi o fim da vida como a conhecíamos. Todas as vezes que eu voltava para casa e a encontrava largada no sofá ou no chão, com o frasco laranja ainda nas mãos, eu ficava impressionada por algo tão pequeno ter tanto poder sobre ela.

Se o que Indigo disse era verdade, Dorothy tinha começado a gostar de magia e, quando acabava, isso a deixava vazia. Quanta magia ela tinha, agora?

Não era uma pergunta que valia a pena ser feita. Para alguém como ela, ou alguém como a minha mãe, não era uma questão de quanto ela tinha. Era uma questão do quanto ela *não* tinha.

Tudo isso estava me fazendo pensar em onde estava a minha mãe. Desejei que estivesse bem.

* * *

Parecia que estávamos andando há horas. Meus pés doíam demais, mas o sol não dava sinal de sumir. Embora os arredores tivessem se iluminado consideravelmente, era tudo monótono e imutável. A novidade estava se esgotando. Eu me sentia entediada demais para ficar horrorizada outra vez.

Fiquei esperando encontrar um unicórnio ou um corvo falante ou um rio de limonada, ou qualquer outra coisa mágica de Oz. Aceitaria uma árvore normal ou um rio de água. Ou, até mesmo, talvez, um monstro.

Até agora, nada.

– Preciso sentar – falei finalmente. Indigo retorceu os lábios e fez que sim com a cabeça.

– Tá bom – disse ela, se jogando numa pedra ao lado da estrada. Sentei ao lado dela. Tirei Star do ombro e a coloquei no chão, e ela aproveitou a oportunidade para disparar até um canteiro de ervas daninhas. Eu sabia que ela voltaria.

– A que distância fica a cidade? – perguntei. – Estamos andando há um século.

– Não sei – respondeu Indigo. – Nunca estive lá.

E ficamos sentadas em silêncio. Desejei poder pegar meu celular só para ter alguma coisa para fazer, mas meu celular, junto com tudo que eu tinha, estava no fundo da cratera. Se é que a cratera tinha um fundo. Em vez disso, fiquei analisando os braços tatuados da Munchkin, tentando desvendar as espirais elaboradas gravadas ali, mas era estranho – quanto mais eu encarava os desenhos, mais eles pareciam ser um borrão. Era como se eles não quisessem que eu os entendesse; como se estivessem escondendo seu verdadeiro significado de mim.

Indigo percebeu que eu estava encarando e enrolou as mangas da camiseta para eu

ver melhor.

– É Oz. A *verdadeira* Oz – disse ela. – Eu queria me lembrar de como costumava ser. Por isso fiz a tatuagem. Agora eles vão ter que arrancar a minha pele se quiserem que eu esqueça.

Enquanto ela falava, as tatuagens começaram a se transformar numa imagem diante dos meus olhos, e eu vi o que ela estava falando: seus braços contavam uma história. Era um panorama bonito e pitoresco, repleto de flores e animais – alguns dos quais eu nem reconhecia – e pessoas felizes e sorridentes. A parte mais maluca era que a imagem se mexia. Só um pouquinho, mas com certeza se mexia. Os Munchkins no bíceps de Indigo estavam dançando. Os animais estavam saltitando; as flores farfalhavam na brisa. Havia até uma bruxa, verde e malvada, com um chapéu preto pontudo, fazendo uma dancinha parecida com o hula-hula.

– Tinta mágica – disse ela. – Legal, né? – Ela falou isso como se não fosse nada demais, como se estivesse falando dos sapatos novos que acabara de comprar no shopping. E acenou com a mão no ar, apontando para a paisagem ao nosso redor. – Está melhor aqui, já que estamos mais distantes das minas, mas nada é como costumava ser. Tudo vai virar uma grande cratera em breve.

Ela parecia tão triste. Era o pior tipo de tristeza, também – porque ela estava triste por uma coisa que sabia que nunca ia mudar. O tipo de tristeza pelo qual você nem consegue mais sentir raiva.

Será que toda Oz se sentia assim? Devia ser um péssimo lugar para se viver.

Eu me levantei e espanei a sujeira.

– Vem – falei. – Vamos pra Cidade das Esmeraldas.

Indigo olhou o céu como se estivesse procurando uma pista. Eu estava começando a me perguntar quando é que o sol ia embora. O dia estava tão claro quanto no momento em que começamos a andar. Nem parecia que era o mesmo *dia,* quanto mais a mesma tarde.

– Não sei – disse ela, depois de um tempinho só olhando. Parecia que estava falando sozinha, e não comigo. – Na verdade, eu não sei nada mesmo. Nem sei por que eu quero ir. Nós provavelmente vamos ser pegas antes de chegar lá, de qualquer maneira. Ela tem

espiões por todo lado.

Indigo soltou um longo suspiro. Mas me seguiu de volta até a estrada.

– Você me perguntou por que eles trabalham pra ela – disse Indigo. – Perguntou por que os Munchkins simplesmente não mandam Glinda se ferrar e levar sua máquina pra outro lugar.

– É. Eu estava me perguntando isso. Talvez fosse idiotice minha.

– Foi – respondeu Indigo, me lançando um olhar irritado. – Você acha que eles têm escolha? Eu era uma daquelas crianças pulando pra cima e pra baixo na gangorra durante horas, sabe. Mas escapei. Agora, minha família sumiu, minha casa está vazia, e eu não tenho a menor ideia do que vou fazer. Se eu for pega, eles vão me matar. Então, é por isso que eles continuam, entendeu?

– Eu não sabia – falei. – Sinto muito. – E sentia mesmo.

– Quando chegarmos à Cidade das Esmeraldas, vamos encontrar alguém pra te mandar de volta pra casa. E, quando isso acontecer, eles vão me mandar junto com você. Qualquer coisa é melhor do que isto.

* * *

Indigo viu antes de mim.

– Que diabos? – disse ela, estacando no meio da estrada.

À nossa frente, escutamos um grito estridente, penetrante e sobrenatural. Star guinchou em resposta. Acelerei para ver o que estava acontecendo. Depois, desejei não ter visto nada daquilo.

Alguns passos adiante, algo estava amarrado a um poste na beira da estrada. A coisa era peluda. E gritou de novo.

– Um dos macacos – disse Indigo, quase sussurrando. A criatura estava pendurada de cabeça para baixo no poste, com uma corda grossa amarrando seus tornozelos. Mas não era um macaco normal: estava vestido com pompa, de calças cáqui com elegantes suspensórios vermelhos e mocassins de couro nos pés.

Apesar da roupa, ele parecia estar bem longe de Nantucket. Parecia sentir muita dor: os olhos estavam fechados pela metade, vermelhos e desfocados. A boca estava seca e

rachada; o pelo, sujo e fosco. Ele não olhou para nós – eu tinha quase certeza que nem conseguia distinguir onde estávamos.

Mas ele estava consciente o bastante para expressar sua angústia e soltou outro grito ensurdecedor. Indigo correu até ele e, quando a alcancei, ela estava ajoelhada, lendo um cartaz pregado pouco abaixo do ponto onde a cabeça do macaco balançava, a centímetros do chão.

Pelo Crime de Insolência, Este Macaco está Condenado a um Ajuste de Atitude Oficial. Não Interfira. Por Ordem Real da Princesa Dorothy.

– Crime de *Insolência*? – sussurrei com raiva. Eles tinham transformado isso em crime?

Indigo pareceu paralisada. Ela não respondeu.

Bom, pelo menos *eu* estava aqui para ajudá-lo.

– Pobre macaquinho – falei. – Vamos tirar você daí. – Fiz um movimento para desamarrá-lo, mas Indigo agarrou meu pulso. Ela estava quase tremendo.

– Não – disse ela. – Não podemos.

– Do que você está falando? Você não pode simplesmente deixar um animal indefeso amarrado na beira da estrada. Olha pra ele. Estou surpresa de que ainda esteja vivo. E que diabos? É isso que ela chama de *ajuste de atitude*? O que há de errado com este lugar?

Indigo balançou a cabeça com tristeza.

– Temos que deixá-lo. Se não, seremos consideradas tão culpadas quanto ele. Já vi isso acontecer. – Ela me olhou com lágrimas nos olhos e, de alguma forma, entendi que isso já tinha acontecido com alguém que ela amava. – Bem-vinda a Oz – disse ela.

Sua voz estava embargada, e ela se levantou e espanou a poeira do corpo. Seu rosto, que há um instante parecia próximo de se derreter, voltou a ficar sério, na sua carranca típica.

– Vem. Vamos continuar. Esquece que a gente viu isso.

Balancei a cabeça para ela. *Isso* estava usando calças. *Isso* tinha sangue seco no corpo todo. *Isso* estava sentindo uma dor absurda.

– Você me salvou de falar com Glinda.

– É diferente. Você não tinha sido condenada por nada.

Olhei para ela e, em seguida, de volta para o macaco. Eu não podia deixá-lo. De jeito nenhum. Então, sem hesitar – sem pensar, na verdade –, estendi a mão e comecei a desamarrar as cordas que o prendiam ao poste.

– Não! – gritou Indigo. Mas ela não tentou me impedir. Em segundos, eu o soltei e o peguei nos braços, era mais pesado do que parecia, e, quando o coloquei cuidadosamente sobre os tijolos amarelos, senti dois cotocos ásperos e carecas nas suas omoplatas.

Levei um segundo para perceber o que eram e, quando o fiz, me senti enjoada. Esse macaco um dia teve asas.

– Merda – disse Indigo, passando os dedos no cabelo, em pânico. – Merda, merda, merda, merda. – Ela tinha corrido até o meio da estrada e estava olhando de um lado para o outro nas duas direções, como se achasse que eles viriam nos pegar a qualquer momento. Mas nenhuma sirene de alerta começou a tocar. Não houve tiros; não nos lançaram chamas. Nada aconteceu.

– O que você acha que está vindo?

– Você não entende. Eles controlam tudo. Eles sabem tudo. Eles veem tudo.

– Como? Quem?

– Eles simplesmente conseguem.

– Se *eles* soubessem de tudo que acontece por aqui, já teriam capturado a gente. Vamos lá! Você deve ter um pouco de água em algum lugar dessa sua mochila gigantesca, certo?

Relutante, Indigo vasculhou a mochila e achou um cantil. Ela me entregou, e eu despejei água sobre os lábios rachados do animal e esperei. Depois de um instante, seus olhos começaram a piscar para abrir. Ele gorgolejou e cuspiu antes de registrar nossa presença.

– Pronto... – falei, me inclinando para lhe dar outro gole.

– Obrigado – disse ele numa voz rouca e fraca.

– Ai, meu Deus! – exclamei, dando um pulo para trás. – Ele sabe falar!

– Claro que eu sei falar – resmungou ele. Mesmo nesse estado fraco, ele conseguiu parecer ofendido. – Sou um macaco instruído. Meu nome é Ollie.

Apesar de eu ainda estar assustada, me inclinei para ajudá-lo a sentar. Meus dedos

roçaram nos cotocos irregulares e rombudos que se destacavam nas suas omoplatas.

– Não se preocupe com isso – explicou ele, vendo a expressão confusa no meu rosto. – Era só o lugar onde ficavam as minhas asas. Antes de eu cortá-las fora.

SETE

– Precisamos seguir em frente – disse Indigo. – Aquele poste em que ele estava amarrado provavelmente é encantado. Eles vão saber que nós o libertamos.

– Talvez devêssemos sair da estrada – falei. – Estamos expostos demais. Se estiverem nos procurando...

Indigo balançou a cabeça enfaticamente.

– Não – disse ela. – A estrada leva à Cidade das Esmeraldas. É pra lá que nós vamos.

Ollie concordou.

– Estamos na parte mais selvagem do Condado dos Munchkins – disse ele. – Se sairmos da estrada de tijolos amarelos, as coisas vão virar de pernas pro ar. As direções param de fazer sentido. Ficaremos perdidos em pouco tempo.

– Você também vai pra cidade? – perguntei.

Ollie fez que sim com a cabeça.

– Dizem que a entrada pra um túnel subterrâneo fica escondida em algum lugar nos muros da cidade. O túnel vai pro norte, onde moram os outros Ápteros. Vou encontrá-los.

– Existem outros como você? Sem asas?

– Dorothy queria dominá-los – soltou Indigo, com o rosto subitamente vermelho. – Transformá-los em escravos. Ela queria mil deles puxando sua doentia carruagem de macacos voadores. O que mais eles podiam fazer?

Era bom vê-la com raiva, na verdade. Pelo menos, a raiva leva a gente a algum lugar. Eu gostava mais dessa Indigo do que daquela com quem eu estava sentada na rocha uma hora atrás, a Indigo que parecia simplesmente ter desistido. Eu gostava mais dessa Indigo do que daquela que estava tão apavorada que queria deixar Ollie pendurado na beira da estrada.

Eu só não sabia do que ela estava falando. Olhei para Ollie, perplexa.

– Meu povo sempre foi usado pelos mais poderosos – começou a explicar. – Mesmo antes de Dorothy subir ao poder, éramos escravos de outros. Faz parte do nosso feitiço. As asas são vulneráveis à magia; elas nos tornam mais suscetíveis ao controle. Quando fomos libertados das bruxas, achamos que nunca mais teríamos que servir a ninguém. Mas aí Dorothy voltou. Dessa vez, alguns de nós achamos que valia a pena pagar o preço da liberdade.

– Por isso vocês cortaram suas asas – comentei. Eu não conseguia imaginar esse tipo de sacrifício. Mas acho que entendi.

– Eu preferia ser livre a ter que voar – disse Ollie com firmeza. – Nem todos do meu povo concordaram. – Uma expressão de pura repulsa se instalou no seu rosto. – Aqueles que queriam ser livres foram pro norte, pra se esconder.

– Por que você está aqui, então? – perguntei. – Por que não está com eles no norte?

– Não consegui deixá-los.

– Quem? – perguntei.

Ele olhou para o chão.

– Meus pais – respondeu ele. – Minha irmã. Eles achavam que suas asas eram o que os tornavam especiais. Por isso eles ficaram para trás. Agora, eles puxam a carruagem de Dorothy. Achei que eu podia ajudá-los. Achei que poderia convencê-los... – Ele hesitou, e sua voz falhou.

– Imagino que Dorothy não deve ter gostado desse plano – considerei.

Indigo estava ficando impaciente.

– Precisamos ir – soltou ela. – Não temos tempo pra uma aula de História Básica de Oz.

Ainda havia muita coisa que eu queria perguntar a Ollie, mas Indigo estava certa. Se tudo que eles me diziam sobre Dorothy era verdade, estávamos pedindo para nos meter em confusão só por ficar aqui.

– Você consegue? – perguntei a Ollie. – Você ainda parece muito fraco.

Mas Indigo já estava marchando na nossa frente, com as botas batendo com força na estrada de tijolos. Ollie deu de ombros, e nós a seguimos alguns passos atrás, nos movendo o mais rápido que conseguíamos.

Comecei a ficar cansada, sem mencionar o calor. O sol, que tinha uma cor azul-gelado sinistra no Condado dos Munchkins onde eu pousara, agora adquirira uma tonalidade amarela forte e ardente, castigando minha pele. Eu sentia um fio de suor se formando na base do meu crânio.

O sol tinha mudado de cor; estava mais quente. Mas não havia se *mexido*: estava bem no centro do céu, pendurado exatamente no mesmo lugar de quando eu havia começado a caminhar. E não mostrava sinais de se mover.

– Sou só eu, ou este dia está muito longo? – perguntei a Ollie.

Ele rosnou.

– O dia tem a duração que Dorothy quiser – respondeu ele. – Ela controla o tempo por aqui. Às vezes leva séculos até ela se lembrar de virar os ponteiros do Grande Relógio e transformar o dia em noite. A princesa se distrai com facilidade.

Estremeci. Além de todo o resto, Dorothy também controlava o tempo. Continuamos andando.

A garota pegou todos nós de surpresa quando apareceu no meio da estrada, vinda do nada, bloqueando nossa passagem. Tinha cabelo escuro, pele de marfim e usava um vestido justo de seda verde-esmeralda, destacando os olhos verdes enormes. Devia ter mais ou menos a minha idade e era mais bonita do que qualquer garota que eu já tinha visto. Ela também ostentava muito mais: na sua cabeça havia uma coroa alta de ouro que se iluminava sob a luz interminável do sol da tarde. Suas orelhas eram cobertas por papoulas gigantescas com joias encrustadas que pareciam protetores de ouvido muito enfeitados.

Assim que a viram, Indigo e Ollie se apoiaram em um dos joelhos. Indigo agarrou meu braço e me puxou para baixo com ela.

– Povo amado do Condado dos Munchkins! – A garota falava conosco como se estivesse se dirigindo a um público enorme, exceto que não havia ninguém ali além de nós. – Tenho o prazer de anunciar este dia auspicioso para toda Oz! Um dia em que a tristeza se despede definitivamente e a alegria inicia seu reinado eterno! Por ordem real, com punição de morte, declaro a Felicidade de agora em diante!

Indigo suspirou de repulsa e se levantou assim que a garota recomeçou o discurso.

Era como se alguém tivesse apertado uma tecla de repetir nela.

– Povo amado do Condado dos Munchkins! – gritou a garota de novo.

– Isso me assusta todas as vezes – resmungou Indigo. – Simplesmente a ignore – disse ela, percebendo minha expressão confusa. – Vem.

– Não é real – explicou Ollie, também se levantando. – Só uma gravação. Você cruza com ela de vez em quando, é para nos manter na linha. Mas aposto que isso significa que estamos nos aproximando da Cidade das Esmeraldas.

– Quem é ela? – perguntei. – Não é Dorothy. É?

– É Ozma. A verdadeira soberana de Oz – explicou Indigo. – Ela ainda está tecnicamente no comando, mas ninguém vê a verdadeira Ozma fora do palácio há séculos. São sempre essas coisas ilusórias. Olha.

Ela girou o braço como uma lançadora de beisebol e foi dar um tapa na garota. Sua mão atravessou a cabeça da princesa com facilidade.

– Viu? Falsa. A *verdadeira* Ozma não se importa mais com a gente.

– Tenho o prazer de anunciar este dia auspicioso para toda Oz! – Ozma continuou tagarelando.

Ollie desviou o olhar do holograma como se doesse olhar para ela até mesmo por um segundo a mais, depois Indigo deu um passo e a atravessou, e nós todos simplesmente continuamos andando. O discurso enlatado de Ozma enfraqueceu devagar na distância.

– Esperamos muito tempo por uma soberana como ela. – Ollie suspirou. – Ela devia estar no comando o tempo todo. Ela é descendente da fada que deu a Oz sua magia. Mas era só um bebê quando o Mágico chegou aqui, e ele não queria ser atrapalhado. Assim, ele a mandou embora para algum lugar. Depois, quando *ele* foi embora, transformou o Espantalho em rei. Isso não deu muito certo.

– O Espantalho também era mau? Como Dorothy? – perguntei. Eu estava com dificuldade para acompanhar tudo, mas algo no que ele disse me parecia importante.

– Não – respondeu ele, depois deu uma risadinha melancólica para si mesmo. – Não *naquela época,* pelo menos. Ele só não foi um rei muito bom.

– Ele queria ficar sentado no palácio pensando o dia todo – interrompeu Indigo. – Se você me perguntar, o cérebro não é tudo isso que se diz por aí. De qualquer maneira,

tudo acabou num inferno, até Ozma voltar.

– Onde ela estava esse tempo todo?

– Ninguém sabe – respondeu Ollie. – Ela nunca falou no assunto. Mas ela tem sangue de fada, o que significa que tinha direito à coroa. É uma magia profunda: quando ela finalmente chegou à idade, ninguém podia fazer nada para tirar isso dela.

– Dorothy tirou – observei.

– Não exatamente – retrucou Ollie.

– Ozma ficou no comando durante muito tempo – disse Indigo. – As coisas eram boas, com ela. Ótimas. O sol nascia e se punha na hora certa. Havia magia por toda parte...

– Os macacos voavam pra onde quisessem, enquanto Ozma reinava – comentou Ollie.

– Era assim que Oz deveria ser desde sempre – explicou Indigo. – A parte engraçada é que, quando Dorothy voltou, todo mundo ficou feliz, no início. Ela era uma heroína, sabe. E nada mudou por um tempo, exceto que ela foi morar no palácio. Ela e Ozma ficaram amigas. Elas faziam *tudo* juntas. Ninguém se preocupou quando Ozma a transformou em princesa também. Parecia que ela merecia isso.

– E aí?

– Aí veio o Decreto da Felicidade. Depois disso, deixamos de ver Ozma com a mesma frequência. Era, tipo, só Dorothy o tempo todo. Ozma simplesmente... desapareceu.

– Você acha que Dorothy fez alguma coisa com ela.

Indigo fez que sim com a cabeça.

– Não sei *o quê* – disse ela. – Mas Ozma nunca teria deixado isso acontecer com Oz. Ela deve ter sido enganada... ou...

– Ou ela está morta – completou Ollie.

– Não! – gritou Indigo. – Ela não pode estar morta. Dorothy não é poderosa o suficiente. *Ninguém* é poderoso o suficiente. Depois que Ozma conseguiu a coroa, nada poderia tirá-la dela. É magia de fadas, a mais forte que existe. Nada pode quebrá-la. Nada pode matá-la.

Ollie não parecia ter tanta certeza.

– E se a magia tiver acabado? – perguntou ele. Indigo não respondeu.

Continuamos andando por todo o tempo em que eles me davam essa aula sobre a história de Oz – que eu ainda não tinha certeza se entendia –, e agora tínhamos chegado a um rio largo e estagnado. A água estava coberta de musgo, parada e com um cheiro podre, além de ter uma cor verde tóxica. Na margem enlameada, um emaranhado de trepadeiras pretas grossas se contorcia como cobras.

Por sorte, não tínhamos que nadar por aquele lodo: conforme se aproximavam da água, os tijolos amarelos começavam a subir, se estendendo para cima e para o alto num caminho sinuoso. Não havia nada para apoiá-los – nenhum cabo, coluna ou viga –, e a estrada toda oscilava e flutuava como uma fita ao vento.

Engoli em seco.

– A gente precisa atravessar aquilo? – perguntei. Altura não era exatamente minha coisa preferida.

Mas a altura era o menor dos nossos problemas.

– Macacos – sussurrou Ollie, apontando para as silhuetas minúsculas que desciam e mergulhavam contra uma nuvem cinza que flutuava sobre a estrada. – Estão patrulhando a ponte.

Dei uma risada nervosa.

– Hora de voltar, acho. – Mas eu sabia que não podíamos. Para onde iríamos? Tínhamos visto tudo que havia para ser visto lá atrás. A única saída era seguir em frente.

Indigo olhou para os macacos no alto, pensando.

– Acho que conseguimos passar por eles – disse ela. – Conheço um feitiço que pode funcionar.

– Espera – falei. – Você sabe fazer magia? Você não me contou isso.

Indigo inclinou a cabeça e ergueu as sobrancelhas como se estivesse ofendida.

– Minha avó era uma feiticeira – disse ela. – Pode não ter sido tão poderosa quanto Glinda, mas ela me ensinou uma coisinha ou outra. Teria me ensinado mais, se Dorothy não tivesse proibido a magia. Mas Os Alados são mais suscetíveis à magia do que quase todo mundo. Acho que um encanto de desorientação vai nos deixar passar por eles.

Ela fechou os olhos e levantou as mãos, mexendo os dedos diante de si em movimentos rápidos e agitados. Olhei para mim mesma, esperando para ver o que ia acontecer – será que eu ia ficar invisível ou alguma coisa assim? Mas nada mudou.

Depois de um minuto, Indigo abriu os olhos.

– Acho que podemos ir – disse ela. – Só não falem. Não façam nada que chame atenção.

– Acho que não funcionou – comentei.

– Funcionou. A desorientação não é muito poderosa, mas vai dar certo. Não vai nos esconder totalmente deles; só nos torna mais fáceis de ignorar. Eles simplesmente vão ficar distraídos sempre que olharem na nossa direção. Confie em mim.

O problema é que eu estava com uma dificuldade muito grande para me concentrar no que ela dizia. Mas entendi a ideia.

Atravessar a estrada voadora era como tentar andar numa brisa. Ela ondulava, mergulhava e oscilava e, todas as vezes que você levantava o pé, tinha que se perguntar se haveria alguma coisa sob ele quando o colocasse de volta.

Ollie estava bem: ele disparou em frente nas quatro patas com a mesma facilidade como se estivesse no chão sólido. Indigo também não teve muita dificuldade. Ela era tão atarracada e compacta que seria necessária uma bola de demolição para derrubá-la. Mas eu não era macaca nem Munchkin e tive que estender os braços dos dois lados e dar cada passo com cuidado.

Não olhei para baixo. Simplesmente mantive os olhos na estrada; os tijolos mais amarelos do que nunca em contraste com o cinza sombrio do céu.

Bom, eu tentei. Infelizmente, é difícil manter os olhos fixos num alvo em movimento. Todas as vezes que a faixa estreita de estrada se mexia, revelava a água a um milhão de quilômetros abaixo de nós e, mesmo assim, tão ameaçadora quanto antes. Eu não sabia o que seria pior: a queda ou o que estaria esperando por mim sob a superfície do rio asqueroso e lamacento.

A cada passo, eu queria entrar em pânico. Queria sentar no meio da estrada, abraçar as pernas e desistir. Mas não fiz nada disso.

Com ou sem tornado, uma garota do Kansas não deixa muitas coisas a atingirem.

Assim, afastei meu medo, coloquei um pé diante do outro e, conforme a estrada me levava até o céu, eu me sentia cada vez menos amedrontada. Eu não ia deixar nada idiota como uma brisa ou alguns tijolos instáveis me derrubar.

Era isso que significava ser da pradaria. Era algo que eu tinha em comum com Dorothy.

Eu sabia exatamente a que altura estava quando senti meus dedos roçando nas nuvens.

Depois que meu pai foi embora, minha mãe e eu víamos *A roda da fortuna* todas as noites depois do jantar. Eu não era muito boa nisso, mas minha mãe sempre adivinhava as respostas antes dos participantes. No fim de cada episódio, Pat agradecia aos patrocinadores e, enquanto ele nos lembrava das alegrias de Voar Pelos Céus Amigáveis, um avião atravessava a tela, em direção à Ensolarada Aruba ou à Fabulosa Orlando ou qualquer outro lugar, flutuando em câmera lenta sobre uma paisagem rosa-pôr-do-sol com nuvens fofinhas.

Eu não gostava da ideia de aviões e não queria ir a Orlando, de qualquer maneira. Mas sempre me perguntei como seria tocar uma nuvem.

Agora eu sabia a resposta para isso, pelo menos em termos de nuvens de Oz. Na verdade, elas eram tão macias e fofas quanto pareciam ser em *A roda da fortuna*, sólidas como bolas de algodão, mas não eram um lugar onde você quisesse se aninhar e cochilar. Todas as vezes que meus dedos roçavam numa delas, eu sentia um choque gelado subir pelo meu braço e descer pela coluna até os dedos dos pés. Algumas eram pequenas como bolas de festa e outras eram grandes como almofadas de sofá, e logo elas estavam tão densas no ar que eu tinha que empurrá-las para fora do meu caminho para continuar indo em frente.

Enquanto isso, eu ouvia os macacos gritando cada vez mais alto. Estavam tão perto que eu sentia suas asas batendo alguns centímetros acima da minha cabeça. De vez em quando, eu ouvia um grito tão alto que minha coluna ficava reta. O cheiro azedo de hálito de macaco enchia minhas narinas.

Mas o feitiço de Indigo tinha funcionado. Eles estavam próximos o suficiente para encostar em nós, mas os macacos estavam me ignorando, agindo como se eu nem

estivesse ali.

Finalmente, a estrada começou a se curvar em si mesma, subindo numa espiral íngreme e estreita, até eu chegar ao topo e entrar numa plataforma pequena e circular, com duas vezes a largura de um bambolê. Esse era o topo. Eu estava tão no alto que até os macacos estavam abaixo de mim, agora. A partir dali, era ladeira abaixo. Literalmente: na ponta mais distante da plataforma, a estrada amarela descia de novo em direção ao chão numa ladeira íngreme e reta, e a textura áspera dos tijolos de repente ficava lisa e macia. Era um Tobogã de Tijolos Amarelos.

Mas isso não era nada em comparação à vista no horizonte. A Cidade das Esmeraldas estava visível. Nada que eu tinha visto até agora havia me preparado para isso. Ela parecia ter saído do nada, bem quando eu menos a esperava, e, agora que eu olhava para ela, era difícil entender por que ela não estava visível o tempo todo, com seu horizonte arrebatador tão verde que coloria o céu ao redor, e o palácio com torres tão altas que desapareciam nas nuvens.

De cima, olhando para a cidade lá embaixo ao longe, quase dava para esquecer tudo que dera errado por aqui. Do alto, quase dava para fingir que essa era a Oz que deveria existir.

Mas, por mais que eu quisesse ficar ali em cima para sempre com essa fantasia, eu sabia que os macacos me veriam em algum momento se eu não continuasse seguindo em frente. Engoli em seco, olhando para baixo. *Simplesmente finja que está descendo um tobogã de água em AquaLand*, falei para mim mesma. Isso poderia ter me deixado um pouco melhor se eu algum dia tivesse realmente *ido* a AquaLand. Minha mãe nunca me levou.

Então, simplesmente respirei fundo, caí de bunda e garanti a mim mesma que descer tinha que ser mais fácil do que subir. No mínimo, seria mais rápido. Fechei os olhos e dei impulso.

Meu estômago afundou enquanto eu descia, o vento atingindo meu rosto e ganhando velocidade a cada segundo. No início, eu estava apavorada, mas, depois de um minuto, abri um pouquinho os olhos e vi as nuvens se movendo rapidamente conforme o chão se aproximava depressa. Sentindo um fluxo de euforia, abri a boca para gritar e me impedi

bem a tempo, ao lembrar que os macacos iam me escutar. Em vez disso, soltei um gritinho baixo, sorrindo de orelha a orelha.

Caí com uma pancada no chão sólido, onde Indigo e Ollie estavam me esperando, ambos parecendo um pouco tensos.

– Até que isso foi divertido – falei, me levantando e espanando a poeira.

Indigo me olhou com raiva. Ollie desviou o olhar, e percebi instantaneamente o meu erro. Ele não estava pensando no tobogã nem na emoção de sobreviver. Ele estava pensando nos macacos.

Eu me perguntei como ele tinha se sentido de estar tão perto do seu povo e nem poder olhar para eles. Os macacos não eram maus: eles eram escravos, e alguns provavelmente tinham sido amigos dele. Será que seus pais e sua irmã estavam lá em cima em algum lugar? Será que ele reconhecera as vozes que gritavam nos seus ouvidos?

– Ollie – falei. – Me desculpa.

Ele balançou a cabeça como se não fosse nada demais, mas, quando finalmente falou, foi por entre os dentes trincados, e percebi que ele sentia raiva. Talvez não de mim, mas não importava de verdade.

– Eu faria qualquer coisa pra trazê-los de volta – disse ele baixinho. – Tem alguém assim na sua vida? Alguém por quem você faria qualquer coisa pra ajudar? Não importa o quê?

– Eu... – Mordi o lábio e hesitei. Houve uma época em que eu teria respondido "minha mãe". Agora eu não tinha certeza. Eu tentei ajudá-la tantas vezes, fiz tudo que consegui imaginar, e nada funcionou. Nem um pouco. Agora ela provavelmente estava morta. – Não sei – falei finalmente, sentindo o rosto corar de vergonha.

Ele inclinou a cabeça como se não acreditasse em mim. Não era a resposta que ele esperava.

Indigo simplesmente revirou os olhos.

– Sinto muito por você – disse ela. – Sinto muito mesmo.

Não falamos mais nada, depois disso. Apenas fomos desbravando o caminho.

Mas eu não conseguia parar de pensar na pergunta que Ollie me fizera. Tomei uma decisão. Fiz uma promessa para mim mesma. Eu não podia mais ajudar minha mãe. Se

um dia eu tive essa chance, foi há muito tempo. Mas, se tivesse a chance de ajudar os macacos, eu ajudaria. Não importa o quanto isso me custasse. Era o mínimo que eu podia fazer. Não por ele, mas por mim mesma. Só para dizer que eu tinha alguém.

Quando a estrada fez uma curva alguns minutos depois, chegamos a um pomar de maçãs. As árvores eram exuberantes e verdes em contraste com os campos de trigo repulsivos. Maçãs vermelhas enormes estavam penduradas tentadoramente nos galhos, brilhosas e parecendo suculentas.

Saí da estrada, o ronco no meu estômago compensando o que eu sentira com o milho mutante.

Star, ainda no meu bolso, também sabia o que estava acontecendo. Ela colocou o nariz para fora e guinchou de fome enquanto eu pegava uma fruta.

Por uma fração de segundo, achei que tinha visto a árvore piscar. Puxei a mão de volta.

Olhei para o macaco falante ao meu lado, lembrando que qualquer coisa era possível aqui.

– Essa árvore acabou de se mexer?

– Elas também falavam, mas fizeram voto de silêncio.

– Voluntariamente?

– A princesa achava que a conversa delas estragava a experiência de comer maçãs e, portanto, era uma violação do Decreto da Felicidade.

– E a felicidade delas? Das árvores, quero dizer?

– Acho que todos percebemos um pouco tarde demais que a única felicidade que importa é a de Dorothy – interrompeu Indigo.

Ollie olhou para mim.

– Sei que você quer, mas não pode.

– É venenosa? Ou é proibido?

– É contra o Decreto da Felicidade. Não vale o risco – respondeu Indigo.

– Mas precisamos comer. E Ollie precisa ter forças. Não tem ninguém por perto.

Puxei duas maçãs e fiz um sinal de positivo com a cabeça para a árvore, encontrando seus olhos tristes.

– Obrigada – falei. Dei uma a Ollie, que a pegou e examinou, inseguro.

A primeira mordida derreteu na minha boca. Tinha gosto de torta. Torta de maçã. Maçã, canela, açúcar e manteiga, tudo misturado na minha boca. Era uma maçã magicamente deliciosa! Finalmente, alguma coisa em Oz que era realmente tão legal quanto anunciado.

Era bom demais para durar. Eu tinha acabado de dar mais uma mordida gratificante quando vi o rosto de Indigo ficar branco. Ela apontou para trás de mim e abriu a boca para dizer alguma coisa. Nenhum som saiu.

E aí.

Começou a escurecer. Mas não era o sol se pondo. O céu estava tão ensolarado como sempre. Em vez disso, era como se o mundo ao nosso redor estivesse sendo coberto de sombras, começando com a estrada amarela. Em seguida, as sombras começaram a sair do chão, se enroscando e inflando e se contorcendo em formas. Estavam se moldando. Eram formas que pareciam estranha e sinistramente familiares para mim.

Era o Homem de Lata. E ele não estava sozinho.

OITO

Eu sabia que estávamos realmente encrencados quando vi que Indigo ficou assustada demais até para murmurar *eu te disse*. Ela era apenas um pequeno muro de medo com olhos arregalados. A cor pareceu drenar de suas tatuagens até virarem apenas impressões cinza na pele. Ollie tremia até a ponta do rabo, com a maçã inteira ainda na mão.

Esse Homem de Lata não era o Homem de Lata de que eu me lembrava. A esta altura, eu não deveria esperar nada diferente – nada era do jeito que deveria ser na Oz reformada por Dorothy. Mesmo assim. Eu não estava preparada para ver o que encarava agora.

Ele parecia mais uma máquina montada com peças sobressalentes, uma miscelânea de sucata, molas e peças de máquinas unidas por porcas e parafusos. Suas pernas compridas e finas eram uma construção complexa de varetas e juntas viradas para trás nos tornozelos, como as pernas de um cavalo; seu rosto era espremido e malvado, com pequenos olhos de metal cintilantes e um nariz fino e cilíndrico que sobressaía vários centímetros do rosto e terminava numa ponta maldosa. O maxilar exagerado se destacava do resto do rosto em uma mordida desalinhada e horrível, revelando uma confusão de pequenas lâminas onde deveriam estar seus dentes.

Eu meio que me lembrava da história do Homem de Lata. Ele foi um homem de carne e osso até uma bruxa enfeitiçar seu machado para fazê-lo cortar partes de seu corpo uma a uma, que ele substituiu por peças de metal, até que isso era tudo o que sobrara dele. Pelo que parecia, ele andou fazendo melhorias desde então. A única coisa realmente familiar nele era o chapéu em forma de funil que ele usava. Acho que algumas coisas nunca mudam.

Atrás do Homem de Lata, quatro pessoas vestindo terno preto se materializaram das sombras um instante depois dele. Não eram feitas de lata, mas também não eram exatamente pessoas. Todas eram de carne na maior parte – com algumas modificações

mecânicas.

Um deles tinha uma placa de prata aparafusada no rosto no lugar onde deveria ficar a boca; outro era redondo e atarracado, com enormes orelhas de cobre do tamanho da cabeça toda. A terceira era uma garota provavelmente da minha idade com uma espada reluzente no lugar de um dos braços. Mas o último era o mais horripilante: apenas uma cabeça sem corpo enxertada em uma bicicleta, com dois braços robóticos onde seriam os guidons, as articulações das mãos mecânicas roçando nos tijolos da estrada.

– Corram – falei. Saiu mais como uma respiração do que uma palavra. Mas ninguém se mexeu. Não havia para onde correr e, de qualquer maneira, eu estava com tanto medo que meus joelhos pareciam feitos de gelatina.

Tentei dar meu sorriso mais amplo e puxa-saco – aquele que eu costumava usar com o dr. Strachan na escola. Quando me lembrei de que isso nunca funcionava com ele, ampliei ainda mais o sorriso. Se alguém percebeu, ninguém comentou.

– Em nome de Ozma de Oz – disse o Homem de Lata de um jeito ameaçador, com a voz robótica e estridente –, por ordem da Princesa Dorothy, eu, o Homem de Lata de Oz, Grande Inquisidor da Polícia das Esmeraldas e comandante dos Soldados de Lata, os detenho pelo crime de traição.

Ele mostrou um pedaço de papel com um selo dourado e, pela primeira vez, consegui ver suas mãos. Um arrepio percorreu todo o meu corpo.

Ele tinha dedos que eram como facas e agulhas, cada um deles retorcido numa forma levemente diferente. Como ferramentas de dentista.

Eu evitei as cáries a vida toda exatamente porque não sou boa para lidar com a dor. Meu corpo todo ficou tenso, antecipando uma daquelas coisas pontiagudas pressionando a minha pele.

– Traição? – grunhi.

Ao ouvir as palavras do Homem de Lata, Ollie, que estava congelado ao meu lado, de repente caiu em si. Ele começou a guinchar seu grito ensurdecedor de macaco e se jogou no ar como se tivesse sido arremessado por um estilingue. Prendeu o rabo no galho da macieira mais próxima e o usou para impulsionar o próprio corpo até os ramos cheios de folhas.

Tudo isso aconteceu num instante. Percebi de relance seu rabo pela última vez quando ele se balançou até a próxima árvore e desapareceu totalmente no pomar.

Conforme ele fugia, Corpo-de-Bicicleta se ergueu na roda traseira para persegui-lo, mas o Homem de Lata levantou a mão com calma.

– Deixe ele ir – disse. – O Leão sabe os movimentos de todos os bichos. Ele vai cuidar do macaco. Ele não vai conseguir sair da floresta.

Ollie tinha escapado. Ele nos abandonara, se você quiser usar o termo técnico, mas eu não o culpava. Por um segundo, eu quase quis comemorar. Desejei que ele conseguisse ir para muito, muito longe.

Sua fuga me deixou feliz, mas Indigo e eu não tínhamos essa opção. E estávamos numa grande encrenca.

Ela estava certa o tempo todo. Havia consequências em Oz. Consequências exageradas que não se relacionavam com os crimes. Se Ollie tinha sido amarrado a um poste por "insolência", qual seria a *nossa* punição?

Eu queria dizer a Indigo que sentia muito. Ela havia me alertado – até mesmo implorado –, e eu a ignorei. Mas eu sentia muito mesmo? Será que eu *não* o teria libertado? Acho que teria. O que mais eu poderia fazer?

Foi certo libertar Ollie. Mas será que era *realmente* por isso que nós estávamos sendo punidas? Seu rosto congelado se desfez, e ela caiu de joelhos, soluçando.

– P-P-Por favor – gaguejou ela, através das lágrimas. – Eu estava tentando ajudar Dorothy. Eu estava levando a traidora pra ser interrogada! Eu juro! Eu só queria ajudar! Posso dar informações!

Ela estava me traindo. Tinha que fazer isso, é claro, e eu não a culpava. Isso era culpa minha, e se implorar fosse ajudá-la, pelo menos uma de nós ia escapar dessa.

Eu sabia disso, mas, mesmo assim, doía ouvi-la me entregar.

– É isso mesmo, pequena? – perguntou friamente o Homem de Lata. – Você estava levando a forasteira pra sua princesa?

– É claro! – implorou Indigo. – Eu amo Dorothy mais que tudo. Por que eu a trairia, já que ela me deixou tão feliz?

Eu tinha que ajudá-la. Como eu não era de Oz e não conhecia todas as regras de

Dorothy, talvez eles fossem mais tolerantes comigo. Dei um passo à frente.

– Ela está certa. Ela não teve nada a ver com isso tudo.

Indigo olhou para mim. Acho que ela parecia agradecida, mas era difícil dizer.

O Homem de Lata a analisou de cima a baixo por um segundo e depois fez um sinal com a cabeça para o homem que tinha uma placa sobre a boca. A placa deslizou, abrindo-se, e revelou um dispositivo parecido com uma mangueira que se estendeu para fora, na direção de Indigo.

– O que você está fazendo? Fui eu que peguei a maçã. Fui eu que libertei o macaco. – As palavras saíam tropeçando com selvageria. Qualquer que fosse a *coisa* que estavam apontando para Indigo, parecia que ia doer.

O Homem de Lata resmungou para si mesmo, como se não me devesse nenhuma explicação.

– Guarde sua confissão para Dorothy, forasteira. Lealdade é algo muito importante em Oz. A Munchkin deve ser punida por sua covardia.

– Ela acabou de te dizer que foi leal a Dorothy.

– Talvez. Mas ela não foi leal a você. De qualquer maneira, ela é culpada do crime.

– Do que você está falando? Você não pode ter tudo de uma vez. Ou ela é culpada por ser desleal a Dorothy ou é culpada por ser desleal a mim.

– De fato. – O rosto de metal do Homem de Lata, de alguma forma, conseguiu parecer agredido. – Agora. A punição.

A arma em forma de mangueira se estendeu dos lábios do Soldado de Lata. Ela girou e se contorceu, se ajustando enquanto colocava Indigo na mira. A Munchkin ofegava, os joelhos trêmulos.

– Corra – falei de novo. – Corra! – gritei, desejando que ela se levantasse. Ela não escutou. Nem abriu os olhos.

O Soldado de Lata disparou, e o dispositivo fez um barulho de estouro.

Um leve suspiro de alívio desesperado escapou dos meus lábios quando vi o que saiu de sua boca: um fluxo de bolhas iridescentes. Era só isso? Eu queria rir enquanto as bolhas de aparência inocente flutuavam na direção de Indigo, disparando para a frente num fluxo divertido. Elas começaram a se juntar como abelhas no mel.

Mas, em vez de estourarem ao encostarem nela, as bolhas grudaram nas suas roupas e na sua pele. Indigo batia nas bolhas freneticamente, mas não adiantava nada. Elas resistiam. Meus olhos se arregalaram quando as bolhas começaram a derreter na sua carne.

Dei um passo à frente para ajudá-la – para fazer qualquer coisa –, mas, antes que eu conseguisse chegar até ela, a lâmina da Braço-de-Espada me atingiu. A garota a pressionou na minha jugular.

– Me desculpe! – falei para Indigo. – Sinto muito.

Ela olhou para mim nesse momento.

– Não. Você estava certa. Por favor, ajude-nos – disse ela. – Você é do Outro Lugar. Você é como ela. Você pode fazer alguma coisa.

Uma expressão calma atravessou seu rosto – calma demais. Tipo, calma com em um adeus. E então as bolhas cobriram seu rosto também.

Enquanto as bolhas se misturavam ao seu corpo, as tatuagens se separaram de sua pele e saíram dela, a tinta formando uma massa brilhosa inconstante. Indigo estava derretendo.

Mal dava para reconhecê-la, agora. Ela era apenas um grande bloco de carne grudenta rosada, os braços e pernas mal discerníveis como membros, suas feições parecendo apenas manchas disformes onde seu rosto deveria estar.

– Faz isso parar – implorei, ainda chorando. – Por favor. Eu não queria... eu não sabia. Ela não devia pagar pelo que eu fiz. Por favor.

– Detesto estourar sua bolha – disse o Homem de Lata com um sorrisinho cínico –, mas ignorância não é desculpa. Você pode contar a história toda pra Dorothy. A princesa está... curiosa em relação a você.

Pop!

Tudo que eu conseguia ver do que havia sido Indigo era uma mancha vermelha de ossos e sangue onde ela estava ajoelhada alguns segundos atrás. Tive ânsia de vômito, mas nada saía. Eu me dobrei, coloquei as mãos nos joelhos, tentando respirar.

Ela havia escrito a história do mundo na pele para que permanecesse viva. E o Homem de Lata e seus capangas a tinham apagado apertando um botão.

– É muito nojento, mas descobrimos que isso detém as pessoas – comentou o Homem de Lata.

Este lugar era insano. Ele era insano. Achei que tinham dado um coração para ele – como foi que ele se tornou *isso*?

– Agora, quanto a você – ouvi-o dizer. Parecia que ele estava falando comigo do outro lado de um túnel comprido. – A princesa está *muito* interessada em conhecer a garota que caiu do céu. – Ele fez uma pausa antes de dizer para seus homens: – Levem-na. – Não resisti quando eles me agarraram. Não falei nada. Eu *não podia* falar nada.

Tudo ficou preto. Eu me tornei uma sombra, como eles.

NOVE

Estávamos em pé no meio da estrada e, de repente, não estávamos mais. O mundo ficou borrado diante de mim por um segundo, num redemoinho de cores. Pisquei com força, tentando evitar ficar tonta, e, quando abri os olhos de novo, estava em pé num piso de mármore brilhoso.

Olhei para cima. O Homem de Lata e seu exército metálico estavam em pé ao meu lado. A gente deve ter viajado por magia.

O salão em que estávamos era o maior em que eu já entrara. Maior do que o auditório da minha escola do ensino médio, que funcionava como ginásio. Onde deveria haver um teto, um caleidoscópio sempre mutante de arco-íris formava uma cúpula imponente, projetando uma fonte de cores vívidas sobre o par de tronos de ouro e esmeraldas majestosamente colocados em cima de um tablado.

Em todas as paredes, janelas de vitral pareciam contar uma história. Eu já conhecia a maior parte: era a história de Dorothy.

Ali estava a casa de Dorothy no ciclone. Dorothy andando pela estrada de tijolos amarelos, lado a lado com seus amigos famosos. Dorothy encarando a Bruxa Malvada do Oeste. Todos eram assim. O último painel mostrava Dorothy ajoelhada, enquanto uma garota, que eu reconheci como Ozma, colocava uma coroa em sua cabeça.

Mas onde estava o painel que explicava o que acontecera depois disso?

– Não fale enquanto não falarem com você – disse o Homem de Lata bruscamente, e eu percebi que ele estava falando comigo. – E não olhe diretamente nos olhos de Vossa Alteza.

Senti enjoo. Ele tinha acabado de matar a minha amiga e agora estava me dando uma lição de etiqueta.

Eu nunca tinha visto ninguém morrer. Achei que ia ficar com medo, mas, agora, tudo que eu queria fazer era lutar. Mais do que qualquer coisa, eu queria enfiar meu punho na

cara do Homem de Lata. Ou coisa pior.

Mas eu não era páreo para ele, quanto mais para ele e todo seu esquadrão da morte. Se eu tentasse levantar um dedo para qualquer um deles, sabia que a última coisa que ia ver era um dos arco-íris doentios, tristes e falsos de Dorothy. Não valia a pena.

O Homem de Lata não percebeu minha raiva ou não se importou. Ele estava ocupado demais me dando um sermão:

– E, pelo amor dos céus, endireite esse corpo. A princesa merece respeito. – Com isso, ele corrigiu sua postura já perfeita e franziu a testa para algo no seu braço metálico.

Era um respingo de bolha. Respingo de Indigo. Engoli em seco, lutando contra a ânsia de vômito enquanto ele usava a ponta de um pequeno canivete do Exército Suíço para raspá-la com uma expressão de satisfação particular.

Bem nesse momento, um floreio de trompetes começou a tocar do nada. O Homem de Lata e seus soldados fizeram uma reverência desajeitada – todos exceto aquele sobre rodas, que apenas baixou a cabeça. Seus membros de metal rangeram quando se ajoelharam. Eu me apressei em me ajoelhar junto com eles. Mantive os olhos firmes no chão.

Com alguns cliques, os sapatos dela apareceram bem embaixo do meu nariz.

Os sapatos tinham salto alto de pelo menos quinze centímetros, e eram de um vermelho forte, feitos com o couro mais reluzente que eu já vira. Ou talvez não fossem exatamente *reluzentes*. Eles não refletiam tanto a luz quanto pareciam brilhar de dentro para fora.

Ouvi um barulho oco ao meu lado. Vinha da armadura de metal que era o Homem de Lata.

– Ora, vejam quem está aqui – disse uma voz aguda. – Vamos lá. Levante-se.

Inspirei e me levantei devagar para encarar a proprietária dos sapatos. Ela era, ao mesmo tempo, exatamente igual e totalmente diferente do que eu poderia ter imaginado.

Essa não era a garota sobre quem eu havia lido. Ela estava usando o vestido, mas não era o *vestido* exatamente – era como se alguém tivesse cortado seu conhecido vestido em xadrez azul em um milhão de pedaços minúsculos e depois juntado tudo de novo, só que melhor. Melhor e, OK, um pouco mais curto. Na verdade, mais do que um pouco. Não

que eu estivesse julgando.

Em vez do guingão de menina da fazenda, o vestido era de seda e chiffon. O corte ficava entre alta-costura e prostituta francesa. O corpete esticava, apertava e levantava. E havia um decote.

Muito profundo.

Os peitos de Dorothy vinham até *aqui*, e as pernas até *lá*. Seu rosto era suave, imaculado e perfeito: a boca envernizada em carmim plastificado, os olhos impecavelmente delineados em prata e ouro. Os cílios eram tão longos e cheios que provavelmente criavam uma brisa quando ela piscava. Era difícil dizer sua idade. Ela podia ter a minha idade ou muitos anos a mais. Ela parecia imortal.

O cabelo era puxado em duas ondas castanho-profundo que desciam pelos ombros, cada uma amarrada com uma fita vermelha. Os olhos azuis penetrantes estavam fixos em mim. Eu sabia que devia olhar para o chão, como o Homem de Lata havia me instruído. Em vez disso, me perdi em seu olhar. Não consegui evitar.

Seus olhos não pareciam malignos. Pareciam curiosos e quase gentis. Como se ela estivesse apenas tentando me decifrar. Ela era tão linda que foi difícil imaginar que era responsável pela morte de Indigo ou qualquer das outras atrocidades que me disseram ser culpa dela.

Enquanto estávamos em pé ali, cara a cara, o Homem de Lata rangeu para sair da reverência e começou a falar.

– Em nome de Ozma de Oz – disse ele –, por ordem da Princesa Dorothy, eu, o Homem de Lata de Oz, Grande Inquisidor da Polícia das Esmeraldas, apresento...

Sem desviar o olhar de mim, Dorothy acenou a mão com unhas perfeitas para ele, que se calou imediatamente. Ela o interrompeu com uma voz entediada.

– Deixa eu dar uma olhada nela. Qual é o seu nome?

– Amy Gumm. – Minha voz saiu mais alta do que eu esperava. Parecia pertencer a outra pessoa.

Tentei inspirar o mais superficialmente possível enquanto ela andava em um círculo lento ao meu redor, o salto dos sapatos fazendo *claque-claque-claque* no piso de mármore verde.

Conforme ela me analisava, percebi, pelo canto do olho, que, enquanto eu estava concentrada em Dorothy, duas outras pessoas tinham entrado no salão.

Eu os reconheci instantaneamente. Num dos tronos – o maior –, estava sentada a garota que reconheci do holograma – ou o que quer que fosse – na estrada. Era Ozma, com o olhar atordoado e vazio. Os olhos estavam abertos, mas não havia ninguém lá dentro. Eu me perguntei se essa era realmente ela ou apenas mais uma ilusão.

Ao lado de Ozma estava um homem alto e magro, vestido com um terno azul-claro um tamanho menor que o dele. Sob um chapéu pequeno, fios de palha e linha se destacavam em todas as direções. Seu rosto era um novelo de aniagem bem justo com dois botões enervantemente naturais costurados no lugar dos olhos. Os lábios eram linhas finas de bordado costuradas em um tom marrom-rosado sob um triângulo vermelho pintado no lugar do nariz. Seus botões estavam fixos em mim.

Um arrepio percorreu meu corpo. Era o Espantalho. Assim como o Homem de Lata, ele tinha sido deformado e distorcido em algo que eu mal reconhecia.

– Agora, Amy – dizia Dorothy. – Isso é muito, muito importante, e eu preciso que você seja totalmente sincera comigo. – Ela começou a andar devagar em direção ao trono vazio ao lado do de Ozma, onde sentou, jogou o cabelo e cruzou as pernas.

Se eu não tivesse lido a história, não acreditaria que ela um dia tinha morado numa fazenda. Dorothy descartara aquela garota havia muito tempo e a substituíra por uma princesa segura e arrogante. Seu pescoço se esticava para cima como se estivesse procurando a luz perfeita. Sua voz era jovial, mas havia uma ameaça rondando em algum lugar por ali também.

Eu me preparei para suas perguntas, tendo a distinta impressão de que ela seria capaz de perceber qualquer mentira.

– O que você acha do meu cabelo? – ela exigiu saber. E passou uma unha vermelha comprida por uma das mechas.

Ela tinha que estar brincando.

– Então? – perguntou ela.

Ela não estava brincando. Minha vida estava prestes a ser julgada pelo modo sincero como eu fazia um elogio trivial.

Por sorte, eu tinha muita experiência com garotas populares mimadas. Madison Pendleton me ensinou direitinho.

– Ele é *muito* lindo – falei com doçura. – E tão *brilhante*! – acrescentei como um bônus quando ela não pareceu convencida.

Dorothy sorriu, bateu palmas e se inclinou para Ozma com uma expressão de profunda confidencialidade.

– Ozma também gosta do meu cabelo – disse ela, num sussurro de atriz. Ozma simplesmente continuou olhando direto para a frente com uma expressão imutável.

Sentindo que eu estava me saindo bem, decidi continuar. Talvez a bajulação me levasse a algum lugar – por exemplo, *para longe desse inferno*.

– Já li muito sobre você. Vi o filme, tipo, um milhão de vezes.

Dorothy ficou radiante.

– Sério? O que você quer dizer?

– Ah, você sabe – respondi, trêmula. – Você é, tipo, um ícone no lugar de onde eu venho.

De repente, ela semicerrou os olhos para mim.

– E onde, exatamente, é esse lugar? – perguntou ela.

– Kansas – respondi. – Nos Estados Unidos.

Seu rosto ficou instantaneamente sombrio.

– Kansas – disse ela devagar. – Você é do Kansas.

– Você conhece? – perguntei, e um toque de sarcasmo insensato se infiltrou na minha voz. Eu sabia que era a coisa errada a dizer, mas não consegui me impedir. É minha maior fraqueza: eu nunca consigo.

– E como foi que você *chegou* aqui do Kansas, srta. Gumm? – perguntou ela de um jeito enfático.

– Bom...

Ela arqueou uma sobrancelha aparada demais e inclinou a cabeça, esperando minha resposta. No meu bolso, senti Star se contorcendo e a apertei com força, esperando que entendesse a mensagem para se acalmar. Eu tinha uma sensação muito forte de que a princesa não ia aceitar o fato de que eu levara uma roedora para sua corte real.

Star se acalmou, graças a Deus, mas ela havia me distraído momentaneamente, e agora Dorothy estava esperando a resposta. Ela pigarreou, impaciente.

– O que a *trouxe* até aqui, srta. Gumm? Não me obrigue a repetir.

Eu sabia que devia ter inventado uma mentira. Mas de que adiantava, agora? Tinha a sensação de que eles sabiam mais sobre mim do que estavam revelando, de qualquer maneira. Esse provavelmente era o único motivo para eu estar viva, e Indigo, não.

– Um tornado – falei, exibindo um sorriso.

Os pelos na minha nuca estavam arrepiados. Dentro do bolso do meu casaco de moletom, senti Star tremendo. Eu tinha quase certeza de que, pelo menos, eles não sabiam *dela*.

– Ora, sua... *mentirosa* – cuspiu Dorothy. – Como você tem coragem?

Abri a boca para mentir – uma mentira de verdade, desta vez. Para dizer que não, eu não tinha vindo do Kansas de jeito nenhum.

Era tarde demais. O rosto de Dorothy estava queimando com uma raiva ressentida.

– Sou a única. Só pode *haver* uma.

Meu estômago se contorceu. Eu entendia. Nós duas tínhamos a mesma história. Era como se estivéssemos usando o mesmo vestido para o baile de formatura. Só que não era uma festa. Dorothy achava que o fato de ela cair aqui era coisa do destino – que isso a tornava especial. Outra garota do Kansas significava que isso na verdade era um acontecimento normal e que ela não era nem um pouco especial. Ou, pior ainda, que eu estava aqui para roubar seu lugar.

Fiz o melhor possível para enrolar, tentando não tropeçar nas palavras.

– Vossa Alteza, sou só uma garota comum do Kansas. Não sou *nada* parecida com você. Você é uma princesa. Olhe pra você. Eu não me interesso por isso. Só quero ser eu mesma, nunca desejei nada do que você tem.

Eu só estava tentando tranquilizá-la, mas, enquanto dizia as palavras, percebi que eram verdadeiras. Eu não queria nada do que Dorothy tinha. Eu não queria ser nada parecida com ela.

Dorothy deu um assobio de escárnio.

– Mais mentiras! Se você vem de onde eu vim, tudo que você *faz* é desejar. E, se

tivesse pelo menos um gostinho do que eu tenho, nunca ia parar de desejar.

Ela deu um tapinha na ponta de um dos sapatos para ilustrar sua opinião.

– Só pode haver uma – repetiu ela, através dos dentes trincados.

Dorothy se levantou. Seu rosto estava retorcido com uma fúria mal disfarçada.

– Levem-na – exigiu ela.

O Espantalho virou para Dorothy.

– Vossa Alteza – disse ele, com uma voz calma e tranquilizadora. – Talvez devêssemos deixar o Homem de Lata analisar as acusações contra ela.

O Homem de Lata pegou seu papel idiota e pigarreou para ler em voz alta. Mas Dorothy não quis saber.

– Levem-na *daqui*! – Seu grito reverberou pelo salão, ecoando nos meus ouvidos. Seu rosto tinha ficado bem vermelho, e os punhos estavam fechados com tanta força nas laterais que chegavam a vibrar.

Minhas pernas entortaram para dentro. Senti que estava observando a cena toda se desenrolar de algum lugar bem longe. Do meu novo ponto de vista distante, procurei a mim mesma, em busca de algum fiapo da força, da raiva e da teimosia que sempre me serviram tão bem. Procurei alguma arma secreta enterrada em mim profundamente para me ajudar a sair dessa.

Não encontrei nada. Caí de joelhos, tremendo.

Ninguém mais no salão sequer hesitou.

– Amy Gumm do Kansas – disse calmamente o Homem de Lata –, você será julgada pelo crime de traição daqui a uma semana...

Pela primeira vez, Ozma agiu por conta própria, soltando uma risadinha alta e alegre. Os olhos de Dorothy ainda me perfuravam.

– Se for considerada culpada – disse o Homem de Lata –, será sentenciada a um Destino Pior do Que a Morte.

DEZ

Minha cela na prisão era um cubo perfeito, toda branca, sem um fiapo de sujeira. As paredes eram de calcário branco, recém-lavadas, e a minúscula cama no canto também era toda branca.

Assim que o Homem de Lata bateu a porta da cela depois de me jogar lá dentro, a porta simplesmente desapareceu, como se nunca tivesse existido. Eu me encostei na superfície fria e lisa da parede onde a porta tinha estado pouco antes, procurando uma rachadura, uma fenda, qualquer sinal de que havia uma saída – que um dia houve uma entrada. Não encontrei nada.

No entanto, existia uma *janela* no cômodo. Não tinha mais do que trinta centímetros de largura e emoldurava a pequena faixa do céu noturno estrelado. Então Dorothy deve ter finalmente decidido deixar o sol se pôr, no fim das contas. Quando fiquei na ponta dos pés, mal pude identificar a vista verde reluzente da Cidade das Esmeraldas se destacando na escuridão.

Para chegar até esta masmorra, eu tinha sido escoltada para descer o que pareceram centenas de degraus. Parecia impossível haver uma janela tão aqui embaixo, no fundo das entranhas do palácio. Mas lá estava ela.

Tinha que ser magia. Será que os degraus eram só uma ilusão, ou era a janela? E por que havia uma janela aqui, afinal? Parecia improvável meus captores se importarem se eu estava confortável ou não.

Bom, era limpa. E tinha uma vista. Essa era a lista completa dos luxos da minha prisão. Quando deitei na cama que ficava no canto, descobri que era dura como pedra. Isso era porque não havia colchão: a cama parecia pedra porque *era* de pedra.

Fiquei deitada ali, tentando pensar no que eu ia fazer em seguida, e, ao mesmo tempo, tentava abafar minha crescente sensação de pânico. Enquanto isso, Star estava investigando, cheirando as paredes, arranhando o chão, provavelmente procurando uma

saída ou, talvez, só alguma coisa para comer. Ela não teve sorte em nenhuma das duas coisas. Quando viu que eu estava acordada, abandonou a busca e pulou na cama ao meu lado.

Tentei manter os olhos abertos. Eu poderia dormir quando estivesse morta, e, se eu não quisesse que esse tipo de sono chegasse rápido, tinha que encontrar um jeito de sair.

Mas eu estava exausta demais. E nem sabia ao certo há quanto tempo estava acordada. Antes que eu percebesse, estava dormindo.

* * *

Quando acordei, o céu do lado de fora da janela ainda estava escuro. Há quanto tempo?, eu me perguntei. Dorothy controlava o sol no céu. De acordo com Indigo, ela basicamente controlava o tempo por aqui. Como é que eu ia escapar de um poder desses?

– Star – falei –, estamos total e completamente ferradas. – Além de todo o resto, eu estava me transformando numa daquelas pessoas que conversa com o animal de estimação.

Eu mal estava aqui há um dia e já começava a me sentir maluca.

No desespero, sabendo que não ia me fazer bem nenhum, eu me levantei e soquei a parede até meu punho latejar de dor. Tentei mover a cama até a janela, mas ela estava plantada ali. Quando isso não funcionou, pulei e tentei agarrar a moldura da janela para me suspender até o peitoril.

Simplesmente fiquei pendurada ali, sem forças. Nunca fui uma atleta e, infelizmente, nunca ia me tornar uma. Nem mesmo sob a pressão da morte.

Gritei. Gritei até a garganta doer. Não recebi nada além de um eco em resposta. Era como se as paredes absorvessem tudo que eu jogava nelas.

Meu corpo todo parecia uma grande contusão, mas nada adiantava. Eu só estava desperdiçando energia.

Deitei na cama para pensar e, em pouco tempo, estava dormindo de novo.

Quando acordei e vi que a lua ainda brilhava pela janela, finalmente percebi por que tinham colocado a janela aqui. Ela estava ali para me enlouquecer. Para me fazer continuar tentando adivinhar há quanto tempo eu estava aqui, para me dar esperança de

que havia uma saída.

Virei, surpresa, ao ouvir uma chave na porta. Espera... que porta? Mas lá estava ela de novo: uma linha preta fina começou a aparecer do nada, um retângulo preto que se desenhava na parede branca vazia. Mesmo depois de tudo isso, eu ainda sentia certa emoção ao ver a magia em ação.

Mas aí a porta começou a se abrir, e essa emoção desapareceu instantaneamente. Eu não sabia quem estava entrando, mas, quem quer que fosse, não seria uma pessoa boa.

Eu estava em pé, com os punhos fechados. Se era para eu ser derrotada, eu faria isso lutando.

O rosto que eu vi um instante depois de a porta desaparecer na parede foi tão inesperado que precisei de um instante para colocá-lo no contexto. Misturei suas feições na minha mente como um quebra-cabeças, tentando encaixá-lo.

Ele entrou no cômodo, e eu instantaneamente reconheci o cabelo bagunçado e os olhos verdes cintilantes.

Era o garoto que não me disse seu nome. O que salvou a minha vida lá na cratera.

– Você! – exclamei, meus punhos se abrindo e minha coluna relaxando. Pela primeira vez em não sei quanto tempo, literalmente, me permiti sentir esperança. Ele havia me salvado uma vez. Será que estava aqui para me salvar de novo?

O garoto simplesmente levou um dedo aos lábios e acenou na direção da janela. Foi aí que eu percebi os corvos pela primeira vez. Havia vários deles, todos empoleirados no peitoril do outro lado do vidro, olhando para dentro.

Um dos pássaros inclinou a cabeça. A coisa tinha orelhas – orelhas humanas, enxertadas de um jeito deselegante nos dois lados da cabeça. Um segundo se passou, e o corvo ao lado do primeiro grasnou alto, me encarando. Ele piscou uma vez, duas vezes, com grandes pálpebras humanas.

Gritei, assustada, mas o garoto bateu no vidro algumas vezes e eles desapareceram na noite.

– Você tem que tomar cuidado com eles – explicou o garoto. – São chamados de Entreouvidos. O Espantalho os fabrica no seu laboratório. São espiões, mas a parte boa é que eles são bem burros. É irônico, na verdade: a única coisa que ele não conseguiu

descobrir é como dar cérebro a eles. Eles te veem e te escutam, mas são burros demais para entender qualquer coisa, então não são muito bons em relatar nada. Se você tiver cuidado perto deles, são basicamente inofensivos. Mais um dos experimentos fracassados dele.

– Quem é você? – perguntei. Ali estava ele, agindo como se entrar sorrateiramente aqui não fosse nada demais. E ele não estava fazendo nenhum movimento para me salvar. Talvez eu não devesse confiar nele.

– Desculpa. Acho que não cheguei a me apresentar. Sou Pete – disse ele. – Mas você não precisa sussurrar, agora que eles foram embora.

Pete? O nome parecia comum demais para ele. De qualquer maneira, apesar de ser útil finalmente saber seu nome, não era exatamente o que eu estava perguntando.

Eu queria respostas.

– Não. – Falei isso com firmeza, colocando um ponto final cuidadoso ao final da palavra. – *Quem é você* no sentido de por que você está aqui? No sentido de o que você quer comigo? No sentido de como foi que você entrou aqui? No sentido de quem é você, *porra*?

Sem querer, eu estava gritando. Desejei que os Entreouvidos estivessem bem longe.

Pete se virou, surpreso pelo meu surto, mas respondeu calmamente às minhas perguntas.

– Sou Pete – disse ele outra vez. – Estou aqui porque sei que você pode enlouquecer aqui embaixo sem ter com quem conversar, e não quero que enlouqueça. Foi por isso que eu roubei uma chave. Eu trabalho no palácio. – Pete olhou com nervosismo para Star, que o encarava furiosa embaixo da cama. Ela também não confiava nele. – Estou aqui pra te fazer companhia. Pelo tempo que eu puder, pelo menos.

Nada nessa história fazia sentido. Como foi que ele me encontrou no exato instante em que pousei em Oz? Como foi que ele descobriu que eu estava aqui embaixo? Se eu estava numa prisão mágica sem porta, como ele simplesmente "roubou" uma chave? Ele definitivamente não estava me contando tudo. O que me levou à próxima pergunta: será que ele realmente estava do meu lado?

– Você trabalha no palácio?

– Sou jardineiro.

– Então, você trabalha pra *ela*.

Ele podia muito bem ser como a janela. Só mais uma coisa para me torturar com uma esperança falsa.

A menos que ele não estivesse aqui para me dar esperança.

– Sou só um jardineiro – disse ele. – Trabalho pro jardineiro chefe. O jardineiro chefe trabalha pro mordomo real. Eu nunca falei com Dorothy.

Ele estava mentindo. Não havia dúvida na minha mente: seus olhos eram grandes e luminosos demais. Não dava para esconder nada por trás de olhos como aqueles.

E, mesmo assim... ele já tinha me salvado uma vez. Por que ele teria feito isso se estivesse trabalhando para Dorothy?

Pete se apoiou na parede. Eu não tinha saído da minha posição defensiva no canto.

– Devo ir embora? – perguntou ele. Naquele momento, parecia só um garotinho. – Eu não tinha a intenção de incomodar. Achei que podia ajudar.

– Se você for embora – falei –, eu te mato.

Eu só disse isso porque estava com raiva. Mas isso me deu uma ideia.

De supetão, eu me joguei em cima dele e o agarrei pela garganta antes que ele pudesse reagir. Enfiei o joelho na sua virilha. A boca de Pete se abriu em um *O* perfeito de choque. Eu não achava que conseguiria encará-lo numa briga, mas *ele* podia não saber disso. Se eu o assustasse o suficiente, talvez ele pensasse que eu era mais perigosa do que realmente era.

Funcionou, acho. Pelo menos, ele não resistiu.

– Me dá a chave – falei.

– Pode pegá-la, se é isso que você quer – disse ele. – Eu te dou. Mas não vai servir pra muita coisa. Não é só a fechadura que está te mantendo aqui embaixo. No instante em que a cela for desocupada, todos os alarmes vão tocar. Eles vão saber que você escapou; vão pegar você antes que consiga andar um metro e vão te jogar aqui de novo. Isso se você tiver *sorte*. O mais provável é que desistam do julgamento e simplesmente te mandem direto pro Espantalho. Confie em mim: se você acha que isto aqui é ruim, vai ser pior ainda.

Inclinei a cabeça. Pensei em diminuir a pressão no seu pescoço. Em vez disso, apertei mais e empurrei o joelho um centímetro para a frente. Ele fez uma careta, mas não disse nada.

– Se eu pegar a chave e te deixar aqui no meu lugar, a cela não vai ficar desocupada. E não teremos alarmes.

Ao ouvir isso, Pete ergueu as sobrancelhas, surpreso. Talvez ele não esperasse que eu estivesse desesperada o suficiente para trocar minha liberdade pela dele. Sinceramente, eu mesma estava um pouco surpresa.

Mesmo assim, essa foi toda a reação que eu consegui.

– Você pode fazer isso – disse ele com calma. – Se é assim que quer jogar. De qualquer maneira, não vai adiantar nada pra você. Estamos bem fundo no subsolo aqui, e as entradas pras masmorras são sempre vigiadas. Você pode sair da cela, mas ainda assim vai ter que passar pelos guardas.

– Vale o risco.

– Talvez sim. Talvez não.

Ele estava certo, é claro. Senti a derrota se infiltrando por todos os poros. Era inútil. Eu o soltei e fui até minha suposta cama, onde sentei na beirada e enterrei o rosto nas mãos.

– Ei – disse ele. Senti sua mão no meu ombro e levantei o olhar, encontrando-o em pé diante de mim. – Se significa alguma coisa pra você, tenho tentado pensar num jeito de te tirar daqui. Não consigo encontrar um jeito. Você é importante demais para Dorothy, é um milagre eu ter conseguido pegar a chave e me esgueirar até aqui embaixo. Mas vou encontrar um jeito, tá? Ainda tenho alguns truques na manga.

– Por quê? – perguntei, meus olhos subitamente marejados. – Por que você está tentando me ajudar?

Ele virou a palma das mãos para o teto, como se dissesse *Por que não?*

– Porque é a coisa certa?

Ele sentou ao meu lado na cama, mantendo uma distância segura entre nós.

Revirei os olhos.

– Ninguém faz nada só porque é a coisa *certa* – falei.

– Você faz.

– Eu faço?

Talvez isso fosse verdade, mas, mesmo que fosse, como ele poderia saber? O tempo total de todos os nossos contatos devia somar no máximo vinte minutos.

– *Você* faz – disse Pete, desta vez com ênfase. – Exceto quando você ameaçou me matar, na verdade.

Tive que rir disso.

– Mas eu não te matei *de verdade*, então não conta.

– Sério – disse ele. – Todo mundo no palácio está sussurrando sobre a mais recente prisioneira de Dorothy. Eu sabia que tinha que ser você. A garota que eu resgatei da casa de lata. Desde que eu te vi, tive uma sensação. Eu me sinto responsável por você.

Só então me ocorreu que esta era a primeira vez que eu tinha um garoto na minha cama. As circunstâncias eram menos do que ideais.

Não que importasse, num momento como este. Eu estava presa numa cela num reino estranho, enfrentando a sentença inevitável de um Destino Pior do Que a Morte. Não era hora de escolher um namorado.

– Como você sabia que eu estaria lá? – perguntei. – Quando meu trailer caiu perto da cratera. Se você trabalha tão longe, aqui no palácio, como sabia que eu estava lá? Quero dizer, você chegou lá no momento exato. Um segundo a mais e eu teria caído lá dentro.

– Eu simplesmente tive uma intuição – disse ele, se ajeitando na cama. – Eu só... não sei. Era como se alguém estivesse me chamando pra lá, e eu fui.

Parte de mim não se importava que ele obviamente estivesse mentindo. Ele estava certo – depois de tantas horas trancada aqui dentro, sozinha, realmente ajudava o simples fato de ele estar sentado ao meu lado. O simples fato de ouvir outra voz humana, de ser capaz de fazer uma pergunta e receber uma resposta, mesmo que não fosse a resposta certa.

Contudo, aquele olhar distante e distraído atravessou seu rosto de novo, o mesmo olhar que eu vira no dia em que o conheci, pouco antes de ele ir embora. Era o olhar de alguém tentando identificar uma melodia distante que só ele conseguia escutar.

Seu corpo pareceu piscar, ficar nebuloso nas bordas, mas isso foi tão fraco que eu não

tinha certeza se não era minha imaginação. Me fez lembrar do holograma de Ozma que vimos na estrada.

Ele se levantou abruptamente. Desta vez, no entanto, eu já imaginava o que ia acontecer.

– Sinto muito – disse ele. – Tenho que ir.

– Por quê...? – perguntei.

– Sinto muito – repetiu ele. – Vou tentar te ajudar, se puder. – Então, antes que eu pudesse protestar, antes mesmo que eu pudesse me levantar para me despedir, ele tirou uma grande chave de latão do bolso da calça branca larga de jardineiro. Atravessou a cela em três passos rápidos e enfiou a chave num espaço da parede onde não havia uma fechadura. Ondas se formaram ao redor, como se ele tivesse acabado de jogar uma pedra num lago.

A porta apareceu. Ele a abriu com um empurrão.

– Pete – falei. Minha voz falhou inesperadamente quando eu disse isso. Eu só queria que ele olhasse para mim. Ele não fez isso. Ele saiu, a porta voltou a se selar, e eu estava sozinha de novo.

ONZE

Depois disso, eu realmente perdi a noção do tempo. Dormi, sentei, dormi mais um pouco e me forcei a engolir as tigelas nojentas de mingau que, de vez em quando, sem aviso, se materializavam no chão sempre limpíssimo da minha prisão.

Olhei pela janela maligna encantada. Às vezes era dia, às vezes, noite. Quando a lua aparecia, eu tentava analisar a passagem do tempo por suas fases, mas não funcionava. Ela ficava cheia num instante e, no seguinte, virava uma lua crescente fina e, em seguida – quando desviava o olhar e depois voltava a procurá-la –, sumia completamente.

Gastei uns quinze minutos brincando de esconde-esconde com Star, mas foi inútil. Não havia lugar para se esconder exceto embaixo da cama, e, de qualquer maneira, só Star era pequena o suficiente para caber ali.

Sem nada para fazer exceto pensar, minha mente ficava voltando para minha mãe. Eu sentia vergonha de mim mesma por ter pensado tão pouco nela desde que cheguei a Oz, mas agora não conseguia parar de me perguntar se ela havia sobrevivido ao tornado, se estava me procurando ou se estava caída em algum lugar, bêbada ou drogada ou qualquer outra coisa.

Se houvesse ao menos uma chance de ela estar por aí, me procurando ou esperando que eu chegasse em casa bem, eu não podia desistir. Eu tinha prometido a mim mesma que faria qualquer coisa para ajudar Ollie e sua família, pensando que minha mãe estava além da minha ajuda – mas agora eu percebia que, não importa a que distância minha mãe estava, não importa se ela estava muito longe, eu sempre teria um senso de responsabilidade em relação a ela.

Por outro lado, eu não estava exatamente numa posição de ajudar *ninguém* neste momento. Sinceramente, eu é que precisava de ajuda.

* * *

Depois de dois ou três dias – acho, mas quem sabe? –, Pete veio me ver de novo.

– Não tenho muito tempo – disse ele, entrando pela porta. Sua voz estava tensa com um pânico atípico. – Seu julgamento é amanhã – explicou ele. – A notícia se espalhou por todo o palácio.

Eu me levantei e sentei na cama num pulo. Eu estava aqui embaixo havia tanto tempo que quase me esqueci que seria julgada. O olhar selvagem de Pete me fez lembrar que, por piores que as coisas estivessem, ainda podiam piorar.

– O que um julgamento envolve, exatamente? – perguntei, ainda com alguma esperança irracional de que talvez eu fosse inocentada.

Ele balançou a cabeça e olhou para as próprias mãos.

– Simplesmente me fala – pedi. – Talvez tenha algum segredo. Coisas assim sempre funcionam nos contos de fadas.

– Você sinceramente acha que isto aqui é um conto de fadas? – perguntou Pete.

– Só me diga o que esperar.

Ele suspirou, finalmente cedendo.

– A corte de cangurus de Vossa Alteza. É uma piada total – disse ele. – Acho que o único motivo pra ela se incomodar em fazer julgamentos é porque gosta de usar a peruca branca grande. Quando você vai a julgamento, já é culpado. Acho que nunca houve um veredicto de inocência desde que a corte começou a existir.

Diante da minha iminente sentença do Destino Pior do Que a Morte, achei que eu estava surpreendentemente calma. Talvez isso simplesmente não me parecesse real.

– E o que eu faço? – perguntei.

Pete olhou para as mãos. Ele bagunçou o cabelo e olhou para mim num pedido de desculpas envergonhado.

– A gente pode tentar escapar – disse ele. – Talvez nós dois conseguíssemos lutar e passar pelos guardas.

Nós dois sabíamos que essa era uma ideia idiota.

– Isso simplesmente vai fazer com que *nós dois* sejamos mortos – falei. – Qual o sentido disso?

– É – disse ele. – Eu sei.

– E a magia? Quero dizer, estamos em Oz, certo? Não tem um feitiço que poderia funcionar? Não precisa nem ser muito bom.

Ele balançou a cabeça.

– Nunca aprendi a fazer magia – disse ele. – Nunca fui bom nisso, e ninguém achou que era importante um jardineiro aprender magia, ainda mais depois que Dorothy tornou ilegal que qualquer pessoa a praticasse, exceto ela e seus amigos. Eu nem seria capaz de entoar um feitiço simples de destruição sem disparar os alarmes mágicos e também ir a julgamento.

– Não tem outra pessoa? Você conhece alguém que te daria, tipo, um amuleto místico ou coisa assim? Quero dizer, eu não sei...

– Já pensei nisso. Falei com todos os especialistas ilegais em que consegui pensar, e nenhum deles quer ajudar. É arriscado demais. De qualquer maneira, duvido que isso funcionasse aqui embaixo. Há proteções antimagia em toda parte das masmorras. É preciso ser muito poderoso pra quebrá-las. Tipo, poderoso como a Glinda.

– Um sapato mágico seria bem útil neste momento, né? – comentei.

– Sério. Talvez... – Ele se interrompeu.

– Talvez o quê?

– Nada. Só que... pode ter uma pessoa que...

– Quem? – perguntei, ansiosa.

– Não – respondeu ele. – Nunca ia...

– Quem?

Ele falou com determinação desta vez.

– Não. Nunca vai funcionar.

– Por favor – falei. – O que você puder fazer. Por favor, tente.

Pete fez que sim com a cabeça.

– Tá bom – disse ele. – Vou perguntar. Mas é um tiro no escuro. Um tiro na escuridão total.

Nós dois ficamos calados. Arranhei as paredes de pedra ao lado da minha cama, tentando fazer uma marca. Qualquer marca. Como nas tatuagens de Indigo. Todos nós tínhamos um jeito de dizer *Eu estive aqui*.

– Escuta – disse Pete. – Amy.

Levantei a cabeça de repente.

– Sim?

Ele tirou algo do bolso e veio na minha direção.

– Não é muita coisa. Mas talvez você possa usar isto. – Do bolso, ele tinha tirado uma pequena faca de cozinha e a colocou na minha mão.

Ele estava certo. *Não era* muita coisa. Mas era algo, e ele estava me dando.

– Obrigada – falei. Eu me aproximei do seu rosto e dei um beijo solene na sua bochecha.

– Me desculpa por não poder fazer mais.

– Eu vou conseguir – falei com firmeza. Nesse ponto, eu sentia que não tinha nenhuma escolha a não ser continuar acreditando. Foi quando eu me lembrei de mais uma coisa. Era importante. – Espere – falei. E me enfiei embaixo da cama para pegar Star.

Eu a odiei desde o instante em que a minha mãe a levou para casa. Eu odiava a responsabilidade de cuidar de uma coisa que nunca quis e odiava como minha mãe parecia se importar mais com uma roedora do que comigo. Ou pelo menos ela se importara com ela até *parar* de se importar. Star e eu meio que estávamos no mesmo barco, nesse sentido.

Uma onda inesperada de emoção atingiu algum lugar da minha caixa torácica. Ela fora uma companheira fiel desde que eu chegara aqui. Era a última coisa que eu tinha para me conectar ao lugar de onde eu viera. E havia sido uma boa amiga. Mesmo sem saber falar.

Aninhei seu corpo peludo nas mãos e dei um último beijo na testa dela.

– Leve ela pra mim – pedi. – Mantenha-a em segurança.

Eu a odiava, mas, agora, não queria deixá-la ir embora. Star não estava tão sentimental. Ela saiu das minhas mãos para as de Pete sem olhar para trás.

– Ótimo – disse ele. – Tudo que eu sempre quis. Uma ratinha.

Sorri.

– Faça isso.

Ele a levou até o rosto e deixou que ela o lambesse.

– Tá bom. Eu vou levá-la – disse ele. – Mas não vou ficar com ela para sempre. Só até você estar em segurança e poder pegá-la de volta. – Ele a colocou no bolso da camisa, e Star soltou um gritinho de felicidade.

– Vá – falei, dando permissão a ele, para ele não precisar pedir.

– Eu não... – disse ele.

– Pode ir. Vou ficar bem. Mas, se você conhecer alguém que te deva um milagre...

– Vou ver o que posso fazer – disse Pete.

Ele colocou a chave na parede. A porta se abriu. Eu o observei indo embora.

DOZE

Eu estava preparada para eles quando vieram me buscar no dia seguinte. Fiquei andando de um lado para o outro da cela a noite toda, fazendo planos, nenhum deles muito bom. Se eu ia cair, faria isso chutando e gritando. Sem mencionar mordendo, arranhando e puxando cabelo. E, é claro, esfaqueando. Minha faca – por menor que fosse – não saiu da minha mão.

Eu os escutei muito antes que me alcançassem. O Homem de Lata e seus soldados de metal fizeram muito barulho para descer todos aqueles degraus de mármore.

Enquanto eles vinham rangendo na minha direção, eu me agachei no canto mais próximo de onde eu sabia que a porta ia aparecer e esperei. Não sabia exatamente o que faria quando eles chegassem, mas atacar o Homem de Lata assim que a porta se abrisse e depois tentar atravessá-la seria um começo. Não era a melhor ideia que eu já tive, mas pelo menos era alguma coisa.

Tum, *poft*, *crak*, *tum*. Meu coração começou a martelar. Era hora do vai-ou-racha.

Eu estava tão concentrada em onde a porta estava prestes a aparecer e no que eu ia fazer quando isso acontecesse que nem percebi quando o ambiente começou a se encher de uma fumaça roxa nebulosa até o ar ficar tão denso que eu não conseguia ver nada. Quando ela se desfez, uma mulher com aparência muito velha estava em pé diante de mim.

Seu nariz era grande, deformado e bulboso, com uma verruga enorme e peluda bem na ponta. Trapos roxos mal cobriam sua carne flácida e enrugada. E, para completar, ela usava um chapéu preto tão surrado que parecia cinza, e sua ponta estava bem em pé.

Uma bruxa, pensei.

Ela tinha uma aparência impossivelmente velha, o rosto era uma grande ruga com olhos pretos como carvão que pareciam eternos. Quando olhei dentro deles, de alguma forma, entendi, num olhar, que ela era tão velha quanto a própria Oz.

Uma brisa fria e forte atingiu meu rosto.

Dei um passo para trás. Eu não sabia se devia ficar assustada ou feliz. No geral, estava só confusa.

– Quem é você? – perguntei. Dava para ouvir os passos do Homem de Lata ficando mais altos. – Como você entrou aqui?

– Sou Mombi – respondeu ela, numa voz estridente. – E como você *acha* que eu entrei aqui?

– *O que* você é, então? – indaguei.

Ela me deu uma piscada travessa.

– *Mais uma* pergunta pra qual você já sabe a resposta. Mas vou te dar uma dica de qualquer maneira: sou do tipo malvada. Agora, você vem comigo ou não?

Eu estava feliz por ela não ser o Homem de Lata, mas eu não tinha a menor ideia de quem era essa pessoa. Eu não ia simplesmente fugir com ela de imediato.

– E aí? – perguntou ela, impaciente, batendo com os sapatos pontudos no chão enquanto eu a encarava. – Eles estão quase chegando. Posso tirar você daqui, mas tem que decidir rápido. Você vem comigo? Sim ou não?

Sim ou não. Esse era o tipo de coisa sobre a qual a gente lia nos contos de fadas. O que ela queria dizer era que, se eu quisesse sua ajuda, teria que concordar com alguma coisa. Ela não ia simplesmente me dizer o que era até ser tarde demais.

Tum, plac, tum, crak.

– Qual é a armadilha? – perguntei. – Não vou te dar meu filho primogênito, se é isso que você quer.

– Ah – disse ela. – Não será necessário. O segundo filho é suficiente.

Ao me ver ficar pálida, ela soltou uma gargalhada longa e sincera.

– Você é esperta – disse ela. – Acho que está certa de perguntar. *Sempre* tem uma armadilha quando se trata de bruxas malvadas como eu. Mas eu não dou muita bola pra bebês; já tive algumas experiências ruins com eles, se quer saber. Não, você pode ficar com sua prole nojenta. Só não sei como você vai conseguir ter filhos se continuar aqui. Dorothy vai te matar antes do pôr do sol.

Escutamos a chave começar a girar na fechadura lá fora.

Mombi suspirou quando a porta na parede começou a aparecer.

– Garotas da sua idade – disse ela, balançando a cabeça. – Vocês sempre levam uma eternidade pra sair da casa. *Agora* nós vamos ter que brigar. – Ela recuou para o canto e espremeu seu corpo com tanta força na parede que quase parecia estar afundando lá dentro. – Pelo menos eu vejo que você já tem uma faca. – Ela apontou com a cabeça para a minha mão, onde eu estava apertando a faca com tanta força que podia até estar perdendo a circulação. – Vou só colocar um pequeno feitiço nela pra torná-la mais útil.

Ela balançou o dedo mindinho e o dedão na minha direção e estalou a língua algumas vezes. Quando segurei a faca diante de mim, vi que estava pulsando com um brilho roxo.

Se isso ia torná-la mais útil, foi bem na hora: a porta se abriu, e o Homem de Lata entrou na cela.

– Amy Gumm – anunciou ele –, é hora de enfrentar seu julgamento. – Ele levou um instante para perceber que eu não estava sozinha. – Guardas! – gritou. – Prendam a garota! E a bruxa!

Ele movimentou as lâminas da mão diante de si enquanto ia na direção da minha nova aliada, e sua equipe entrou correndo na cela atrás dele.

Braço-de-Espada estava na minha frente, avançando com a espada estendida, me acuando num canto. Saí do seu caminho, me agachei por baixo dela e golpeei seu peito com minha faca de cozinha bem quando ela virou para me encarar. Eu errei, mas fiquei surpresa porque cheguei muito perto de acertar e porque o peso e o manuseio da faca pareciam tão naturais.

De repente, eu sabia exatamente quando atacar e quando desviar, quando levantar, quando abaixar e quando me afastar. Sentia que podia provocar danos de verdade com aquela coisa.

Assim, eu fatiei, piquei e me desviei enquanto os Soldados de Lata todos se embolavam para me pegar. Uma linha vermelho-forte surgiu no rosto da Braço-de-Espada quando eu a atingi. Recuei ao ver isso, mas a faca me forçou a atacar de novo. Em pouco tempo, o Cabeça-na-Bicicleta tinha dois pneus furados, o que o fez cair de lado no chão, onde ele se esforçava para ficar de pé com os braços esquisitos de guidom.

Quando o que tinha um painel cobrindo a boca – aquele que matou Indigo – agarrou

meu braço e o torceu às minhas costas, eu o empurrei com o braço livre e me soltei. Ele estendeu os braços, quase dando de ombros, se oferecendo para mais uma tentativa, como se estivesse me desafiando a errar de novo ao tentar interrompê-lo.

Em seguida, ele me atacou, dessa vez se agachando bem baixo para dar um tipo de cabeçada mortal.

Eu me abaixei no último instante, mas ele girou rapidamente e me pegou pelas costas, me jogando no chão. Fiquei deitada sem me mexer durante um segundo, me sentindo sufocada. Ele me cutucou com o pé, me virando de lado. Então me pegou pelo pescoço e me levantou, me puxando para perto de si, tão perto que eu percebi, pelos seus olhos, ou talvez pelo painel na sua boca, que ele abria um sorrisinho cínico.

Eu estava cansada disso. Já tinha passado por tanta coisa. Tinha visto coisas demais.

Eu já conhecia a raiva. De Madison. Da minha mãe. Mas nunca havia sentido nada assim. Senti que eu estava perto de um colapso, todos os músculos se contraindo ao mesmo tempo, amarrados pelo que Dorothy tinha feito com Indigo, pelo que ela havia planejado para mim. Mas, em vez de me acalmar ou falar alguma coisa idiota, eu ataquei.

Enfiei a lâmina da faca de Mombi no olho da *coisa*.

Era por Indigo. Era por mim também.

O sangue jorrou para todo lado enquanto ele desmoronava contra a parede e caía no chão. Olhei para a faca, para o padrão formado pelo sangue espalhado no piso. Eu queria acreditar que a faca fizera isso – não eu –, mas não tinha tanta certeza.

Eu me senti enjoada, ainda sem acreditar totalmente, mas Braço-de-Espada estava em cima de mim de novo, e ela estava com muita raiva. Num movimento ligeiro, ela arrancou a lâmina da minha mão e a jogou no chão, provocando um barulho metálico. Eu fiquei indefesa enquanto ela me jogava contra a parede.

Eu a soquei, mas o metal duro do seu braço me machucou mais do que os socos a machucaram, e eu gritei através dos dentes trincados. Ela levantou a lâmina brilhosa do seu braço mortal sobre a cabeça, e eu me preparei.

– Mombi! – gritei.

Sem interromper seu ataque ao Homem de Lata, Mombi colocou a mão livre dentro da sua túnica de novo e pegou o que parecia uma bola de lã roxa. Ela a jogou na minha

direção e, enquanto a bola girava no ar, começou a se desenrolar, os fios se tornando indistintos e desfocados, girando e se enroscando numa centena de direções diferentes. Quando atingiu Braço-de-Espada, a bola instantaneamente começou a se enroscar nela, cobrindo-a de teias de aranha roxas e grudentas. Ela lutou contra os fios, mas sua arma estava parada no meio do golpe. A magia de Mombi tinha me ganhado algum tempo.

– Posso segurá-los por alguns segundos, Amy! – gritou Mombi do outro lado do cômodo. – Agora, você vai se juntar a nós ou não?

Eu sabia que não tinha escolha.

– Feito – gritei.

Mombi estendeu a mão. Mergulhei para o outro lado do cômodo e a segurei com força.

Quando encostei nela, os trapos roxos começaram a formar ondas ao redor do seu corpo. Os trapos se enroscaram em nós duas, envolvendo-nos num casulo enquanto o Homem de Lata e seus capangas se esvaíam junto com o cômodo.

Eu agora também era fumaça.

– Bem-vinda à Ordem Revolucionária dos Malvados, Amy – sibilou Mombi enquanto desaparecíamos.

TREZE

Mombi soltou minha mão quando nos materializamos em um lugar escuro. Um lugar tão escuro que eu não conseguia ver as minhas mãos. Mas, mesmo sem conseguir vê-las, ainda sentia a frieza da faca na palma da mão fechada.

A escuridão me tomou – uma escuridão que eu nunca experimentara.

– Onde... – comecei, depois deixei a voz sumir, com uma sensação de pânico estonteante. Onde foi que eu me meti?

Minha respiração estava cada vez mais superficial quando uma faísca clara apareceu nas trevas, a poucos centímetros do meu rosto. Quando meus olhos se concentraram nela, vi uma aranha minúscula e cintilante rastejando no ar. Enquanto ela ziguezagueava em uma espiral, o corpo de Mombi surgiu lentamente ao meu lado. Olhei para mim mesma e vi que eu também estava iluminada, agora. Mas a luz estava confinada aos nossos corpos. Tudo ao nosso redor continuava tão escuro quanto antes.

– Onde... onde estamos? – perguntei à bruxa, com as palavras presas na garganta. Onde foi que eu me meti?

– Você vai saber na hora certa, querida – respondeu ela, subindo as sobrancelhas. – Temos muito que conversar, mas eu preciso de um longo cochilo. Todo esse teletransporte faz uma garota velha como eu ficar meio sem ar. Tenho certeza de que você concorda.

Só quando ela falou é que eu percebi que também estava exausta. Minhas pernas tremiam, todas as partes do meu corpo pareciam inchadas, e meu braço latejava de dor. Senti que poderia dormir por uns mil anos.

Nesse momento, comecei a me lembrar do que tinha acontecido, e meus joelhos cederam conforme as lembranças me atingiam. A fuga. A luta. A sensação enojante da minha faca se enterrando no olho do inimigo e o jorro denso de sangue que saiu de lá.

Não podia ter sido eu. Parecia mais algo que eu tinha visto na TV do que algo que

realmente acontecera comigo.

Eu nunca poderia ter feito aquilo. *Não podia*. A garota que lutou contra Braço-de-Espada até ser imobilizada sabia o que estava fazendo. Eu nunca tinha machucado outra pessoa na vida. Bom, não com meus punhos, pelo menos.

Senti a faca na mão. A sensação era boa. Parecia fazer parte de mim. De repente, eu entendi.

– Foi a faca, certo? – perguntei a Mombi. – É magia. Ela estava me dizendo o que fazer.

Mombi desviou da pergunta.

– Tolice – disse ela. – A faca está enfeitiçada, claro. Ela sussurra um pouco no seu ouvido, diz pra onde você deve ir, ensina alguns truques. Mas ela não pode inventar algo do nada. Não pode ajudar se você não tiver isso em algum lugar dentro de você. – Sua boca se estendeu num sorriso amplo, revelando uma fileira de dentes marrons podres espremidos. – Ainda bem que você *tinha* – concluiu ela.

Pelo modo como ela falou, eu sabia que estava tentando me elogiar, e uma sensação distorcida de orgulho cresceu no meu peito. Tentei reprimi-la. O fato de eu conseguir esfaquear os olhos de alguém não era algo de que se orgulhar.

Não, eu me corrigi. Não *alguém*. Alguma *coisa*. E essa *coisa* estava ajudando o Homem de Lata. Aquela *coisa* era responsável pela morte de Indigo. Eu não tinha motivo para me sentir culpada.

Mombi piscou para mim, como se soubesse exatamente o que eu estava pensando. Ela estendeu a mão e envolveu os dedos nodosos e compridos no meu punho fechado.

– Agora – disse ela. – Você não vai precisar disso por um tempo.

– Não! – falei, com mais raiva do que pretendia, apertando com força enquanto ela tentava abrir meus dedos. A faca era minha. Eu não queria devolvê-la. Ela podia me manter em segurança.

Mombi soltou um muxoxo, mas não parecia se importar de verdade.

– Viu? Esse é o espírito. Ainda vamos te transformar numa Malvada, não é?

Tentei afastar a minha mão, mas ela a apertava com força.

– Não se preocupe: em pouco tempo, você vai ter mais armas do que poderá usar.

Mas, enquanto isso... – Mombi murmurou algumas palavras bem baixinho, e senti meus dedos se abrindo contra a minha vontade. Ela pegou a faca e a guardou na sua capa. – Boa menina – disse ela. – Não se preocupe com nada. Você está aqui, agora, e em segurança. E está livre. – Ela deu uma risadinha. – Bom, *mais ou menos* – continuou, antes de soltar uma gargalhada barulhenta. Sua risada ainda ecoava quando seu corpo começou a se encolher em si mesmo, como se ela estivesse se virando do avesso. E aí ela sumiu, e tudo ficou escuro de novo.

Livre. Mas será que eu estava mesmo? De alguma forma, parecia que eu tinha trocado uma prisão por outra.

Ainda vamos te transformar numa Malvada.

Onde foi que eu me meti?

Fiquei em pé ali, esperando meus olhos se ajustarem, mas eles não fizeram isso. Talvez nem estivesse escuro: talvez fosse só como o espaço sideral, onde só é escuro porque não há nada para se ver.

Eu estava sozinha.

Eu já estivera sozinha muitas vezes na vida – o suficiente para saber que existem diferentes tipos de solidão. Havia a solidão que eu sentia na escola, cercada de pessoas que só prestavam atenção em mim por tempo suficiente para me lembrar que não gostavam de mim. Havia a solidão que eu sentia quando estava com a minha mãe, que era diferente da solidão que eu senti quando a vi indo embora pouco antes de o tornado aparecer, e diferente da solidão que eu senti quando meu trailer estava sendo levado para longe de tudo que eu conhecia.

E havia a solidão profunda que senti na masmorra branca e doentia de Dorothy, o tipo de solidão que fez com que eu me sentisse correndo por um labirinto sem fim.

Em pé ali no escuro, era como se todas essas solidões fossem simplesmente peças minúsculas interligadas de uma imagem tão grande que só dava para vê-la inteira a um quilômetro de distância. Agora estava claro: eu não tinha nada além de mim mesma. Não importava o que acontecesse, sempre seria assim.

E, apesar disso, dei um passo à frente e fiquei surpresa de sentir o chão sólido sob meus pés. Dei outro passo. Tropecei em alguma coisa e me equilibrei antes de cair no

chão.

Eu estava prestes a me mexer de novo quando ouvi uma voz ecoando ao meu redor. Era feminina, delicada e gentil, e estranhamente familiar.

– Acho que você está começando a entender – disse ela. – Vai levar um tempo, mas você está quase lá.

Parei de repente e inclinei a cabeça para cima.

– Quem está aí? – gritei para o vazio. – O que você quer de mim?

Em vez de uma resposta, ouvi o som de dedos estalando. Num piscar de olhos, o mundo voltou para mim. Era menos como uma luz se acendendo e mais como se a cegueira tivesse sido curada de repente.

Eu estava em pé numa caverna enorme, as paredes rochosas pulsando estranhamente com uma fosforescência roxa fraca. Bem no alto, acima da minha cabeça, grupos de estalactites pendiam perigosamente do teto rochoso.

No centro da caverna, uma árvore gigantesca se assomava, seu tronco com a grossura de cinco pessoas, repleta de trepadeiras, musgo e flores minúsculas. Centenas de membros se curvavam para cima até se fundirem com as formações rochosas no teto; um emaranhado de raízes cobria o chão antes de desaparecer nas paredes.

Quanto mais eu olhava para a árvore, mais ficava difícil definir onde ela terminava e a caverna começava.

– Por que tem que haver um começo e um fim? – perguntou a voz. – Se você me perguntar, é tudo meio.

Girei, tentando descobrir de onde a voz estava vindo, mas não vi nada.

– Quem é você?

E, da árvore, uma mulher idosa redonda e atarracada usando um vestido branco largo e um chapéu pontudo branco surgiu como se estivesse entrando por uma porta aberta. Exceto que não havia porta. Não havia nenhuma abertura na árvore.

– As pessoas me chamaram de várias coisas ao longo dos anos – disse a mulher. – Acontece, quando a gente fica velha. Mas *você* pode me chamar de Vovó Gert. – Ela tirou uma flor perdida em seu cabelo branco-prateado que parecia uma nuvem.

Seu rosto era velho e enrugado, mas não era nem um pouco parecido com o de

Mombi. Era redondo e gentil, e tão gorducho que ela tinha pelo menos três queixos. Talvez quatro. Seus olhos cintilaram quando ela sorriu para mim.

Vovó Gert. Gostei de como soava. Havia algo nela que me fazia confiar.

Era tudo tão estranho. Eu deveria estar com medo. Ou com raiva. Ou, no mínimo, surpresa ou confusa. Não senti nada disso. Quando Gert estendeu a mão para a minha, eu a deixei pegá-la e segurá-la entre as suas, apertando com carinho, e percebi o que eu *realmente* sentia. Era uma sensação agradável de paz que começava no meu peito e se espalhava pelo corpo todo.

– Bem-vinda ao seu lar, querida – disse ela.

– Lar? – A palavra me surpreendeu e, quando a repeti, ela ficou presa no fundo da minha garganta. Eu não tinha a menor ideia de onde estava, exceto que era tão longe do meu *lar* quanto eu poderia chegar. E, mesmo assim...

– Você está muito longe do Kansas, eu sei – disse ela. – Mas existe mais de um tipo de lar. E você está certa. Você *está* sozinha. Todos nós estamos, e todos precisamos aprender isso mais cedo ou mais tarde. Mas, se você tem que estar sozinha, não é melhor estar sozinha entre amigos?

Sozinha. Olhei para cima, surpresa. Como é que ela sabia o que eu estava pensando, lá na escuridão?

O rosto da Vovó Gert corou de vergonha.

– Ah, querida – disse ela rapidamente. – Me desculpe, Amy. Às vezes eu esqueço como isso pode ser estranho, no início. Não faço de propósito; mas, quando os pensamentos de alguém são tão altos quanto os seus, pode ser difícil perceber a diferença.

Levei um instante para entender o que ela estava dizendo.

– Você consegue ler a minha mente – concluí. Talvez tenha apenas pensado.

A velhinha fez que sim com a cabeça.

– Alguma coisa assim. Por favor, não tenha medo: é quase sempre o que está bem ali na superfície. Tento não ir muito mais fundo do que isso. Não sem permissão.

Eu não sabia o que dizer, e então percebi que não tinha nada para dizer. Qualquer coisa que eu pudesse dizer, a Vovó Gert já sabia.

Na verdade, havia algo reconfortante nisso.

Ela estava olhando fundo nos meus olhos.

– Obrigada – disse ela. No início, eu não sabia pelo que ela estava agradecendo, depois percebi. Era por entender. Por não ter medo.

Em seguida, ela se recompôs, soltou a minha mão e empertigou os ombros.

– Teremos tempo suficiente pra conversar sobre tudo isso mais tarde. Primeiro, temos que limpar você. – Seus olhos desceram até meus braços arranhados e machucados e minha camiseta ensanguentada. – Mombi certamente sabe como começar uma briga.

Gert acenou com a mão, e a árvore no centro da caverna começou a se transformar diante dos meus olhos. As raízes se curvaram aos meus pés, os galhos desceram do teto, o tronco começou a se derreter como piche para dentro do chão.

Quando terminou, ela e eu estávamos em pé ao lado de uma piscina funda onde antes estava a árvore. Uma água branca espumante borbulhava de algum lugar embaixo do solo, e o vapor flutuava na superfície. O cheiro era limpo e fresco.

– Vá em frente – disse Gert, colocando a mão na minha lombar e me empurrando adiante. – Isso vai curar você.

Ela não precisou mandar duas vezes: entrei direto na fonte, sem me preocupar em tirar as roupas. Não precisei: elas começaram a se desintegrar assim que encostaram na água.

Eu não me preocupei por elas terem desaparecido e não me preocupei por estar nua diante de uma velhinha que eu tinha acabado de conhecer. No instante em que a água quente e limpa tocou minha pele nua, senti meus músculos se derretendo enquanto bolhas de sabão boiavam ao meu redor. Olhei para mim mesma e observei, atônita, a sujeira de um dia inteiro deslizar direto para fora do meu corpo. Mas também fiquei surpresa de ver como eu estava machucada. Manchas roxas salpicavam meus braços e minhas pernas. Fios largos de sangue escapavam de um corte no meu abdome que eu nem me lembrava de ter acontecido.

Quando levantei o olhar, vi que Gert estava ao meu lado na água, ainda totalmente vestida, com o vestido branco formando ondas ao seu redor. Eu não sabia muito bem por que a água não afetara suas roupas do jeito que afetara as minhas. Nem mesmo percebi quando ela entrou na água.

Ela também parecia preocupada, franzindo a testa para as minhas feridas.

– Isso pode doer, Amy – explicou ela.

– Anh? – perguntei, me alongando. – Não... está maravilhoso.

– Respire fundo – disse ela, agora num tom sério. Sem pedir desculpas, antes de eu sequer ter a chance de fazer o que ela mandou, ela colocou a mão na minha cabeça e me enfiou embaixo d'água.

A ferida na minha barriga agora latejava com uma dor profunda e intensa. Instintivamente, abri a boca para gritar enquanto lutava contra a contenção da velhinha. Não adiantou. Mãos invisíveis me pegaram, vindas de algum lugar bem no fundo da água, me mantendo no lugar. De alguma forma, eu sabia que todas elas pertenciam a Gert.

Eu estava em chamas. Eu tinha escapado de Dorothy, do Homem de Lata e seu exército de metal, só para encontrar alguém em quem eu confiava – alguém que queria me ajudar – e era tudo um truque.

Tudo que ela queria fazer era me matar.

Por quê?, gritei na minha cabeça, sabendo que ela ia conseguir escutar. *Por que você está fazendo isso?*

Às vezes, só a dor pode curar, respondeu uma voz fria e distante.

Quando eu pensei que meus pulmões iam explodir – quando eu senti que minha consciência estava começando a me abandonar –, as mãos me soltaram. Meu corpo flutuou até a superfície, onde ofeguei em busca de ar e apoiei os pés nas rochas macias que contornavam a piscina.

Girei e encarei Gert com raiva.

– Por quê? – exigi saber novamente, desta vez em voz alta. – Por que você...?

– Porque era necessário – respondeu Gert de maneira sucinta, franzindo os lábios. – Eu salvei sua vida.

Não acreditei no início, mas meus dedos encontraram uma pele macia quando tocaram na ferida. Olhei para baixo. Nenhum buraco aberto sangrando. Nenhuma costura invisível. Nenhuma cicatriz. A ferida tinha sido curada como se nunca tivesse acontecido.

As manchas roxas também haviam desaparecido. Minha pele parecia nova e mais macia do que nunca, rosa-pêssego como se toda a pele morta tivesse sido descartada, como se todas as imperfeições tivessem sido curadas de fora para dentro.

Não importava. Ela havia me salvado, tudo bem, mas esse não era o problema. O problema é que ainda parecia uma traição. Gert tinha sido uma coisa e, depois, se transformou em outra. Eu não entendia por quê. E não sabia se queria entender.

Você tinha que confiar em mim, disse Gert. Seus lábios não se mexeram. *Mas você também tem que aprender a não confiar em ninguém. Nem mesmo em mim.*

Ela afundou devagar na piscina e, de repente, sumiu.

Na margem da água, vi que uma pilha de toalhas e um lindo roupão de seda tinham sido colocados para mim. Será que Gert colocou tudo ali enquanto eu não estava prestando atenção? Ou será que tinham simplesmente aparecido por magia?

Eu não me importava de verdade. Queria ficar ali para sempre, mas sabia que não podia. Quando senti a água começar a ficar morna, saí relutante e sequei meu corpo recém-curado. Não consegui evitar pensar que era outro truque – alguma coisa para me provocar uma falsa sensação de segurança. Mas as minhas roupas tinham sumido. Eu não podia andar por aí nua. O roupão pousou macio na minha pele.

Gert reapareceu assim que eu amarrei a faixa na cintura, como se tivesse sentido que eu estava preparada para seguir para a próxima etapa do que o destino me reservava.

– Eles estão esperando – anunciou.

– Eles? – perguntei, sem olhar para ela. – Quem são eles?

Cruzei as mãos sobre o peito como uma criança de cinco anos. O rosto de Gert se suavizou.

– Estou vendo que o perdão não é fácil pra você. Às vezes você precisa se dobrar pra não quebrar, querida.

– Você me manipulou – falei. – Eu sei. Você usou sua magia em mim pra me fazer pensar que era minha amiga.

– Talvez sim e talvez não – disse Gert. – Mas, se eu fiz isso, talvez tivesse um motivo. E *se* eu fiz, o que me impede de fazer de novo?

Olhei-a com suspeita, e ela deu de ombros. Acho que eu teria que aceitar isso como

um pedido de desculpas.

Eu não sabia aonde íamos nem quem estava esperando por nós, mas segui Gert obedientemente enquanto ela me conduzia para fora daquela caverna e por uma série de outras. Eu não *queria* segui-la, mas sabia, agora, que não tinha uma escolha de verdade.

Atravessamos um cômodo que estava totalmente vazio, exceto por paredes prateadas perfeitas, e, conforme nos movimentávamos, o ar mudou. De repente, ficou pesado e úmido.

Nuvens flutuavam perto do teto da caverna, cuspindo gotas de chuva na nossa cabeça. Um pensamento me ocorreu de repente: se essas bruxas conseguiam alterar o clima em recintos fechados, se conseguiam controlá-lo – será que conseguiriam criar um tornado?

Será que elas me trouxeram para cá?, eu me perguntei.

– Se pudéssemos fazer isso, teríamos feito muito tempo atrás – disse Gert, seca. – Sua chegada a Oz não é uma coincidência. Alguém, ou alguma coisa, mandou o tornado buscá-la. Mas, qualquer que seja a força que te trouxe aqui, está além até mesmo do conhecimento das bruxas.

Eu simplesmente a ignorei.

Gert parou quando chegamos a um novo túnel. Ela estendeu a mão e ajeitou o colarinho do meu roupão antes de me conduzir para outro cômodo quase totalmente tomado por uma mesa enorme, feita do que pareciam ser diamantes negros cintilantes, cercada de cadeiras de madeira bruta. Mombi estava sentada na cabeceira da mesa, sorrindo para mim de um jeito, hum, maligno. Havia duas pessoas que eu nunca vira dos dois lados dela. Não era muito difícil adivinhar que também eram bruxos.

– Amy – cumprimentou-me Mombi do outro lado da mesa. – Acredito que já tenha se recuperado da nossa jornada. Fiquei muito feliz com a perspicácia que demonstrou lá nas masmorras. E estamos todos felizes por ter você conosco.

Meus olhos dispararam imediatamente para sua esquerda. Em pé ao seu lado havia um garoto com pele macia cor de oliva que parecia ter mais ou menos a minha idade, talvez fosse um pouco mais velho. Seu cabelo escuro era espetado, como se ele tivesse enfiado os dedos numa tomada anos atrás e nunca mais o tivesse penteado. Ele era

bonito, claro, mas havia alguma coisa arrogante no modo como ele me observava com seus olhos cinza pálidos. Ou talvez não arrogante – talvez ele estivesse com raiva. Eu me empertiguei e o encarei também.

Quem era ele? A ideia de Gert ou Mombi terem filhos simplesmente não parecia certa. E ele era um pouco assustador, na verdade. O que dizia muito, já que estava sentado ao lado de Mombi.

– Ela estava com um corte horrível na barriga, Mombi – explicou Gert, olhando em seus olhos. – Mas ela não se importou muito com o processo de cura.

Mombi não piscou.

– Soldados de Lata. A cela era protegida. Tive que improvisar.

Gert fez que sim com a cabeça, mas achei que não havia acreditado na outra. Será que ela estava sugerindo que Mombi havia apenas me testado?

Em pé do outro lado de Mombi estava uma mulher alta, curvilínea e elegante usando um vestido trespassado roxo justo. Um capuz escondia seu rosto – mas, quando ela o tirou, meu coração parou por um segundo e depois afundou.

Era Glinda. Glinda, a bruxa não-tão-boa. Aquela melhor amiga de Dorothy, que tinha transformado os Munchkins em seus escravos e os usava para escavar buracos gigantescos por toda Oz.

Ela não estava usando o PermaSorriso, mas sorria para mim.

Então falou numa voz enjoativamente doce que subiu em forma de arrepio pela minha espinha.

– Não há descanso para os Malvados, não é, Amy?

CATORZE

Um calafrio percorreu meu corpo. Eu nunca deveria ter vindo com Mombi, nunca deveria ter confiado em Gert. Mas que escolha eu realmente tinha, quando estava na masmorra do palácio, prestes a ir a julgamento para um Destino Pior do Que a Morte, com os Soldados de Lata avançando? Não é como se eu tivesse uma tonelada de opções.

– Ela é uma de *vocês*? – perguntei. Minha voz ecoou pela caverna.

Será que isso era algum tipo de armadilha? Será que essa era a ideia de uma punição tortuosa de Dorothy? Elas tinham me resgatado, me lavado e agora iam simplesmente me entregar para a amiga cor-de-rosa maligna de Dorothy?

De jeito nenhum.

Dei um passo para trás. E outro. Depois, virei em direção à entrada da caverna e comecei a correr. Eu teria que atravessar o estranho labirinto de cavernas pelo qual havia acabado de passar, mas isso era bem melhor do que ficar presa no cômodo cheio de bruxas com superpoderes malucos atrás de mim. E, se a Vovó Gert conseguia ler mentes, quem poderia dizer o que as outras sabiam fazer? Não, eu tinha que fugir dali.

De repente, bati numa superfície fria e dura e deslizei desengonçada para o chão de pedra. Mas não havia nada ali. Eu tinha dado de cara numa parede invisível.

A risada de Glinda ecoou ao meu redor. Acho que provavelmente *era* engraçado. Pela perspectiva dela, quero dizer. Eu devo ter parecido o Coiote caindo de um penhasco.

Senti meu rosto ficar vermelho. Eu não estava com vergonha. Ou, pelo menos, não estava *só* envergonhada. Estava com medo. E com raiva. Mas não pude lutar contra isso porque uma mão invisível agarrou meu ombro, me ajudando a levantar. Ela me colocou em pé de novo, me virou para encarar meus captores e me fez andar de volta até eles.

– Amy – disse Mombi, com um tom de alerta. – Nós fizemos um acordo. Lembra? Você concordou em se juntar a nós quando pegou a minha mão.

– Eu não sabia com o que estava concordando – falei, me contorcendo para me livrar do aperto de Gert.

– Sua ignorância não faz diferença. O feitiço foi invocado. Você agora está comprometida com a Ordem.

– Comprometida?

– Quando eu resgatei você da cela, foi com a condição de que se uniria a nós. Você concordou. O feitiço foi invocado, e eu não poderia desfazê-lo nem se quisesse. Você agora é uma de nós.

Cruzei os braços sobre o peito e olhei furiosa para Glinda.

– Eu sei o que você fez com os Munchkins – cuspi para Glinda. – Você pode parecer boazinha, mas eu sei quem você é.

– Ah! – exclamou Glinda. Ela riu de novo: um riso agudo e ritmado. – Não sou quem você pensa – disse ela.

Ela não só ficou de pé, mas fez uma pose, parecendo bem consciente do fato de ser a bela flor roxa num mar de cinza, marrom e preto.

– Não sou Glinda. Sou Glamora, sua irmã gêmea. Ela é a Bruxa Boa; sou a Malvada. Claro, ela também é responsável por transformar Oz neste inferno, então, na verdade, tudo é relativo.

E aquela risada de novo.

Observei a bruxa com desconfiança. Uma gêmea? Parecia uma desculpa conveniente. Pensei no meu primeiro dia em Oz, e era verdade que ela não se parecia *exatamente* com a mulher que eu vira no campo. Principalmente, era uma questão de estilo. Em vez dos cachos esvoaçantes de Glinda, essa bruxa tinha o cabelo louro-avermelhado preso num coque rigoroso. E, apesar de seu vestido ser tão enfeitado quanto o que eu vira Glinda usar no campo naquele dia, era simples e elegante, nada parecido com o pesadelo de pregas que Glinda usava.

– Vocês falam *Malvada* como se fosse uma coisa boa – falei.

– Você está pegando o jeito da coisa. – A voz de Glamora era reluzentemente perversa. – Pra baixo é pra cima, pra cima é pra baixo. Bom é Malvado, Malvado é Bom. O mundo está mudando. Foi nisso que Oz se transformou.

Olhei ao redor, para o rosto das Malvadas, ou ex-Malvadas. Eu queria respostas.

– Como foi que vocês me encontraram? – perguntei devagar. – Como Mombi sabia que eu havia caído do céu? Como vocês descobriram que eu estava lá no palácio?

Temos olhos dentro do palácio. E o palácio tem olhos em todos os lugares. O resto, infelizmente, tive que obter de você.

O pensamento surgiu na minha cabeça. Um pensamento que não era meu.

– Amy. Sente-se. Deixe a gente explicar – disse Gert, dessa vez em voz alta. Ignorei seu comando e seu olhar preocupado. Eu não queria olhar para ela. – Sente-se – repetiu ela, agora um pouco mais alto. Resisti, mas descobri que não tinha mais controle sobre meus membros. Não era um pedido.

Lutando a cada passo que eu dava, fui até uma cadeira de metal frio e me sentei.

– Oz mudou – começou Gert. – As árvores não falam. O Lago da Verdade conta mentiras, a Água Movediça fica parada. A Terra do Nada está em chamas. As pessoas estão começando a envelhecer. As pessoas estão se esquecendo de como Oz era.

– Antigamente, nós três jamais teríamos imaginado que estaríamos no mesmo ambiente juntas – disse Mombi na sua voz estridente. Ela apontou para si mesma, para Glamora e para Gert. O garoto ainda não falara nada. Ele só estava em pé com os braços cruzados sobre o peito. Não parecia mais feliz do que eu de estar ali. – Bruxas malvadas supostamente não devem trabalhar juntas. Mas isso foi antes de Dorothy.

Gert percebeu que eu não estava engolindo essa história. Mais do que ver, imaginei, ela conseguia ler isso na minha mente. Eu me perguntei se ela também era uma das ex-Malvadas.

– Nós nos chamamos de Malvadas pra mostrar que somos contra Dorothy e tudo que ela representa – explicou Gert. – A Maldade faz parte de Oz. Faz parte da ordem das coisas. Sempre foi o Bem contra o Mal. A magia não pode existir sem a Bondade. A Bondade não pode existir sem a Maldade. E Oz não pode existir sem magia.

– Não importa *o que* Dorothy possa pensar – disse Mombi. – Glamora. Mostre a ela.

Glamora movimentou a mão sobre a mesa de pedra, que ondulou enquanto a superfície se transformava numa poça escura de água. Em seguida, ela acenou de novo, e uma imagem começou a se formar na poça, refletindo lá do fundo.

Era um mapa e estava dividido em quatro triângulos equiláteros, cada um de uma cor. Azul, vermelho, amarelo, roxo. No centro havia uma mancha verde irregular.

– Esta é Oz – disse Glamora. Um por um, ela apontou para os quadrantes. – Condado dos Munchkins, Condado dos Quadlings, Condado dos Winkies, Condado dos Gillikins. – Azul, vermelho, amarelo, roxo. Conforme ela apontava, os nomes apareciam numa letra cursiva impressionante. – Aqui na ponta – ela passou o dedo no perímetro do retângulo – fica o Deserto Mortal. Ele protege Oz de forasteiros. Nenhuma coisa viva consegue atravessar o Deserto Mortal sem usar magia poderosa. Qualquer pessoa que encoste nas suas areias se transforma instantaneamente em pó. Ou era assim que costumava ser.

Ela apontou com uma unha roxa comprida para a mancha no centro.

– E *esta* é a Cidade das Esmeraldas. Onde Dorothy mora.

Em seguida, ela passou a mão sobre a poça de novo, e as cores desapareceram, substituídas por pontos brancos cintilantes, pequenos pontos de luz cobrindo cada centímetro do mapa.

– As luzes brancas representam a magia de Oz – disse Glamora. – Seu sangue vital. Essa costumava ser a aparência de Oz. E essa – ela estalou os dedos – é a aparência atual.

A luz enfraqueceu e diminuiu até a maior parte do mapa ficar cinza desbotado e sem graça, salpicado com alguns buracos negros aqui e ali. Ainda havia alguns pontos cintilantes espalhados pelos quatro quadrantes de Oz, assim como um ponto no sul especialmente forte, mas, exceto por isso, a paisagem vibrante e cintilante de um instante antes havia desaparecido.

Exceto pelo centro do mapa. A mancha verde estava reluzindo com mais intensidade do que qualquer outro ponto, tão forte que eu tive que semicerrar os olhos para olhar para ela.

Olhei para Glamora e, depois, ao redor da mesa, onde Mombi, Gert e o garoto estavam me observando cheios de expectativa.

– Precisamos da sua ajuda – disse Mombi.

– A magia está desaparecendo de Oz – disse Gert.

– Não parece estar desaparecendo – falei, apontando para o centro do mapa. – Só está

se *movendo*.

– Correto – disse Glamora com um sorriso de olhos semicerrados. – E você consegue adivinhar *por que* está se movendo?

Olhei para ela sem conseguir pensar em nada, mas depois a ficha caiu. Eu me lembrei da cratera no Condado dos Munchkins, onde meu trailer havia caído, e de Glinda com sua máquina de Munchkins. Eu me lembrei do que Indigo dissera sobre *mineração de magia*.

– Alguém está pegando tudo – concluí. Glamora arqueou uma sobrancelha perfeitamente aparada, esperando que eu entendesse o resto. – É Dorothy – percebi. – Dorothy está roubando a magia.

– Agora você entendeu – disse Glamora. – E perder a magia para Dorothy vai significar o fim de Oz. É por isso que você está aqui. Precisamos que você a faça parar.

Eu me sentei mais ereta. Não sabia absolutamente nada sobre magia. E não sabia absolutamente nada sobre *Dorothy*.

– Eu? Acabei de chegar aqui. Como é que vou impedir alguém de fazer alguma coisa?

Todos os olhares se voltaram para mim de uma só vez. O garoto me encarou com um olhar especialmente grave. Por fim, Mombi falou.

– Simples. Você vai matá-la. – Ela olhou diretamente para mim e concluiu: – Dorothy tem que morrer.

QUINZE

Abri a boca para protestar, mas só consegui gargalhar. Todo mundo ficou surpreso – ninguém mais do que eu. Tentei abafar a risada, mas fazia tanto tempo que eu não achava uma coisa engraçada que, em pouco tempo, não conseguia mais me controlar. Saiu tudo de uma vez. A briga, ser suspensa, minha mãe correndo para sua festa do tornado, o trailer se erguendo do chão e me deixando *em Oz*. Pensei em quem eu era no Kansas e em quem eu era em Oz. O que eu tinha feito para elas pensarem que eu era uma potencial adolescente assassina? Quero dizer, eu fui suspensa por *não* dar um soco em Madison Pendleton. Talvez eu tivesse sido responsável pela morte de Indigo, mas só porque eu estava tentando salvar a *vida* de um macaco inocente. Livrar alguém de um poste no chão era o oposto de matar uma pessoa. Isso era loucura.

Do outro lado da mesa, as bruxas simplesmente ficaram me encarando, como se eu fosse uma pessoa louca rindo histericamente. O garoto franziu tanto a testa que seus olhos viraram fendas. Finalmente, depois de alguns minutos, consegui me acalmar e sequei os olhos com as costas da mão.

– Vocês querem que *eu* mate *Dorothy* – falei. Era tão ridículo que eu nem sabia por onde começar.

– Essa é a ideia – disse Glamora. A expressão no seu olhar revelava que ela não achava nada engraçado.

Eu não conseguia acreditar que elas estavam falando sério.

– Hum, acho que vocês pegaram a pessoa errada. Antes de eu chegar aqui, a última briga que eu tive foi com uma garota grávida. E eu perdi.

– Eu te vi lá no palácio – disse Mombi. – Na cela. Você conseguiu se defender lá. Não vejo por que você não possa fazer a mesma coisa com Dorothy.

Eu precisava admitir que isso era verdade. Mas eu ainda tinha certeza de que a faca que Mombi encantou fizera metade do trabalho. E, de qualquer maneira:

– Aquilo foi diferente – falei. – Aquilo foi magia, tenho certeza. Mas eu não poderia *matar* alguém. Eu nem saberia como.

– Nós vamos ensinar, é claro – disse Glamora. – Todo mundo tem que começar por algum lugar.

Elas agiam como se estivéssemos falando em aprender a costurar. Não era isso que eu queria. Quando encontrei Indigo na estrada, eu só estava planejando ir até a Cidade das Esmeraldas e, quem sabe, fazer uma daquelas tatuagens móveis maneiras. O que elas estavam propondo era bem mais pesado do que qualquer coisa que eu esperava.

– Escutem – falei. – Tenho meus próprios problemas. Sinto muito pelo que está acontecendo em Oz, sinto mesmo, mas não entendo o que vocês acham que eu posso fazer a respeito disso. Eu nem sou *daqui*. – Eu não era de Oz. Mas, mesmo ao dizer isso, uma pequena parte de mim não conseguiu evitar lamentar por causa de Indigo, por causa de Ollie, por causa do meu tempo na cela... De alguma forma, eu estava ligada a Oz.

Glamora inclinou a cabeça para o lado.

– Dorothy também não é daqui – disse ela. – E olha o que ela fez com o lugar.

Gert foi direto ao ponto.

– É exatamente por você não ser daqui que achamos que vai conseguir fazer isso. Você é do mesmo lugar que ela. Você sabe como a mente dela funciona. Você a entende.

Eu não era dali. Eu era do Kansas. Assim como Dorothy. Eu tinha chegado em Oz num tornado. Dorothy mudara o mundo deles uma vez, e agora esperavam que *eu* os ajudasse a mudá-lo de novo.

– As pessoas do Outro Lugar sempre tiveram um local especial no nosso – disse Gert. – O Mágico. Dorothy. Agora, você. Não sabemos que poder te trouxe pra Oz, mas sabemos que, se está aqui, deve ser porque você tem uma função a desempenhar. Queremos ter certeza de que é a função certa.

Estremeci. A história era verdadeira. *O mágico de Oz* tinha sido real. Dorothy Gale realmente foi levada por um tornado e trazida para a Terra de Oz. A verdade é que o que eu estava vivendo não parecia mais o tipo de história fictícia a que eu me acostumava. Mas isso não significava que elas não existissem.

Pela primeira vez, o garoto falou. Sua voz era grave e rouca.

– Gert, Glamora e Mombi acreditam que você é nossa única esperança. – Ele parecia não ter tanta certeza disso. – Minha função é treiná-la.

– Você também é bruxo? – perguntei. O tom saiu mais confrontador do que eu pretendia, mas não me importei.

O garoto pareceu ofendido.

– Sou um feiticeiro – disse ele, seco. – Ou um mágico, se você preferir. Não importa de verdade, não é?

Gert olhou para ele como se quisesse lembrá-lo de ter modos.

– Amy, este é Nox. Ele é o mais novo membro do Alto Conselho da Ordem dos Malvados. É o guerreiro mais forte que temos.

– Que bom pra ele. Sem ofensas, mas eu não sou uma assassina. Não sou a garota que vocês estão procurando. Acho que seria maravilhoso aprender com vocês. Mas vocês todos têm magia; sabem o que estão fazendo. Tenho certeza de que conseguem lidar com ela sem mim.

Eu provavelmente deveria sentir medo dessas pessoas – afinal, elas se autodenominavam Ordem dos Malvados –, mas ser ríspida me deu uma sensação boa. Por outro lado, ultimamente eu não parecia capaz de me impedir de falar grosseiramente com as pessoas, na verdade.

– Você ainda não foi treinada – disse Glamora. – Não sabe quem nem o quê você é, ainda. Oz é diferente. *Você* pode ser diferente aqui. Pode ser mais forte. Vamos ensiná-la a fazer tudo. A lutar. A usar magia.

– Amy – disse Gert. Ela colocou uma das mãos de maneira tranquilizante nas minhas costas. – Você vai aprender a ser uma heroína.

Eu. Uma heroína. A ideia de ter poder – de aprender magia – se agitou na minha cabeça. Mas a realidade veio correndo atrás: minha mãe desaparecida, Dorothy assustadora, um círculo de bruxas autoproclamadas malvadas que queriam me transformar numa assassina. Além do mais, mesmo que elas pudessem me ensinar todas essas coisas, isso não mudaria quem eu era por dentro. Amy Esmola, de Flat Hill, Kansas. Só uma garota morando em um estacionamento de trailers com um monte de sonhos idiotas que nunca se tornariam realidade.

Estranhamente, algo que minha mãe disse uma vez me voltou à mente: *Você não é o lugar de onde veio*. Ela disse isso para me animar. Para me fazer acreditar que crescer em Flat Hill não precisava me definir pelo resto da vida.

Mas as bruxas achavam que eu era especial *por causa* do lugar de onde eu vinha.

É mais do que isso, criança. Muito mais.

Gert estava vasculhando meu cérebro de novo.

Olhei para Nox outra vez. Ele me encarou e deu de ombros para mim, como se dissesse: *Veja se eu me importo*. Ele era o único – exceto eu, é claro – que não parecia animado com toda essa ideia. Mesmo concordando com ele, eu não consegui evitar de levar isso um pouco para o lado pessoal. O que ele tinha contra mim, afinal?

– O que acontece se eu disser não? – perguntei.

– Você *não pode* dizer não – respondeu Mombi. – O pacto, lembra?

– Eu avisei – disse Nox, sem nem mesmo se preocupar em olhar para mim. – Só porque ela caiu do céu, isso não a transforma na chave para nos salvar.

O que havia de errado com essas pessoas? Senti meu sangue começar a ferver. Nox se virou para Mombi e deu de ombros. E esse movimento foi o que me fez perder o controle.

– Estou dentro – falei baixinho.

Mombi olhou para Gert, que acenou com a cabeça, como se quisesse confirmar a sinceridade das minhas palavras. Mas elas não eram sinceras. Eu tinha que aceitar me juntar à Ordem – eu não parecia ter escolha nisso. Estava comprometida pelo pacto que fizera com Mombi. Mas eu estava determinada a encontrar um jeito de escapar da parte da assassina adolescente.

E Gert sabia disso.

* * *

Alguns minutos depois, Gert me conduziu até o meu quarto.

– Deixamos Glamora decorá-lo. De todas nós, ela é a que sente mais falta dos confortos de Oz.

Meu quarto nas cavernas não era bonito – era majestoso. Era o tipo de quarto em que

eu sempre desejara crescer. Havia uma cama redonda que parecia afundada no centro do piso, com travesseiros empilhados e roupa de cama sedosa em tons fortes de vermelho. E, no teto, em vez de um candelabro, havia outra árvore de cabeça para baixo. Esta era bem menor do que a que eu vira antes. E estava florescendo. Os galhos pretos carregados com flores estranhas mas lindas, parecidas com papoulas, grandes e brancas com um toque de cor-de-rosa do tom exato do meu cabelo. As paredes douradas e pálidas tinham sido cobertas de papel de parede com as mesmas flores espalhadas. Quando olhei mais de perto, percebi que eram de verdade. Mais flores minúsculas cresciam ao longo das trepadeiras que se estendiam do chão até o teto, parando no meio para se enroscar em espirais delicadas. Sob meus pés, um tapete feito com pelo dourado.

– O que acontece agora? – perguntei. – Vocês me trancam aqui até eu realmente concordar em ser sua assassina? Porque eu sei que você sabe que eu não estava falando a verdade.

– Não, nós a treinaremos. Sei que você ainda não está pronta, criança. Simplesmente coloque um pé diante do outro. O resto virá no tempo certo.

Ela parecia tão segura. Como se soubesse algo que eu não sabia.

– E se isso não acontecer? – O que eles fariam comigo se eu não fizesse o que queriam?

– Há uma coisa que você não sabe sobre estar comprometida: não podemos machucar um ao outro enquanto estivermos no círculo. Temos muito a temer fora do círculo, mas você não precisa temer isso.

Eu respirei fundo e fiz que sim com a cabeça devagar. Se ela estava dizendo a verdade ou não, sua resposta devia servir por enquanto. Eu só queria poder ler sua mente também.

– Não importa o que aconteça, você ainda será uma bruxa.

– Mas de que tipo? – perguntei.

– Boa pergunta, criança – respondeu Gert, escapando para a escuridão.

DEZESSEIS

Eu estava em pé no meio de uma caverna totalmente branca. Nox tinha me levado para lá, depois pediu licença para colocar roupas mais apropriadas para me torturar. Esperei com impaciência.

Para ser sincera, a decoração da caverna me apavorava – e isso significava alguma coisa, considerando todas as outras que eu vira.

Meus pés estavam descalços sobre a pele de algum animal gigantesco que eu não reconhecia. Talvez fosse um bicho mágico de Oz ou coisa parecida. Um rastro de fogo percorria o teto, iluminando a caverna. As paredes de pedra branca pareciam um tipo de pedra – opala, talvez – que reluzia camadas de outras cores, dependendo da luz. Estacas brancas afiadas como lâminas se destacavam ao meu redor como um tipo de parede de escalada medieval. Espalhadas pelo ambiente, estranhas máquinas de ferro pareciam equipamentos de exercício ou instrumentos de tortura.

Treinar com Nox ia ser divertido.

Eu já estava vestindo o uniforme de treinamento. Parecia mais uma lingerie do que uma roupa atlética, com uma camiseta sedosa e uma calça de pijama. A camiseta era grudenta e tinha um tipo de sutiã embutido que fazia meu peito reto parecer um pouco menos reto. Pode falar o que quiser sobre essas bruxas, mas elas valorizavam o estilo.

Balanços gigantescos estavam dependurados em lados opostos da caverna. Entre todos os lugares para me sentar, eles pareceram bem inocentes. Passei o dedo no assento de um deles e sentei. Quando joguei os pés para trás, percebi que o ar começava a se encher de uma fumaça que vinha do chão. Saltei do balanço com um pulo rápido.

A fumaça começou a tomar forma. Figuras conhecidas se materializaram diante de mim. Recuei, mas não havia para onde ir. Eu já estava pressionada contra a parede irregular da caverna.

Eles devem ter me seguido até aqui, viajando pelas sombras do mesmo jeito que o

Homem de Lata apareceu na estrada quando me encontrou com Indigo e Ollie. Eu não ia ficar parada e deixá-los me levar para um julgamento. Olhei ao redor, preocupada, procurando uma arma, e vi uma prateleira com alguns instrumentos de tortura no canto. Eu só podia imaginar o que Nox tinha planejado para nós hoje. Estendi o braço, mas era longe demais. Fui em direção à prateleira bem devagar.

Os lábios cor-de-rosa de Dorothy fizeram biquinho para mim enquanto ela avançava. Seu vestido xadrez, formado pela metade, era só fumaça e um pouco de decote. Mas seu rosto estava ali em toda sua glória apavorante – e a risada ecoava nos meus ouvidos apesar de sua boca de plástico não se mexer. O Homem de Lata estava parado alguns passos atrás dela.

– Nox! – gritei.

Antes que Dorothy conseguisse estender uma de suas unhas vermelhas cintilantes na minha direção, Nox apareceu na entrada da caverna. Por mais insano que isso fosse, ele parecia estar quase sorrindo.

– Me ajude! – gritei.

Ele atravessou direto a imagem de Dorothy e, num piscar de olhos, ela desapareceu. O Homem de Lata também desapareceu, e as orelhas, o pelo e o rabo que eu achei que deveriam ser do Leão sumiram com um rosnado. Fui deixada no meio do cômodo, encarando Nox.

– *Você* demorou muito! – gritei.

– Eu só queria deixar sua adrenalina no ponto. – Ele me deu um sorriso arrogante, se balançando nos calcanhares. *Ele fez aquilo?* Mesmo enquanto minha raiva aumentava, percebi sem querer que ele estava bonito na roupa de treinamento. Ele era mais musculoso do que eu imaginava, bíceps e quadríceps e músculos que eu não conseguia nomear davam-lhe uma forma que possivelmente havia sido melhorada com magia.

– Por que você fez isso? – soltei. – O que há de errado com você?

Ele simplesmente deu de ombros. Esse havia se tornado seu movimento característico. Pensei em sair correndo, mas meus pés estavam enraizados no piso felpudo.

– *Como* você fez isso?

– Eu consigo projetar pro espaço tudo o que vejo na minha mente. Mas só dura alguns segundos. Eu só queria te dar um susto, ver se seus reflexos estão bons.

– Vi uma coisa assim na estrada pra Cidade das Esmeraldas. A rainha Ozma estava fazendo um discurso...

– Não é a mesma coisa, na verdade. Aquilo era uma captura.

– Uma o quê?

Ele se aproximou.

Não me mexi. Eu não tinha exatamente passado muito tempo sozinha com garotos. Ajudar o Dustin na escola não contava. E ele não era um bruxo ou mágico ou o que quer que Nox fosse. Ele era irritantemente – e talvez não tão irritantemente assim – ainda mais bonito de perto.

– Ai! – Senti uma pontada de dor no meu couro cabeludo quando Nox se inclinou para trás, segurando um fio do meu cabelo cor-de-rosa. Ele tirou alguma coisa do bolso e a prendeu junto com meu cabelo em seu punho.

– Memória – sussurrou ele.

Quando ele abriu a mão, havia uma esmeralda dentro.

– Este momento está capturado para sempre. Existem esmeraldas como esta embutidas na estrada. Elas têm a função de entregar mensagens, assustar as pessoas, espalhar os decretos de Dorothy. Basicamente, um jeito de o palácio nos manter na linha.

Ele jogou a esmeralda no chão. Uma imagem subiu da pedra, inicialmente enevoada e depois entrando em foco. Eu estava revirando os olhos para ele. Ele se aproximou para puxar meu cabelo. Mas quase parecia que ele ia me dar um beijo.

A imagem desapareceu com a mesma rapidez que tinha aparecido.

– Quer dizer que *esse* é o seu superpoder? Fazer as pessoas verem coisas que não estão lá?

Nox não respondeu. Ele desapareceu num piscar de olhos e reapareceu ao meu lado.

– Também posso fazer as pessoas verem coisas que estão lá. Como disse Mombi, sou um guerreiro. A gente devia começar.

Quando ele assumiu sua postura de luta, percebi um ponto de tinta verde no seu cabelo preto.

– O que foi? – perguntou ele, percebendo que eu o encarava.

Ele devia ser o grafiteiro misterioso de Oz. Aquele que desenhara os rostos franzidos que eu vira no Condado dos Munchkins.

– Nada – respondi depressa. – Estou pronta. – Ele estava se esforçando muito para criar a fachada de "guerreiro", mas eu me perguntei o que mais havia sob a superfície. O que mais significava ser um garoto bruxo.

– Mentirosa – sussurrou Nox com um brilho malvado no olhar. – Não se preocupe. A fonte vai poder te curar quando você quebrar alguma coisa.

– Prefiro não me machucar – contra-ataquei.

– A sagacidade é muito valorizada no seu mundo? Você parece contar muito com ela.

– Ser um babaca total é muito valorizado no seu mundo? – Eu usava o sarcasmo para sobreviver em casa. E não ia desistir dele agora.

Seus olhos cinzentos se abriram um pouco mais.

– Suas palavras não vão servir de nada contra ela, a menos que você possa usá-las num feitiço.

Soltei um suspiro alto. Se eles queriam me treinar, eu ia treinar. Técnicas de autodefesa certamente seriam úteis por aqui. A propósito, também seriam úteis se um dia eu voltasse à Escola de Ensino Médio Dwight Dustin Eisenhower e tivesse que enfrentar uma Madison Pendleton mais magra e mais malvada depois do parto.

Mesmo assim. Só porque eu estava disposta a aprender a lutar, isso não significava que ia matar alguém. Suspeitei que Nox soubesse disso.

– Por que vocês simplesmente não me dão uma daquelas facas mágicas e acabam logo com isso?

– Eu poderia fazer isso – refletiu ele, pegando uma faca em uma das botas pretas e jogando-a de uma mão para a outra. Ele a jogou na minha direção, mas não fui rápida o suficiente, e ela caiu no chão com um barulho metálico. Deixei que ficasse ali, desejando não ter falado nada. – Mas você pode deixá-la cair – terminou ele com um sorriso cínico.

– Eu não estava pronta – argumentei.

– Você prefere *ter* a faca ou *ser* a faca? É simples assim. E difícil assim.

Ele abriu a mão, e a faca voou até ela. Eu vira Mombi fazer a mesma coisa antes. Ele

deslizou a faca de volta para dentro da bota, depois abriu os braços, me incitando a socá-lo.

Fechei a mão em punho e dei um golpe fraco e desanimado nele. Nox deu um pulo para trás e revirou os olhos.

– Dá um tempo – disse ele. – Você tem que *tentar*, ou não vai ser divertido.

Antes que eu pudesse responder, Nox golpeou, mirando direto no meu queixo. Recuei sem sair do lugar, mal conseguindo desviar a tempo e, depois, sem pensar, bati também. Agora, de verdade.

Dessa vez, atingi em cheio o centro do peito de Nox. Meu punho bateu numa parede dura de carne e músculo. Minhas articulações doeram com o impacto, mas ele não se abalou. Era como se ele nem tivesse sentido.

Tudo que ele fez foi rir.

– Está bem – disse ele. – Bom, é alguma coisa, pelo menos. Agora faz de novo. Dessa vez, *eu* também vou tentar.

Olhei para a expressão arrogante no seu rosto. Eu queria arrancá-la, só para mostrar que podia. Assim, dei impulso com toda a minha força e quase caí quando ele saiu facilmente do caminho. Seu sorriso cínico não se abalou nem por um instante.

– Continue.

Voltei a socar, ficando com mais raiva a cada tentativa. Nox desviava de cada soco tranquilamente, como se eu estivesse me movendo em câmera lenta.

Só quando eu estava suada e sem fôlego é que percebi que alguma coisa não estava totalmente certa. Nox era mais do que apenas rápido.

– Isso não é justo – falei. – Você está usando magia.

– Claro que estou. Lição número um: ela vai usar tudo que tem contra você. E eu juro que vai ser muito mais do que estou usando agora.

Ele estava certo.

– Está bem – falei. – Então, por que estamos nos preocupando com isso, afinal?

Quando ele abriu a boca para responder, recebi seu movimento como um convite para atingi-lo bem no plexo solar. Suas sobrancelhas dispararam para cima enquanto seu sorriso cínico se transformava num sorriso irônico.

– Ahá – disse ele. – Lição número dois: seus punhos não são suas únicas armas. Suas *armas* também não são suas únicas armas. A maior vulnerabilidade de Dorothy é sua...

Eu o chutei no estômago com toda a força que tinha, e ele caiu para trás tropeçando, com a boca aberta de surpresa. Isso o ensinaria a não me subestimar.

Mas, em vez de recuar, ou até mesmo diminuir o ritmo, ele veio voando direto para cima de mim. Dessa vez, eu estava preparada. Eu me abaixei.

* * *

Durante a próxima hora, Nox não me deu trégua. Ele simplesmente continuava vindo para cima de mim, usando os punhos, os pés, os cotovelos, os joelhos e tudo que tinha. O tempo todo, ele não parava de falar – destacando tudo que eu fazia errado.

E eu estava fazendo *tudo* errado. O modo como eu estava em pé. O modo como eu evitava seu olhar. O modo como eu segurava as mãos.

Mas, apesar de tudo que eu estava fazendo errado, havia *uma* coisa que eu estava fazendo certo. Eu também não estava dando trégua para ele. Eu estava com dor e exausta, mas continuei atacando.

– Relaxe – disse Nox. Eu não sabia como ele tinha fôlego para continuar falando, já que se movia com o dobro da minha velocidade. – Não desperdice sua energia mantendo os músculos contraídos. Não se concentre em onde eu estou. Concentre-se em onde eu *vou* estar.

Antes de terminar a frase, Nox sumiu. Virei-me assim que ele se materializou atrás de mim, quase pronta para ele, e o atingi bem na mandíbula. Finalmente, pela primeira vez, ele se encolheu de dor. Mas, antes que eu conseguisse recuar o braço, ele tinha me agarrado pelo pulso e segurava meu punho fechado contra o próprio rosto. Tentei me libertar, mas não consegui.

Ele simplesmente me encarou, com o olhar intenso. Eu não conseguia desviar o olhar, da mesma maneira que não conseguia mexer o braço. A energia crepitou entre nós, e senti uma atração por ele. Mariposa indo para as chamas. Ímã atraído por ímã. Garota idiota seduzida pelo garoto bruxo impossível e levemente malvado. Mágico. Tanto faz.

– Feche os olhos – disse ele. – Quero que você sinta uma coisa.

– Já estou sentindo uma coisa – falei. – *Cansaço*.

– Feche – disse Nox.

Fechei os olhos e senti uma energia estranha e agradável pulsando pelo meu corpo, começando onde meu punho ainda tocava o rosto dele e subindo pelo meu braço e ombro até chegar ao peito. Não era quente nem fria. Não se parecia com nada que eu sentira antes – nem mesmo quando eu era pequena e enfiei o dedo na parte do abajur onde fica a lâmpada para ver o que acontecia. Aquilo tinha doído como se não houvesse amanhã. Como se o fluxo de eletricidade estivesse matando todas as células enquanto passava pelo meu braço. Isso era o contrário. Parecia que cada centímetro meu estava despertando.

– O que é? – perguntei.

– Não é óbvio? – Ele soltou a minha mão, que caiu ao meu lado, pesada como pedra. – É magia – disse ele.

De repente, senti uma brisa. Abri os olhos.

Não estávamos mais na área de treinamento. Em vez disso, estávamos em pé na margem de um platô gramado que saía da entrada das cavernas no alto de uma montanha.

O sol estava claro e perfeito, e o céu azul-brilhante tinha um leve toque de lavanda. Olhei para a borda do precipício onde estávamos e perdi o fôlego. Estávamos numa altura do tipo não-olhe-para-baixo. Na altura de um arranha-céu. Não que eu já tivesse estado num prédio tão alto, mas eu imaginava como devia ser a sensação. A queda entre nós e a copa das árvores era estonteante. Abaixo de nós havia uma ampla extensão de natureza selvagem.

Ao longe, campos e flores davam lugar a uma floresta exuberante e escura. Mais longe, no horizonte, havia uma linha de montanhas que bloqueava o resto de Oz da minha visão – montanhas tão altas que seus picos se escondiam atrás de um véu denso de nuvens que se moviam rapidamente.

Tudo estava parado e quieto. Era diferente da quietude sinistra e morta do Condado dos Munchkins. Essa quietude era primitiva, encantada e cheia de vida. Parecia que Nox e eu éramos as duas únicas pessoas num mundo ainda não descoberto.

– Como nós chegamos aqui fora? – perguntei. Minha voz saiu sussurrada.

Ele me olhou como se eu fosse a pessoa mais burra do mundo.

– Você tem que parar de fazer esse tipo de pergunta – disse ele. – Você sabe exatamente como nós chegamos aqui fora.

Claro que eu sabia. Era a mesma resposta que ele me dera antes.

– Magia – falei num sussurro, sem realmente querer fazer isso.

– Ahã – disse ele. – Eu nos zapeei pra cá. Não consigo fazer os mesmos feitiços de teletransporte que Mombi faz, por isso não fomos muito longe. A sede da Ordem fica dentro destas cavernas. – Ele apontou para a entrada das cavernas atrás de nós.

Respirei fundo, aproveitando o primeiro ar fresco que eu sentia desde que fui levada para o Palácio das Esmeraldas, quem sabe havia quanto tempo. Senti o ar se agitando nos meus pulmões, e meu corpo todo formigou. Era a mesma sensação que eu tive dentro das cavernas, quando encostei no rosto de Nox e fechei os olhos.

– Acho que consigo senti-la – falei finalmente. – A magia.

– É impossível *não sentir*. Não aqui em cima – disse ele. – Estamos no Monte Gillikin. É um dos pontos mais mágicos que restaram em toda Oz. Dorothy ainda não conseguiu roubar daqui, é difícil demais. Está vendo aquelas montanhas lá longe? Elas se movem. Todas as noites, elas se reconstroem; todos os dias elas estão diferentes do dia anterior. Não dá pra construir estradas através delas. Não dá nem mesmo pra desenhar um mapa. Você nunca sabe o que vai encontrar. Em alguns dias elas até podem estar cobertas de neve, em outros, podem estar tão quentes que você tem insolação. Ou a temperatura pode estar amena. As pessoas vão até aquelas montanhas e nunca voltam. Claro que é possível passar por elas, você pode voar, se teletransportar ou qualquer coisa assim, mas não é fácil. Elas fazem parte do que mantém o Condado dos Gillikins mais protegido que o restante de Oz. Mesmo assim, é só uma questão de tempo.

– É incrível.

– Toda Oz costumava ser assim. Havia tanta magia flutuando por aí que era quase inevitável senti-la aqui e ali. Agora, a maior parte está em poucos pontos espalhados como este, lugares com os quais Dorothy não se preocupa.

– Talvez ela nunca vá se preocupar – falei. – Por que ela precisa de mais do que já tem?

Nox bufou.

– Você não conhece Dorothy. Quanto mais ela consegue, mais ela quer. É assim que funciona com vocês – disse ele.

– *Vocês?* Vocês quem?

– As pessoas do seu mundo. Como Dorothy. O Mágico. Como você, provavelmente. A magia é perigosa pra forasteiros. Vocês não são feitos pra ela.

– Mas vocês vão me ensinar mesmo assim. Foi o que Mombi disse.

– Elas acham que vale o risco – disse Nox. – Nem todo mundo concorda.

– Você acha que eu não vou aguentar.

– Talvez você consiga, talvez não. Eu não te conheço de verdade. O que eu penso não importa. A questão é o que *você* pensa. – Ele deu de ombros.

Balancei a cabeça. Eu precisava de mais.

– A escolha é sua – disse ele. – Não é a magia que faz você ser quem é. São as escolhas que faz. Olhe para a Dorothy.

– O que tem a Dorothy?

– É exatamente isso que faz Dorothy ser maligna.

DEZESSETE

Depois do meu treinamento com Nox, foi um alívio ver Gert. Eu não sabia o que ela estava preparando para mim, mas tive a sensação de que não envolvia bater em alguém. Apesar daquele incidente em que quase-me-afogou-de-propósito e de ela estar dentro da minha mente o tempo todo, ela *não* contara aos outros que eu não tinha intenção de matar Dorothy. Eu ainda estava confusa em relação ao que significava ser uma bruxa – uma bruxa *Malvada*, na verdade –, mas, de alguma forma, ela parecia menos *Malvada* do que o resto. Talvez fosse uma síndrome de Estocolmo idiota, aquela coisa que as pessoas têm quando começam a gostar dos seus sequestradores. Mas eu não me sentia sequestrada quando estava com Gert.

O quarto de Gert era como uma antiga botica, com uma parede de frascos de vidro cheios de um milhão de líquidos diferentes, latas grandes cheias de não sei o quê, e plantas e ervas que eu não reconhecia. A iluminação era fraca, mas também agradável e aconchegante. Não consegui descobrir de onde ela vinha – apesar de haver velas amontoadas em quase todas as superfícies, nenhuma delas estava acesa. As paredes eram cobertas com algum tipo de ouro branco, o que intensificava o brilho.

Havia uma vassoura apoiada no canto: era feita de uma madeira tão escura que era quase preta, com cerdas compridas e espinhosas. Estendi a mão para pegá-la, mas recuei quando Gert falou, áspera:

– Você ainda não está pronta pra isso, querida – alertou ela. Olhei para Gert, mas ela sorriu como se não fosse nada demais e começou a se movimentar pela caverna. – Amy – continuou Gert. – Eu sei que tudo isso é novidade. Sei que você está com medo. – Ela foi até uma prateleira e, distraidamente, pegou um frasco antes de olhar para ele, balançar a cabeça para si mesma e colocá-lo de volta no lugar. – Mas nós precisamos de você – disse ela. – E eu acredito em você. Agora, nossa primeira lição. Gosto de pensar nesse projeto como meu pequeno plano *Vire Bruxa Rápido*. – Ela riu da própria piada.

Ela se sentou num banquinho ao lado de uma grande mesa de madeira no meio do quarto e indicou que era para eu sentar também. Cada centímetro da mesa estava coberto de velas e, quando a bruxa olhou para elas, as luzes começaram a se acender, uma a uma.

O rosto de Gert brilhava contra a luz que ela produzira. Ela deu um sorriso discreto e satisfeito, depois bateu palmas e todas se apagaram.

– Sua vez, agora – disse ela.

– Como? – perguntei. Estava confusa. Ela não tinha me ensinado nada ainda. Eu não devia entoar um feitiço ou balançar uma varinha ou cozinhar alguma coisa com olho de salamandra? Pelo que Nox dissera e pelo que eu tinha visto até agora, a magia só *parecia* fácil. Fazer isso demandava concentração, prática e tempo.

Gert acenou a mão no ar e, quando fez isso, fagulhas a seguiram, como minúsculos vaga-lumes estalando.

– Pense na magia como se fosse a eletricidade no seu mundo – orientou ela. – Em Oz, ela está ao seu redor. Flui pelo solo, pelo céu e pela água. Ela mantém Oz viva. Na maioria dos lugares, não há nem de perto o tanto que costumava haver, mas ela ainda está aqui.

– Ok... – falei. Isso meio que fazia sentido, mas não totalmente.

– Para usá-la – continuou ela –, você só precisa saber como encontrá-la. Você precisa reuni-la e dizer a ela o que fazer. É só energia instável. A magia sempre quer ser algo diferente do que já é. Ela quer mudar. É isso que a torna mágica. E é isso que faz com que acender uma vela seja a magia mais simples que você pode fazer. Você simplesmente pega a energia e diz o que ela deve ser. Neste caso: calor.

Ela sempre quer ser algo diferente do que já é. Bem, *isso* fazia sentido para mim. Me fazia lembrar de mim mesma.

Franzi a testa para as velas. Estendi os dedos e os movi no ar parado e levemente úmido ao redor, tentando voltar àquele ponto aonde Nox tinha me levado – aquela sensação agradável de formigamento.

Nada.

– Você tem que querer – disse Gert. – Você quer?

– Claro que eu quero – respondi. Eu queria, não? Passei a palma da mão rígida sobre

as velas.

De novo, nada aconteceu. Os pavios continuavam totalmente apagados.

– Você quer mesmo, criança?

– Por que eu não ia querer?

– Esqueça o que você deve fazer. Só faça o que vier naturalmente pra você.

Eu desabei.

– Detesto dar essa notícia – falei –, mas *nada* disso vem naturalmente pra mim.

– Amy – disse ela. – Isso vai acontecer. Em breve. O que você fez naquela cela com Mombi, parte daquilo foi a faca, sim. Mas uma parte ainda maior estava vindo de *você*. Você tem talento. Quando aprender a canalizá-lo adequadamente, será imbatível.

Não consegui deixar de me lembrar de que eu havia machucado alguém ou alguma coisa. Ele mereceu, mas mesmo assim. Pareceu tão fácil naquele momento. Talvez fácil demais. Eu me lembrei do que Nox dissera, sobre como a magia era perigosa, sobre como ela corrompia as pessoas do meu mundo. Como essas pessoas queriam mais e mais. A magia transformou Dorothy em quem ela era agora. O que a magia faria comigo? E se, ao treinar para lutar contra Dorothy, eu me tornasse exatamente igual a ela?

– Você não é a Dorothy, querida – disse Gert. Eu me senti tremer involuntariamente. Ela devia ter escutado os meus pensamentos. – Não se preocupe. Vou garantir que você nunca se transforme nela. – Eu me perguntei se Gert estava fazendo essa promessa só para eu parar de me preocupar ou se era uma promessa que ela podia cumprir. – O que nos leva a uma pergunta muito importante. – Ela fez uma pausa e me olhou de cima a baixo, me avaliando. – Quem é você? – perguntou ela finalmente.

Recuei, surpresa com a pergunta.

– O quê?

– Se você não é Dorothy, quem é você?

Eu não sabia como responder.

– Hum – falei. – Sou Amy?

– Aposto que existem milhões de Amys na sua terra, querida. Amy é como você *se chama*. – Gert deu uma risada alegre. – Uma coisa que você precisa entender é que todos os usuários de magia têm especialidades. Cada um de nós tem mais afinidade com certos

tipos de magia. Tem a ver com a nossa personalidade. Depois que você entender com que tipo de magia se identifica melhor, vai ser mais fácil. Mas, antes, você precisa saber quem é. A essência do que faz você ser *você*. Então. Quem é você?

Pensei no assunto. Antes de chegar a Oz, eu teria sido capaz de responder a essa pergunta com mais facilidade, acho. Mas também poderia ter respondido errado. Agora, eu não sabia por onde começar.

Será que eu era a Amy Gumm que sempre fora, que cuidava da minha mãe apesar de às vezes odiar cada instante vomitado e mal-agradecido, que sobrevivia na escola sem nem chegar à superfície de todo aquele potencial que o dr. Strachan dizia que eu tinha? Será que eu era Amy Esmola, a garota que sempre mordia a isca quando Madison Pendleton forçava demais a barra? A garota que não conseguia ficar de boca fechada quando, literalmente, sua vida dependia disso? A garota cujo futuro parecia tão desolador quanto o céu do Kansas que ela observava todas as noites através da minúscula janela circular do trailer?

Ou será que eu era mais extrema, alguém que eu nunca imaginara – uma assassina. Uma guerreira. Uma garota que poderia esfaquear a cara de uma pessoa e saber que estava fazendo a coisa certa? Alguém que tinha uma força que nunca conhecera?

– Quem eu devo ser? – perguntei.

– Não é uma questão de quem você deve ser. A verdade é que eu já sei exatamente quem você é. Mas, se eu te falar, isso não vai fazer nenhum bem. É você que deve descobrir. Aqui, tente de novo. Acenda as velas.

Eu me concentrei em mim mesma. Imaginei as velas piscando e, depois, se acendendo.

Mas, ainda assim, nada aconteceu.

O rosto de Gert não revelou nenhuma expressão. Procurei decepção, mas não encontrei nada. Ela simplesmente bateu palmas e sorriu.

– Acho que é suficiente, por hoje – disse ela. – Você vai se encontrar com Glamora em seguida. *Isso* vai ser interessante.

Dei de ombros e me levantei. Mas, quando cheguei à porta, virei-me para encarar Gert mais uma vez.

– E você? – A pergunta que estava quicando na minha mente saiu tropeçando num piscar de olhos. – Você realmente é uma bruxa Malvada? – perguntei. – Você disse que era, mas... pra mim, você não parece Malvada.

O sorriso de Gert desapareceu.

– Essa é uma pergunta complicada – respondeu ela, desviando os olhos.

– Acho que eu consigo lidar com coisas complicadas, neste momento – falei.

Ela simplesmente suspirou.

– Eles costumavam me chamar de Bruxa Boa do Norte – explicou ela. – Mas isso foi há muito tempo.

– O que aconteceu com você? – O que faz uma bruxa Boa virar Malvada? E, se ela não conseguiu evitar se tornar Malvada, como poderia me impedir de seguir o caminho de Dorothy?

– Conheci Dorothy quando ela era nova, quando chegou aqui pela primeira vez. Quando ela só falava em voltar pra casa. Mas, mesmo naquela época, eu via algo a mais nela; ela não era sincera consigo mesma em relação ao que queria. Dizia que queria ir pra casa, mas também queria reconhecimento. Queria que o mundo sentasse e reconhecesse o que ela fez. Ela não conseguiu isso em seu mundo, por isso voltou para o nosso. Mas, aqui, ela estava vivendo sob a sombra de Ozma. Portanto, ela neutralizou Ozma e assumiu as rédeas. Mas mesmo isso não foi suficiente. Dorothy queria mais.

– Eu também quero coisas.

– Você quer que as coisas fiquem certas. Pode ser que haja um garoto que você queira beijar, ou você pode querer que sua mãe fique melhor. Mas você não tem o que ela tem: mais *desejo* do que caberia nesse Kansas de vocês, imagino.

– E se você estiver errada? – perguntei baixinho.

– Não estou errada. – A voz de Gert era firme, inabalável. – Agora vá. Você precisa de todo o descanso possível antes de se encontrar com Glamora amanhã.

Será que Gert *ainda* era Boa?, eu me perguntei. E se não era, por quê? Sua boca formou uma linha fina e firme que revelava que ela não ia responder mais nada, pelo menos não por hoje. Eu me virei e saí do quarto – e não por vontade própria. A mão invisível de Gert me deu um empurrão.

* * *

De volta aos meus aposentos, eu estava mais cansada do que deveria. De algum modo, eu me sentia até mais exausta do que fiquei depois da sessão de treinamento com Nox. Quando terminei de devorar a tigela de gosma verde sem gosto que se materializou no meu quarto, eu estava tão exausta que, em vez de me preocupar em tirar as roupas, caí na cama ainda vestida.

Minha cama mal era uma cama – era só um monte de almofadas e lençóis empilhados num buraco afundado no meio do quarto. Mas eu já havia descoberto que era mais confortável do que qualquer colchão em que eu já dormira. Me jogar nela parecia afundar num sonho.

Apesar de me sentir tão cansada, e apesar de ser bom finalmente me deitar, ouvi a voz de Gert ecoando na minha cabeça enquanto eu tentava dormir. *Quem é você?* Eu deveria ter uma resposta para isso. *Todo mundo* deveria ter uma resposta para isso. Mas eu não tinha.

* * *

Minha primeira lição com Glamora foi algo totalmente diverso.

Quando entrei no seu quarto na manhã seguinte, ela levantou o olhar, sentada diante de uma penteadeira incrustada de joias que era diferente de todo o resto das cavernas.

Na verdade, os aposentos de Glamora não eram nada parecidos com o resto das cavernas. Era muito fácil esquecer que estávamos embaixo da terra.

Havia tapetes em tons de roxo e vermelho vivo pendurados nas paredes da caverna e cobrindo o chão. A cama era repleta de pele branca, e havia uma parede inteira coberta de armários espelhados tão cheios de vestidos que as portas todas estavam entreabertas. Uma delas só tinha joias: colares, anéis e brincos se derramando no chão.

Ela se levantou da penteadeira e foi para um sofá acolchoado com uma mesa espelhada na frente. A bruxa a encarou, e um conjunto de chá apareceu. Ela fez sinal para eu sentar.

– O que vamos fazer?

– Vamos tomar chá.

Quando sentei, uma bandeja com vários andares de petiscos surgiram do nada bem ao lado do conjunto de chá. A bandeja estava repleta de sanduíches abertos, roscas quadradas e pequenos bolinhos com algo que parecia ser pedacinhos de papel dourado.

Fiquei com a boca cheia de água. Depois de praticamente morrer de fome nas masmorras de Dorothy, a ideia de comer algo que não tinha gosto de enxofre aguçou minha curiosidade. Por que não simplesmente sentar e comer com a bruxa roxa maluca? Mas será que ela estava tentando me conhecer? Isso era algum tipo de teste sobrenatural que eu ainda não tinha percebido? Será que íamos ler as folhas de chá quando terminássemos de tomá-lo?

Eu estava com tanta fome que estendi a mão para pegar um biscoito minúsculo que parecia um painel de vitral. Glamora deu um tapa na minha mão.

– Espere a anfitriã se servir antes de tocar em qualquer coisa – ordenou ela. – Você vai precisar ter cuidado até mesmo com os menores gestos quando começar sua missão. Tudo o que fizer vai ser observado. Você vai precisar chegar perto de Dorothy, e ela é mais esperta do que parece. Qualquer coisa pode te entregar. – Ela finalmente fez um gesto para eu comer, e eu dei uma mordida num dos petit fours maravilhosos. Os sabores mudavam magicamente na minha boca, de bolo recheado até sorbet de chocolate e um tipo de pudim de banana.

Isso tudo era novidade para mim. Ninguém tinha me falado qual era o plano, até agora.

– Quer dizer, então, que eu vou estar disfarçada ou alguma coisa assim? – perguntei, com a boca ainda meio cheia. Glamora me olhou com desaprovação e não respondeu à minha pergunta.

– Não fale com a boca cheia. Agora, me sirva uma xícara de chá.

Passamos as horas seguintes analisando meus modos – algo com o qual eu tinha zero de experiência em casa. Como andar, como falar. Como servir. Ela me ensinou a fazer uma reverência e até mesmo a *olhar* para Dorothy.

Enquanto a lição com Gert tinha sido um bate-papo, quase como sair com uma amiga, Glamora era totalmente profissional, mal parando num tópico antes de passar

para o próximo. Quando terminamos, minha cabeça estava girando com o que me pareciam informações inúteis.

E havia ainda muito mais. Enquanto eu saía, ela me deu uma pilha de livros – arquitetura, arte, etiqueta e alguns romances.

– Todo mundo em Oz com menos de duzentos anos já leu esses livros. Vamos conversar sobre todos eles na próxima aula. – Ela voltou a sentar em frente à penteadeira e virou as costas para mim, olhando para o espelho. Sua escova se levantou sozinha e começou a escovar seu cabelo.

O que eu ia fazer? Desafiar Dorothy para uma competição de conhecimento? Entediá-la até a morte?

– *Todos eles?* – perguntei, incrédula. Eu levaria pelo menos um mês para ler *metade* do que ela havia me dado.

– Você vai conseguir – disse Glamora. – E mais uma coisa. Acho que você não gosta muito de mim. E *sei* que você não confia em mim. Isso é bom. Você não deve confiar em mim. Mas você também não deve confiar em mais ninguém aqui. Cada sorriso, cada palavra delicada, cada biscoito, tudo aqui tem um objetivo: a princesa morta.

– Eu sei – falei de um jeito desafiador. – Aonde você quer chegar?

– No mundo de Dorothy, palavras como *Bom* e *Malvado* não significam nada – respondeu Glamora. Enquanto ela passava a escova no cabelo, os fios adquiriram uma tonalidade mais profunda, passando de vermelho-vivo para um castanho-avermelhado profundo. Ela sorriu docemente enquanto falava, como se estivesse tentando me fazer um favor.

Eu sabia o que ela estava fazendo. Estava tentando abalar minha confiança em Gert. Mas por quê?

DEZOITO

– O que há de errado com aquela mulher? – perguntei a Nox enquanto nos dirigíamos para o jantar na noite da minha primeira lição com Glamora. Nox pegou os livros que ela me deu, e eles se desmaterializaram no ar. Supus que tivessem ido para o meu quarto, onde eu os estudaria mais tarde.

Ele me olhou de um jeito irônico.

– Você levou uma surra e está aprendendo a fazer magia, mas está chateada por ter que ler alguns livros? – Ele riu. – Glamora deveria ser a parte mais fácil do seu dia. – Mas o canto de sua boca estava virado para cima apenas o suficiente para sugerir que ele sabia exatamente como a gêmea de Glinda podia ser difícil.

– Tem alguma coisa nela – falei. – Alguma coisa que me dá calafrios.

– Ela é irmã gêmea de Glinda – retrucou ele. – O que você esperava? Imagina se sua outra metade se virasse contra você, e você soubesse que, um dia, vai ter que encará-la numa batalha.

Parei no corredor. Nox se virou para me olhar, seu rosto iluminado pelas fileiras de fogo acima de nós que clareavam nosso caminho. Havia uma leve insinuação de impaciência sob a superfície tranquila. Eu a percebi como uma cicatriz.

– Gert me perguntou quem eu era, mas a verdade é que não sei quem *vocês* são. Não de verdade. E não sei nenhum detalhe desse grande plano que supostamente depende de mim.

– Você não precisa conhecer todas as curvas de uma estrada pra andar por ela.

– Ajudaria saber o destino.

– Você sabe: vamos derrubar Dorothy.

– Você sabe o que eu quero dizer. Será que dá pra você deixar a conversa de bom soldado por um segundo e simplesmente ser uma pessoa?

Ele parou por um segundo, como se considerasse seriamente a pergunta.

– Só Mombi e Gert sabem o plano todo – disse ele finalmente. – O resto de nós só conhece algumas partes. Assim, se alguém for pego, nem tudo estará perdido.

– Mas e se...? – O som de Glamora tinindo uma taça me impediu de fazer mais perguntas.

– Algumas histórias não são minhas pra contar – resumiu Nox. Depois, como se estivesse se sentindo culpado, acrescentou: – Bem-vinda ao nosso primeiro jantar oficial com a Ordem Revolucionária dos Malvados. – E então ele me conduziu porta adentro.

A sala de jantar era formal como Glamora. Mas também era assustadora. A mesa era um pedaço redondo de ardósia suspenso no ar no centro da caverna. As paredes tinham uma tonalidade marrom-chocolate agradável, com flores de madressilva de verdade por toda parte. A mesa fora posta com porcelana preta. Outra árvore de cabeça para baixo estava suspensa sobre a mesa.

Mombi, Gert e Glamora já estavam sentadas.

Nox apontou para uma cadeira e ocupou o lugar ao lado. Sentei, nervosa.

Eu não tinha um jantar à mesa com a minha mãe desde os doze anos. Nosso trailer só tinha uma mesa dobrável que a minha mãe cobria com tabloides e contas a pagar.

Gert resmungou algumas palavras baixinho, e nossas taças se encheram de um líquido vermelho. Acho que, se tínhamos idade suficiente para lutar, tínhamos idade suficiente para beber vinho.

O prato diante de mim estava novamente cheio de gosma verde. Pelo menos agora eu tinha um motivo para gostar de Glamora. Seus chás podiam ser a única comida apetitosa que eu ia receber daqui para a frente.

– Bom... como a nossa garota se saiu? – perguntou Mombi, olhando para mim.

– Ela não tinha modos – começou Glamora de um jeito amargo, ansiosa demais para responder primeiro. – O que quer que eles tenham tentado ensinar a ela naquela casa de lata, deviam se envergonhar.

Eles não estavam me ensinando nada. Se eu seguisse o exemplo da minha mãe, nem saberia como usar um garfo. Quando se preocupava em comer, ela escolhia salgadinhos que tirava direto do pacote. Ou, se eu insistisse o suficiente, cereais direto da caixa.

– Mas ela tem uma boa estrutura óssea. Não acha, Nox? – continuou Glamora,

piscando para Nox.

Tomei um gole de vinho, que tinha um leve gosto de flores. Glamora tinha acabado de me elogiar? E o que foi essa piscada?

– Amy tem um grande potencial – interrompeu Gert.

Potencial era uma palavra que flutuava sobre a minha cabeça nos últimos cinco ou seis anos de escola. Potencial desperdiçado. Será que ela tinha me seguido até aqui?

Mombi foi direto ao ponto.

– Ela conseguiu alguma coisa sem ajuda?

– Não, mas vai conseguir – respondeu Gert.

Mombi suspirou.

– Não temos muito tempo.

– É só que, pra uma garota que fala tanto, ela ainda não se conhece.

Ai. Foi diferente quando Gert falou isso só para mim, em vez de na frente de todo mundo. Além do mais, estavam falando de mim como se eu não estivesse sentada bem na frente deles.

Nox pigarreou. *Lá vamos nós,* pensei. Agora ele tem uma chance de mostrar meus fracassos de verdade.

– Não dá pra julgá-la agora. Ela está fazendo o melhor que pode, nas atuais circunstâncias.

A taça de vinho escapou da minha mão. Eu a peguei, mas não antes de algumas gotas se derramarem sobre a mesa. Nox olhou para mim e ergueu uma sobrancelha. Ele estava me defendendo a sério?

Glamora limpou as gotas com um aceno da mão.

Olhei para Nox. Não fazia o menor sentido. Mombi o analisou em detalhes, parecendo tão surpresa quanto eu.

– São necessários muitos anos pra aprender o que queremos que ela faça em um mês – explicou ele. – Ela nem é daqui. O que vocês esperavam? Ninguém consegue fazer isso. – De repente, percebi por que ele estava sendo tão legal. Ele soava como se não acreditasse na ideia de um dia eu ser uma bruxa de verdade.

– *Você* conseguiu – retrucou Mombi.

– Eu era uma criança. É mais fácil.

– Dorothy conseguiu – acrescentou Glamora.

– Posso falar por mim mesma! – soltei de repente. – E, sinceramente, o que eu preciso saber fazer pra ser uma isca?

Eu tinha entendido tudo de repente. Agora eu era uma fugitiva do palácio – uma fugitiva em quem Dorothy tinha um interesse muito *pessoal*. Eles queriam me usar para distraí-la. Devia ser isso.

– Estou certa. Sou uma isca, não é?

Gert abriu a boca para responder – provavelmente para dizer alguma coisa tranquilizadora –, mas se impediu. Ela parecia de fato surpresa, o que era uma grande façanha para alguém que conseguia ler mentes. Mas então eu percebi que ela não estava olhando para mim. Virei na cadeira para seguir seu olhar e arfei. Em pé atrás de mim havia duas garotas encharcadas de sangue.

Elas não eram como nenhuma garota que eu vira até agora. A mais alta tinha cabelo vermelho e uma cicatriz roxa profunda no meio da testa, mais ou menos do tamanho de uma moeda de um dólar e lisa como osso exposto. A outra garota tinha cabelo louro, olhos verdes penetrantes e uma boca pequena com formato de coração. Mas, sinceramente, era difícil me concentrar nisso, porque, enquanto metade do seu rosto era de carne, como o meu, a outra metade era feita de metal, os dois lados unidos por parafusos grandes e grossos. Seu pescoço também era assim – dividido no meio – e o braço esquerdo era de metal. Eu não conseguia ver suas pernas por baixo da calça, mas me perguntei se o corpo todo era do mesmo jeito.

As duas garotas estavam apoiadas uma na outra. Ou, melhor dizendo, a garota de lata estava apoiada na mais alta. Eu não via os ferimentos embaixo de todo aquele sangue, mas ela parecia mais machucada.

Mombi chegou ao lado das garotas num piscar de olhos.

– Onde? O quê?

– Condado dos Quadlings. O Leão – murmurou a garota alta com a cicatriz redonda.

Mombi desapareceu numa nuvem de fumaça. Em vez de ajudar as garotas ensanguentadas, ficou claro que ela tinha ido verificar *onde* e *o quê*.

Nox se agitou ao meu lado quando ouviu a palavra *Leão*. Ele se levantou num pulo, e Gert o seguiu rapidamente.

Nox pegou a garota de lata nos braços. Um sorriso tremulou através da dor debilitante no rosto dela.

– Melindra, vai ficar tudo bem. Vou cuidar de você.

Pela primeira vez desde que o conheci, Nox parecia se importar.

A mão de Gert brilhou quando ela tocou o braço da garota.

– Vamos levá-la para a fonte.

Antes que eu percebesse, as garotas, Nox e Gert tinham sumido. Quando voltei para a mesa, Glamora se recostou na cadeira e comeu mais um pedaço da gosma.

Ser abandonada sem nenhuma explicação não me incomodava. O que me incomodava, de repente e surpreendentemente, era o quanto Nox se importava em ajudar essa outra garota.

* * *

– Sente-se – ordenou Glamora na nossa próxima lição, apontando para sua penteadeira quando entramos na sua caverna.

Eu estava distraída, ainda incomodada pelo que tinha acontecido durante o jantar da noite anterior. Aquelas garotas tinham aparecido cobertas de sangue e eu estava aqui para aprender a fazer reverências? Eu me afastei dela andando desengonçada, sabendo o quanto isso a irritaria. Não me sentei. Em vez disso, mexi nas coisas dela. A penteadeira era coberta de pequenos bonecos de vidro que pareciam ter sido peças de um tabuleiro de xadrez muito enfeitado. Revirei uma rainha de vidro nas mãos e ouvi Glamora expirar profundamente, como se estivesse tentando manter a calma. Revirei os olhos também. Era um pequeno ato de protesto, mas foi registrado por Glamora como um terremoto.

– Sente-se – ordenou ela de novo, sem aumentar a voz, mas tirou a peça da minha mão e a recolocou na penteadeira. As outras peças também voltaram para o lugar: sozinhas. Eu me perguntei se o dom verdadeiro de Glamora não era a etiqueta, mas um tipo de TOC bruxulesco.

Dessa vez, obedeci. Sentei na cadeira, mas imediatamente virei de costas para o

espelho a fim de encará-la. Ela soltou o cabelo do coque intricado, e as mechas caíram em ondas bonitas até bem depois dos ombros, emoldurando o *V* profundo do seu vestido roxo e do decote profundo. De cabelo solto, ela se parecia ainda mais com a irmã malvada.

– Posso não ter os dons de Gert ou Mombi, mas tenho muitas coisas pra ensinar, minha querida – disse Glamora.

Levei a mão até a peça da rainha novamente. Ela se afastou de mim.

Glamora suspirou.

– Às vezes, mostrar é melhor do que contar.

Olhei para ela, que colocou as mãos perfeitamente bem-cuidadas sobre o rosto e depois as tirou como se estivesse brincando de esconder com uma criança pequena. Arfei. Sua bochecha direita tinha um buraco na forma lunar – eu podia ver sua língua. Eu podia ver os dentes brancos perfeitos.

– O que aconteceu com você? – perguntei, horrorizada.

– A família pode nos machucar mais do que qualquer outra pessoa.

– Por que Glinda... O que aconteceu?

– Glinda queria garantir que ninguém mais me confundiria com ela. Ter a exata aparência do seu inimigo pode ser uma vantagem potencial quando estamos à beira da guerra, e ela não queria que eu tivesse essa vantagem.

Glamora não parecia constrangida nem envergonhada – mas me deixar ver sua cicatriz era claramente algo importante, ainda mais para alguém tão linda. E Glamora ainda era linda, mesmo com o rosto esburacado. A beleza estava no jeito como se movia e falava. A beleza era uma ação tanto quanto uma fisionomia.

– Por que você não usa a fonte? – perguntei com cuidado.

Glamora passou os dedos sobre a cicatriz quase com afeto.

– Quando ela me encarar, quero que veja o que fez.

Balancei a cabeça.

– Eu já a vi. Vi o que ela se tornou. Você não acha que ela vai ver isso e implorar por perdão, acha?

Eu me perguntei se ela esperava que alguma parte sua ainda acreditasse nisso. Que

Glinda veria a cicatriz e se arrependeria. Eu sabia um pouco sobre essas esperanças – e sabia muita coisa sobre decepção.

Glamora riu, uma risada que parecia um sino alto, num volume que me deu vontade de cobrir os ouvidos.

– Não há mais espaço para o perdão. Não pra mim. Quero que a cicatriz seja a última coisa que ela veja antes de morrer.

Os olhos de Glamora analisaram os meus, esperando algum tipo de reação.

– Ela não matou você – falei devagar. – Ela claramente chegou perto disso. Mas não matou você.

– Quando você é uma bruxa *e* tem uma irmã gêmea, você está conectada. Antes eu conseguia ver o que ela estava fazendo. Eu sentia quando ela estava com dor. Mas, desde que ela fez isso, não a sinto mais. Não a vejo mais. Há uma chance de que, se a faca entrasse totalmente em mim, ela atravessaria a si mesma também. Me matar poderia muito bem acabar com a vida dela.

– Mas isso não é verdade pra você também? Se você for atrás dela, pode se matar.

– Essa é a diferença entre nós. Eu não hesitaria, se o resultado fosse livrar o mundo da maldade dela.

Encarei Glamora enquanto ela levava a mão à bochecha e a cicatriz desaparecia, e logo ela pareceu perfeita e inteira de novo.

Quando vi Glamora pela primeira vez, alguns dias atrás, achei-a a coisa mais assustadora do mundo, porque pensei que ela fosse Glinda. Mas, agora que eu vira a *verdadeira* Glamora, eu me perguntava se, talvez, ela era mais assustadora que Glinda, no fim das contas.

– Vamos começar? – Ela colocou a mão no meu ombro e, delicadamente, me virou para o espelho. Só havia dois espelhos lá em casa, no trailer. O quebrado no nosso banheiro minúsculo e o que ficava sobre a minha cômoda de dez-milhões-de-anos, que era distorcido e parecia ter saído de uma casa dos espelhos, fazendo o meu rosto parecer ainda mais estreito do que o normal. Eu passava o mínimo de tempo olhando para eles.

Este espelho era diferente. Ou talvez eu estivesse diferente.

Prendi a respiração. Havia algo duro nos meus olhos. Estavam mais fortes do que

antes, se é que isso era possível. O cor-de-rosa estava desbotando do meu cabelo, dando lugar ao louro sujo.

Tinta de cabelo barata.

– Muito bonita – disse Glamora, olhando para mim sem uma única pitada de ironia nem falsa sinceridade.

Tentei sair da cadeira, mas ela colocou as mãos nos meus ombros e me empurrou para baixo.

– Muito bonita – repetiu ela, com a mesma certeza de Gert quando me perguntou quem eu realmente era. Como se quisesse se certificar de que eu acreditava nela. Como se, de algum modo, ela soubesse que ninguém tinha me chamado assim ao longo dos meus dezesseis anos.

Desde que eu tinha chegado, Glamora estava julgando cada movimento meu com base em algum padrão maluco de etiqueta. Portanto, as palavras delicadas me impressionaram.

– O que há por dentro é tudo, Amy. Mas isso não significa que você não pode melhorá-lo. A beleza tem seu próprio tipo de magia. E a aparência de algo também pode ter poder.

Ela afastou o próprio cabelo, e ele mudou de castanho-avermelhado profundo para lilás-pálido. Depois voltou ao que era.

Ela tocou no meu cabelo.

– O que vai ser?

– Você não gosta do rosa?

– Quando vi você pela primeira vez, Amy Gumm, seu cabelo foi o que me deu esperança. A todos nós.

– Sério?

Glamora encolheu seu nariz perfeito, como se a cor do cabelo fosse algo sagrado demais para desprezar.

– Quando Dorothy pousou aqui naquele vestido xadrez precioso, eu sabia que ela era encrenca.

– Você conheceu Dorothy quando ela chegou pela primeira vez?

– Naquela época, eu estava onde minha irmã estivesse. Isto é, até ela encontrar seu lugar ao lado de Dorothy. Ninguém mais sentiu, acho que não, mas eu senti. Alguma coisa naquela doçura toda não me parecia certa. Mas, você, você não tinha um grama de doçura, e aquele cabelo era só o ponto de exclamação.

– Obrigada? – falei. – Acho.

– É um elogio. Eu preferiria um milhão de Mombis em vez de uma Dorothy. Não sei nada da sua casa de lata, mas, aqui, o açúcar pode ser um veneno. – Ela afofou meu cabelo com as mãos, como se sacudisse a nuvem de Dorothy que passou sobre seu rosto.

– Quero mantê-lo. Eu gosto do rosa – falei, mais feliz do que o habitual.

Os dedos de Glamora passaram pelos meus cabelos, ajustando a cor – primeiro azul, depois verde e de volta ao rosa – um rosa melhor – com uma profundidade de cor e um brilho que meu cabelo nunca teve, mesmo quando era da sua cor natural, o louro mais sujo do mundo. Agora estava a um passo do rosa algodão-doce. Eu me lembrava de ter pintado o cabelo na pia do trailer apenas alguns dias e um tornado atrás. Achava que mudar a cor do meu cabelo mudaria alguma coisa na minha vidinha cinza. E agora? Agora eu tinha o tom perfeito de rosa e mais mudança do que eu sabia como lidar.

Ela piscou, e minhas bochechas ficaram mais rosadas. Piscou de novo, e meus lábios brilharam com um vermelho profundo. E de novo, e um delicado padrão de sombra verde e cinza formou meias-luas sobre meus olhos. Outra vez, e meus cílios pareceram crescer meio centímetro. Mais uma vez, e glitter caiu como uma cascata sobre mim.

Glitter me fazia pensar em Madison. Brilhando como uma maldita bola de espelhos no corredor da escola...

Mas então eu vi que o glitter de Glamora não era nem um pouco parecido com o de Madison. Ele sabia exatamente para onde ir – realçando um pouco acima das maçãs do rosto e das pálpebras. Polvilhando a clavícula e a omoplata. Complementando o que ela fez com a maquiagem. Não como um blush, mas como algo mais natural. Ou, na verdade, sobrenatural.

Pelo espelho, vi Nox aparecer na entrada da caverna. Eu não o via desde ontem, quando ele desaparecera com a garota machucada.

– Ela está...? – perguntei, virando para encará-lo.

A boca de Nox se abriu, mas nada saiu enquanto ele me encarava.

Glamora deu uma risadinha.

Nox encontrou a própria voz.

– Ela está bem – respondeu, com uma tossida. – Os ferimentos eram profundos, mas ela é forte.

Os olhos de Glamora se acenderam em Nox.

– Que sincronia maravilhosa você teve. Ela não está linda? – Glamora piscou, mas não consegui identificar se foi para Nox ou para mim.

* * *

Pouco depois da chegada de Nox, Glamora declarou que tínhamos terminado, então ele me levou de volta ao meu quarto – provavelmente porque o meu quarto ficava no caminho para o quarto dele.

Eu me perguntei como era o quarto de Nox. Ele devia dormir no chão ou em alguma laje de pedra modesta como a da minha cela na Cidade das Esmeraldas.

Nox não comentou minha maquiagem.

– O que aconteceu com elas? – perguntei a Nox conforme andávamos. – O que provocou aquela cicatriz no meio da testa dela? Por que a outra... por que ela... foi o Leão que fez aquilo com ela? – Pensei no rosto ensanguentado da garota, metade de lata, e estremeci.

Nox balançou a cabeça.

– Melindra é metade lata há muito tempo. Ela é uma das poucas pessoas que escapou do laboratório do Espantalho.

– O Espantalho fez aquilo com ela? – Eu o vira no salão do trono. Mas ele me parecera bem inofensivo, em comparação ao Homem de Lata.

Ele fez que sim com a cabeça e continuou.

– Annabel é uma Chifruda. *Era* uma Chifruda do Condado dos Quadlings. Seus chifres continham magia poderosa. Dorothy ofereceu grandes recompensas por eles. Não existem mais Chifrudos.

Tentei imaginar um chifre de unicórnio no centro da bela testa de Annabel. Com ou

sem magia, ter alguma coisa nascendo na minha testa não era algo que daria certo no lugar de onde eu vinha. Mas, quando imaginei alguém tentando arrancá-lo, estremeci. As asas de Ollie, o braço e o rosto de Melindra, o chifre de Annabel – a contagem de partes corporais aumentava cada vez que eu aprendia alguma coisa nova sobre este lugar.

– Elas são apenas garotas – falei devagar. – Deviam estar indo pra escola. Deviam estar fazendo coisas normais de crianças, como se divertir e torturar meninas como eu.

Nox balançou a cabeça, como se a ideia de crianças serem crianças nunca tivesse sido uma possibilidade para nenhum deles. Ele suspirou e olhou para mim como se eu não entendesse nada.

– Quando Dorothy passa por uma cidade, ela leva os adultos, todos que podem trabalhar. Alguns vão trabalhar para Glinda nas minas de magia, ou para Dorothy no palácio. Alguns são levados para o Espantalho, para serem seus brinquedos.

– Seus brinquedos?

– Ele colocou na cabeça que tem que "ajudar" Dorothy. Encontrar maneiras de extrair magia. Ajudar o Homem de Lata a construir um exército melhor. Mas, no tempo livre, ele faz experimentos.

Enquanto eu digeria isso, ele voltou para Dorothy.

– Às vezes ela pega algumas crianças também, mas a maioria fica pra trás.

– Então vocês as pegam e as colocam pra trabalhar pra vocês.

Parecia uma acusação, como se eu os estivesse julgando. E talvez eu estivesse.

Nox fez que sim com a cabeça.

– Isso é melhor, de algum jeito? – perguntei.

Ele simplesmente deu de ombros.

– Pra mim, foi – respondeu ele. – Eu fui uma delas. Foi Mombi que me encontrou. Meus pais estavam mortos. Eu também estava quase morto. Foi Mombi que me ensinou magia, me ensinou tudo que eu sei. Ela me ensinou a ser uma pessoa de novo. Se não fosse por ela... – ele deixou a voz sumir.

Tentei imaginar Nox como um garotinho, mas não consegui. Não consegui imaginá-lo sendo despreocupado nem vulnerável nem inocente. Tentei imaginar Mombi resgatando um garotinho, levando-o para casa e sendo uma mãe para ele. Isso era ainda

mais difícil de imaginar.

– E, como pagamento, ela fez você lutar?

– Dorothy tirou tudo de mim. Dorothy tirou tudo daquelas crianças. Eu *escolhi* lutar – disse ele, feroz.

Às vezes, parecia que estávamos no meio de uma discussão que eu já tinha perdido. Ele parecia tão seguro de tudo. Mas e se ele estivesse seguro de algo que era mais errado do que certo? Eu não sabia o que dizer, então não disse nada até chegarmos à entrada da minha caverna. Passei os dedos no meu cabelo recém-pintado e murmurei um boa-noite.

– Eu gostava de como era antes.

– O quê? – perguntei, virando de novo para ele.

– Daquele rosto.

– Meu rosto? – Ele gostava do meu rosto antes? Ele estava preparando algum tipo de insulto?

– Não me entenda mal, a magia de Glamora é eficaz. Mas é quase uma pena vê-lo mudar. Nunca vi uma pessoa com tanta coisa escrita ali, todos os pensamentos bem na superfície. É uma coisa rara, num lugar como este.

Pela primeira vez, não pensei que ele estava tentando me magoar. Talvez ele só falasse uma língua. A verdade, e nada mais. Isso doía demais, mas tornava ainda mais verdadeiro o que ele estava dizendo agora. Num lugar como este, essa pequena verdade poderia ser uma bússola num mundo de pernas para o ar.

– Mas imagino que Glamora esteja pensando no futuro. Se você vai lutar contra Dorothy, precisa construir um muro, não uma janela.

– Foi isso que você fez?

Ele deu de ombros de um jeito evasivo.

– Acho que o meu rosto nunca foi uma janela. – Seu queixo se levantou um milímetro no ar, como se Nox estivesse se erguendo sobre alguma coisa.

Eu queria saber o quê. Mas ele já estava se afastando.

DEZENOVE

No dia seguinte, acordei e vi que a transformação de Glamora se mantivera. Minhas bochechas estavam cor-de-rosa, o cabelo, perfeito. Mas a mudança na minha aparência não me ajudou com as lições.

Pela manhã, encontrei Nox para treinar, o que resultou em mais manchas roxas para lavar na fonte. Com Gert, ainda não havia conseguido produzir nenhuma magia. Finalmente, quase por solidariedade, ela fez um feitiço de escuta com um estalar de dedos, e nós ouvimos Glamora cantando no quarto dela. Mais tarde, tive um pequeno sucesso com Glamora. Servi o chá sem derramar uma gota.

Depois do jantar, encontrei um baú cheio de vestidos no meu quarto. O bilhete na letra cursiva de Glamora dizia: *Vista um*.

Era uma recompensa? Será possível que, de todas as aulas, eu estava me saindo melhor em etiqueta? Se a minha mãe pudesse me ver agora...

Remexi nos vestidos e peguei um cinza pálido lindo que, de algum jeito, combinava com o meu cabelo. Era sem alças, de seda e comprido até o chão. Apesar de eu não ser muito fã de vestidos, este parecia saber exatamente onde ficar justo e onde ficar solto. Eu não sabia se a magia podia ser entrelaçada num tecido ou não, mas ele era perfeito.

Alguns segundos depois, um morcego usando uma fita roxa entrou voando, pousando na minha cama.

Ele tinha um bilhete ao redor do pescoço, escrito na mesma letra roxa: *Me siga*.

Segui o morcego pelo labirinto das montanhas até uma caverna onde eu ainda não havia estado. Era totalmente a cara de Glamora: grandiosa, tipo Grandiosa-com-letra-maiúscula dos filmes antigos. Havia um candelabro de cristal verdadeiro pendurado no teto, e uma fileira do que imaginei serem janelas ao longo de uma parede dava vista para um panorama impressionantemente realista da Cidade das Esmeraldas. Mas o verdadeiro espetáculo estava sob meus pés. O piso era feito de vidro e, sob ele, corria água.

Provavelmente, a água que alimentava a fonte. O efeito era como ficar de pé em cima de um rio. Isso me deixou tonta – por um segundo, quase perdi o equilíbrio.

– Não é nem um pouco parecido com o meu salão de baile lá em casa, mas vai ter que servir... – Girei ao ouvir a voz de Glamora e a vi no canto, me observando.

Bem nesse momento, Nox apareceu na entrada da caverna.

– Você não colocou o terno? – acusou Glamora, com doçura.

Nox fez uma careta e balançou a cabeça, como se o que ela reservara para ele fosse horrível demais para sequer considerar.

Glamora acenou os braços, e uma música encheu o ar. Era algo entre o jazz e o pop, com uma linda voz comovente que se enroscava e desenroscava ao som das batidas. Era uma canção de amor. Se eu não soubesse das coisas, poderia pensar que Glamora estava tentando brincar de cupido...

– Muito bem, mas um cavalheiro nunca deixa uma dama esperando – insistiu Glamora.

Abafei uma risada, sem saber o que era mais engraçado: a ideia de eu ser uma dama ou a de ele ser um cavalheiro.

Mas a risada não saiu porque Nox estava vindo na minha direção a passos largos, ajeitando o rosto e o jeito de andar arrogante para dar a entender que isso era totalmente ideia dele.

Ele fez uma pequena reverência. Seu cabelo espetado nem se mexeu quando ele se abaixou. Fiz uma reverência, determinada a não me entregar com facilidade ao que devia ser mais uma lição de etiqueta de Glamora.

Nox pegou minha mão e me puxou para perto, segurando minha cintura na altura da lombar, me firmando. Começamos a dançar. Respirei perto dele sem querer. Ele tinha o cheiro da fonte de cura nas cavernas: revigorante e vivo e cheio de magia.

Glamora nos lançava ordens a cada girada que dávamos no salão.

– Postura!

– Não sei como se dança no lugar de onde você veio, mas aqui em Oz ninguém conduz.

– Vocês são parceiros iguais na dança. No círculo. Na vida.

Não consegui evitar rir disso.

– Você fica séria em algum momento? – Nox finalmente exigiu saber, mas até ele estava começando a surtar com as instruções ridículas de Glamora.

– Você *não* fica sério em algum momento?

A dança não era bem uma valsa – algo que eu nunca experimentara, mas vira em suficientes filmes antigos na TV. Era mais um pentagrama elaborado que cruzava o salão várias vezes seguidas.

Outro casal apareceu ao nosso lado: uma mulher bonita com pele cor de caramelo e cabelo verde, e um homem bonito ao lado dela, usando uma cartola. Abri a boca para perguntar quem era.

– Ilusões – sussurrou Nox quando um Munchkin apareceu atrás dele.

– Olhe para o seu parceiro! – gritou Glamora.

Em segundos, o salão de baile estava cheio de falsos casais girando ao nosso redor.

Fazia sentido Nox saber fazer isso. Ele era o ser mais coordenado e mais natural que eu já conhecera. Mas, mesmo assim, a cada passo que dávamos em uníssono, eu ficava mais consciente dele. Mesmo que ele fosse irritante, arrogante e sério demais o tempo todo, eu tinha que admitir: ele era muito bonito.

Não levantei o olhar. Eu não queria que ele visse nada além de indiferença nos meus olhos.

O baile de formatura ia acontecer em alguns meses lá na minha escola. Já havia cartazes nos corredores com uma silhueta muito brega de um casal iluminado pela lua. O tema era "Uma noite para lembrar". De qualquer maneira, eu nunca iria ao baile de formatura. E ninguém dançaria nem mesmo remotamente do jeito que estávamos dançando agora. Mas, de repente, percebi que isso podia ser o mais perto que eu ia chegar de "Uma noite para lembrar". Dançar com um garoto bruxo que não me queria aqui.

Enquanto dançávamos, tive coragem de dar umas olhadas para o seu rosto. Agora, não parecia que Nox não me queria aqui. Talvez fossem os anos de instruções de Glamora, e ele simplesmente fosse bom em ser um cavalheiro. Talvez fosse o pé dela batendo no chão no ritmo da música, que era quase hipnótica. Mas ele não parecia totalmente torturado.

– Lembre-se – disse Glamora, sua voz flutuando pela pista de dança. – Isto não é uma batalha. A menos que seja... e, nesse caso, vocês ainda devem manter os olhos um no outro, para ter certeza de que ninguém vai fazer um movimento indesejado. – Glamora riu, como se isso fosse uma piada interna com ela mesma.

O rosto de Nox mudou de repente, como se ele tivesse se lembrado de alguma coisa.

– Você acha que é boa demais pra nós – disse Nox, e a clareza na sua voz não combinava com as palavras.

– Como é? – Ninguém jamais pensou que eu era boa demais para alguma coisa. Cresci numa porcaria de trailer.

– Gert disse que você está se refreando. Você tem medo de ser como nós.

– Isso não é verdade. Tenho medo de ser como Dorothy. Não como o resto de vocês.

– Você já é como nós, sabe. Você desejou isso. Você desejou estar o mais longe possível da sua mãe, e seu desejo se tornou realidade.

– Como é que você sabe? E, de qualquer maneira, isso não me torna Malvada. Nem ex-Malvada – argumentei. Tentei soltar sua mão, mas ele não me deixou.

– Você tem medo de fazer qualquer coisa a não ser desejar que elas aconteçam. Você gostaria de aparecer na porta do seu pai, conhecer sua nova esposa e o bebê, gostaria de poder dizer todas as coisas que quer falar pra ele. Você gostaria de ter podido deixar sua mãe sozinha. Queria fugir quase desde quando consegue se lembrar. Mas precisou de um tornado pra isso. Você nem conseguiu fazer isso acontecer por conta própria.

Ele agarrou minhas mãos com ainda mais força e me fez dançar como se eu fosse uma marionete.

Por que ele estava dizendo tudo isso? Mais importante: como ele sabia?

Gert. Nox não estava na minha cabeça, lendo meus pensamentos. Gert estava. Ela contou a ele os meus segredos; minha vida toda, ao que parecia.

Eu nunca tinha feito nada, ele estava certo. Eu realmente passava pela vida reagindo às outras pessoas. Quando eu era nova, tinha planos de fuga – grandes, majestosos e idiotas. Eu ia começar do zero em algum lugar onde ninguém me conhecia e ninguém ia me chamar de Amy Esmola. Mas essa parte não doeu tanto quanto a história do meu pai. Eu realmente pensava em visitá-lo – o tempo todo. Eu teria uma desculpa, tipo vender

balas para a escola. E eu veria a vida pela qual ele nos trocara. A mulher bonita que não era mais bonita que a minha mãe antes de ela começar a tomar remédios. A criança, menino ou menina, tecnicamente, *minha irmã ou meu irmão,* que eles esperavam quando se mudaram para Jersey. Eu ia aparecer e conhecê-los e alertar àquela garota ou àquele garoto que um dia o meu pai ia ficar cansado dela ou dele também.

Glamora bateu o pé no chão de vidro no ritmo da música.

– Você está perdendo o ritmo, Amy.

Nox se aproximou e diminuiu a voz para sussurrar palavras que eu não ouvia desde que pisara em Oz.

– Estou certo, Amy Esmola?

O salão girou. Eu não sabia se estava tonta por causa dele ou da minha raiva. Soltei sua mão.

Ele estendeu a mão para pegar a minha – mas não me encontrou e agarrou o ar ao meu lado.

Eu estava em pé em outro lugar. Do outro lado do salão, onde eu começara.

– Que diabos? Como foi que eu...?

Eu tinha...? Era possível...? Eu tinha me transportado para o outro lado do salão?

Você não está vendo? Você conseguiu. Ouvi a voz de Gert. Ela apareceu no centro do salão. Estava ali o tempo todo. Senti calor. Mais especificamente, minhas mãos estavam quentes por invocar o feitiço.

Ela tinha feito isso de propósito: fez Glamora e Nox me trazerem para este salão e me atacar até eu não aguentar mais. Do mesmo jeito que me afundou na fonte, ela fez o que achava que precisava fazer. Mas, dessa vez, Gert tinha ido longe demais.

O salão girou de novo. Minhas mãos ficaram mais quentes – pareciam emitir luz. Não o brilho delicado que eu tinha visto em Gert. Um brilho vermelho ardente. Como dardos de fogo.

Os dardos de fogo pareciam procurar Nox. Mas Nox se acendeu com uma estranha luz azul própria, e os dardos pareciam desviar dele. Mais dardos saíam das minhas mãos, apesar de eu não os estar direcionando de verdade. Eles dispararam direto para o ar e caíram como fogos de artifício.

Eu estava com raiva. Com raiva demais. Uma raiva sem volta.

Eu queria fugir dele, de Gert, de todos, mas não conseguia me mexer. Nox veio direto até mim e agarrou minhas mãos brilhantes. Num piscar de olhos, estávamos do lado de fora das cavernas, no mesmo ponto aonde ele me levara no primeiro dia de treinamento – o pico da montanha, desta vez apontando para um céu negro profundo salpicado com estranhas constelações.

Aquelas estrelas eram diferentes de todas as estrelas da minha cidade. Para começar, eram mais brilhantes. Depois, apesar de as constelações com as quais eu estava acostumada nunca parecerem combinar com as imagens que deveriam representar, essas formavam imagens mais claras à medida que se olhava para elas. Havia uma ferradura, um urso, um tigre e um dragão, todos nítidos como imagens num livro.

– Gert achou que a sua *terra* estava te impedindo de fazer magia. Tivemos que forçar a barra. Tínhamos que saber. – Ele apontou para longe. – Olhe. Aquela sempre foi minha preferida. – Quando ele apontou, um grupo de pontos brancos se rearrumou, formando a imagem de uma bicicleta. Quando olhei para ela, uma lembrança surgiu: minha mãe me ensinando a andar de bicicleta quando eu tinha cinco anos, antes de nos mudarmos para Dusty Acres.

Foi a primeira vez que eu tentei sem as rodinhas, e minha mãe tinha prometido me segurar para eu não cair. Mas, em algum momento, enquanto eu corria ladeira abaixo, o vento no meu cabelo, soltei um uivo de triunfo. Eu estava conseguindo. Só ali eu percebi que minha mãe tinha me soltado. Eu estava por conta própria.

Foi quando eu caí direto no meio-fio. Quando me arrastei para ficar de pé, com o joelho arranhado e sangrando, minha bicicleta formando uma pilha embolada no chão, olhei para o alto da ladeira e vi minha mãe no topo, batendo palmas para mim.

Eu vinha afastando regularmente pensamentos sobre a minha mãe. Toda a conversa de Gert sobre perdão tinha plantado uma semente que eu não queria deixar crescer. Falei para mim mesma que eu só vinha pensando em aonde meu punho ia a seguir. Em tentar acender uma vela só com o pensamento e em me lembrar de todas as coisas em todos os livros que Glamora me dera.

Mas não era verdade. Ela ainda estava lá, não importa o quanto eu não queria que ela

estivesse. E agora, em pé no topo da montanha com Nox, eu só conseguia pensar na minha mãe.

Eu era uma idiota. Por alguns minutos, cheguei a pensar no baile de formatura e em dançar com Nox e em como ele talvez não estivesse odiando a dança – e ele só estava seguindo ordens das bruxas.

E, de alguma forma, isso quase me deixou com mais raiva.

– É importante o modo como você faz isso – falei através dos dentes trincados, encarando-o. – O que você faz pra chegar lá. Você não pode simplesmente *matar* alguém. Os fins não justificam os meios.

Seus olhos se afastaram dos meus e depois voltaram. Vi alguma coisa passar pelo seu rosto. Culpa. Arrependimento. Não, talvez fosse algo mais – como curiosidade ou consciência –, como se ele estivesse entendendo uma informação totalmente nova.

Como se nunca tivesse lhe ocorrido que eu ficaria magoada, com raiva ou nada assim. Como se ser capaz de fazer magia superasse tudo.

– Somos os únicos *dispostos* a derrubá-la. Os únicos capazes. Somos nós ou nada. Vamos fazer uma coisa ruim pelo bem de Oz.

– Você alguma vez fala sem o roteiro das bruxas, alguma vez toma uma decisão que é totalmente sua?

Seus olhos piscaram para longe dos meus.

– Você sempre faz tantas perguntas?

– Você faz *alguma*? Você sabe absolutamente tudo que há pra saber sobre mim, e eu não sei nada sobre nenhum de vocês. Não de verdade.

A arrogância da pista de dança tinha desaparecido. Ele a deixou de lado com tanta facilidade que era surpreendente.

– Você realmente quer saber quem eu sou? – perguntou ele.

Eu deveria ter dito não e me afastado dele. Mas, apesar de eu estar com raiva dele, ainda queria abri-lo ao meio e ver o que havia dentro. Fiz que sim com a cabeça.

– Não sou Nox.

– O quê?

– Nox é só o nome que Mombi me deu. Não me lembro do meu nome verdadeiro. Eu

me lembro dos meus pais. Do rosto deles. Do cheiro e da voz deles. Eu me lembro do dia em que eles foram levados pra longe de mim. Mas meu nome foi apagado junto com eles. E não existe ninguém vivo que se lembra dele.

– Nox...

– Foi no início. Quando Glinda e Dorothy estavam apenas começando a minerar tudo e todos os lugares. Glinda ainda não tinha se dado conta. Ela não estava usando os Munchkins. Ela só estava usando a própria magia pra minerar mais magia. Ela fez um buraco no meio da cidade e bum. Atingiu o lençol freático. Tudo foi inundado. Subimos para o telhado. Havia um antigo cata-vento lá em cima, tão enferrujado que nem se mexia mais quando o vento soprava. Eu me lembro de que a minha mãe falou pra eu me segurar nele a todo custo. E eu fiz isso. Mas minha mãe não fez. Ou não conseguiu. Eu queria soltar também, mas me segurei como ela havia mandado. Quando a água desceu, não sobrou ninguém na vila além de mim.

Inspirei fundo.

– Foi aí que Mombi achou você?

– Depois, bem depois, acho. Fui de cidade em cidade. Roubei quando precisava comer. Dormi onde podia. Às vezes, as pessoas eram boas comigo. E às vezes eram horríveis. Mombi me salvou durante uma dessas épocas terríveis. Caí na cidade errada. O Leão estava lá. Mas Mombi também estava.

Ele olhou para mim, depois afastou o olhar. Ele não queria minha pena.

– O que eu disse lá, quando a gente estava dançando, sinto muito por ter que fazer isso. Eu precisava de uma reação sua. Você esteve lutando o tempo todo. Você se criou sozinha. Eu tinha um exército e três bruxas.

A ficha caiu de repente.

– O que Gert falou sobre magia... como você consegue usá-la se não sabe quem você é?

– Eu sei exatamente quem eu sou.

– Mas você disse...

– Sou um guerreiro. Sou membro da Ordem Revolucionária dos Malvados.

Então, me ocorreu que talvez Mombi não o tivesse resgatado por bondade. Talvez ela

tivesse feito isso para produzir o soldado perfeito. Se tudo o que Nox tinha era uma lembrança desbotada de uma mulher que poderia ter sido sua mãe, ele só podia realmente contar com a Ordem. E toda sua magia vinha de lá – da pessoa em que eles o transformaram. Ele era tão puro quanto a magia que corria na fonte. Ele era pura magia. Mal era um garoto. Nox era a faca que ele disse que poderia me treinar para ser.

Eu não tinha certeza se sentia pena ou inveja dele. Será que eu trocaria as poucas lembranças boas da minha mãe para me livrar de todas as ruins? Pensei que a resposta era sim, mas quem eu seria sem essas lembranças? Quem era Amy Gumm sem seu passado?

Eu estava fugindo de casa. Nox estava marchando em direção à sua casa. Seu lar era a batalha.

E talvez também fosse para mim.

Nox pegou minhas mãos de repente.

– A magia é só uma energia que quer ser uma coisa diferente – lembrou ele. – Então, pegue o que você está sentindo agora e transforme em algo diferente. Transforme em magia.

Olhei para Nox. Desejei que este momento fosse o início da lição de hoje. Não o que ele fizera no salão de baile. Mas afastei esse pensamento e tentei fazer o que eu o tinha visto fazer. Tentei fazer o que vi Glamora, Mombi e Gert fazerem. Estar, ao mesmo tempo, na minha pele e fazer parte da magia ao meu redor. Senti a energia correr pelo meu corpo como água quente. Pensei na minha mãe. Pensei na pergunta que Gert fizera: *Quem é você?*

Eu me concentrei na minha tristeza, aquela que eu sentira a vida toda, e desejei que ela fosse diferente. Desejei mudar.

Pensei na minha mãe outra vez na cozinha do nosso trailer, me dizendo que eu era uma decepção. A imagem borrou e se transformou numa luz vermelha ardente.

Foi aí que aconteceu. Estava nevando. Flocos brancos e reluzentes caíam ao meu redor, sobre mim e Nox. Ele me olhou com uma expressão entre orgulho e admiração.

– Viu? – disse ele baixinho.

Estiquei os braços e girei, rindo. A neve estava se acumulando.

– Ninguém faz isso tão rápido, nem mesmo eu – disse Nox baixinho. – Você tem

poder.

Estendi a mão e deixei alguns flocos caírem nela. Eles não derreteram. Não era neve, percebi. Eram cinzas.

Olhei para Nox, surpresa.

– Seu fogo queimou o céu – explicou ele.

Durante um segundo, fiquei decepcionada. A neve seria tão pura e linda. Mas cinzas faziam muito mais sentido com quem eu era.

– Nós devíamos voltar. Gert vai querer conversar com você – disse ele de repente.

Voltamos para dentro. Não peguei a mão dele, desta vez. Eu preferiria cair no escuro.

VINTE

Quando cheguei à caverna de Gert, ela estava em pé diante da poça de adivinhação outra vez.

– Não fique com raiva de Nox. Ele fez o que eu pedi.

Senti minha raiva borbulhando de novo, mas fiquei quieta, e meus dedos não pareceram estar pegando fogo. Ainda.

– Eu nem sei se Nox realmente sabe como isso é absurdo. Mas você sabe. Por que você fez isso? Por que contou ao Nox tudo aquilo sobre mim? Ele não tem o direito de saber! – De alguma forma, eu tinha certeza de que a bússola moral de Gert apontava para o norte, mas ela ignorava isso pela causa.

– Porque estamos ficando sem tempo – respondeu ela simplesmente, olhando nos meus olhos com calma. Todas as rugas de seu rosto redondo estavam fixadas na sinceridade e na certeza.

– Quer dizer que isso justifica tudo? Você simplesmente se entranha na minha cabeça e arrasa comigo só porque é conveniente pra você?

Gert balançou a cabeça.

– Sinto muito, Amy. É engraçado... nós realmente precisamos do seu senso de bondade por aqui. As coisas ficaram nebulosas depois de tantos anos lutando contra ela. Precisamos de alguém pra nos lembrar de que nem tudo é complicado.

Ela estava pedindo desculpas pela dor que provocou em mim, mas não pela ação. Isso significava que ela ia fazer tudo de novo se tivesse uma chance? Se isso significasse que eu concordaria em matar Dorothy?

– Não consegui pensar em outra maneira. A magia pode ser ativada por nossas emoções mais fortes – disse Gert, virando de costas para mim. – Funcionou, não foi?

Gert se concentrou na poça de adivinhação. Era menor do que a da sala de guerra. Apesar de eu ainda estar pulando de frustração por causa de sua linguagem dúbia de

bruxa, me aproximei para ver o que ela fazia. Ondas se moveram para dentro, na direção do dedo de Gert, enquanto ela murmurava palavras.

Um rosto começou a aparecer na água. Estreitei os olhos. Um rosto familiar.

– Mãe – cuspi.

Lá estava ela. Parecendo totalmente o oposto da confusão irritada e engolidora de remédios que havia saltado do nosso trailer. Antes do tornado. Antes de Oz. Tudo parecia tão distante no tempo.

Ela estava com um pequeno Band-Aid na testa, o cabelo preso num rabo de cavalo, e usava calça jeans e um pulôver que eu nunca tinha visto. Parecia simpática. Parecia limpa. Mas também parecia triste.

– Isso é um truque? – exigi saber sem levantar o olhar. Talvez houvesse uma parte de mim que não conseguia acreditar que ela havia mudado tanto. Talvez houvesse uma parte de mim que não queria acreditar que ela havia mudado tanto sem eu estar lá para ajudá-la.

– Não é um truque, Amy.

– Achei que não havia um jeito de ver o Outro Lugar.

Ela acenou com a mão de um jeito indiferente.

– Existem mais coisas que podem ser feitas do que as pessoas pensam. Não posso deixar as bruxas saberem *todos* os meus segredos, não é?

Estendi a mão para minha mãe, me sentindo esperançosa e assustada ao mesmo tempo. A água ondulou sob os meus dedos, mas eu não consegui tocar nela.

O cômodo desconhecido em que ela estava era pequeno e cinza, e os móveis eram daquele tipo feito de espuma e madeira que eu vira nos consultórios médicos. Onde ela estava? Num abrigo? Num daqueles lugares onde se colocam as pessoas que ficaram desabrigadas por causa de desastres? Ela olhava embaixo das almofadas do sofá, depois foi até uma cozinha minúscula e começou a vasculhar os armários.

Meu estômago revirou. Eu sabia o que ela estava fazendo. Ela estava procurando seu estoque.

– Não preciso ver mais nada – falei. Eu já tinha visto esse show de horrores. Mas não consegui desviar o olhar. Seu rosto se iluminou quando ela encontrou o que procurava.

Ela pegou e levantou à distância de um braço.

Era um suéter. Meu suéter vermelho. Estava um pouco apertado demais e tinha um buraquinho na manga, mas era meu preferido porque era a única coisa que eu tinha de marca. Estava sujo, coberto pelo que parecia a poeira de argila vermelha que deu nome a Dusty Acres. Provavelmente tinha sido jogado do trailer durante o ciclone. Ela o abraçou.

Ela não estava se drogando. Só estava com saudade de mim.

Fechei os punhos de raiva. Eu tinha passado anos tentando limpá-la. E a coisa que finalmente fez isso acontecer foi se livrar de mim.

– Você pode acessar a magia de lugares bons, não só dos maus, sabe – disse Gert baixinho.

Eu ri.

– Talvez você não tenha olhado minha cabeça o suficiente. Não *existem* lugares bons.

– Você *pode* decidir que tipo de magia vai praticar. Assim como você pode decidir quem você é. No fim, é a mesma coisa. Mas você não precisa sentir raiva.

– E se eu quiser sentir raiva? – soltei. – Não tenho direito de sentir raiva?

Gert só deu de ombros, mas eu continuei.

– Olha só o que eu fiz lá quando estava com raiva. Incendiei o céu e fiz chover cinzas. Sentir raiva *funciona*. Bem mais do que qualquer outra coisa que eu tenha tentado.

– Mas imagine se você não tivesse que começar ali. Imagine se você pudesse começar por um lugar bom.

– Ah, tá – falei. – Posso imaginar muitas coisas. Isso não significa que elas são possíveis.

– Qualquer coisa é possível, minha querida. Olhe ao seu redor.

Dei uma risada amarga.

– Oz: onde seus piores pesadelos podem se tornar realidade.

– Olhe pra nós – disse Gert, me ignorando. – Nós, bruxas, passamos a vida lutando umas contra as outras. Agora moramos sob o mesmo teto. Trabalhamos juntas por algo maior. Isso serve para provar...

Tentei me imaginar me tornando a melhor amiga de Madison Pendleton depois de

anos sendo torturada. Balancei a cabeça.

Mas Gert não estava falando de Madison Pendleton, não de verdade. Ela estava falando da minha mãe. Senti que, se eu a perdoasse, estaria apenas pedindo para ela me magoar de novo.

– Por que você está insistindo nisso? – perguntei. – Minha mãe está a um milhão de quilômetros de distância. Isso não importa.

– Ela é a voz na sua cabeça.

– E você quer que a sua esteja lá no lugar da dela?

– Quero que a *sua* esteja lá, Amy.

Eu me recusei a olhar para ela, me recusei a ser acolhida por aqueles olhos simpáticos de vovó. Eu sabia o que estava por trás deles.

Continuei encarando a água, mas, quando Gert não respondeu, levantei o olhar e a vi desaparecendo numa fumaça branca.

Bom, ela claramente tinha terminado a conversa. Olhei de novo para baixo. A imagem da minha mãe desaparecia. Ao fazer isso, a água começou a borbulhar.

Um vapor começou a subir da água turbulenta e raivosa. A poça estava fervendo, e eu sabia que não era parte do feitiço de Gert. Era eu que estava fazendo isso.

Acho que o perdão pode levar a alguns lugares. Mas às vezes você precisa acender um fogo.

* * *

Afundei na minha cama naquela noite sem me preocupar em vestir a camisola. Eu tinha visto a minha mãe. Eu tinha feito magia. Incomodava que, mesmo agora, minha mãe influenciasse tudo que eu fazia. Será que ela ainda estava me ferrando seriamente a um gazilhão de quilômetros? Não consegui afastar a imagem dela na poça de adivinhação, toda limpa e abraçando meu suéter. Isso me deixou triste. Me fez sentir saudade dela. Mas não apagou magicamente os anos de outras imagens mais amargas.

O sono pareceu tão distante quanto a minha casa.

Na manhã seguinte, eu quase fiquei feliz de lembrar que tinha uma sessão com Nox. Eu precisava socar alguma coisa. Socar *Nox* era um bônus.

No caminho para a sala de treinamento, as vozes de Gert e Glamora chegaram a mim quando passei pelos aposentos de Glamora. Alguma coisa no tom da voz delas – sussurradas, mas ríspidas e cheias de alerta, como se estivessem falando de uma coisa secreta – me fez parar na porta para escutar.

– Não incentive, Glamora.

– O que você quer dizer?

– Você sabe *exatamente* o que eu quero dizer. Essa garota tem mais rachaduras do que a estrada de tijolos amarelos. Nox vai parti-la ao meio.

– Ou ela vai parti-lo. Não finja que você nunca foi jovem. Ela não tem uma conexão de verdade com nenhuma de nós. Mas ela e Nox... tem alguma coisa ali.

– Nós nos conectamos. Ela está ficando mais receptiva a mim...

– Isso não é suficiente. Você sabe que eu tenho minhas suspeitas sobre quem exatamente trouxe Amy pra Oz. Poucas pessoas têm o poder de invocar alguém do Outro Lugar e, se o meu palpite estiver correto, nós duas sabemos que uma simples conexão não vai ser suficiente pra manter a garota do nosso lado. Mas posso pensar numa união mais forte...

– Ela está faminta por isso, com certeza. Mas não sei se nosso garoto é capaz de amar. Ele não foi feito pra isso. *Nós* não o fizemos pra isso.

– Engraçado, Gert – disse Glamora. – Com toda essa leitura de mente, você ainda não consegue ver dentro do coração. Nosso garoto também está faminto por isso. Ele só não sabe ainda.

Recuei, balançando a cabeça, e disparei pelo corredor. Eu *não* me sentia assim em relação a Nox. Talvez ele não fosse o idiota total que eu pensara no início, mas isso não significava nada. Definitivamente não significava que ele sentia alguma coisa por mim.

VINTE E UM

Minha pulsação ainda estava acelerada quando cheguei à caverna de treinamento. Vê-lo já seria diferente depois da noite passada – dançar juntos, ouvir a história dele pela primeira vez e sentir a magia que finalmente tinha surgido em mim.

Quando entrei na caverna, ele não estava sozinho. Um pedaço de lata refletiu a luz e me cegou por um segundo. Eram as garotas que interromperam nosso jantar na outra noite, cobertas de sangue. Elas agora pareciam bem – muito mais do que bem. Annabel, a mais alta, com cicatriz de unicórnio, estava se alongando, enquanto Melindra, a garota metade lata, estava apoiada na parede com os braços cruzados, me encarando.

Algo no jeito como Melindra piscou os cílios de metal me fez lembrar de Madison. Como se ela já me odiasse, e nós nem tínhamos sido apresentadas ainda.

– Melindra e Annabel vão se juntar a nós hoje – explicou Nox sem levantar o olhar. – Melindra, Annabel – disse Nox –, esta é Amy.

– Nós *sabemos* quem ela é – disse Melindra. – A garota que caiu do céu numa caixa de lata pra nos salvar. – Havia um tom sarcástico na sua voz, mas também havia outra coisa. Era como se ela não conseguisse decidir se deveria desconfiar de mim ou ter esperança de que tudo que eles diziam sobre mim fosse verdade.

– Nox me falou que você escapou do laboratório do Espantalho – soltei. Eu estava passando tempo demais com Glamora. Uma das suas dicas úteis para quando conhecemos uma pessoa era dizer algo que sabíamos sobre ela. Mas, por algum motivo, acho que ela não queria dizer para eu falar sobre a época horrível em que a pessoa tinha sido torturada por um Espantalho cientista louco.

Mas Melindra abafou um sorriso, e eu percebi que não foi um erro de jeito nenhum. Ela estava orgulhosa – orgulhosa de quem era e de tudo pelo qual havia passado.

– Eles queriam me obrigar a fazer parte da polícia secreta do Homem de Lata – disse Melindra. – Eu não ia deixar isso acontecer. Escapei de lá e vim pra cá. Ninguém jamais

tinha feito isso.

Eu estava impressionada. Precisei da ajuda de Mombi para fugir, mas essa garota fez isso sozinha. Eu queria perguntar como, mas não me parecia o melhor momento.

– Precisamos ver se Melindra e Annabel estão prontas pra voltar lá pra fora – disse Nox.

– Estamos prontas – afirmou Annabel sem olhar para Melindra em busca de apoio. Eu não conseguia acreditar: elas tinham sido destruídas pelo Leão, mas mesmo assim não sentiam dúvidas quanto a voltar.

– Certo, então nos mostrem o que vocês têm. Amy pode brigar com a vencedora – disse Nox. Ele ainda não tinha olhado para mim, e agora estava ocupado com o equipamento.

– Nem pense nisso – alertou Annabel, observando meu olhar em Nox.

– O quê? – perguntei.

As duas garotas riram. Era estranho ver o lado de carne e osso de Melindra se contorcer de riso enquanto o lado de metal continuava rígido e sem emoção.

– O quê? – perguntei de novo.

– Já vimos esse olhar antes – disse Annabel. – Confie em mim: não vale a pena. Nox só se importa com a causa. Não há espaço pra mais nada dentro dele. Não que várias pessoas não tenham tentado. – Ela deu um olhar sagaz para Melindra.

– Eu não estou... – comecei, mas senti que estava ficando vermelha. – Eu não...

Eu me interrompi.

Nox virou de novo, entregando uma faca para Annabel, que agradeceu com um sorriso paquerador. Nox a ignorou. Ou talvez ele simplesmente não tenha percebido. Melindra balançou a cabeça para a faca e, em vez disso, mostrou um punho cerrado. Quando ela levou a mão ao peito, uma lâmina fina e reluzente se desdobrou do topo de seu punho com a mesma facilidade com que um pássaro estenderia as asas. Ela me olhou por trás da lâmina com um sorriso forçado.

Que ótimo, pensei. Melindra era um canivete suíço humano, como a Braço-de-Espada no palácio. Pelo menos, ela estava do meu lado. Ela *estava* do meu lado, certo?

Eu me apoiei na parede e observei as duas brigando. Meu corpo começou a encolher,

senti medo de desaparecer de novo. Eu não queria ter que lutar com nenhuma das duas. Ambas estavam nesse caminho há mais tempo do que eu. Além do mais, elas pareciam me odiar.

Mas por quê? E o que Annabel estava tentando dizer sobre Nox? Ele estava brincando comigo? Será que todos os momentos entre nós foram planejados para me transformar numa lutadora melhor?

Ouvi Annabel gritar e levantei o olhar bem a tempo de ver a lâmina de Melindra cruzando seu peito, um fluxo de sangue vermelho forte surgindo na sua blusa. E assim, num piscar de olhos, ela desapareceu, derrotada. Foi para a fonte, imagino.

Melindra não saiu da posição de luta. Nox olhou para mim.

– Sua vez, Amy. Mantenha os cotovelos levantados. Você tem deixado os cotovelos caírem. E, Mel, você está meio passo atrás do ponto onde costuma estar. Foco.

Alguns segundos depois, era eu que enfrentava Melindra empunhando uma faca de Nox. Apesar de ter treinado muitas vezes com ele, eu estava nervosa por enfrentar alguém novo.

Não tive tempo para ficar nervosa: a luta havia começado.

Melindra era tão leve e rápida sobre os pés de lata que às vezes a parte de metal e a parte de carne pareciam se misturar enquanto ela dançava ao meu redor, dando socos nas minhas laterais e no meu peito.

Estava claro que ela também usava magia. Tentei invocar o poder que eu havia descoberto na noite anterior com Nox. Eu tinha quase certeza de que não era permitido incendiar minha oponente, mas, além de desorientação, essa era basicamente a única magia que eu sabia fazer. Não que estivesse funcionando, agora – senti minhas mãos ficarem quentes algumas vezes, mas nenhuma chama apareceu.

Desviei de um soco de Melindra e alguma coisa fez contato com a minha canela – o metal dela encontrando meu osso. Dei um golpe desesperado e impreciso e errei seu lado de carne antes de sua outra perna me dar uma rasteira, me derrubando no chão numa pilha desengonçada.

– O que você acha, Nox? – Melindra colocou a mão no quadril de um jeito triunfante. – Lenta demais, ainda? Estou pronta, agora?

Ela estendeu a mão para me ajudar a levantar. Eu a ignorei e dei um pulo para ficar de pé.

Nós recomeçamos. Dessa vez, Melindra se moveu ainda mais rápido que antes, cortando, mergulhando e simulando ataques ao meu redor enquanto eu continuava tropeçando como se meus pés fossem feitos de cimento, me esforçando apenas para manter o equilíbrio e evitar sua lâmina conforme ela voava em todas as direções.

– Olhe pra você – disse ela, sem parar o ataque. Ela balançou a perna na minha direção, num chute poderoso, e eu mal consegui sair do caminho a tempo. – Todo esse treinamento, e você está lutando como se fosse seu primeiro dia. Estou te deixando nervosa? Ou é outra pessoa?

Eu me joguei em cima dela, invocando o fogo para as minhas mãos, mas ele não veio. Melindra desapareceu no instante em que eu estava prestes a agarrá-la, e eu girei e me abaixei bem a tempo de evitar ganhar um corte de cabelo – ou coisa pior – enquanto sua espada roçava no topo da minha cabeça.

– Ah, eu irritei você? – perguntou ela.

Melindra pulou e pareceu ficar parada no ar durante uma fração de segundo, enquanto puxava os joelhos para o peito antes de empurrá-los para a frente como um canivete e aproveitando o impulso, voando direto para cima de mim.

Seus pés bateram com força no meu esterno e, antes que eu percebesse o que estava acontecendo, caí de costas no piso de pedra de novo, sem conseguir respirar. Observei-a com a visão dupla e embaçada dar uma cambalhota para trás no ar e pousar como se não fosse nada demais. Melindra estendeu o braço e empurrou a ponta da lâmina na minha garganta, olhando para mim com desprezo.

– Pobrezinha da Amy – disse ela. – Toda Oz está dependendo de você, e você nem consegue enfrentar uma meia garota miserável como eu.

Ela pressionava com força suficiente para machucar sem rasgar a pele. Mas a mensagem era clara. *Eu poderia te matar, se quisesse, mas, por enquanto, vou ser boazinha.*

– Cale a boca – assobiei através dos dentes trincados, ainda me esforçando para respirar.

– Não é a melhor maneira de impressionar um garoto – disse ela, desviando os olhos

furtivamente para Nox. – Especialmente um garoto que se importa mais com a causa do que com qualquer outra coisa.

– Cale a boca! – cuspi de novo, sentindo o rosto ficar vermelho de raiva.

– Todos pensam que você é tão especial. Não sei por quê. Você nem consegue fazer um feitiço simples. Vá em frente. Tente. – Ela pressionou a lâmina com mais força. Meu rosto queimava; meus dedos formigavam de calor.

Nox finalmente se manifestou.

– Melindra – disse ele, agarrando-a pelo braço. – Já chega. Deixe ela em paz. Ela está fazendo o melhor possível. – Pelo modo frustrado como ele olhava de mim para ela e de volta para mim, senti que eu o havia decepcionado duas vezes. Primeiro, por deixar que ela me batesse; depois, por não reagir quando ela me prendeu.

Melindra revirou os olhos e bufou de um jeito desprezível, mas afastou a arma.

– Não dê esperanças falsas a ela, Nox – disse Melindra. – Você sabe tão bem quanto eu que você é bom demais pra ela.

Ela olhou de novo para mim.

– Parece que você não é tão talentosa assim, afinal. Só mais uma forasteira que se acha especial. Estamos acostumados com isso por aqui, sabe.

Eu já estava cheia. Cheia de ser provocada. Cheia de as pessoas me dizerem o que fazer. Cheia de me sentir sem poder.

– Cale a boca! – gritei, minhas palavras reverberando pela câmara de pedra.

A sensação de queimadura que crescia no meu corpo disparou por mim de uma vez só, e eu me acendi: eu estava em chamas. As chamas saíam do meu peito em línguas enormes e enroscadas que se juntaram numa bola de fogo gigantesca que saiu explodindo de mim, voando direto para Melindra.

Ela deu um passo casual para o lado, e a bola de fogo passou direto por ela, atingindo a parede da caverna com um chiado patético. A boca de Nox se abriu de surpresa, mas Melindra se manteve inabalável.

– Isso realmente é o melhor que você consegue? – perguntou ela, com desdém. Abri passagem pelos dois sem dizer uma palavra.

Quando apareci na caverna de Gert, ela olhou para mim.

– Você queimou seu lindo cabelo – disse ela, parecendo não estar nem um pouco surpresa.

– Me ensine – falei. – Estou pronta. Quero aprender.

– Descanse um pouco – disse ela. – Me encontre na sala de treinamento amanhã. Você vai aprender.

* * *

Quando entrei na sala de treinamento no dia seguinte, ela estava vazia exceto por um único pé de milho crescendo no centro da sala.

– Você está pronta pra isso? – perguntou Nox, aparecendo ao meu lado sem avisar.

Olhei para ele furiosa.

– O que *você* está fazendo aqui?

– Gert me pediu pra ajudar – respondeu ele sem olhar para mim, e, como se tivesse sido invocada pelo nome, Gert se materializou do nada. Ela acenou com a mão diante de si e sussurrou alguma coisa. Minúsculos ramos verdes começaram a surgir pelo chão de pedra, rapidamente se desenvolvendo em caules mais altos do que eu. Mais altos do que Nox. Logo havia centenas deles, e a caverna pareceu se expandir magicamente para dar lugar a um campo de milho inteiro que havia crescido ao meu redor.

Olhei para cima e descobri que o teto tinha sido substituído por um céu azul frio e artificial. Quando olhei de novo para Nox, ele já estava desaparecendo no mato.

– Encontre-o – ordenou Gert.

Dei uma guinada adiante, pronta para correr atrás dele.

A mão invisível de Gert me impediu.

– Não é assim. Preste atenção. Gosto de falar algumas palavras quando invoco um feitiço. Ajuda a me concentrar. E também vai ajudar enquanto você estiver aprendendo. – Ela juntou as mãos e sussurrou um encantamento: – O que eu procuro vou encontrar, o que eu vejo meu será.

Um orbe branco se formou entre suas mãos e se ergueu como uma chama, parando no ar. Esperando alguém segui-la.

Gert me lançou um olhar consternado.

– Não – disse ela. – Faça a sua.

– E se eu incendiar o local todo por acidente?

Ela balançou a cabeça. Estava frustrada comigo, dava para perceber, mas, na sua frustração – nos olhos semicerrados e delineados e nos lábios franzidos –, eu também via mais alguma coisa. Algo que eu não via com frequência. Ela não estava fazendo isso só porque queria que eu ajudasse a Ordem. Ela queria me ensinar porque estava preocupada comigo.

– Estou aqui – disse ela. – Vou ajudar. Mas você *pode* fazer isso sozinha. Você já está quase lá. Simplesmente imagine o que deseja que aconteça. E aí se concentre nisso, e só nisso. A magia está em toda parte. Está esperando que você a pegue e a faça ser sua.

Fechei os olhos, e meu cérebro voltou imediatamente para o dia anterior, quando Melindra me prendeu no chão.

– Não, não, não – disse Gert, soltando um muxoxo. – Isso não. Escolha um momento menos cheio de emoção, desta vez. Tente não deixar mais a raiva alimentar você. Ela não é confiável. É incontrolável demais. Pegue um momento inocente, no qual você não está incendiando o mundo.

Eu me lembrei da minha primeira sessão de treinamento com Nox, ele se aproximando de mim, a mão dele no meu ombro.

– Isso, essa está ótima.

Eu me imaginei estendendo a mão para ele na minha mente, procurando por ele.

Alguma coisa estava acontecendo. Eu sentia o formigamento da energia aumentando em mim, escapando pelos meus poros. Eu a empurrei, moldando-a, tentando transformá-la no que eu queria.

Nos olhos da minha mente, Nox virou de costas para mim e começou a se afastar. Ele ficou cada vez menor, depois olhou por sobre o ombro e me chamou.

Abri os olhos.

Uma bola laranja de energia ardente, mais ou menos do tamanho de um punho, estava girando no ar diante de mim. Eu tinha conseguido.

Nox, pensei. *Onde está você?*

Com isso, a chama se agitou e disparou para a frente, para o campo de milho. Eu a

segui enquanto ela girava e fazia curvas em fileiras e mais fileiras de caules, sem abandonar meu único foco de achá-lo. Só levei alguns minutos para encontrá-lo sentado no chão, parecendo entediado.

Seus olhos se iluminaram numa surpresa satisfeita quando ele me viu.

– Você achou que eu não ia conseguir, não é? – perguntei. Ele simplesmente deu de ombros, como se dissesse: *Ei, a culpa é minha?*

– Agora eu tenho que te encontrar – disse ele, se levantando. – Vá em frente. Simplesmente *tente* se esconder de mim. Mas estou avisando: posso te achar em qualquer lugar.

* * *

Ao longo da semana seguinte, aprendi a usar a desorientação para me esconder de Nox no campo de milho. Aprendi a direcionar meus dardos de fogo para um alvo em vez de incendiar estruturas (sem mencionar eu mesma). Aprendi a me concentrar no que eu queria – o que significava *descobrir* o que eu queria. Não foi fácil, mas Gert e Nox foram pacientes.

Todas as tardes, eu lutava na sala de treinamento com Melindra, Annabel ou Nox. Eu ainda era muito mais lenta do que eles, mas percebi que estava melhorando.

Depois de algumas semanas, eu estava me alongando na sala de treinamento, prestes a atacar Melindra, quando Mombi se materializou no canto da sala. Eu não via Mombi nem Glamora havia dias.

– O que ela está fazendo aqui? – sussurrei para Nox.

– Ignore-a – disse ele num sussurro. Mas era difícil ignorar alguém como Mombi. Parecia um tipo de teste. Será que ela estava aqui para verificar o meu progresso? Para ver se eu estava preparada? Eu ainda não tinha derrotado Melindra, e isso não era um bom presságio.

Agora que já tinha lutado contra ela um milhão de vezes, junto com Annabel e Nox, eu percebia que Melindra era, de longe, a melhor de todos nós. A maioria das minhas sessões de luta com ela simplesmente se resumia a ficar fora do seu caminho, algo em que eu me tornei muito boa.

Mas ela também parecia estar desenvolvendo um respeito rancoroso por mim. Agora, quando lutávamos, ela era toda profissional, sem perder tempo me insultando ou me cercando. Ela sempre me derrotava. Por outro lado, ela quase sempre derrotava Nox e Annabel também. Quando ela me obrigava a fazer o que ela queria, simplesmente dava de ombros, jogava o cabelo e levantava o braço e sua lâmina embutida como sinal de vitória.

Hoje, quando Melindra e eu começamos, senti os olhos críticos de Mombi me acompanharem enquanto eu me movia e desviava da arma de Melindra. Consegui me proteger, abaixando todas as vezes que ela me atacava com o braço. Eu estava orgulhosa por não tê-la deixado chegar à distância de me dar um golpe. Essa luta estava durando mais do que a maioria das anteriores, e eu percebia que nós duas estávamos ficando cansadas. Talvez hoje fosse o dia em que eu finalmente ia derrotá-la. Talvez eu só precisasse de público.

Melindra me obrigou a recuar para o canto, perto de onde Mombi e Nox estavam em pé.

– Ela ainda está reagindo – ouvi a bruxa velha resmungar. – Não agindo.

Suas palavras me atingiram no estômago, quase com o mesmo impacto de Melindra.

– Uffff – gritei quando Melindra me surpreendeu fingindo atacar com sua lâmina e depois me chutando no estômago. Então ela recuou, pronta para atacar de novo, dessa vez com a lâmina de metal afiada do braço de lata.

Fiz a única coisa em que consegui pensar. Desapareci.

Eu me vi do lado de fora das cavernas, onde Nox tinha me levado na noite em que fiz nevar cinzas. Levei um segundo para recuperar o fôlego de novo. As palavras de Mombi me afetaram mais do que eu esperava. Eu pensava que tinha feito tanto progresso, aprendido tanto nas últimas semanas. Mas, num instante, ela me fez sentir como se todas aquelas lições nem tivessem acontecido.

Fiquei com raiva porque Mombi aparecera apenas para uma sessão de treinamento e estava me julgando – ela não se importava com como eu estava me saindo, com quanto eu tinha mudado. Tudo que importava para ela era se eu estava ou não pronta para lutar.

Você é mais forte do que pensa. Mais forte do que Mombi pensa, falei para mim mesma.

Você pode derrotar Melindra. Gert acredita em você. Nox também.

Repeti essas frases algumas vezes, como um mantra, até começar a acreditar nelas. Pensei no treinamento de Gert, me concentrando em outra coisa que não fosse a raiva para sentir a magia começar a se agitar nos meus dedos.

Eu visualizei a sala de novo e me materializei bem quando Melindra se endireitava depois de ter caído no ar, onde eu deveria estar parada. Sem hesitar, girei no ar e prendi Melindra no chão.

Os olhos de Melindra se arregalaram de surpresa.

– Ei – disse ela. – Isso não é justo!

– Não existe nada justo lá *fora* – falei. Eu tinha aprendido isso com Nox.

Dei um pulo e fiquei de pé.

– Precisa de ajuda pra se levantar? – perguntei, estendendo a mão para Melindra. Quando olhei de relance para Nox, eu o vi observando atentamente. Podia ser minha imaginação, mas parecia que ele estava prestes a sorrir.

Não tive coragem de olhar para Mombi.

Melindra pegou minha mão com sua palma de metal, apertando meus ossos com apenas um pouco de força demais. Ela se aproximou.

– Deixa eu adivinhar – sibilou ela. – Ele falou que você era especial. Ele levou você a um lugar aonde nunca leva ninguém. Parece familiar?

Alguma coisa no meu estômago se revirou, mas consegui manter um sorriso no rosto. Era a repetição dos corredores da escola de ensino médio.

Amy Esmola está com ciúme. Ela queria que esse bebê fosse dela.

Apertei sua mão com mais força ainda e semicerrei os olhos.

– Nunca subestime uma garota do Kansas – falei.

Antes que Melindra pudesse responder alguma coisa, Mombi tinha aparecido na minha frente. Ela me olhava como se estivesse me vendo pela primeira vez.

– Você se saiu bem contra nossa melhor – declarou Mombi. – O treinamento acabou. O Leão está avançando em direção à vila de Pumperdink, ao sul daqui. Partiremos à primeira luz.

VINTE E DOIS

– Você se saiu bem lá dentro – disse Nox. – Muito bem. – Ele tinha me encontrado no corredor abaixo da área de treinamento enquanto eu ia para o quarto. Era escuro e estreito ali embaixo, com uma luz roxa nebulosa que saía de algum lugar entre as paredes rochosas.

– Obrigada – falei. – Melindra mereceu. Ela está acostumada demais a vencer. Baixou a guarda.

– É – disse ele. – Mas você a derrotou dentro das regras. Você melhorou tanto. Não é só a magia. É tudo. Acho que você nem sabe o que está fazendo. O modo como você se mexe; o modo como pensa com os pés. Você ficou muito boa rápido demais. Você tem talento, sabe.

– Eu me pergunto o que aconteceu – falei.

Ele me lançou um olhar engraçado.

– O que você quer dizer?

– Quero dizer que eu nunca fui assim. Em casa. De onde isso vem?

– Amy – disse ele. – Isso vem de *você*.

Não consegui evitar pensar no que Melindra dissera depois que eu a derrotei. Ela estava só tentando me provocar, mas isso não significava que não era verdade. De algum jeito, eu me perguntava se ela era a única em quem eu podia confiar por aqui. Pelo menos ela era verdadeira comigo.

Todo mundo neste lugar tinha um motivo velado. E nem mesmo era tão velado assim. Tudo o que faziam, tudo o que eles me falavam, tinha a intenção de me empurrar para um lado ou para o outro, para me obrigar a me tornar a pessoa que eles pensavam que eu era. Para me tornar a arma de que eles precisavam. Nox não era exceção. Seria burrice pensar que era.

Mesmo assim, de vez em quando, era como se ele estivesse tentando me dizer alguma

coisa que não tinha nada a ver com Dorothy nem com a causa.

– Como você acha que seria? – perguntei. – Você sabe, se não fosse a Dorothy. Se você tivesse a vida que deveria ter?

Ele me olhou com surpresa, como se fosse algo que nunca sequer tivesse considerado.

– Eu... – Ele fez uma pausa. – Não sei. Isso é engraçado, não é? Por mais que eu a odeie, por mais que eu quisesse que Oz fosse como deveria ser, que todos nós simplesmente pudéssemos ser felizes, eu seria uma pessoa totalmente diferente. Não consigo nem imaginar quem eu seria. Talvez alguém melhor, não sei. Talvez alguém pior. Eu gosto de quem eu sou. – Ele revirou os olhos e riu para si mesmo com tristeza. – Talvez eu tenha uma dívida com ela.

– Não vamos exagerar – falei. Mas eu sabia o que ele queria dizer. Era como eu e minha mãe. Sim, ela foi péssima no jogo da maternidade, mas e se não tivesse sido? Quem poderia dizer que eu não seria igual a Madison Pendleton?

– Minha vida toda foi dedicada a lutar contra ela, sabe? – dizia Nox agora. – Quem eu vou ser quando ela sumir?

– Você acha que isso vai acontecer um dia?

Ele inclinou a cabeça, passando os dedos pela juba selvagem, parecendo ao mesmo tempo vulnerável e certo de alguma coisa.

– Eu sei que vai – disse ele. – Eu não tinha certeza no início, mas agora eu sei.

– Como?

– Não sei quem trouxe você pra cá nem como. Mas sei que havia um motivo pra isso. Você está aqui pra nos ajudar. E eu sei que você consegue.

De repente, tive consciência de como estávamos próximos – tão próximos que eu sentia seu cheiro familiar de sândalo. Me senti atraída para ele. Uma atração que eu não atribuí apenas à magia.

– E depois o quê? Quem seremos nós?

Ele se aproximou um milímetro.

– Depois, tudo vai mudar – disse ele baixinho. – Depois eu serei diferente. Você também será diferente. Você já está diferente. Eu sabia desde o início, mas...

Eu também me aproximei dele e, como se estivesse canalizando Gert, previ uma coisa

que eu realmente queria. Eu me perguntei se realmente poderia fazer isso acontecer. Sem nenhuma magia.

De repente, seu rosto mudou, e ele desviou o olhar.

– Você tem que prometer ser cuidadosa amanhã – disse ele. – Eu não queria te levar, mas Mombi não me deu ouvidos. O Leão não é brincadeira. Você tem que me prometer que não vai fazer nenhuma idiotice. Eu... nós precisamos demais de você. Você é valiosa demais.

Por um segundo, achei que ele ia dizer alguma coisa diferente. Mas agora seu maxilar estava tenso, e eu me lembrei de novo.

– Eu conheço o acordo – falei. – Sei por que sou importante pra vocês. – Agora eu o estava testando. Queria que ele me corrigisse.

Ele me encarou pelo que pareceu uma eternidade. Mas não disse mais nada.

Virei as costas.

– Dorothy tem que morrer. Eu entendo. Mas, enquanto isso, você está vivendo pelo quê? – perguntei.

Ele não respondeu.

– Tenho que ir – disse Nox. Eu já estava me afastando. – Temos um planejamento pra fazer. Você devia tentar dormir um pouco.

VINTE E TRÊS

Um guincho agudo me acordou no meio da noite. Quando abri os olhos, ainda grogue, eu o vi. Um morcego.

Ele ziguezagueava pelo meu quarto, batendo as asas, uivando com uma voz dez vezes maior que seu corpo.

Eu sabia o que significava. Era um sinal. Ele queria que eu o seguisse.

Quando cheguei à sala de guerra alguns minutos depois, todos já estavam lá, vestidos para a batalha e reunidos ao redor da poça de adivinhação de Glamora. Melindra e Annabel traziam expressões amargas. Em outras palavras, algumas coisas eram sempre iguais.

– O que foi? – perguntei.

– O Leão está avançando mais rápido do que pensávamos – respondeu Gert. – É hora de irmos.

Glamora apontou para a poça, onde a imagem sombreada de um enorme leão atravessava a porta de uma pequena casa com telhado de palha. Estava escuro demais para realmente avaliá-lo, mas ele não me pareceu tão covarde. Ele parecia mau – e faminto.

Atrás dele, vi outras silhuetas. O contorno irregular de um tipo de réptil e um borrão peludo que parecia um roedor enorme.

– O Leão temeu por tempo demais todas as criaturas da floresta. Agora ele as comanda – sussurrou Nox.

– O que são essas coisas?

– Tem de tudo. Se tiver garras e dentes e babar, provavelmente é subordinado ao Leão. – Eu me senti estremecer enquanto minha imaginação preenchia as lacunas.

– O que eles estão fazendo? – perguntei baixinho, lutando contra o medo irracional de que ele poderia me escutar.

– O que eles fazem melhor – respondeu Glamora. – Vão de porta em porta. Alguns dos aldeões ele captura para levar a Dorothy; o resto ele mata. Por diversão. Depois de comer, é claro. – Ela passou os dedos na água, e a imagem desapareceu num redemoinho vermelho. – É tarde demais para essa vila; já está perdida. Mas ele vai partir para a próxima em breve e, se agirmos depressa, podemos impedi-lo antes que ele chegue lá.

– Sem falar chegar até *nós* – disse Nox.

– Exatamente – interrompeu Mombi. – Ele está a menos de cento e cinquenta quilômetros de nós. Se chegar mais perto, corremos o risco de seus sentidos conseguirem ver através das barreiras mágicas que nos mantêm escondidos aqui. – Ela olhou para mim. – Espero que o que eu vi ontem não tenha sido um acaso, Amy. Isso não é mais um teste.

– Mombi – disse Nox, interrompendo. – Por favor. Pense nisso. Amy deveria ficar pra trás. Não podemos arriscá-la em algo assim. É perigoso demais.

Mombi o dispensou com um aceno da mão nodosa.

– Já falamos sobre isso, Nox. Eu não esperava que você, dentre todas as pessoas, deixasse seus sentimentos atrapalharem o que deve ser feito. Precisamos de toda a força que pudermos reunir hoje à noite.

– Se não pudermos contar com Amy agora, quando todos nós estaremos lá, ela não vai servir para muita coisa sozinha contra Dorothy, de qualquer maneira – acrescentou Melindra, lançando um olhar de esguelha na minha direção.

Eu estava irritada. Eles estavam falando de mim como se eu nem estivesse ali. E por que Nox estava tentando evitar que eu fosse? Ele não achava que eu tinha melhorado?

– Eu vou – falei com tranquilidade, e todas as cabeças viraram na minha direção. – Melindra está certa. E agora eu sou membro da Ordem. Não vou ficar escondida aqui enquanto todo mundo luta.

A testa de Nox se franziu de frustração, mas ele deixou de lado. Já estava decidido.

Mombi, Gert e Glamora deixaram a sala de guerra para fazer as preparações finais. Eu estava quase saindo quando Nox me puxou de lado.

– Aqui – disse ele, colocando alguma coisa dura na minha mão.

Virei o objeto na palma da mão. Era uma faca, mas não era *só* uma faca. Percebi que

era especial pelo modo como a sentia. Era pesada, mais pesada do que parecia, e quase vibrava com algo que eu agora reconhecia imediatamente como magia.

Eu não queria gostar dela. Eu não queria gostar de nada que Nox me desse. Mas não consegui evitar: a faca era linda demais. Não era nem um pouco parecida com a faca de cozinha que Pete havia me dado. A lâmina prateada reluzente tinha símbolos misteriosos gravados. O punho era macio, branco e intricadamente esculpido na figura de um pássaro com as asas abertas, pronto para voar.

– Eu a esculpi à mão com os ossos de um Kalidah – disse ele, olhando para baixo para evitar encontrar meus olhos. – A lâmina é feita com a garra. Gert a enfeitiçou e Mombi a selou. Ela foi feita para canalizar sua magia, para armazená-la e torná-la mais fácil de acessar. Não é muito diferente dos sapatos mágicos de Dorothy, na verdade. Exceto que, espero, você sabe, ela não seja totalmente maligna.

Deslizei os dedos sobre o trabalho manual de Nox. Deve ter levado horas. Eu sabia que ele a tinha feito pela causa, para que eu pudesse ser uma lutadora melhor. Mas, mesmo assim, era um presente, e era lindo do mesmo jeito.

– Ela vai te proteger – disse ele. – E tem outro feitiço ligado a ela. Empurre as asas pra baixo.

As asas não pareciam que iam se mover, mas, quando as pressionei com mais força, elas cederam com facilidade ao meu toque e se fecharam na lateral do corpo do pássaro. Ao fazer isso, a faca faiscou na minha mão e evaporou em uma fumaça que subiu pelo ar.

– Pra onde ela foi? – perguntei.

– Ainda está com você – respondeu Nox. – Só que não está em nenhum lugar onde alguém possa encontrá-la. Agora pense nela na sua mão de novo.

Olhei para minha palma da mão vazia e aberta e imaginei que estava segurando a arma. Sua imagem entrou na minha mente e, quando isso aconteceu, eu a segurava de novo.

– Obrigada – falei baixinho. Envolvi os dedos delicadamente ao redor do punho. Não me lembrava da última vez que alguém tinha me dado alguma coisa, e isso era algo que Nox havia feito só pra mim. Algo mágico. Senti meu espírito se elevar dentro de mim. Os cantos da minha boca ameaçaram virar para cima, mas eu não queria que ele soubesse

o quanto o presente tinha me deixado feliz. – Que tipo de pássaro é esse? – perguntei. Não se parecia com nenhum pássaro que eu já tivesse visto.

– É um Magril, um pássaro nativo do Condado dos Gillikins. Ele passa metade da vida como um besouro e, quando fica adulto, vai dormir durante um ano e acorda como essa criatura majestosa.

– Meio como uma borboleta.

– Meio como você – disse ele. Eu não tinha uma resposta para isso.

Não precisei. Naquele momento, Mombi apareceu diante de nós. Ela olhou para a faca e depois para mim e, em seguida, para Nox.

– É hora de partir – disse ela.

Todos nós nos reunimos alguns minutos depois na sala de treinamento – eu, Nox, Gert e Mombi – e demos as mãos. Glamora ia ficar para trás, junto com Melindra e Annabel.

Melindra reclamou de ter sido deixada para trás – ela não gostava de perder nenhuma ação –, mas pareceu mais calma quando Mombi lembrou a ela que era importante nossa lutadora mais habilidosa proteger a sede, no caso de ser tudo uma armadilha. Melindra não pareceu feliz, mas sabia que não devia discutir com Mombi.

Eu me peguei invejando-a. Agora que era hora de partir, de repente eu me preocupava se devia estar tão ansiosa para lutar.

Mas era tarde demais para pensar nisso. Na área de treinamento, formamos um círculo, todos entoando ao mesmo tempo enquanto trabalhávamos juntos para invocar o feitiço que nos levaria até a vila.

Glamora deu um passo para trás, ainda entoando, e saiu do círculo, seguida por Annabel e Melindra. Nós todos demos as mãos.

Nox olhou para mim.

– Segure firme – alertou ele com um sorriso dissimulado e nervoso.

Ele apertou com força.

Senti uma força invisível começar a me erguer, depois me puxar para cima como um tiro, e todos nós disparamos para o alto.

Gritei e fechei os olhos, sabendo que estava prestes a ser esmagada como um inseto

no teto da caverna.

Em vez disso, senti o vento no meu rosto. Abri os olhos e percebi que meu corpo estava na horizontal, meus braços esticados ao máximo enquanto eu me segurava a Nox. Todos os outros ainda estavam com os olhos fechados, com a boca ainda entoando repetidas vezes, e nós pairávamos no ar como paraquedistas de queda livre em formação, a montanha sob nós, saindo do campo de visão.

Nós estávamos voando.

Era a sensação mais incrível que eu já experimentara. A queda livre me deixou tonta e zonza, como se eu fosse um balão e meu interior fosse de hélio. Eu ri, quase me esquecendo de que eu, Amy Esmola, estava a caminho de batalhar contra o Leão Não-Tão-Covarde e seu exército de monstros. Como meu estômago poderia dar nós por causa do que estava por vir quando eu estava ocupada tropeçando no céu?

– A sensação nunca muda – disse Nox, abrindo os olhos. – Caso você esteja se perguntando.

Seu cabelo, normalmente espetado, estava achatado na cabeça pelo vento, mas, por algum motivo, sua voz saiu normal, como se ainda estivéssemos parados um ao lado do outro na sala de treinamento.

– Você podia ter me avisado – falei. – Achei que íamos nos teletransportar.

– É necessária muita energia pra teletransportar tanta gente – disse ele. – Quando chegássemos lá, estaríamos todos prontos para desmaiar de exaustão. Assim é mais eficiente. Sem contar que é divertido.

– Eles não vão nos ver chegando?

– Não – respondeu Nox. – Estamos viajando no Espaço Entre o Espaço. Eles não conseguem nos ver se não estivermos realmente aqui. Foi assim que passamos através da montanha.

– Ah – comentei, fingindo que sabia do que ele estava falando.

– Eu explico depois – disse ele.

– Ainda deveríamos estar entoando? – perguntei, nervosa, vendo que Mombi e Gert ainda estavam com os olhos bem fechados.

– Não – disse ele. – A decolagem é a parte difícil. Agora que estamos a caminho, só

precisamos de Gert para nos manter no ar.

– O que Mombi está fazendo, então? – perguntei.

Nox balançou as sobrancelhas e baixou a voz para um sussurro conspiratório.

– Mombi tem medo de altura – disse ele. – Ela não está entoando um feitiço. Está rezando.

– Pra quem exatamente as bruxas rezam?

Nox riu.

– Quem sabe? Ela só está tentando se distrair pra não fazer xixi nas calças antes de pousarmos.

Nossa ascensão tinha diminuído agora, e flutuávamos com facilidade, com uma névoa de nuvens cor de lavanda pairando a poucos centímetros da nossa cabeça. Ao longe, o sol nascia sobre o Deserto Mortal. Em vez de olhar para baixo, olhei para Nox enquanto ele absorvia a paisagem.

Vendo-o assim, longe das cavernas, longe da causa, eu quase conseguia ver o garoto que ele poderia ter sido. O garoto que ele *teria sido* se Dorothy nunca tivesse voltado. Ele parecia feliz. Ele estava lindo.

Mas então ele ficou sombrio de novo.

– Quase chegando – disse ele. Segui seu olhar e vi uma fumaça preta e densa se erguendo de uma área arborizada no sopé da montanha, se enroscando na direção do céu.

– Se preparem – disse Gert, sem abrir os olhos. – Vamos pousar.

O nó no meu estômago voltou quando revertemos a marcha e descemos depressa para o chão, pegando velocidade.

Mas seu alerta foi desnecessário. Pousamos como plumas num campo nas cercanias do que deveria ter sido Pumperdink. Estava pegando fogo: suas pequenas casas em formato de cúpula consumidas pelas chamas enquanto moradores corriam para todos os lados.

O cheiro encheu minhas narinas e ficou lá, girando. Era nojento – uma combinação terrível de fumaça, sangue, carne queimada e outras coisas, tenho certeza, que eu nem queria saber.

Quando olhei ao redor, sem saber o que fazer em seguida, vi alguma coisa se

mexendo acima de mim. Macacos – eles estavam percorrendo o céu flamejante. O modo quase humano como eles atacavam e mergulhavam no caos me fez estremecer.

– Mombi e eu vamos enfrentar os bichos que ficaram nesta vila e salvar o máximo possível de crianças – disse Gert, virando para mim e para Nox. – Amy, você vai com Nox procurar o Leão. Enviem um feitiço de chamado quando ele estiver à vista. Não tentem derrotá-lo sozinhos, ele é poderoso demais pra qualquer um de vocês enfrentar sem a gente.

Nox fez que sim com a cabeça, e Mombi e Gert desapareceram.

Ele fechou a mão em um punho e, quando a abriu, estava segurando uma bola brilhante de chama azul, que ele soprou com delicadeza. Ela girou da sua mão e flutuou alguns centímetros no ar. Nox soprou de novo – ela nos rodeou com preguiça, depois disparou para um lado e para o outro durante alguns segundos antes de sair rapidamente na direção oposta à da vila, deixando um rastro de energia azul no caminho.

Nox inclinou a cabeça sem dizer uma palavra, em direção à floresta do outro lado do campo. Puxei no ar a faca que ele me dera, como ele me ensinou a fazer, e seus olhos encontraram os meus. O resto do seu rosto estava rígido e sem emoção, mas seus olhos brilhavam com algo que eu não consegui identificar. Orgulho, talvez? Eles pareciam estar dizendo: *Viu? É isso. Foi disso que eu te falei.*

Fiz que sim com a cabeça, esperando que ele percebesse que eu entendia. E saímos em disparada, perseguindo a luz.

Ficou mais escuro conforme penetrávamos na floresta, até que, finalmente, a única iluminação era a luz fraca do encanto de rastreamento que nos guiava. Mas meu treinamento estava me servindo bem, e meus pés evitaram todos os obstáculos com agilidade, como se eu tivesse corrido por esse caminho mil vezes.

Depois de alguns minutos, ouvimos um rugido ao longe. Nox colocou um dedo nos lábios e diminuiu o passo até chegarmos à margem de uma clareira.

– Fique para trás – sussurrou Nox. – Eles não vão nos perceber ainda, se formos cuidadosos.

A clareira estava repleta de animais: alguns eu reconhecia, outros, não. Havia raposas, crocodilos, lobos, tigres e ursos. Alguns andavam nas patas traseiras, enquanto

outros andavam nas quatro patas. Era um zoológico de pesadelo – uma exibição de animais selvagens mutantes de todos os tamanhos e formas. Esses eram os monstros do Leão.

Será que o Leão comandava todos os animais de Oz, ou será que eles tinham opção?, eu me perguntei, pensando em Star. Se alguém era teimoso o suficiente para mostrar um pouco de determinação, esse alguém era minha ratinha de estimação. Com um pouco de sorte, Pete a estava mantendo bem e em segurança, mas, se ela tivesse o azar de conhecer esse cara, eu esperava que desse uma mordida bem forte nele.

Os bichos tinham cercado um grupo de Gillikins, que estavam enfileirados no meio da clareira como se esperassem alguma coisa.

Ou talvez como se alguma coisa esperasse por *eles*: na frente da fileira, vi o Leão pela primeira vez em carne e osso. Ele era uma sombra vaga e enevoada na poça de adivinhação de Glamora, mas agora, ao vivo, percebi exatamente o quanto era apavorante.

Na verdade, ele mal era reconhecível como um leão. Parecia um monstro, como uma versão distorcida de pesadelo do rei da selva. Era enorme e dourado, com músculos salientes e grotescos e uma juba nojenta e embaraçada. Os lábios eram virados para dentro, mostrando uma boca com presas afiadas, longas e retorcidas.

– Ele sempre teve essa aparência? – perguntei num sussurro. Nox simplesmente balançou a cabeça e fez sinal para eu continuar observando.

Havia uns dez moradores da vila enfileirados. Na frente, um homem trêmulo com cartola e barba roxa deu um passo trôpego adiante, até onde estava o Leão. Ele entrelaçou as mãos, e percebi que ele implorava ao seu capturador, mas eles falavam baixo demais para eu escutar o que ele dizia. Estalei os dedos, invocando um feitiço de escuta. Ao fazer isso, senti a energia fluindo para fora da minha faca e entrando no meu corpo. A faca tornava a magia tão mais fácil.

– Já demos tudo que você pediu – dizia o homem. – Não temos mais nada. Por favor, nos deixe em paz. Somos súditos fiéis de Dorothy. Vamos ajudar como pudermos.

– Ainda tem muita coisa que vocês podem me dar, sr. Prefeito – disse o Leão. Ele abriu a boca com preguiça, quase como se estivesse bocejando. Fios densos de baba

desceram pelo seu queixo enquanto ele se inclinava para a frente, apoiado nas patas traseiras. O prefeito levitou a alguns centímetros do chão para encontrá-lo.

Não consegui desviar os olhos. No início, parecia que o Leão e o homem estavam se beijando. Mas não estavam – as bocas estavam a centímetros de distância, sem encostar uma na outra. O homem pareceu se debater, mas de repente sua boca se abriu também, enquanto seu rosto se contorcia de dor e algo que parecia uma fumaça vermelha foi expelido violentamente dele. Não consegui definir se era vômito, sangue ou coisa pior. O que quer que fosse, o Leão engoliu com voracidade.

– O que ele está fazendo? – perguntei horrorizada, agarrando o braço de Nox.

– O Leão come o medo dos outros – explicou Nox num sussurro. – É assim que ele sobrevive. Como fica mais forte.

Como se quisesse provar o que Nox dizia, os músculos do Leão ondularam e incharam. Ele estava mudando. Estava crescendo.

O homem também mudava – sua barba foi de roxa para cinza em questão de segundos. Suas bochechas redondas ficaram esqueléticas enquanto o Leão terminava e o soltava no chão. O prefeito ofegou em busca de ar, de repente velho e frágil, mas sorrindo. Entendi o motivo. Ele não estava mais com medo.

– Espero que você nunca tenha que encará-lo – disse Nox. – Mas, se tiver, tente não ter medo.

Não é exatamente possível, pensei, olhando para o velho prefeito sorridente.

– O que vai acontecer com o prefeito, agora? Eles vão libertá-lo?

Nox simplesmente balançou a cabeça com tristeza.

Enquanto observávamos, uma hiena e um coelho gigantesco, que provavelmente tinha a minha altura, agarraram outra vítima da fileira e o levaram até seu líder. O coelho parecia ser o braço direito do Leão. Ele estava apoiado nas patas traseiras, como o Leão. Tinha dentes protuberantes afiados e olhos gigantescos, aquosos e injetados de sangue. A hiena, que também andava em duas patas, era tão assustadora quanto o coelho. Parecia nervosa, se assustando a cada som na floresta ao redor enquanto ajudava o coelho. E havia muitos sons para reagir, com um zoológico de animais atrás deles.

– Temos que impedi-los – sussurrei para Nox.

Ele balançou a cabeça.

– Sozinhos, não. Vou chamar Mombi. Mas não dá pra fazer isso sem revelar nosso disfarce, então se prepare. – Respirei fundo e me preparei enquanto ele conjurava outra bola de luz na mão e enviava a chama girando pela escuridão. Era o fim.

A órbita saiu zumbindo em direção às árvores e, ao fazer isso, um lobo que espreitava na margem da multidão ergueu as orelhas, levantou a cabeça e soltou um uivo, seus olhos rápidos disparando da bola de luz direto para sua fonte.

A fonte era eu e Nox.

O Leão levantou o olhar, que estava na segunda vítima, tentando encontrar a causa da comoção. Com um aceno do braço, ele soltou seus bichos como uma horda violenta que veio direto para nós. Eu tinha visto alguns membros da guarda do Homem de Lata. Eles eram estranhamente organizados e obedientes. Mas o exército do Leão era diferente – eles eram selvagens e desorganizados, todos operando por conta própria.

O lobo correu na frente da matilha num galope. Nox deu um passo à frente e, num instante, puxou a espada que tinha prendido nas costas, encontrando o lobo com um corte que abriu suas entranhas.

Logo nós estávamos cercados. Nox se abaixou, fintou e golpeou, com chamas o seguindo, mas cada inimigo que ele derrubava no chão era substituído por outro.

Eu não podia ajudar Nox, e Nox não podia me ajudar. Um grupo de macacos alados tinha descido de galhos escondidos nas árvores, e agora eles giravam ao meu redor como ginastas peludos, arranhando e mordendo com presas pontudas. Eles eram mais rápidos do que eu; mesmo quando eu usava a magia para sair da mira, eles pareciam conhecer meus movimentos antes de eu mesma conhecê-los.

Não tenha medo, lembrei a mim mesma. Dei um bote, acenando minha faca no ar, tentando ser destemida.

Um deles era maior que o resto e também tinha aparência mais cruel. Ele voou direto para mim, com as garras estendidas.

Levantei a faca, pronta para lutar, mas hesitei, me lembrando do que Indigo e Ollie tinham me falado: que os macacos alados estavam sob o controle de Dorothy. Não importa o quanto eles pareciam terríveis agora, eles não estavam me atacando porque

queriam. Estavam fazendo isso porque eram obrigados.

Minha fração de segundo de simpatia me custou. O macaco envolveu as mãos no meu pescoço e as pernas na minha cintura. Ele era mais forte do que parecia, e me esforcei para me soltar enquanto ele apertava minha garganta cada vez com mais força, fazendo um barulho maníaco, seu hálito de leite azedo rançoso quente no meu rosto. Ofeguei em busca de ar, me sentindo cada vez mais tonta.

Nox o alcançou bem na hora, arrancando-o de mim quando eu estava prestes a desmaiar. Ele quebrou o pescoço do macaco antes de jogá-lo no chão.

– Por que você fez isso? – gritei. – Se você cortar as asas deles, eles não serão mais encantados. Não vão servir a Dorothy.

Nox me olhou como se eu estivesse louca.

– Amy – disse ele. – Caso você não tenha percebido, estamos numa guerra. Agora não é hora de começar a se preocupar com os dramas dos pobres macacos.

Olhei para o macaco morto no chão, com as asas agora dobradas sobre ele como uma coberta patética. Mas não havia tempo para pensar nisso agora. Os outros macacos tinham se aproximado. Estávamos cercados. Mas puxei minha faca, esperando conseguir me defender com o mínimo possível de danos colaterais.

Empunhei a lâmina quase instintivamente quando o próximo macaco saltou sobre mim, atingindo-o no peito. Ele gritou, caindo. Não dava para saber se estava morto. Eu esperava que não, mas não tinha como descobrir: outro macaco já estava me atacando.

Esse chegou perto o suficiente para golpear meu estômago antes que eu conseguisse derrubá-lo. Ele deslizou para o chão numa pilha de pelo e penas. Eles continuavam vindo, mas Nox e eu éramos uma boa equipe: nós os atacávamos rapidamente. Alguns se retorciam de dor, outros pareciam desistir imediatamente, quase como se a morte fosse um alívio.

Enquanto os corpos se empilhavam ao nosso redor, percebi que Nox estava certo. Eram eles ou nós.

Olhei para cima e vi outra onda de bichos caindo sobre nós – dessa vez, um grupo de crocodilos gigantescos se amontoando na nossa direção com espadas e lanças. Eu me lembrei das sombras irregulares na poça de adivinhação, espreitando atrás do Leão. Eles

eram ainda piores na luz: pele verde viscosa. Fileiras triplas de dentes expostos e preparados. Eram mais lentos que os macacos, mas eram maiores. Eu não sabia como minha faca poderia penetrar na pele grossa de réptil.

– Está pronta? – perguntou Nox. Ele girou e se agachou, com as costas pressionadas nas minhas, e nós nos preparamos para afastar os agressores.

– Estou pronta – falei, ignorando todo o sangue e a dor no meu braço esquerdo, onde o macaco que tinha tentado me estrangular me mordera com os dentes afiados.

De repente, tudo parou.

A hiena caiu no chão e, uma fração de segundo depois, o coelho fez o mesmo. Que diabos? Eles estavam mortos? Olhei ao redor.

Eles estavam congelados. Todos os bichos, todas as criaturas da floresta – todos congelados, como se alguém tivesse apertado um gigantesco botão de pausa. Mas como?

Olhei imediatamente para o Leão. Será que ele tinha feito isso?

Mas ele parecia tão surpreso quanto Nox e eu, soltando no chão a garota de cujo medo estava se alimentando e olhando para cima. Durante a luta, ele ficou feliz de deixar seus capangas cuidarem de tudo enquanto curtia o jantar, mas agora ele estava interessado.

Isso não é bom, pensei, nervosa, mudando o aperto na lâmina. Qualquer que fosse o feitiço que congelou todos os outros inimigos, não parecia ter efeito sobre o Leão.

E eu ainda não tinha ideia de quem o invocara.

O Leão se ergueu nas patas, furioso, e rugiu para o céu.

Foi aí que eu entendi. Eu a senti chegando, senti o calor da sua energia cobrindo meu corpo. Era Gert.

VINTE E QUATRO

Olhei para cima e vi Gert descendo do céu. Ela pousou no centro da clareira, no meio da exibição estranha e com aspecto de museu dos capangas ainda congelados do Leão. Sem uma palavra, ela levantou a mão e um raio solitário apareceu no alto, percorrendo silenciosamente o seu corpo.

Arfei. O que estava acontecendo? Encarei seu corpo redondo e atarracado enquanto ele começava a brilhar de energia; seu corpo queimava com uma fúria que parecia quase desumana. Pela primeira vez, achei que entendia por que ela se dizia *Malvada*, agora.

Naquele momento, os cidadãos de Pumperdink, que estavam tão congelados quanto o exército animal do Leão, pareceram ser liberados do feitiço. Eles começaram a gritar e correr, disparando em todas as direções, fugindo para salvar suas vidas. Olhei para Nox.

– Ela está usando tudo que tem pra conter os bichos – disse ele. – Mas isso vai exigir toda a concentração dela. O Leão é forte demais pra ela. Precisamos protegê-la até Mombi chegar. Ela sabe como acabar com ele.

Ele se lançou para a frente.

– Vamos ver como você lida com alguém que não tem medo de você – rosnou ele. Jogou as mãos para o alto e um fluxo de energia azul saiu chiando em disparada. Rosnando de raiva, o Leão saltou no ar e caiu com um estrondo aos pés de Nox.

Mas Nox tinha desaparecido. Ele se materializou atrás do Leão bem a tempo de dar um golpe nele.

Se fosse um jogo de beisebol, Nox teria feito um *home run*. Se o Leão fosse um leão normal, Nox teria cortado fora sua cabeça por trás. Mas isso não era um jogo, e esse Leão fazia os leões que eu conhecera no zoológico parecerem gatinhos. Nox golpeou-o com um *tump*, mas isso só enfureceu o Leão: ele girou e deu outro bote, e Nox mal conseguiu sair do caminho a tempo.

Eu ainda não tinha me mexido. Não consegui evitar. Talvez Nox não estivesse com

medo, mas eu estava.

Mas, quando o Leão arranhou o rosto de Nox, e eu vi sangue, meu corpo se esqueceu totalmente do medo e partiu para a ação. Segurei a faca perto do corpo, absorvendo o máximo possível de poder mágico que consegui. Me transportei para o lado de Nox. Finalmente eu me acostumava a lutar assim.

O Leão pulou para trás, momentaneamente surpreso. Ele não estava me esperando, mas só precisou de um segundo para se recompor e atacar, abrindo a boca e saltando na minha direção.

Não me permiti ser covarde. Em vez disso, aproveitei a vantagem do momento e enfiei a faca na sua mandíbula aberta, esperando que ao menos *ali* ele fosse vulnerável.

Eu estava certa. Tive sorte.

Minha lâmina afundou até o punho e, quando a puxei, um sangue quente e grudento jorrou da boca do Leão. Ele se encolheu e deixou escapar algo que quase parecia um choramingo de dor.

No início, achei que eu tinha realmente conseguido – acabado com ele, com aquele golpe único no ponto onde ele era vulnerável. Teria funcionado num videogame. Mas o Leão não seria derrotado com tanta facilidade.

Com sangue ainda escorrendo pelo rosto, ele girou e, num flash, envolveu as duas patas gigantescas no pescoço de Nox.

– A fugitiva – disse ele, num tom que era aveludado e macio, quase um ronronado. Ele encarava Nox, mas estava claro que falava comigo.

Ele inclinou a cabeça e fungou, as narinas se expandindo como se ele ainda sentisse o cheiro do Outro Lugar em mim.

– Todo mundo no reino está procurando você, pequena. Achei que ia sair hoje à noite só pra comer um pouco. Nunca esperei encontrar *você*. Dorothy vai ficar tão feliz quando eu te levar pra ela. Vamos fazer uma troca. Você desiste e vem comigo, e eu solto seu amigo.

Os olhos de Nox encontraram os meus. *Não faça acordos,* eles pareciam dizer.

– Não vou a lugar nenhum com você – falei, tentando parecer mais segura do que estava. – Ele não significa nada pra mim.

O Leão sacudiu a juba e me lançou um sorriso maligno.

– Muito bem – disse. Ele abriu a mandíbula enorme e, enquanto eu observava horrorizada, uma fumaça azul começou a sair dos olhos e das narinas de Nox. Azul, a cor da sua magia. Nox começou a tremer.

– Pare! – gritei. Levantei a faca e me preparei para jogá-la, mirando na cabeça do Leão; mas hesitei. E se eu atingisse Nox, no lugar do Leão? E se não funcionasse? Eu tinha treinado, mas ainda não estava pronta para algo assim.

Enquanto eu estava em pé ali, paralisada pela insegurança, Gert passou voando por mim num raio de luz branca. Quando ela parou, os guardas animais que ela estava mantendo congelados com o feitiço começaram a se mexer ao nosso redor. Eles ainda pareciam confusos e lentos, mas seria apenas uma questão de tempo antes de recuperarem o senso de orientação. Em outras palavras, estávamos ferrados.

Gert juntou os punhos e, quando os separou, Nox saiu voando das garras do Leão e caiu na grama a alguns metros de distância.

– Me leve no lugar deles – sibilou Gert para o Leão. – Sou uma velha, mas tenho mais alimento pra você do que os outros dois juntos.

– Não! – gritei, mas ela me ignorou. O Leão a olhou de cima a baixo, considerando a oferta. Ele devia saber que eu era mais valiosa que Gert ou Nox. Mas estava faminto e machucado. Ele provavelmente achou que poderia enfrentá-la primeiro e, mesmo assim, ficar comigo quando terminasse com ela.

O Leão fez que sim com a cabeça. Gert deu um passo à frente.

– Pare! – gritei de novo, me lançando para a frente para puxá-la. Eu não podia deixar isso acontecer. Mas Gert tinha outras ideias. Ela acenou com o punho na minha direção e eu fui caindo de costas até o ponto onde Nox já estava deitado. Quando tentei me levantar, descobri que todos os meus músculos estavam congelados.

Gert simplesmente me lançou um sorriso dissimulado.

Só então eu percebi com o que ela estava jogando: Gert não tinha medo. Não haveria nada para o Leão sugar dela. Eu esperava que ela tivesse algo melhor para dar a ele no lugar do medo.

Mas o Leão não fazia ideia. Ele arranhou o chão e sorriu com ganância enquanto abria

a mandíbula destroçada e ensopada de sangue. Gert não parou. Ela olhou para o velho inimigo com um brilho de alegria no olhar e franziu os lábios para mandar um beijo.

Um flash de luz me cegou por um segundo quando o Leão começou a endurecer e entortar. Ele tentou se afastar, mas era tarde demais.

O fluxo de energia entre a boca do Leão e a de Gert era branco, e não azul, como antes. E estava saindo do Leão, não de Gert. O corpo dela tremia como uma folha enquanto absorvia tudo.

Todos os músculos do Leão começaram a encolher, como um balão esvaziando. Seus olhos se arregalaram com algo que parecia surpresa.

Não. Não era surpresa. Covardia. Em vez de dar seu medo a ele, ela o estava esvaziando.

Agora. A voz telepática de Gert ecoou fraca na minha cabeça, como um sussurro em um corredor vazio. Percebi que eu conseguia mexer os dedos de novo. Eu conseguia me mexer.

Nox também percebeu. Ele ficou de pé num salto e ergueu a espada mais uma vez. Nesse mesmo instante, Gert caiu. Ela havia feito o que precisava fazer.

Nox rasgou a barriga do Leão, e o sangue esguichou da ferida. O Leão tentou rugir, mas tudo que saiu foi um gritinho agudo.

Nesse momento, eu também estava de pé. Mergulhei para a frente, pronta para acabar com ele de uma vez por todas. Mas demorei demais. Mesmo no seu estado enfraquecido, o Leão, de algum jeito, já estava fugindo, recuando pela clareira e para a floresta, e seu exército de bichos seguiu o líder.

O plano dela havia funcionado. Ela o derrotou. Eu me levantei, pronta para comemorar.

Mas Nox também estava de pé e não parecia nem um pouco feliz.

– Nós quase o pegamos. Onde diabos estava Mombi?

Eu também me perguntava isso, mas, quando vi que Gert ainda estava no chão, todo o resto sumiu da minha mente. Ela não se mexia. Estava deitada diante de nós como uma boneca de pano estofada demais, com os braços e pernas espalhados em ângulos errados.

– Gert... – Eu me ajoelhei ao lado da bruxa. Nox já estava agachado ao lado dela,

tentando levantá-la e abraçá-la.

– Aguenta firme – sussurrava Nox. – Mombi está a caminho. Vamos levar você até a fonte.

Os lábios de Gert tremeram. Ela tentava sorrir. Para mim. Para Nox. Mas seu corpo macio e carnudo estava se espalhando e perdendo a forma, quase como se ela estivesse derretendo diante dos meus olhos enquanto continuava esparramada, chocada, no chão. O que ela recebera do Leão devia ser demais para absorver, até mesmo para ela.

A grama sob ela mudou de verde para marrom e para uma terra preta queimada. Era como se alguém tivesse colocado uma tocha ali.

Nox colocou a palma das mãos no peito de Gert e mordeu o lábio, se concentrando. Faíscas azuis brilharam na ponta dos seus dedos, mas se consumiram imediatamente.

– Vamos lá – murmurei, desejando que sua magia funcionasse. Ele repetiu, e nada aconteceu de novo.

De repente, o braço de Gert disparou para cima e ela agarrou o meu punho, apertando com força. Seus lábios começaram a se mexer – ela estava murmurando alguma coisa muito baixinho. No início, parecia que falava uma língua diferente, mas, quando seus lábios pararam de mexer, consegui entender suas palavras na minha mente.

Era um encantamento.

– *Norte, Sul, Leste, Oeste, vento, fogo, sol, terra, protejam e mantenham ela. Protejam e mantenham ela.*

Agora eu estava chorando.

– Gert – consegui dizer. – Por favor. Eu preciso de você.

Nox nos ignorava, ainda tentando desesperadamente usar sua magia para trazê-la de volta do abismo.

– Chegue mais perto, querida. – Gert ofegou. Seu rosto tinha voltado a ser aquele agradável e gentil que eu vira pela primeira vez quando acordei nas cavernas, assustada e sozinha. Vi a bruxa, Boa ou Malvada, não importava mais, que me consolou e me alimentou, que me ajudou a encontrar minha magia. Eu me inclinei por sobre ela.

Ela levantou a cabeça e me deu um beijo na sobrancelha. Senti um calor me tomar. Começou onde seus lábios encontraram minha testa e se espalhou por toda parte, até

minha pele estar, de alguma forma, coberta pelo beijo de Gert.

– Gert, não... – Ofeguei. O que ela havia feito? Ela precisava de cada fagulha de energia para se manter. O que quer que ela tenha me dado, eu não queria. Eu não queria um adeus.

– Isso vai te manter em segurança – disse Gert.

– Você tem que fazer alguma coisa – resmunguei para Nox, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ele tinha finalmente desistido e sentado, e observou em silêncio quando Gert me beijou. – Por favor. Salve ela. Use sua magia. Você tem que fazer isso.

Nox balançou a cabeça, triste.

– Não tem nada que eu possa fazer – disse ele, desviando o olhar.

Gert olhou para mim.

– Tem que ser você, criança. Você tem que fazer isso – falou ela, fraca.

– Fazer o quê? – perguntei, de alguma forma acreditando que, enquanto eu estivesse olhando nos seus olhos, ela ia aguentar.

– Você tem que matar Dorothy, Amy.

VINTE E CINCO

Acordei na manhã seguinte me sentindo exausta e desorientada, minha mente uma confusão de imagens nebulosas que surgiam uma a uma como páginas de um livro de figuras terríveis.

A vila em chamas. A cena assustadora na floresta. O rosto determinado de Nox enquanto ele combatia o ataque violento dos bichos.

Senti como se estivesse sendo colocada nua numa piscina gelada quando tudo voltou à mente. A mandíbula aberta e sangrenta do Leão; o beijo delicado de Gert e o modo estranho como senti a vida escapar dela enquanto a segurava nos braços. Seu corpo morto no chão.

Na maciez encantada da minha cama, tentei dizer a mim mesma que aquilo não tinha acontecido de verdade – que era tudo um sonho. Só ao sentir um formigamento na testa, no ponto exato onde Gert me beijou, eu percebi que tudo havia sido real.

Com essa percepção dolorosa, saltei instantaneamente para fora da cama e dei um passo trêmulo para a frente, seguido de outro e mais outro, até estar no meio do quarto, onde parei, num estado de pânico paralisado. Eu não tinha ideia do que fazer a partir dali.

Eu não podia voltar para a cama. Eu não podia sair. Então, simplesmente fiquei parada ali, tentando fazer as lembranças saírem da minha cabeça. Eu também não queria pensar. Mas pensar era a única coisa que eu *podia* fazer.

Não sei por quanto tempo fiquei assim. Pode ter sido um minuto e pode ter sido uma hora, mas eu ainda estava em pé na mesma posição quando uma borboleta luminosa e fantasmagórica entrou voando através da parede e ficou voejando diante de mim. Aceitei sua entrada sem surpresa nem curiosidade. Era como se eu a estivesse esperando.

– Me encontre – disse a borboleta, falando, de algum jeito, na voz de Glamora, e eu fiz que sim com a cabeça e comecei a me vestir.

Atravessei os túneis da Ordem com uma sensação pesada e entorpecida. A cada passo,

eu sentia sobre mim o peso do que havia acontecido ontem.

A porta do quarto de Glamora estava entreaberta, e eu a empurrei sem pensar, mas congelei abruptamente ao ver o reflexo da bruxa no espelho enfeitado e com moldura dourada na sua penteadeira.

Ela estava chorando.

Não apenas chorando. Seu corpo todo tremia de tristeza, e ela estava arqueada sobre a mesa, se contorcendo de dor. Ela parecia tão pequena e sem poder – tão diferente do que era – que metade de mim quis virar e ir embora, enquanto a outra metade quis correr até ela e consolá-la. Não fiz nenhuma das duas coisas. Em vez disso, simplesmente fiquei olhando, incapaz de me mexer, incapaz de dizer alguma coisa, sabendo que ela nunca ia querer que eu a visse assim.

Seu cabelo vermelho, sempre perfeitamente arrumado, estava cheio de frizz e desgrenhado; uma das alças da sua elegante camisola de seda estava caída no ombro. Seu rosto estava cansado e esgotado, agora marcado por um mapa de furos e rugas e aquela cicatriz que ela costumava manter escondida. Parecia ter envelhecido vinte anos em um dia. Era difícil até acreditar que aquela era ela.

Mas, mesmo nesse estado desgrenhado e estranho, Glamora ainda era Glamora. O líquido que se acumulava no canto de seus olhos era brilhante e cristalino, e cada lágrima que escorria pelo rosto e caía do queixo fazia um barulhinho suave ao bater na penteadeira. Olhando de perto, vi que a superfície estava repleta de várias delas – joias minúsculas em forma de lágrima que simplesmente continuavam caindo.

Glamora estava chorando diamantes.

De repente, ela pareceu perceber que eu a estava observando e levantou o olhar. Me senti envergonhada por ser pega e envergonhada por ela, mas não desviei os olhos. Naquele momento, eu devia a ela a dignidade de um olhar inabalável. Era o mínimo que eu podia fazer.

– Amy – disse ela, se empertigando e ajeitando a alça da camisola para uma posição mais decorosa. – Entre.

Quando Glamora falou, seu cabelo se arrumou num elegante coque chignon. As rugas no seu rosto se derreteram, deixando-a jovem e renovada como nunca. Todos os

traços de vulnerabilidade agora tinham sumido. Ela estava tranquila e indecifrável.

As joias sobre a mesa captaram a luz, e eu não consegui evitar olhar para elas. Havia algo em vê-las ali naquela pilha espalhada que me dava calafrios. Que tipo de pessoa é tão dura por dentro que chora *diamantes*?

Glamora percebeu que eu a encarava. De alguma forma, ela sabia o que eu estava pensando e balançou a cabeça com tristeza.

– A magia adora mudanças – disse ela com um suspiro. – Faça o suficiente e ela vai te distorcer de maneiras esquisitas. É a primeira lei do encantamento. Use-o para mudar o lado de fora e, depois de um tempo, o lado de dentro também muda. Troquei minhas lágrimas pela beleza. Bom, podia ser pior, não é?

– É – respondi baixinho. – Podia. – Mas eu não tinha tanta certeza.

– Se você acha que eu sou má, devia ver o que sai quando a minha *irmã* chora – disse ela.

Não consegui identificar se ela estava brincando. Mas aí ela entrelaçou as mãos, sinalizando que era hora de mudar de assunto e tratar de negócios.

– Bem – disse ela. – Sofremos uma grande perda ontem. Uma perda *inimaginável*. Como você sabe.

Esperei ela continuar.

– O que você talvez *não* saiba – continuou ela – é que Gert era, de longe, a usuária de magia mais perfeita da resistência. Mais poderosa do que eu ou Mombi; mais poderosa do que qualquer uma das bruxas nas outras células da Ordem. Talvez a única pessoa em Oz cujo poder poderia competir com o da minha irmã. Ela não virou a Bruxa Boa do Norte à toa, sabe.

Ela revirou os olhos e suspirou, recordando-se momentaneamente de alguma velha rivalidade antes de continuar.

– Sem Gert, não temos mais o poder de nos esconder de Glinda e Dorothy com segurança. Elas vão procurar, e agora é só uma questão de tempo até nos encontrarem. Como resultado, decidimos acelerar nossos planos. – Ela cruzou as mãos sobre o colo de um jeito recatado.

– Ótimo – falei.

Glamora me olhou de cima a baixo com cuidado.

– Você entende o que isso significa?

Eu tinha quase certeza que entendia, mas levei um segundo antes de responder, só para deixar a pergunta ser absorvida.

– Sim – respondi finalmente, me empertigando e alinhando meu maxilar de um jeito determinado. – Significa que é hora de eu fazer o que vim fazer aqui. – Enquanto eu dizia as palavras em voz alta, o entorpecimento dentro de mim pareceu diminuir. Não muito, mas o suficiente para eu realmente sentir algo diferente de um vazio doloroso e idiota.

Era principalmente raiva. Uma raiva fria e escaldante ao mesmo tempo.

– Tem certeza de que sabe com o que está concordando? – perguntou Glamora.

Não sei por que ela se importava.

– Entendo – respondi, jogando meu cabelo de um jeito desafiador. – É hora de eu matar Dorothy.

Glamora fez que sim com a cabeça, satisfeita.

– Eu queria, mais do que tudo, poder fazer isso – disse ela. – Mas tem que ser você. Não há outro jeito.

No início, achei que ela queria que isso parecesse um pedido de desculpas, mas depois notei o modo como seus ombros tinham ficado tensos, numa combinação mal disfarçada de raiva e arrependimento, e percebi que ela, na verdade, estava com inveja de mim. Para ela, matar Dorothy era um privilégio.

Bom, talvez fosse.

A bruxa se levantou e passou a mão na camisola, que ondulou como água e se transformou numa roupa mais apresentável para o dia: um tailleur sob medida em um tom sóbrio de malva, com comprimento até o joelho.

– Não importa a ocasião, precisamos apresentar nosso rosto adequado para o mundo – disse ela, parecendo falar mais consigo mesma do que comigo. – Agora, venha. Precisamos ter uma conversa com Mombi. Você vai partir para o palácio ainda hoje.

* * *

Mombi havia aparecido um segundo tarde demais; um segundo depois que eu deitei o

corpo sem vida de Gert sobre o chão. Bem no segundo em que não adiantava mais nada.

Ela veio mergulhando no meio das árvores num redemoinho de luz roxa, os punhos fechados e os olhos em chamas, pronta para lutar, mas, quando viu Nox e eu, parou no meio do voo e ficou flutuando no ar. Uma expressão de compreensão aflita atravessou seu rosto. Ela pousou com um *tum* antes de se ajoelhar e colocar a mão na lateral do rosto de Gert.

– Havia uma criança... – Ela parou para se recompor. Nunca imaginei que Mombi pudesse parecer tão *humana*. – Eu não podia deixá-la. Achei que Gert conseguiria resolver tudo sozinha. Achei que...

Ela não revelou nenhuma emoção depois. Em vez disso, baixou a cabeça e começou um cântico solene.

De alguma forma, eu sabia, instintivamente, que não era um feitiço para trazer Gert de volta à vida. Existem algumas coisas que nenhuma magia consegue, e essa era uma delas. Era um ritual para que Gert descansasse.

As palavras sussurradas de Mombi eram ininteligíveis e pareciam primitivas, com uma melodia errante enterrada em algum lugar profundo. O cântico parecia uma daquelas músicas estranhas que às vezes a gente escuta ao trocar de estação num rádio velho, parando numa estação que nem pega direito, e o som está tão distante que é difícil até dizer se é uma canção ou apenas estática.

A velha bruxa passava as mãos para cima e para baixo no corpo de Gert enquanto cantava e, ao fazer isso, Gert começou a se derreter numa poça pulsante e tremeluzente de eletricidade mística que lentamente afundou na terra.

Qualquer que fosse a magia ainda presente em Gert, ela agora a devolvera a Oz.

E então Gert sumiu sem deixar rastro, como se nem tivesse estado ali.

Mas ela *havia* estado ali. Ela se sacrificara para nos salvar. Não, esqueça isso. Ela fez ainda muito mais. Mesmo que eu nunca tivesse conseguido identificar – nunca pudesse saber exatamente onde terminava a Bondade e começava a Maldade nela –, eu soube, no fim, que ela acreditara em mim. Não apenas como aquela que seria capaz de derrotar Dorothy, mas como Amy Gumm.

Nenhum de nós falou conforme dávamos as mãos e disparávamos pelo meio das

árvores em direção ao céu. Não havia nada a dizer. Dessa vez, não me preocupei em olhar para o chão enquanto sobrevoávamos Oz. Eu já tinha visto o suficiente por um dia.

Mombi desapareceu assim que voltamos para as cavernas.

Nox me pegou pela mão e me conduziu até o meu quarto. Ele colocou a mão gentil no meu ombro. Abri a porta e entrei, sem olhar para trás.

* * *

Isso foi ontem. Agora era hoje.

Glamora e eu encontramos Mombi na sala de guerra, sentada à mesa diante de uma garota que eu nunca vira. Ela parecia horrorizada. Seus ombros oscilavam pesadamente enquanto ela escondia o rosto nas mãos.

Glamora e eu nos sentamos.

– Essa é Astrid – disse Mombi. A garota se balançava para a frente e para trás, sem levantar o olhar. – Até a noite passada, Astrid era serviçal no palácio. Hoje, ela recebeu a oportunidade de se juntar à nossa causa. Astrid, essa é Amy.

– Oi – falei, sem entender muito bem aonde ela queria chegar.

– Se tudo der certo, Astrid será devolvida ilesa ao palácio quando nossa missão for completada. – Mombi lançou um olhar significativo e sinistro na direção de Astrid. – Se ela decidir ser um problema, as coisas não serão tão agradáveis para ela.

Se tudo der certo. Foi aí que eu entendi. Astrid não tinha decidido se juntar à Ordem. Ela fora resgatada de uma vila em chamas. Fora sequestrada. Era por isso que parecia tão assustada.

Um calafrio desceu pela minha coluna quando me lembrei que as coisas nunca eram fáceis por aqui. O bem e o mal estavam sempre trocando de lugar um com o outro.

Pela primeira vez, Astrid olhou para mim. Seus olhos eram grandes e imploravam, marejados. Seu queixo tremia enquanto ela me encarava desesperada, como se esperasse que eu fosse salvá-la. Mas eu não tinha mais piedade. Ela teria que escolher o próprio destino, exatamente como o resto de nós.

Olhei de novo para Mombi.

– Me diga o que eu preciso fazer – falei.

Um sorriso satisfeito atravessou seu rosto murcho.

– Bom, você precisa *se tornar* ela, naturalmente.

Eu me recostei no assento, sabendo que, com as bruxas, as coisas só se complicavam quando a gente fazia perguntas demais. Era mais fácil simplesmente esperar que elas se explicassem.

Mombi provou que isso era verdade.

– Hoje você vai assumir a identidade de Astrid e se encarregar do seu trabalho como serviçal na corte de Dorothy. Você vai se infiltrar no palácio e conquistar a princesa. Vai aprender seus hábitos e seus ódios. Vai saber que horas ela vai dormir e que horas ela acorda, seus medos, suas fraquezas, seus orgulhos e arrependimentos secretos. Disfarçada como senhorita Astrid, você vai descobrir tudo que precisa e vai nos contar. Depois, quando chegar a hora certa, você vai atacar.

Ao ouvir isso, Astrid soltou um grito agudo, angustiado e engasgado.

– Ela não se parece nem um pouco comigo – falei. – Como vou personificá-la?

Mombi se levantou de um pulo, pegou seu manto e puxou uma adaga. Num movimento súbito, antes mesmo que a pobre garota soubesse o que estava acontecendo, Mombi agarrou um punhado do seu cabelo e puxou.

A cabeça de Astrid inclinou para trás. Ela deu outro gritinho e, quando viu Mombi levantar a faca no ar, o gritinho se transformou em um berro.

A lâmina brilhou no ar. Prendi a respiração.

Mas, em vez de cortar a garganta da empregada, como eu previra, Mombi simplesmente arrancou uma mecha grande do seu cabelo louro-esbranquiçado.

– Agora – disse Mombi. – Vá em frente e diga seu nome quatro vezes.

Astrid ficou sentada ali, congelada.

– Diga! – gritou Mombi, tão alto que até Glamora deu um pulo na cadeira.

– A-Astrid – gaguejou a garota, insegura.

– Sem gaguejar! – exigiu Mombi, com rigidez.

Astrid engoliu em seco.

– Astrid, Astrid... Astrid – conseguiu dizer finalmente.

Mombi sorriu.

– Boa menina. – Ela começou a amassar o cabelo numa bola firme antes de fazer um sinal para eu me aproximar. – Aqui – disse Mombi, estendendo a mão. Relutante, peguei a bola.

– O que eu faço com isso? – perguntei, mostrando a bola.

– Coma – respondeu ela.

– *Comer?*

– Coma.

Olhei para Glamora, que fez um sinal de positivo com a cabeça, calmamente.

Sério? Vingar a morte de Gert significava comer o cabelo nojento de outra garota?

Tentando não fazer careta, enfiei cada pedacinho na minha boca. Para minha surpresa, o cabelo se triturou quando mordi e, depois de algumas mastigadas, derreteu na minha língua como algodão-doce. Bom, não *era* como algodão-doce. Ainda tinha gosto de cabelo. Mas, pelo menos, desceu com facilidade.

E nada aconteceu.

Lancei um olhar inquisidor para Mombi.

– Não está... – falei.

– Demora um pouco para fazer efeito – explicou ela. – Agora venha. Vamos deixar essas duas um pouco a sós enquanto esperamos o feitiço funcionar. Glamora é uma boa interrogadora, sabe.

Ela riu quando percebeu meu olhar de surpresa.

– Todo mundo sempre acha que sou eu que faço o trabalho sujo por aqui – disse ela. – Mal sabem eles que eu sou a *boazinha*. A aparência não é tudo, você sabe. – Ela me chamou da porta, impaciente.

Tive que me obrigar a não olhar para trás quando saí.

– O que ela vai fazer com a garota? – perguntei a Mombi, nervosa, quando estávamos do lado de fora.

Mombi acenou com uma das mãos.

– Ah – respondeu ela. – Nada demais. Você sabe como funciona. As empregadas têm as informações mais valiosas. E elas *sempre* cedem sob pressão.

Nox esperava por nós na sala de treinamento. Ele ainda parecia abalado por causa de

ontem, mas percebi que estava tentando disfarçar.

– Sua função é simples, por enquanto – disse ele. A poça de adivinhação formou ondas, e um mapa apareceu. Dessa vez, não era um mapa de Oz. Eu o analisei por um minuto e percebi que era do palácio. – Astrid é uma serviçal, mas está na parte inferior da cadeia alimentar: ela não passa muito tempo com Dorothy. Mude isso. Aproxime-se da princesa. Escute-a. Descubra seus hábitos, suas rotinas. Descubra quando ela fica vulnerável e *a quê* ela é vulnerável. Você só vai ter uma chance de atingi-la. E queremos que você saia viva de lá.

– Quanto tempo terei antes de matá-la? – perguntei.

– Não se preocupe com isso por enquanto – interrompeu Mombi. – Uma aranha tece sua teia devagar e com cuidado. Uma bruxa... bom, uma bruxa é como uma aranha. Pelo menos, esta bruxa é.

– Então vocês *não querem* que eu a mate?

– Não se preocupe. Você vai ter sua chance de ser Malvada. Mas vou deixar Nox explicar tudo.

Nox esperou um instante e começou a recitar instruções.

– Por enquanto, você está lá pra observar e aprender. Está lá pra se misturar. Lembre-se: você é Astrid, não Amy. E você *não* deve fazer nenhum movimento contra Dorothy sem uma ordem direta nossa.

– E como é que eu vou *receber* essa ordem? – perguntei, irritada porque ele estava sendo muito impessoal.

– Já temos alguém infiltrado no palácio que vai ficar de olho em você. Quando chegar a hora certa, essa pessoa vai dar as instruções. Enquanto você estiver no palácio, evite usar magia. Existem medidas de segurança por toda parte, e a magia é proibida para as empregadas. Eles são um pouco negligentes com essa regra; se não fossem os feitiços de viagem e os encantamentos de brilho, nada ficaria tão limpo quanto Dorothy gosta que esteja, então eles tendem a fazer vista grossa. Por isso, contanto que você não exagere, não deve ser um problema.

– E a minha faca? – perguntei, sabendo que eu me sentiria mais segura se pudesse mantê-la a postos.

– Invocá-la não deve ser um problema – respondeu ele. – Não é um feitiço de verdade, de qualquer maneira, já que a faca está sempre com você. Você só vai ativá-la. Só não invoque nenhum guia demoníaco nem faça nenhum feitiço de reencarnação, está bem?

Nós dois sorrimos com essa ironia. Apenas algumas semanas atrás, eu sentia dificuldade de usar um encantamento para soprar uma vela, e agora estávamos falando meio que a sério sobre eu realizar magias sérias de alto nível.

– Bom, nunca se sabe – disse Nox, dando de ombros. – De qualquer maneira, se você precisar usar alguma magia que possa disparar os alarmes, e eu não recomendo que faça isso, ela ficará restrita à sua localização. Então caia fora antes que alguém consiga te encontrar.

– Vou fazer o possível – falei.

– O Palácio das Esmeraldas – continuou ele, voltando a atenção para a poça de adivinhação e apontando para um pequeno quadrado numa rede complicada de formas interconectadas. – Esses são seus aposentos particulares. Você está três andares abaixo de Dorothy e...

De repente, eu não estava prestando atenção. Meu estômago começou a revirar. Alguma coisa acontecia comigo.

Eu quase tinha me esquecido do feitiço que Mombi invocara. O encantamento estava começando a fazer efeito.

O mapa do palácio na poça de adivinhação desapareceu, e meu reflexo o substituiu.

Pelo menos, eu *achava* que era eu. Era difícil ter certeza. Meu rosto não era mais o meu. Eu estava me transformando em Astrid.

Meus olhos olhavam de volta para mim, não mais daquele tom de castanho familiar, mas agora do azul-claro de uma piscina.

Meu cabelo cor-de-rosa adquiriu um tom louro de espiga de milho.

Encarei meu reflexo, tentando dar sentido a ele.

Eu não tinha notado na sala de guerra, mas Astrid era bonita. Ela definitivamente era mais bonita do que eu. Seu nariz era um pouco maior, sim, mas de um jeito que tornava seu rosto mais interessante. A boca era pequena e no formato de coração, e o rosto era

simetricamente oval, com maçãs do rosto altas e um queixo que não era saliente nem recuado demais.

Eu ainda tentava me acostumar com meu novo rosto quando percebi que o resto também estava mudando. Não era uma experiência muito agradável: minha pele parecia estar sendo rasgada enquanto se esticava para dar espaço para meus novos ossos. A verdade é que Astrid era alta.

Quando levei a mão instintivamente ao rosto – só para ter certeza de que ainda estava lá, acho –, percebi que meus dedos agora eram compridos e esguios. Também parecia que eu tinha cuidado das unhas recentemente.

– Pode me chamar de saudosista – disse Mombi, admirando sua própria obra –, mas eu gostava mais do cabelo cor-de-rosa.

Eu mal a escutei. Virei para Nox, de repente sentindo medo, de repente sem ter certeza de que eu já estava realmente pronta para tudo isso.

Seu rosto pareceu pálido por um minuto, mas depois ele engoliu em seco e sorriu.

– Não se preocupe – disse ele. – Você ainda é Amy.

Quando olhei de novo para a poça, eu não podia dizer que concordava. Não havia nenhum traço do meu eu antigo. Eu não era mais Amy Gumm.

* * *

Pouco tempo depois, eu estava usando o uniforme verde de empregada que eu vira em Astrid mais cedo.

Depois que o vesti, Glamora me analisou, enrolou um cacho vermelho de cabelo no dedo, refletindo, e finalmente fez um sinal de positivo com a cabeça, aprovando o visual. Não consegui evitar sentir orgulho de mim mesma.

– Lembre-se do que eu ensinei – disse ela. – Astrid pode estar entre os serviçais mais inferiores, mas ela sabe quais garfos usar; ela sabe os passos das danças. Ser uma empregada é estar a um passo de ser uma princesa. Não faça nada pra lembrar a eles que você não é nenhuma das duas coisas.

Ela segurou meu ombro com uma das mãos e colocou a outra na minha coluna, me fazendo ficar reta.

– Cuidado com a postura. Dorothy não *suporta* pessoas largadas, nem eu. Se você andar assim, será demitida em uma semana. Ou pior.

Olhei para o espelho da poça de adivinhação pela última vez. Como Mombi, eu também sentia saudade do meu cabelo cor-de-rosa. E, apesar de eu saber que não era mais Amy Gumm, também não me sentia como Astrid.

Eu ainda estava olhando meu reflexo quando Mombi falou.

– Já chega. É hora de você ir.

Ela enfiou a mão no roupão, pegou uma coisa que parecia uma pedrinha e jogou na poça. Eu me inclinei por sobre a poça para observar enquanto ela formava círculos concêntricos e depois começava a brilhar. Quando levantei o olhar, Mombi já tinha desaparecido.

– Ela sempre foi péssima pra despedidas – disse Glamora, triste. – Mas eu faço a minha: Adeus, querida. Você será fantástica. – Ela abriu os braços e me puxou para um abraço apertado. Foi simpático, mas acho que nós duas sabíamos que ela não era Gert.

Depois de um instante, ela me soltou do abraço.

– Vou deixar vocês dois se despedirem em particular – disse ela, me jogando um último beijo antes de sair.

Agora, éramos só eu e Nox. Eu nunca o vira tão calado. Ele encarava a poça de adivinhação, que mostrava o mapa do palácio de novo.

– Tenho uma lista do que a Dorothy gosta e desgosta, além da agenda dela. Memorize-a e depois a destrua. – Ele estendeu a lista para mim. Quando minha mão roçou na dele, Nox a segurou com força.

Ele eliminou o espaço entre nós sem dar um passo, e sua boca se fechou sobre a minha antes que eu pudesse falar. Ele estava me beijando. Fechei os olhos e me esqueci de tudo exceto ele durante alguns segundos. Eu nunca havia beijado um garoto, então não tinha nada com que comparar. Mas eu tinha certeza de que, como quer que fosse, beijar Nox devia ser diferente.

Porque *Nox* era diferente. O poder e a magia fluíam entre nós como no momento em que ele me mostrou, pela primeira vez, o que era a magia. Mas não era magia de jeito nenhum, dessa vez. Era algo totalmente humano. Tudo o que não podíamos ou não

queríamos dizer com milhões de palavras estava ali, de uma vez só. Tudo que compartilhamos e tudo que éramos estava contido naquele único momento perfeito.

Quando nos afastamos, ele respirava com dificuldade, e eu não respirava de jeito nenhum. As velas da caverna de repente se apagaram. Será que fomos nós? Ou será que Mombi tinha mandado uma rajada de vento para nos apressar?

Ele se recompôs, deixando os braços caírem. Mas ainda estava à distância de um beijo.

– Isso nunca mais vai acontecer – começou ele. Meu estômago desabou. *Foi tão horrível assim?*, eu me perguntei. – Mas seria uma pena se não acontecesse uma vez – terminou ele. – Eu só lamento não ter feito isso quando você ainda estava com sua própria aparência.

Não fiquei magoada. Eu não tinha tempo de ficar magoada. E ele estava certo. Nox não queria que ficássemos distraídos um com o outro. Era perigoso demais. Enquanto Dorothy não estivesse morta, eu não podia me importar com a minha aparência nem com o que Nox pensava de mim nem com o que Glamora fizera com Astrid.

Eu não sabia mais o que era Bondade ou Maldade. Eu só sabia o que era *certo*.

– O que eu faço? – perguntei.

– Não é óbvio? – Nox apontou para a poça, que ainda brilhava em círculos concêntricos, pulsando para fora a partir do ponto onde Mombi tinha soltado a pedrinha. Ele deu um sorriso que parecia um segredo. – Você pula.

Eu não podia mais esperar. Se não fizesse isso agora, nunca mais teria coragem. Assim, respirei fundo e dei impulso para mergulhar de cabeça na água rasa.

VINTE E SEIS

Um instante depois, emergi de um espelho de corpo inteiro numa cambalhota desajeitada. Quando me empertiguei, percebi que estava num quarto bolorento com pouca iluminação, tão pequeno que eu quase conseguiria tocar as duas paredes se estendesse os braços. Eu nem estava molhada.

Eu me levantei e olhei meu reflexo no espelho. Astrid me encarou. Encostei no vidro frio – agora sólido, sem caminho de volta – e lembrei a mim mesma que era eu que estava ali. Aquela era eu no corpo da serviçal burra de Dorothy: blusa branca com babados, saia verde pregueada, avental e sapatos Mary Jane vermelhos de couro que pareciam uma imitação barata do escarpim de salto alto de Dorothy. Legal.

Alisei a saia e ajeitei o avental, olhando ao redor e lutando contra uma onda de enjoo por estar num dos quartos minúsculos do palácio. Eu precisava me acostumar logo. Afinal, este era meu novo lar.

Os quartos dos serviçais não eram muito melhores do que a minha cela. Havia uma caminha branca com lençóis surrados impressos com a insígnia desbotada de Ozma e uma cômoda com tinta descascada que já tinha visto dias melhores e mais grandiosos. Havia uma pequena campainha prateada sobre a cômoda. Era só isso.

O cômodo fazia meu quarto em Dusty Acres parecer luxuoso. E *aquele* quarto nem tinha paredes.

Abri a gaveta superior da cômoda sem esperar encontrar muita coisa. Eu estava certa. Havia três uniformes idênticos ao que eu já estava usando e dois vestidos de algodão simples – um em cetim verde e outro branco. Glamora tinha me falado que todas as empregadas tinham dois vestidos além do uniforme – um para acompanhar Dorothy nas festas e outro para seu dia de folga mensal.

Então era isso.

Não levei muito tempo para vasculhar o resto das minhas tristes acomodações. Fiquei

empolgada por um segundo quando coloquei a mão embaixo do colchão e encontrei um livro velho e surrado. Talvez fosse um diário. Um pouco mais de conhecimento da vida da serviçal seria útil. Que diabos, talvez Astrid tivesse documentado o dia do mês em que Dorothy tomava banho de sol na Pilha de Reciclagem Faca Enferrujada da Cidade das Esmeraldas. Isso tornaria minha tarefa mais fácil.

Eu possivelmente não tinha essa sorte, ou Astrid não era tão interessante, ou ambos. Era só uma cópia amassada de um romance inútil-mas-famoso de Oz, chamado *O Quadling e o Nomo,* um dos livros mais entediantes que Glamora tinha me obrigado a ler durante nossas sessões de estudo.

Eu o joguei para o lado, frustrada, e afundei na cama. Estava totalmente sozinha pela primeira vez em semanas e não tinha a menor ideia do que deveria fazer a seguir.

Por puro tédio, abri a mão e estava prestes a acender uma pequena chama mágica quando me lembrei do alerta de Nox para não usar magia. Fechei a mão de repente e me recostei. Adeus para o meu plano de passar o tempo fazendo um fogo. Suspirei.

– Tédio – falei em voz alta –, vosso nome é assassinato.

Só então percebi que eu estava menosprezando o único amigo que eu *tinha* no palácio. Bom, na verdade, *dois* amigos. Amiga Número Um: Star, a Ratinha. Que, em teoria, ainda estava em segurança com o Amigo Número Dois: Pete.

Pete. Eu quase me esquecera dele. Será que ele estava aqui? Será que ele sabia que eu tinha conseguido escapar?, eu me perguntei. Ou como eu tinha conseguido fazer isso?

Mesmo que eu o encontrasse, eu não tinha como dizer a ele que estava bem. Agora eu era Astrid e, apesar de ter um bom pressentimento em relação a Pete, meu lado treinado por bruxas sabia que eu não podia assumir nenhum risco desnecessário. Eu tinha que seguir o plano. *Observar e esperar*.

Sentei. Observei. Esperei.

Quase pulei para fora do uniforme de empregada quando a campainha na cômoda se ergueu alguns centímetros no ar e começou a tocar.

Eu sabia que isso significava que alguém no palácio precisava de um serviço. Eu sabia da campainha porque Astrid sabia da campainha. O feitiço que Mombi invocou não tinha me dado acesso às suas memórias – não exatamente –, mas me deu um vago sentido de

seus instintos. O que Astrid faria nessa situação apareceu no fundo da minha mente como um formigamento externo.

Fui até a campainha e a peguei com cuidado. Ela tocou mais alto.

Estiquei o braço e a segurei na direção da porta. Ela tocou ainda mais alto. Quando a coloquei de volta sobre a cômoda, o som da campainha enfraqueceu.

Era como um jogo de "frio ou quente". A campainha estava me dizendo para onde ir.

Assim, eu e a campainha saímos porta afora, descemos por um corredor, depois outro e outro e outro. A cada curva, eu escutava com atenção, avaliando que direção seguir. A campainha estava ficando cada vez mais alta conforme eu andava pelo palácio. Qual era o *tamanho* deste lugar?

Quando cheguei a uma porta de carvalho entalhada, o barulho parou. Eu realmente esperava que a campainha me levasse a uma das portas normais, mas é claro que ela me colocou diante daquela monstruosidade no fim do corredor. A porta era entalhada com uma paisagem que se contorcia e se mexia enquanto eu observava, quase como uma animação sem edição. Nela, dezenas de melros caíam mortos repetidamente sobre um campo de milho infinito.

Bati na porta e dei um pulo para trás quando um melro explodiu num sopro de penas sob meus dedos.

Uma voz impaciente e levemente familiar me mandou entrar. Meu coração afundou quando vi o Espantalho sentado na beira da cama no centro do quarto, me esperando. Ou, melhor dizendo, esperando Astrid.

– Sim, Vossa Excelência Espantalho? – gorjeei na minha voz mais doce, apesar de estar tremendo por dentro. Eu estava sozinha, e cara a cara com o monstro que fizera experiências em Melindra. Senti minha mão formigando e fui consolada pelo conhecimento de que minha faca estava ali se eu precisasse invocá-la.

O quarto do Espantalho parecia menos um quarto de dormir e mais um estúdio enorme e imundo. Todas as superfícies estavam lotadas de papéis soltos, pratos sujos e fiapos de palha. O lugar todo tinha um cheiro rançoso e bolorento, como a lenha clandestina que nosso vizinho costumava vender num carrinho de mão em Dusty Acres. No chão, perto do meu pé, percebi um livro com capa de couro aberto num desenho da

anatomia interna de um macaco, com algumas observações numa letra trêmula escrita a lápis nas margens.

Estremeci e me obriguei a desviar o olhar, deixando meus olhos se erguerem até as paredes de prateleiras de livros que se estendiam para além do alcance da luz de velas.

– Ora! Por que você demorou tanto? – repreendeu o Espantalho. Meus olhos dispararam de volta para onde ele estava sentado, com os olhos de botão apavorantes encarando direto através dos meus. – Por que você simplesmente não se teletransportou até mim?

– O teletransporte é proibido no palácio – falei, as palavras saindo antes que eu conseguisse pensar nelas.

Soltei um suspiro interno de alívio quando o Espantalho pareceu irritado, mas não desconfiado.

– Você já deveria saber que essas regras bobas não se aplicam quando *eu* chamo – resmungou ele. E me lançou um olhar expressivo.

Ah, não, pensei. *Por favor, por favor, por favor, não me diga que ele é o namorado secreto de Astrid*.

Mas ele simplesmente me olhou de cara feia enquanto apontava para uma bandeja de metal quadrada que estava sobre uma mesa ao lado da cama.

– Estou me sentindo mais idiota a cada segundo.

Fazendo o possível para não perturbar sua bagunça, saltei cuidadosamente por sobre as pilhas de lixo e peguei a bandeja.

Precisei me esforçar para manter a calma quando vi o que estava na bandeja: facas, bisturis, agulhas curvas, alicates e uma variedade de outras coisas sobre as quais eu nem queria pensar. Algumas ainda estavam ensanguentadas.

Provavelmente eram as mesmas ferramentas que aquele monstro usava para dissecar e fazer experimentos com Ozianos inocentes. Em pessoas como Melindra.

E o que ele queria que *eu* fizesse com aquilo? Eu ainda estava tentando descobrir quando ele casualmente recostou o corpo na cabeceira enfeitada da cama e começou a tirar uma série de alfinetes retos da cabeça, deixando-os caírem numa lata de lixo de metal perto dos seus pés.

Percebi que também havia sangue neles. Pigarreei e fiz um sinal com a cabeça em direção ao show de horrores de instrumentos sobre a bandeja.

– O que o senhor quer que eu faça com isso hoje à noite, Vossa Eminência? – Mantive a voz neutra, como uma boa serviçal subjugada, apesar de minha pele se contorcer com a cena diante de mim. Eu não estava preparada para encarar o Espantalho minutos depois da minha chegada. Eu não estava preparada para o Espantalho *de jeito nenhum*.

Ele me olhou de cima a baixo com seus olhos de botão mortos e brilhantes.

– Quero que faça a mesma coisa de sempre. O que deu em você? – Sem esperar minha resposta, ele pegou um bisturi na bandeja que eu segurava e começou a usá-lo com cuidado para abrir os pontos que mantinham seu crânio de lona fechado. – Eu comecei sem você. A seringa já está cheia.

Foi aí que eu percebi: uma seringa com uma agulha de pelo menos dez centímetros estava pousada bem ali ao lado dos outros utensílios ensanguentados. Eu a peguei, desejando ter aprendido um feitiço para manter minha mão firme.

Quando virei, o Espantalho estava levantando a tampa da sua cabeça, revelando seu cérebro.

Eu tinha visto um cérebro de macaco na aula de biologia. O dele era parecido, só que mais rosa e mais pegajoso. A coisa toda estava suspensa num mingau gelatinoso vermelho que eu confundi com sangue.

Peguei a seringa. Soltei um pequeno esguicho, como já tinha visto enfermeiras fazendo em programas de TV sobre hospitais. Onde eu deveria enfiá-la? Meus instintos emprestados de Astrid estavam quietos. Talvez a magia só chegasse até certo ponto, ou talvez ela tenha conseguido bloquear muito bem essas cenas traumáticas, a ponto de elas não se transferirem, ou talvez meu próprio instinto de sair correndo e gritando abafasse minha consciência de Astrid.

De qualquer maneira, fiquei parada ali, segurando a agulha como uma idiota.

Como esperei demais, sua mão enluvada se ergueu de repente e agarrou meu pulso com um aperto de aço. Ele segurava com força, mas eu ainda sentia suas entranhas de palha se retorcendo enquanto ele segurava. Quase fugi, mas Astrid não faria isso.

Mantive os olhos baixos e assustados.

– Faça isso direito, garota. Senão eu é que vou enfiar agulhas em *você*.

– Sim, senhor – falei, obediente, acrescentando um tremor que não era totalmente falso.

Quando ele me soltou, eu agi, enfiando a agulha na parte mais cor-de-rosa da sua massa cerebral. Parte de mim desejou que houvesse uma bolha de ar na agulha ou algo assim, e minha próxima tarefa como serviçal seria limpar pedaços de Espantalho das paredes. Apertei o êmbolo, soltando o fluido. O Espantalho deixou escapar um longo gemido de alívio. Sua cabeça se inclinou até o ombro, e uma pequena língua de feltro que eu nem sabia que ele tinha ficou pendurada de um jeito relaxado na boca. Tentei não vomitar.

– Ahhhh – gemeu ele de novo.

Tirei a agulha e a coloquei de volta na bandeja, recuando devagar.

– Sabe quantos cérebros eu tive que drenar para obter isso?

Ele não estava olhando para mim. Parecia mais que estava falando consigo mesmo; ele mal parecia se lembrar de que eu estava ali.

– É exaustivo – continuou ele –, mas é o preço que eles têm que pagar pelo melhor cérebro de toda Oz.

– Sim, senhor – murmurei.

– Eu vou me costurar de novo. É bom deixá-lo respirar um pouco. – Ele acenou para eu ir embora, com um pouco de palha escapando pelo punho da manga. – Leve o lixo quando sair, garota.

Peguei a lata de lixo, quase tropecei nos meus próprios pés fazendo uma reverência e saí dali correndo.

* * *

Contanto que eu não pensasse muito a respeito, e se eu seguisse meus pés e deixasse o feitiço fazer todo o trabalho, eu sabia me movimentar no palácio. Depois de apenas uma virada de curva errada, finalmente achei o caminho até a cozinha, que me parecia um ótimo lugar para descartar o lixo do Espantalho. Estava vazia agora, pelo breve período

entre a limpeza depois do jantar e a preparação do café da manhã. O local era ainda maior do que eu esperava, o que era adequado, considerando o tamanho do palácio.

Sem falar no tamanho do apetite de Dorothy.

Uma das paredes tinha uma fileira de fogões antiquados, e uma fileira de pias dominava a outra. No extremo oposto da cozinha havia uma lareira, e um pequeno fogo dançava atrás da grade. Joguei a lata de lixo toda lá dentro. Ela queimou e virou cinza num instante.

Quando me virei, não estava mais sozinha. Ozma estava parada na porta. Usava uma camisola tão fina que dava para ver sua pele pálida, quase translúcida. Seus grandes olhos verdes piscavam, brilhando forte à luz de velas da cozinha.

Eu tinha quase certeza de que ela não havia me notado.

Prendi a respiração e dei um passo para o lado, entrando na sombra. Mas, quando me mexi, a princesa soltou uma risadinha, e eu vi que seus olhos estavam concentrados em mim. Eu tinha sido descoberta.

– Perdão, Vossa Majestade – falei, fazendo uma reverência profunda e rezando para não ter feito nada tecnicamente contra as regras.

De novo, ela deu uma risadinha. Havia uma característica maníaca, quase maluca, na forma como fazia isso.

– Há alguma coisa que eu possa fazer por você? – perguntei baixinho e com cuidado. – Posso conduzi-la até seu quarto?

Ela sorriu e entrelaçou as mãos delicadas.

– Quartos! Metades! – exclamou de prazer, depois seu rosto se franziu imediatamente. – E inteiros.

Então essa era a Verdadeira Princesa de Oz. Era óbvio para qualquer um que ela estava destruída de algum jeito. Eu me perguntei se ela fazia isso todas as noites – se simplesmente andava perdida pelo palácio, procurando qualquer objeto reluzente que chamasse a atenção de seus olhos verdes misteriosos e lançando piadinhas esquisitas. Virei para ir embora. Eu não queria estar por perto se ela começasse a bater nas panelas e frigideiras ou sei lá o quê.

Mas, enquanto eu andava na ponta dos pés e a contornava para ir até o corredor

vazio, ela me chamou.

– Dorothy sabe – cantarolou ela. Parei e virei de costas, me perguntando o que ela queria dizer. E se ainda houvesse um pedacinho de Ozma ali dentro?

– O que ela sabe? – perguntei, mudando de ideia.

Ela começou a cantar.

– Rios atrasados, Dorothy sabe, toca do Leão, nariz do Espantalho.

Ah. Era só mais uma bobagem.

O que aconteceu com você?, fiquei pensando. Mas eu sabia que não valia a pena perguntar.

A mão de Ozma se estendeu para a minha quando tentei contorná-la. Seu aperto era surpreendentemente forte para alguém tão frágil e magra que quase se podia ver através dela.

Tentei sacudir a mão e me soltar, mas não consegui.

– Ozma. Vossa Majestade. Você tem que me soltar, senão eu vou ficar encrencada.

Ela me deu um sorriso angelical e deu um tapinha no meu cabelo com a mão livre. Era como minha mãe meio bêbada.

– O que o pato diz? – me perguntou ela.

Inspecionei seu rosto para ver se havia pelo menos um indício de inteligência, se havia alguém ali dentro. Parecia que não.

Levei muito tempo para responder, e, da segunda vez, a pergunta foi mais alta, ecoando pela cozinha.

– O que o pato diz?

– Por favor, fale baixo, Vossa Majestade – sibilei, mas, quando pareceu que ela ia perguntar de novo, eu cedi. – *Quem*! O pato diz *quem*.

– É você? – ela exigiu saber, inclinando a cabeça para o lado.

– Astrid – respondi, tentando ficar calma, com sua mão pegajosa ainda no meu pulso. – Sou Astrid.

– Hum hum hummm – respondeu ela, apontando para o meu peito. – Mentirosa sapeca.

Puxei a mão para longe dela com mais violência do que pretendia. Ozma cambaleou

como um vaso antigo e começou a cair. Tive tempo para imaginar a princesa de Oz abrindo a cabeça no piso de paralelepípedos da cozinha; isso daria uma primeira noite de espionagem bem desagradável. Me inclinei para apoiá-la.

Antes que eu pudesse pedir desculpas por quase derrubá-la, Ozma se aproximou de mim. Ela colocou os lábios bem perto do meu ouvido.

– Eu nunca vou contar – sussurrou ela.

E então, do nada, ela pegou meu queixo e virou minha cabeça, me dando um beijo suave na bochecha. Seus lábios eram macios e lisos.

Que diabos?

Eu me afastei com delicadeza e olhei para ela. Seus olhos também estavam arregalados. Ainda estava me analisando. Mas, dessa vez, ela me soltou. Sem mais uma palavra, Ozma voltou à sua perambulação, me deixando na cozinha imaginando se meu disfarce já havia sido descoberto.

VINTE E SETE

– Hoje é um belo dia para estar em Oz!

A voz doce e saltitante flutuou por sobre a mesa lotada no refeitório dos serviçais, onde eu estava tomando café da manhã com as outras empregadas.

Eu estava começando a suar, e não só porque era a primeira vez que minha identidade como Astrid precisava resistir à avaliação em massa: estava úmido no refeitório, pois o cômodo parecia aprisionar todo o calor da cozinha. Havia umas vinte garotas emboladas ombro a ombro ao redor da longa mesa de madeira bruta – nenhum garoto. Os mordomos e lacaios que eu vira andando por lá deviam fazer suas refeições num horário diferente.

Jellia Jamb estava sentada na cabeceira da mesa – a responsável pelo comentário alegre e nada irônico sobre o belo dia para ser uma serviçal. Jellia era a encarregada do staff do andar de baixo. Tinha um sorriso doce enjoativo no rosto e parecia estar a poucos segundos de começar a cantar. Ela suspendeu o garfo sobre o prato e o segurou ali. Todo mundo a imitou.

Jellia era bonita, com pele rosada e cabelo louro-dourado. Como empregada-chefe, seu uniforme era de um verde-esmeralda mais profundo e mais forte do que o resto dos nossos tons verde-pálidos e desbotados, que ficavam entre o verde-oliva e o verde-espuma-do-mar.

Em algum lugar no fundo da minha mente, eu esperava ter a chance de ver Pete de relance quando os empregados se reunissem, mas não tive sorte. Se eu ia vê-lo, não seria durante as refeições.

Comíamos as sobras do jantar de Dorothy da noite passada, o que significava que estávamos comendo jantar e sobremesa no café da manhã. Costelas à caçarola. Purê de batatas trufado. Bolo de chocolate. O fato de minha boca estar salivando parecia uma pequena traição à Ordem. Até a refeição das empregadas no palácio era um milhão de

vezes melhor do que o que a Ordem cozinhava nas cavernas. Mesmo assim, eu daria qualquer coisa para que Gert me fizesse um pouco mais de gosma verde, algo que não fossem os restos da mesa de uma déspota irritada. E, nas cavernas, eu podia comer sem a sensação de que todo mundo me encarava, observando qualquer revelação involuntária que Ozma havia percebido na noite anterior. A gosma verde era bem menos estressante e muito mais deliciosa em termos éticos.

– Louvada seja Dorothy – disse Jellia, e dezenove garfos desceram ao mesmo tempo. O meu ficou só um segundo atrás.

Glamora estava certa. As garotas tinham modos perfeitos e, naquele momento, fiquei grata por ela ter me treinado com tanta vigilância. Mas havia algo mais, algo um pouco assustador. Elas eram mais do que perfeitas – eram sincronizadas. Os garfos de todas as garotas chegavam aos lábios no mesmíssimo instante e voltavam aos pratos de novo, como um relógio.

– Dorothy tem sido muito generosa. Ela ficou feliz com o serviço da noite passada. Ela não falou nada, na verdade, mas eu percebi. E não fez nenhuma reclamação. Bom, exceto pelo pão, mas isso não era responsabilidade nossa, e tenho certeza de que Vossa Alteza sabe disso. Não temos sorte de trabalhar para alguém tão gentil e compreensiva quanto a Princesa Dorothy?

Essa garota era alegre. Alegre demais. Dorothy nem estava *aqui,* e esse era pelo menos o décimo primeiro elogio que ela fazia à princesa antes mesmo de começarmos a comer.

E eu odiaria ver o que aconteceu com a pobre pessoa que estragou o pão de Dorothy – quem quer que fosse.

– Astrid, você está bem? – perguntou Jellia quando peguei uma costela no prato de servir no centro da mesa.

Levantei o olhar, surpresa.

– Estou, sim.

– Você nunca come isso – disse, com desconfiança, a garota sentada ao meu lado, cujo nome eu descobri que era Hannah.

– Talvez ela esteja querendo engordar um pouco – comentou outra empregada,

chamada Sindra. Seus cílios eram muito compridos, e ela amarrava os cabelos em marias-chiquinhas firmes, quase uma homenagem a Dorothy.

Engoli em seco. Será que Astrid era vegetariana? Será que meu estômago tinha acabado de me revelar?

Dei de ombros com o máximo de leveza possível.

– Acho que estou só com muita fome, hoje de manhã – falei, tentando imitar o tom animado das outras garotas e manter o ritmo com as garfadas sincronizadas. – Se é bom o suficiente para Dorothy, certamente é bom o suficiente para mim!

Isso pareceu satisfazê-las. Jellia fez que sim com a cabeça como se a minha lógica parecesse inquestionável demais para discutir, e eu tentei voltar a mastigar com gosto, esperando não cometer outros erros.

Mantive minha antena ligada para obter informações, mas o único assunto da conversa era *Dorothy*. O que deveria ser uma coisa boa, considerando que eu estava aqui para aprender sobre ela. Infelizmente, ninguém compartilhava informações úteis. Tudo era sobre como Dorothy era bonita ou como ela era gentil ou como tínhamos sorte de trabalhar para a melhor pessoa de Oz.

Era estranho. Elas eram como uma união de empregadas sinistras e exageradamente apaixonadas.

No fim do café da manhã, percebi que meu garfo estava se movendo no ritmo das outras empregadas. Percebi que eu estava fazendo que sim com a cabeça quando elas faziam que sim com a cabeça, mastigando quando elas mastigavam, piscando quando piscavam. Parte de mim estava orgulhosa de como eu tinha me misturado com facilidade, uma necessidade, se eu quisesse realizar minha missão. Mas outra parte de mim se perguntou se, talvez, a rotina de autômata não se instalara com facilidade demais.

Será que era magia?, eu me perguntei. Um feitiço para nos tornar o mais obedientes possível? Será que Dorothy tinha algum tipo de encantamento para nos impedir de comer como mendigos ou batendo nossos garfos? Ou será que a máquina de alegria programada era apenas o modo de as empregadas lidarem com o medo constante de viver sob o comando de Dorothy?

O café da manhã não durou muito. Jellia nos lembrou, alegremente, de quanto

trabalho recebemos como bênção e nos apressou para nossas tarefas. Todos os cômodos do palácio eram limpos todos os dias, independentemente se havia alguém usando-o ou não.

– Eu queria que a gente pudesse usar magia pra isso – falei para Hannah, olhando para ela por sobre nosso grande balde de água com sabão. Estávamos dobradas sobre as mãos e os joelhos, esfregando manchas de óleo do piso da suíte do Homem de Lata.

Minha esfregação de chão era bem meia-boca, já que eu estava ocupada demais verificando a moradia do Homem de Lata para realmente me preocupar com a tarefa. Só que este quarto era quase tão entediante quanto o meu. O cômodo era totalmente privado de detalhes pessoais, além de peças de reposição. A única coisa que me interessou foi uma engenhoca estranha aparafusada na parede, feita de dois suportes de metal que suspendiam um colchão com aparência antiga a mais ou menos trinta centímetros do chão, numa posição perfeitamente vertical. Logo abaixo, um par de marcas de fricção na forma de botas estava tão entalhado na madeira que eu tinha certeza que *nenhuma* esfregação as removeria.

No início, não consegui entender o que era. Depois a ficha caiu. Aquilo era a cama do Homem de Lata. Ele dormia em pé.

O lugar todo me dava calafrios. Por outro lado, pelo menos não estávamos limpando o quarto do Espantalho – isso teria sido apavorante, sem falar que levaria a semana toda.

Hannah me lançou um olhar de esguelha e baixou a voz.

– Você sabe que usar magia seria um desperdício, Astrid. Dorothy precisa dela, de cada gota. Além do mais, fazer o trabalho no modo antigo é reconfortante pra Dorothy. Ela se lembra de como costumava limpar a fazenda lá no Outro Lugar.

– Você não precisa me dar um sermão sobre reconfortar Dorothy – respondi depressa. – Esse é o único motivo por que estou aqui.

Hannah sorriu para mim e eu sorri de volta, esperando imitar seu jeito vagamente feliz.

– Fico tão feliz porque nossa escravidão faz Dorothy se sentir melhor – murmurei, quase certa de que Hannah não era o tipo de pessoa que detecta sarcasmo.

– É mesmo! – exclamou Hannah. – Isso a faz lembrar de como chegou longe.

O sabão que usávamos cheirava a limão e pêssego. Eu me perguntei se esse era o sabão que sua tia Em costumava usar no Kansas, antes de o tornado levá-la. O que poderia ter acontecido para transformar aquela doce e inocente menina do campo em uma fascista acumuladora de magia?

Eu não ia conseguir nenhuma dica útil de assassinato com uma cabeça-de-vento assustada como Hannah, então decidi bisbilhotar e ver se, de algum jeito, eu conseguia fazê-la me dar alguma informação sobre Pete. Mesmo no disfarce de Astrid, imaginei que procurar a única outra pessoa anti-Dorothy que eu conhecia podia ser útil, e certamente a proximidade entre serviçais não levantaria bandeiras vermelhas. Não que eu quisesse me aproximar de Pete.

– Você tem visto aquele garoto de olhos verdes malucos? – perguntei casualmente. – Eu queria saber quando ele tem folga.

Hannah olhou para mim, surpresa.

– Quem? Você está falando de um dos guardas?

– Não, acho que ele é jardineiro.

– Ah, não seja boba, Astrid – disse ela.

Pisquei.

– O que você quer dizer?

– Você sabe que qualquer fraternização é estritamente proibida.

– Ah – falei, tentando pensar num jeito de encobrir meu erro. Antes que eu conseguisse fazer isso, Hannah se aproximou o suficiente para sussurrar.

– Deixei Bryce... você sabe, o cozinheiro de quem eu te falei... entrar escondido no meu quarto outra noite – sussurrou ela. – Mas não conte pra ninguém. Não quero ser punida por Obscenidade de novo.

– Prometo não contar – sussurrei de volta.

– Vou ficar de olho pra encontrar o seu garoto também – disse Hannah. – Mas nunca vi alguém com olhos assim.

Eu me inclinei até o chão, tentando esfregar uma mancha especialmente teimosa. Quem *era* Pete?

* * *

Depois que terminamos a suíte do Homem de Lata, tivemos permissão para tirar uma folga de quinze minutos no refeitório dos serviçais. Como lanche, Jellia trouxe uma série de partes de baixo de muffins. Aparentemente, Dorothy só comia a parte de cima.

Enquanto as outras garotas comiam com um coro de "ohs" e "ahs" – parece que partes de baixo de muffins eram um tesouro por aqui –, tirei um tempo para analisar os escritos nas paredes do refeitório. Havia uma tonelada de cartazes de cores fortes sobre técnicas adequadas de limpeza e manutenção de uniformes, mas também uma agenda dos funcionários do palácio em códigos coloridos. Tentei memorizá-la, especialmente os horários da troca de turno dos guardas. Saber quando haveria lacunas na proteção de Dorothy definitivamente seria útil. Os grandes curingas eram o Espantalho e o Homem de Lata. Eles não tinham o hábito de mostrar suas agendas em lugar nenhum, apesar de eu saber que sempre estavam em algum lugar do palácio. Os boatos diziam que o Leão também estava por perto.

A ideia de ver o Leão de novo, depois do que ele fez com Gert, me deixou enjoada.

Mas não era minha tarefa ficar enjoada. Minha tarefa era passar despercebida por eles, e eu já teria muito trabalho só para fazer isso. Uma coisa de cada vez. Primeiro, uma leitura das idas e vindas de Dorothy, depois...

– Você não vai comer, querida?

Era Jellia. Ela havia se infiltrado ao meu lado sem eu perceber.

– Vou – respondi depressa, acenando para o guia fluorescente de passo a passo para limpeza com esfregão. – Só achei que eu precisava de uma reciclagem. Quero ficar melhor pra Dorothy.

Jellia fez que sim com a cabeça, de maneira aprovadora, e me deu uma parte de baixo de muffin envolvida num guardanapo.

– Boa menina – disse ela. – Mas lembre-se de manter suas forças. É importante.

* * *

Jellia não estava brincando. No fim daquele primeiro dia, eu estava tão exausta que caí

imediatamente na minha cama minúscula. O que na noite anterior me parecera duro e cheio de protuberâncias agora parecia, para o meu corpo dolorido, o lugar mais confortável de toda Oz. Os calos nas mãos de Astrid não tinham me preparado para o fato de que um dia inteiro de limpeza poderia ser muito intenso.

Sobrevivi. Um dia inteiro posando de empregada, e ninguém pareceu desconfiar. Bom, exceto Ozma, mas eu não a vira o dia todo. E os guardas de Dorothy não vieram bater na minha porta, o que significava que Ozma tinha ficado de boca fechada. Isso era um alívio.

Melhor ainda, eu não vi mais o cérebro do Espantalho depois daquela primeira noite apavorante. Os boatos diziam que ele tinha se trancado no laboratório – que ninguém sabia onde ficava –, trabalhando arduamente num projeto. Enquanto isso, nós, empregadas, recebemos instruções para deixar seu fardo de feno diário em frente à porta do seu quarto. Experimentos científicos secretos eram obviamente sinistros e algo que eu deveria investigar, mas fiquei principalmente aliviada porque o Espantalho não estava com tempo para seus galanteios repulsivos a Astrid. Ao longo da noite, a campainha perto da minha cama permaneceu misericordiosamente silenciosa.

Hoje eu dominara a rotina e me acostumara ao meu novo corpo. Amanhã, eu trabalharia em me aproximar.

* * *

O dia seguinte foi mais do mesmo. Limpando o palácio ao lado de Hannah e das outras empregadas, comecei a formar uma ideia do dia de Dorothy. Eu não a vi nem a servi – foi sua ausência que ajudou a pintar o quadro. A vagabunda deixava uma longa sombra por onde passava.

Primeiro, observei a movimentação na cozinha, as cozinheiras preparando o café da manhã de Dorothy. Estamos falando de uma inspeção minuciosa do bacon, porque, aparentemente, Dorothy não gosta de bacon crocante demais. Aquele bacon subiu as escadas numa bandeja, supostamente a fim de passar por uma inspeção minuciosa de Jellia antes de ter permissão para ser levado até a cama de Dorothy por uma empregada trêmula.

O primeiro cômodo no nosso circuito de limpeza, conforme definido no fluxograma minucioso de Jellia, era o solário de Dorothy. Era seu lugar preferido para um chá da tarde com as senhoras. Fiz par com Sindra, ou seja, eu fiz toda a limpeza enquanto Sindra observava nostalgicamente a decoração espalhafatosa de Dorothy. Depois do solário, nossa próxima parada era o banheiro mais próximo, onde Sindra e eu encontramos uma mulher rica com um vestido de alça elegante, encarando o espelho como se estivesse tentando se hipnotizar antes de saltar de paraquedas. Era uma das senhoras de Dorothy. Ela fingiu não nos notar.

– Essa é Lady Aurellium – fofocou Sindra quando saímos. – O marido dela era o Mestre da Moeda.

– Eu nem a reconheci – falei, depois arrisquei: – Foi terrível, o que aconteceu com Lorde Aurellium.

Sindra bufou.

– Bom, ele não devia ter dito a Dorothy como ela não podia gastar as reservas do palácio.

Não a pressionei mais, mas me parecia que algo sombrio se abatera sobre Lorde Aurellium. E agora aqui estava sua esposa, uma companhia para brincar com Dorothy. Então ela passava os dias divertindo as pessoas importantes de Oz que ela ainda não tinha executado ou que não haviam fugido.

Perto da hora do chá, quase cruzamos o caminho de Dorothy. Era impossível não ouvi-la se aproximando. Seus saltos altos vermelhos batiam forte, de um jeito sobrenatural, pelos corredores, como se amplificados pela magia. Sem falar que ela estava acompanhada dos passos pesados de seus guarda-costas e das risadas de seu séquito, um grupo de especialistas em beleza e palhaços escolhidos por Dorothy, vestidos de maneira espalhafatosa, todos tagarelando constantemente sobre como ela era maravilhosa. Eu queria dar uma olhada no meu alvo, mas Hannah me puxou para longe.

Dorothy nunca ficava sozinha, percebi. Não estava claro se isso era uma decisão tática – ou talvez ela não suportasse ficar sozinha consigo mesma.

Depois do chá, Dorothy tirava um cochilo ou se reunia com seus conselheiros, ou, possivelmente, as duas coisas. De qualquer maneira, não tínhamos permissão para ir até

os andares superiores nesse período, para não incomodar Vossa Grandeza.

De jeito nenhum as empregadas estavam cegas para o fato de ser tudo muito errado. Mas elas concordavam com tudo alegremente. Ou, pelo menos, fingiam fazer isso. Nunca, nem por um instante, elas duvidavam da magnificência, da bondade ou da perfeição de Dorothy.

Era como se tivessem sofrido uma lavagem cerebral. Ou isso ou elas morriam de medo.

Mais tarde naquele dia, eu e uma Jellia assobiante tirávamos a sujeira do corredor estreito que ligava o palácio aos Jardins da Realeza quando o inconfundível barulho de peças metálicas veio ecoando na nossa direção. A regra tácita entre as empregadas era ficar fora da visão de Dorothy e seus conselheiros – especialmente o Grande Inquisidor metálico e seus Soldados de Lata –, só que isso não era uma opção agora. Não havia portas nem saídas no nosso pequeno corredor; ou corríamos de volta para o palácio, na direção do homem de metal que estava entrando, ou nos escondíamos nos Jardins da Realeza, onde era estritamente proibida a presença de serviçais.

A fachada alegre de Jellia se derreteu sob um surto de pânico. Ela congelou, agarrando a vassoura e encarando o corredor. Eu a agarrei e a puxei para a parede, nossas costas pressionadas contra o muro. Ela estava tremendo.

– Tudo bem – falei para ela. – Não fizemos nada errado.

– Mas... mas e se ela não gostar da música que eu estava assobiando? – gaguejou Jellia.

Antes que eu conseguisse responder, o Homem de Lata fez a curva. Da última vez em que eu o vira, estávamos em batalha, e, por um instante, fiquei tensa, meio que esperando que ele viesse até mim. Mas ele simplesmente olhou na nossa direção. Não me reconheceu – não poderia. Senti gosto de sangue e percebi que estava mordendo a parte de dentro da bochecha.

– Por favor, por favor, não, foi só um acidente!

O Homem de Lata arrastava um jovem pelo cotovelo. Ele usava a armadura folheada de esmeraldas dos guardas do palácio. E se debatia contra o aperto implacável do Homem de Lata, sem sucesso. No pescoço do jovem guarda estava pendurado um cartaz

de cartolina que dizia *Crime: Olhar Errante*.

– Eu não tinha a intenção de olhar pra ela! – implorava o guarda.

– Silêncio – veio a resposta gelada do Homem de Lata.

Quando eles passaram, cometi o erro de encontrar o olhar do jovem guarda. Eu deveria ter mantido os olhos baixos e subservientes, como Jellia. Desesperado, o guarda tentou se jogar na minha direção.

– Por favor! – gritou ele. – Me ajude! Isso não está certo!

Eu poderia ter feito alguma coisa. Invocado um feitiço de bola de fogo. Invocado minha faca e salvado o guarda. Eu queria salvá-lo porque não conseguia suportar aquele medo nos seus olhos. Mas então o plano todo da Ordem iria por água abaixo. Revoltada comigo e com a situação, desviei o olhar.

O Homem de Lata empurrou o guarda para a frente, saindo para os Jardins da Realeza. Ele não se preocupou em fechar totalmente a porta. Depois de um instante, me arrastei até lá para dar uma espiada lá fora.

– Astrid! – sibilou Jellia. – O que você está fazendo?

Mandei ela fazer silêncio e observei enquanto o Homem de Lata conduzia o guarda até um canteiro ensolarado de girassóis gigantescos. Eles pararam ali, o guarda ainda tentando resistir sem sucesso. Eu me perguntei o que significava Olhar Errante. Será que ele tinha olhado para Dorothy? Qual era a punição para isso?

Os girassóis tremeram, depois se separaram, e lá estava o Leão, se espreguiçando no seu ponto ensolarado de cochilo. Não consegui acreditar. Eu estava varrendo como uma idiota enquanto a fera de Dorothy dormia bem ali, do lado de fora. O Leão parecia totalmente recuperado da batalha com Gert. Seus músculos densos ondularam sob a capa de pelos dourados enquanto ele se levantava, se assomando sobre o guarda.

O Homem de Lata trocou algumas palavras com o Leão bocejante, mas não consegui ouvi-las. Tive que me impedir de fazer um feitiço de escuta, novamente me lembrando do alerta de Nox sobre o uso de magia. O que quer que eles tenham falado fez o guarda cair de joelhos.

Um instante depois, o Leão curvou uma pata delicadamente sobre o rosto do guarda, num movimento tão suave que eu quase não vi. Alguma coisa que se parecia muito com

uma bola de pingue-pongue saiu num arco do rosto do guarda e entrou na mandíbula aberta do Leão, que estava à espera.

Era seu olho, percebi. O Leão tinha arrancado o olho do guarda e engolido. Recuei lentamente para longe da porta.

– O que fizeram com ele? – sussurrou Jellia, e sua curiosidade era uma prova de que as empregadas não eram totalmente alheias e alienadas.

– Você não quer saber – respondi. – Vamos sair daqui.

Então era isso que eu ia enfrentar. Uma psicopata do meio-oeste que nunca estava sozinha e tinha uma reserva de magia, cercada de matadores leais que desfigurariam uns aos outros sem pensar duas vezes. Enquanto isso, eu não tinha recebido mais instruções de Nox nem da Ordem e não tinha visto nenhum sinal de Pete, meu único amigo no palácio.

Claro. Essa coisa toda de assassinato ia ser molezinha.

VINTE E OITO

No terceiro dia, houve uma agitação de atividade entre os empregados. Alguém importante tinha chegado ao palácio.

– O Mágico! – sussurrou Hannah, empolgada, enquanto saía para limpar a ala norte, e eu reunia meu material para cuidar da ala sul.

– O Mágico? – perguntei, esperando obter mais detalhes. Mas Hannah já estava se afastando apressada.

As lições de Glamora e de Gert nunca tinham mencionado o Mágico. Para falar a verdade, eu havia me esquecido totalmente dele. Ele não tinha voltado para o Outro Lugar no seu balão? O que estava fazendo em Oz? Como sempre, eu estava dois passos atrás.

Mas o Mágico definitivamente estava aqui. Decidi desviar pelo solário de Dorothy, sabendo que, se tivesse mantido a agenda normal, ela estaria ali. O solário não estava na rota de limpeza de Astrid para aquele dia, mas esse era um risco que eu teria que correr. Eu precisava descobrir mais.

O corredor estava totalmente vazio, e eu me assegurei de andar a passos leves. A porta do solário estava entreaberta, provavelmente porque Dorothy achava que ninguém teria coragem de escutar atrás da porta. Eu me pressionei contra a parede do lado de fora da porta aberta, espiando para dentro do cômodo. Lá, Dorothy estava esticada num divã de veludo verde com pernas de ouro enfeitadas. Perto de onde ela estava, havia uma torre abarrotada de salgadinhos e docinhos. Dorothy não estava nem se preocupando em levantar um dedo: os biscoitos flutuavam direto da bandeja para dentro da sua boca.

Olhei duas vezes ao perceber quem estava sentada em frente a ela, num sofá de brocado: Glamora.

Não. Claro que não. Era Glinda. Ela usava um vestido-camisola cor-de-rosa justo, com o cabelo vermelho preso num penteado perfeito, e bebericava, recatada, de uma

xícara de chá cor-de-rosa.

– Não confio nele – reclamou Dorothy. – Por que ele tem que vir aqui? Eu deixo ele fazer o que quer; deixo até usar magia. Ele não pode parar de me importunar?

– O Mágico pode ser um aliado irritante – retrucou Glinda. – Mas ele seria um inimigo perigoso. Vamos mantê-lo feliz. – Era assustador como elas se pareciam e tinham a mesma voz. Escutar a voz de Glamora saindo da boca de Glinda me fez sentir um pouco de saudade da sua irmã. Mesmo que eu nunca tenha gostado muito dela.

– Não vejo por que não posso simplesmente matá-lo – reclamou Dorothy. – Isso facilitaria muito as coisas. Eu o odeio, e odeio seus chapéus idiotas.

– O Mágico veio do seu mundo – lembrou Glinda. – Isso torna as coisas mais complicadas. A magia dele é imprevisível. Tentar matá-lo poderia facilmente ser um tiro no próprio pé. Enquanto o mantivermos no nosso lado, ele é inofensivo. Ele pode até nos ajudar. Você sabe tão bem quanto eu que temos... objetivos semelhantes.

– Humpf – disse Dorothy. – Eu só quero ele bem longe de mim.

– Paciência, Dorothy – alertou Glinda. – Por que não damos uma olhada para saber o que ele está aprontando? Concordo que é melhor manter um olho atento nele.

Dorothy soltou um suspiro alto de frustração. Ela bateu palmas, e espiei um pouco para ver o que elas estavam fazendo. A atenção das duas estava voltada para o quadro de uma paisagem agradável de floresta pendurado na parede, sobre a lareira. Aproveitei a oportunidade da distração das duas para observar mais de perto.

– Quadro mágico! – rosnou ela. – Mostre-nos o Mágico.

Ao comando de Dorothy, o quadro começou a se reorganizar, como se a tinta ainda estivesse molhada e um pincel invisível criasse uma paisagem diferente. De repente, as árvores se transformaram num rosto que eu conhecia: o Homem de Lata. Depois, outro rosto se formou. Esse eu nunca vira. Mas tinha uma boa pista de quem era. Um homem mais velho, com rosto estreito, olhos venenosos e sobrancelhas supercrescidas, quase parecendo chifres. Usava uma pequena cartola elegante sobre a parte mais careca da cabeça quase totalmente careca.

O Mágico almoçava com o Homem de Lata. Até suas vozes se transportavam com muita clareza através da magia do quadro. Era como ver uma daquelas TVs de alta

definição que minha mãe sempre falava em comprar a prazo. Fiquei nervosa por saber que Dorothy tinha acesso a esse tipo de poder. Eu me perguntei quais eram os limites da sua espionagem.

Também me perguntei se eu seria capaz de usar esse quadro mágico em vez de usar a velha bisbilhotagem.

– Por que você simplesmente não diz a ela como se sente? – perguntou o Mágico casualmente, se recostando na cadeira e passando manteiga no pão.

O Homem de Lata estava lubrificando suas juntas e levantou o olhar, com uma expressão escandalizada.

– Eu jamais poderia. Eu...

No solário, Dorothy se virou para Glinda, e eu escondi minha cabeça atrás da moldura da porta.

– Ele está tentando virá-lo contra mim – sibilou ela. – Escute isso.

Glinda balançou a cabeça.

– Não é o que me parece. Parece que eles estão discutindo um assunto mais próximo do coração estofado do nosso amigo em comum.

– Não! – resmungou Dorothy. – *Isso* de novo, não.

Hesitante, eu me inclinei para dentro e vi Glinda dar de ombros, levar o dedo com unhas vermelhas até os lábios pintados de vermelho e apontar para o quadro, onde o Mágico dava um tapinha solidário no ombro do Homem de Lata. Ele tentou afastá-lo com uma das mãos com ponta de faca, mas o Mágico recuou bem a tempo de evitar ser fatiado.

– É inútil – disse o Homem de Lata. – Tudo que eu faço, é por *ela*. Mesmo assim, ela nunca vai me amar como eu a amo.

Eu quase me entreguei dando uma gargalhada, mas a engoli bem a tempo. O Homem de Lata estava desesperadamente apaixonado por Dorothy!

Sério, não era engraçado. Era doentio. Bom, OK, talvez fosse um pouco engraçado.

Aí eu me lembrei do que eu sabia sobre o Homem de Lata. Ele perdera um amor e, acidentalmente, cortou os próprios membros com um machado encantado. Mas e se o machado não fosse encantado? E se o Homem de Lata fosse apenas um cara conhecido

por exagerar em nome do amor?

– Por que não começar devagar? – aconselhava o Mágico. – Peça a ela pra dançar uma música com você no próximo baile. Isso não pode fazer mal, não é? E talvez leve a algo mais.

A testa do Homem de Lata se franziu como folha de alumínio, depois ficou lisa de novo enquanto ele pensava na ideia.

– Talvez.

– Argh! Isso ia fazer mal *literalmente*! Ele tem facas no lugar dos dedos – reclamou Dorothy. Ela bateu palmas de novo, e o quadro mudou para uma imagem imóvel em tons pastel de uma paisagem ensolarada. – Já chega! Encorajar a paixonite patética do Homem de Lata é traição. Posso pedir a cabeça do Mágico por isso.

Glinda afastou a sugestão com um aceno de mão.

– Ah, pare com isso – disse ela. – Você não pode culpá-lo. *Todos nós* já tivemos essa conversa com seu admirador de metal. Ele *nunca* muda de assunto; é impossível *não* encorajá-lo. De qualquer maneira, não devemos ser duras. Lembra quando você descartou o Zógol Besouro e, alguns meses depois, queria outro?

– Eu me lembro – resmungou Dorothy, de má vontade.

– Não havia outro Zógol Besouro. E só existe *um* Mágico.

Dorothy concordou com um aceno da cabeça e um biquinho, mas eu não tinha tanta certeza. Parecia que ela ainda preferia um mundo sem o Mágico.

Glinda se levantou.

– Bem, minha querida...

Glinda parecia pronta para sair, e essa foi minha deixa. Eu me afastei da porta e andei silenciosamente pelo corredor. Eu não era tão ruim nesse negócio de espionagem, e olha que nem tinha um quadro mágico. Agora, eu só precisava descobrir o que fazer com tudo que eu tinha acabado de saber.

* * *

No salão de banquetes, esfregando infinitamente o piso de mármore brilhante, tive tempo suficiente para pensar no meu próximo passo.

Eu tinha tantas perguntas. Por que o Mágico não estava no mundo real, de onde ele vinha? Por que Dorothy não confiava nele? E o que tornava o Mágico e a magia *dele* tão perigosos que elas não podiam se arriscar a se livrar dele?

Mas eu não estava só pensando no que elas conversaram. Eu também pensava naquele quadro, me perguntando exatamente até onde ele conseguia ver. Nox tinha me alertado sobre o uso de magia, mas eu não invocaria nada, pois o quadro já era encantado. Provavelmente era seguro, certo?

Apressei o resto da limpeza. Não ficaria nos padrões de Jellia, mas eu não me importava. Eu precisava fazer alguma coisa. Estava reunindo informações havia três dias e ainda não tinha um plano concreto para me aproximar de Dorothy. Eu podia continuar no papel de empregada e, nesse meio-tempo, deixar Dorothy continuar assassinando seus inimigos e desfigurando seus aliados, enquanto eu desperdiçava os meus dias limpando até escorregar e ser decapitada pelo crime de Ralé Ensaboada. Ou eu podia me arriscar, acelerar as coisas e usar seu quadro mágico.

É. Valia a pena.

Voltei para o solário na ponta dos pés. Dessa vez, estava vazio.

Olhei para os dois lados no corredor para ter certeza de que ninguém estava vindo e me esgueirei para dentro do cômodo, me aproximando do quadro. Ele tinha mudado de novo. Agora era o quadro de uma cabana diferente, algo que você poderia ver no consultório do dentista.

Eu não sabia se ia funcionar. O quadro provavelmente era só um quadro normal sem a magia de Dorothy para obrigá-lo a fazer seu truque. Mesmo assim, olhei de novo ao redor, nervosa, e depois o encarei.

– Quadro mágico – sussurrei, tentando imitar o comando penetrante de Dorothy, só que mais baixo. – Me mostre...

– Ahã.

Eu tinha sido pega. Sem pensar, sem nem me virar e, definitivamente, sem considerar o alerta de Nox sobre o uso de magia, invoquei um feitiço de invisibilidade. Meu disfarce fora descoberto. Fugir era a única coisa na minha mente agora.

Desapareci apenas por um segundo. Antes que eu pudesse ao menos mover meus pés

invisíveis, uma sensação parecida com receber um balde de água fria na cabeça me tomou. Num piscar de olhos, eu estava visível de novo, e meu feitiço fora anulado. Fiquei parada bem no meio do solário de Dorothy, exposta.

O Mágico estava diante de mim.

VINTE E NOVE

O Mágico deu um passo na minha direção e inclinou o chapéu, revelando o topo da cabeça careca e lustroso e o cabelo grisalho cacheado ao redor. Ele sorriu para mim com um brilho nos olhos e fez uma leve saudação.

Eu esperava ficar cara a cara com um dos subalternos de Dorothy, ou, talvez, com a própria Vossa Pavorosidade em carne e osso. Com algum esforço, acalmei meu reflexo de fuga-ou-luta, pois a fuga já havia fracassado. O Mágico não era um dos aliados de Dorothy, mas isso não o tornava um dos meus amigos.

– Ah, me desculpe, senhor – consegui dizer, tentando parecer tranquila. – Eu só estava limpando.

O Mágico olhou nitidamente para minhas mãos vazias.

– Sim, muito bem – respondeu ele, pensativo –, como este lugar parece impecavelmente limpo, suponho que seria necessária uma empregada invisível para cuidar da poeira invisível.

Soltei uma risada nervosa que era apenas um pouco fingida.

– Não sei o que o senhor quer dizer – falei e tentei contorná-lo. O Mágico deu um passo para trás, ficando no meu caminho. Ele sorriu de novo para mim e inclinou o queixo, quase como se estivéssemos fazendo um passinho de dança. Isso diminuiu a tensão do momento. Mesmo assim, levei um segundo para analisar o velho.

O Mágico parecia um ator de cinema bonito e envelhecido. Suas roupas tinham corte perfeito, o terno era de brocado rígido, como se tivesse sido cortado de uma tapeçaria. Babados de seda macia apareciam no colarinho, e abotoaduras com pequenos *M*s de prata pontuavam seus punhos. Ele tocou na aba do chapéu enquanto eu o avaliava. Comparado com o resto da roupa, o chapéu preto com aba preta parecia simples e surrado, quase como se viesse de outra época.

– Deve ter sido um truque de luz – disse o Mágico de um jeito travesso, acenando

para as dezenas de janelas brilhantes do solário. – Uma prestidigitação de corpo, talvez.

Eu sabia que ele estava me provocando, mas eu o encarei com a brandura inofensiva que aprendera com as outras empregadas.

– Se é tudo, senhor, tenho outras tarefas a cumprir – falei com excesso de cortesia.

O Mágico me dirigiu um sorriso misterioso e malicioso.

– Ah. É disso que gostamos no palácio. Iniciativa. Perspicácia. *Ousadia*. Me parece que eu também conhecia alguém assim.

Minha mente disparou imediatamente para a pessoa mais óbvia: ele estava falando de Dorothy.

– Claro que estou falando de mim mesmo – explicou ele. E piscou o olho de forma dissimulada, como se soubesse que não era isso que eu estava esperando. – Qual é o seu nome, criança?

– Astrid – respondi depressa. Talvez rápido demais. Esse cara era esperto, eu não queria revelar mais nada.

Claro, eu sabia o que todo mundo sabia sobre o Mágico – que ele chegou a Oz num balão, que se instalou como governante na ausência de Ozma e que não era um mágico de verdade, só um cara com muitos truques especiais. E, é claro, havia o fato de que ele supostamente *saíra* de Oz mais ou menos na mesma época que Dorothy, para voltar ao seu mundo. Para o *meu* mundo.

Claramente, algumas partes da história não eram muito precisas – para começar, ele ainda estava em Oz. Mas, por algum motivo, em todas as minhas lições com a Ordem, Glamora, Gert e os outros nunca tinham falado do Mágico. Será que ele realmente havia ido embora? Será que elas sabiam que ele estava aqui? Eu me perguntei como isso tudo se conectava.

O Mágico tinha virado de costas para mim e agora examinava o quadro. Ele se aproximou, como se estivesse superinteressado nas pinceladas, depois recuou e passou o dedo na borda da moldura dourada.

– Estou vendo que você deixou passar uma sujeira, Astrid – disse ele, levantando o dedo indicador, que estava perfeitamente limpo. – Você vai ter que ser mais cuidadosa com isso na próxima vez. Tem sorte porque fui eu que notei. Outros por aqui ficam bem

irritados quando as coisas estão no lugar errado.

– Não vai acontecer de novo, senhor – falei. Fui bem devagar em direção à porta, mas parte de mim queria ficar. Parecia que o Mágico estava querendo me alertar, o que significava que talvez eu pudesse confiar nele. Ou, pelo menos, conseguir alguma informação valiosa, fazendo com que toda a excursão até o solário não tivesse sido um erro total.

– Há quanto tempo você trabalha no palácio, Astrid? – perguntou ele, vendo que eu estava parada ali.

Hesitei.

– Há alguns anos – respondi finalmente, imaginando que era uma resposta vaga o suficiente para ser segura.

– E o que você acha do seu emprego? Da princesa?

– É maravilhoso, senhor – falei. – Tenho muita sorte de poder trabalhar para alguém tão sábia, linda e generosa quanto Dorothy.

– Ah, sim – retrucou o Mágico, como se estivéssemos discutindo o clima. – Dorothy certamente sabe manter os serviçais sorrindo. Afinal, no instante em que você começar a se lamentar, será enviada para um Ajuste de Atitude oficial com o Espantalho.

– Eu... – Eu não sabia como responder. O Mágico parecia estar me incitando a criticar Dorothy. Eu queria confiar nele. Mas ele já tinha me visto fazendo magia, e eu não queria lhe dar mais munição, para o caso de ele não estar do meu lado. Ele quase parecia estar me dando pistas de que estava, mas, só porque Glinda e Dorothy o odiavam, isso não significava que ele era bonzinho.

– O Espantalho é tão brilhante – falei finalmente. – Sem ele, não teríamos tantos avanços na tecnologia mágica que faz de Oz o lugar que é agora.

O Mágico deu um sorriso triste e mexeu na flor da sua lapela.

– Claro – disse ele. – Onde estaria Oz se não fossem os grandes experimentos do Espantalho? Corvos com orelhas humanas; homens com rodas de bicicleta no lugar de pernas... vivemos num mundo glorioso, não é mesmo? Isso sempre me lembra de onde eu vim. – Ao falar isso, ele olhou de novo para mim. Era quase como se estivesse tentando analisar minha reação.

Não me deixei reagir.

– Sim, senhor – foi tudo que eu disse.

– Ouvi dizer – refletiu o Mágico – que o Espantalho está trabalhando no seu maior experimento.

Eu me animei. Esse era exatamente o tipo de informação que seria valiosa para a Ordem. Mas eu tinha que tomar cuidado para não parecer interessada demais.

– No laboratório dele, senhor? – perguntei casualmente.

– Ah, sim – respondeu o Mágico. – Dia e noite em seu laboratório secreto. Sem dormir. Provavelmente gastando os dedos até os... bom, não tenho certeza se o Espantalho tem ossos. Mas você entendeu a ideia.

Fiz que sim com a cabeça, entusiasmada, e tentei não engasgar com a minha sinceridade fingida.

– Ele se sacrifica tanto.

O rosto do Mágico se iluminou.

– Aqueles que se sacrificam sempre têm mais a perder – disse ele, me observando de perto. – Já ouviu essa expressão, Astrid?

Balancei a cabeça.

– Não, senhor.

– Ah. Você vai ouvir, minha querida. Vai, sim.

Que diabos ele queria dizer?

Antes que eu pudesse perguntar, o Mágico inclinou o chapéu e saiu.

Meu coração ficou martelando no caminho de volta ao meu quarto. O que o Mágico estava tentando me dizer? Será que ele tinha alguma pista de quem eu era ou do que pretendia fazer? Era como tentar montar um quebra-cabeça de cinco mil peças sem a imagem na caixa.

Ozma. O Mágico. O palácio estava repleto de excentricidades enigmáticas que eu não conseguia entender muito bem. Em quem eu podia confiar?

Foi quase como se o universo quisesse me dar uma resposta quando abri a porta e encontrei Pete sentado na minha cama.

TRINTA

Dei um pulo para trás e arfei. Eu já começara a me perguntar se Pete sequer existia, e agora ele estava sentado na minha cama sem nenhuma preocupação na vida – como se estivesse à vontade ali.

Tive que lembrar a mim mesma que não era minha cama. Era a cama de *Astrid*. O que significava que ele estava aqui para vê-la, e não a mim. Mas por quê?

Tudo que eu queria fazer era correr até Pete e abraçá-lo – dizer *Sou eu, Amy, e estou bem*. Queria contar a ele sobre Mombi e a Ordem, sobre Gert e como ela morreu. Sobre por que eu estava aqui e o que ia fazer. Mas eu não podia contar nada disso para ele.

Fechei a porta depois de entrar, só para o caso de alguém passar no corredor, depois tentei me recompor.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei, na voz mais casual que consegui. Eu não queria parecer surpresa *demais* por vê-lo. Ainda não sabia por que ele estava no quarto de Astrid. E se eles fossem amigos?

Um pensamento me atingiu. E se eles tivessem alguma *coisa*? Isso seria estranho.

Pete se levantou da cama. Seu rosto se abriu num sorriso largo, e ele veio até mim e envolveu os braços magros ao meu redor, num abraço enorme. Não me permiti ceder ao abraço, mas também não lutei contra ele.

– Você conseguiu – disse ele, parecendo engasgado. – Você está aqui.

Meu corpo todo se enrijeceu. Eu me afastei do abraço e o empurrei.

– Claro que estou aqui. Este é o meu quarto.

– Vim assim que pude. Às vezes é difícil escapar.

Eu não sabia o que Pete estava fazendo. Sim, ele tinha sido gentil comigo. Ele foi meu amigo. Mas também foi cauteloso, e eu ainda não sabia quem – ou o quê – ele era. Eu ainda não sabia se podia confiar nele, com tudo que aprendera com a Ordem.

Por mais que eu quisesse, sabia que não podia. Nada era seguro por aqui.

– Não sei do que você está falando – comecei com cuidado. – E não tenho permissão para trazer alguém ao meu quarto. Você devia ir embora.

Pete colocou a mão suave no meu ombro.

– Tudo bem, Amy – disse ele. – Você não precisa fingir; eu sei que é você. Seu segredo está seguro comigo. Pelo menos, está tão seguro quanto Star.

Ele colocou a mão no bolso e pegou minha ratinha de estimação. Quando seu rostinho branco olhou para mim e ela soltou um gritinho, não consegui mais me conter, e lágrimas se acumularam nos meus olhos.

Toda a incerteza, o medo e a estranheza das últimas semanas inundaram meu corpo ao ver seu rosto familiar. Estendi a mão, e Star subiu nela.

– Como você soube? – perguntei, olhando para Pete. – Como foi que você me encontrou?

– Você pode mudar o seu rosto, Amy, mas eu te reconheceria em qualquer lugar – disse ele. Não era exatamente uma resposta. Sequei uma lágrima do meu rosto e analisei Pete. Sua expressão estava impassível e misteriosa como suas palavras.

Aninhei Star no peito.

– Tem alguma coisa errada com o meu disfarce? – perguntei. Era algo com que eu estava preocupada desde que encontrei Ozma e, se Pete conseguia ver através dele, o que impediria alguém como Dorothy ou Glinda de perceber que eu não era quem dizia ser?

– Não é isso – disse Pete. – Quem invocou o feitiço sabia o que estava fazendo. Você vai enganar todo mundo. Todos, exceto eu.

De repente, me lembrei do que eles tinham me falado antes de eu sair da Ordem – que eu teria um espião no palácio, outro agente da Ordem que ficaria de olho em mim. Alguém para me proteger e, de vez em quando, me dar instruções.

Eu me perguntei se esse alguém era Pete. Isso faria muito sentido – ele podia ser a pessoa que levou Mombi até mim no início, quando eu estava na masmorra.

Mas eu sabia que não deveria ter nenhum contato com meu espião. A menos que fosse totalmente necessário. Eu nem deveria saber quem *era* essa pessoa. Se fosse Pete, eu tinha certeza de que ele não arriscaria o plano invadindo meu quarto.

– Perguntei por você a algumas das empregadas – falei. – Elas nunca ouviram falar

de um jardineiro com olhos verdes.

– É, ninguém me conhece muito bem por aqui – respondeu Pete. Ele sentou de novo na borda da minha cama.

Continuei em pé.

– Você me disse que trabalhava aqui.

– Trabalho. É complicado.

Complicado. A palavra ecoou entre nós. Era a palavra de que eu menos gostava. Meu pai a usou pouco antes de deixar minha mãe e eu, e nunca mais voltou. Eu comecei a ficar com raiva de novo.

– Como é que eu posso confiar em você, se você não me fala nada sobre si mesmo? – perguntei, aumentando o volume da voz. Eu tinha gastado toda a minha sutileza na conversa com o Mágico. Estava cansada de toda essa porcaria de ser recatada. – "É *complicado,* Amy. Eu *não posso* contar, Amy." Quanta mentira! Você precisa começar a explicar.

Conforme eu ficava com raiva, senti minha mão se abrir. A magia provocou um formigamento na ponta dos meus dedos, como se eles estivessem coçando, e eu sabia que era a minha faca. Ela queria vir para mim. Quer *eu* confiasse ou não em Pete, minha faca não confiava. Ela estava tentando me dizer alguma coisa – que ele era perigoso. Mas, por enquanto, desejei que ela ficasse fora de visão. Eu já tinha escorregado com a magia uma vez hoje, isso não podia acontecer de novo.

Pete suspirou e me olhou com olhos arrependidos.

– Olha – disse ele. – Eu não trabalho exatamente no palácio. Não aqui dentro, pelo menos. Eu nem devia estar aqui. Eu trabalho no território – na estufa.

A estufa. Eu a vira pela janela quando estava limpando.

Sentei ao lado dele na cama. Fazia sentido – mais ou menos. Pelo menos, explicava por que ele sempre tinha um leve cheiro de flores.

Mas isso não explicava *tudo*. Eu sabia, instintivamente, que havia mais na história dele.

Mas não havia sempre algo a mais na história de todo mundo por aqui? Para sobreviver na Oz de Dorothy, a pessoa precisava guardar seus segredos. Eu deixaria Pete

manter os dele.

Por enquanto.

– Como foi que você voltou pra cá? – ele me perguntou. – *Por que* você voltou pra cá, depois do que quase aconteceu? Quem te disfarçou? Pra quem você está trabalhando?

Ele pegou a minha mão e a apertou com força, mas eu desviei o olhar. Se Pete podia ter seus segredos, eu também podia ter os meus.

– É uma longa história – falei.

Pete franziu a testa, mas não me importei. Eu só estava dando a ele um gostinho do seu próprio remédio.

– Tenho tempo – disse ele.

– Ótimo. Isso significa que você tem tempo pra me falar sobre o Mágico – respondi, me lembrando de continuar focada na missão.

Pete mordeu o lábio.

– Está bem – disse ele, o desapontamento transparecendo na voz. – Se é disso que você quer falar.

– Manda ver – ordenei.

– Não tem muita coisa pra falar – disse ele, desviando os olhos. – Não sei muita coisa sobre o Mágico. Ninguém sabe.

Afastei minha mão e a coloquei no colo. Star estava correndo pelo quarto, cheirando tudo.

– Me diga o que você *sabe*, então. Por que ele está aqui? O que aconteceu? Qual é o lance dele?

Pete fez uma pausa, como se estivesse tentando decidir até que ponto era seguro falar, depois fez que sim com a cabeça.

– Existem teorias diferentes. O Mágico foi embora no seu balão pouco antes de Dorothy usar a magia pra voltar pra casa. Você conhece essa parte da história.

Fiz que sim com a cabeça.

– Durante um tempo, ele ficou fora. Depois não estava mais. É aí que as coisas ficam meio enevoadas.

– Alguém o trouxe de volta?

– Talvez. Ou talvez o balão nunca o tenha levado pra casa. Ninguém sabe de verdade. O que sabemos é que, em algum ponto do caminho, ele passou um tempo com as bruxas. Foi assim que ele se tornou um mágico *de verdade,* em vez de um falso.

Virei a cabeça na direção dele, surpresa.

– Quais bruxas?

– As que sobraram... as que Dorothy não matou. Sem contar Glinda, obviamente, apesar de sua irmã gêmea ser uma delas. A líder é uma bruxa chamada Mombi. De qualquer maneira, entre o momento em que o Mágico partiu e o momento em que ele apareceu de novo no palácio, ela e o Mágico se tornaram aliados. Mas não são mais. Ele voltou para o palácio pouco depois de Dorothy retornar. Aparentemente, ele e Mombi tiveram uma discussão.

Ora, *isso* estava ficando interessante. Mesmo assim, mantive meu rosto sem expressão. Eu não queria que ele soubesse que eu conhecia Mombi nem qualquer das outras bruxas.

– Conversei com o Mágico hoje – falei. – Ele estava estranho. Ele me pegou fazendo... uma coisa, mas acho que não se importou. Acho que ele pode saber quem eu sou.

As sobrancelhas de Pete se ergueram.

– É possível – disse ele. – O Mágico sempre parece saber mais do que todo mundo. Tem alguma coisa a ver com o tipo de magia que ele usa. É diferente da magia comum de Oz. Ele agora é um mágico de verdade. A questão é que *tipo* de mágico ele é.

Exatamente. A pergunta de sempre: Bom ou Malvado?

– Dorothy não confia nele – continuou Pete. – Mas ela acha que pode usá-lo. Eu nem sei se o próprio Mágico sabe de que lado ele está.

– E se ele tiver me descoberto? – perguntei. – E se ele contar a Dorothy o que viu?

Pete contorceu a boca, pensativo.

– Acho que ele não faria isso – disse ele. – Mas eu ficaria longe dele, se fosse você.

Fiz que sim com a cabeça, mas não tinha tanta certeza. E se o Mágico fosse meu espião aqui no palácio? Sua chegada foi quase junto com a minha e, se todo mundo acreditasse que ele teve uma discussão com Mombi, isso seria um bom disfarce. Havia

tanta coisa que eu ainda não sabia.

– E Ozma? – perguntei. – Eu também a vi. Acho que era a Ozma de verdade, não um de seus hologramas.

O rosto de Pete se contorceu, só um pouco, mas o suficiente para eu perceber.

– Ela está por aí. Eu nunca a encontrei. Ela não é ela mesma. Dorothy fez alguma coisa com ela. Olha, simplesmente a ignore. É isso que todo mundo faz.

– Ela me beijou – falei.

– Isso é a cara de Ozma – disse ele. – Ela vive no seu próprio mundinho. É meio triste.

De repente, seus olhos ficaram vidrados. Suas mãos tremeram nas laterais. Ele tentou enfiá-las nos bolsos.

– Pete? – Ele começou a tremeluzir.

– Tenho que ir.

Antes que eu conseguisse impedi-lo, Pete saiu porta afora, para o corredor. Ele nem se despediu.

Aos meus pés, Star deu um risinho e arranhou o chão. Eu a peguei e a aninhei no peito, suspirando.

– Bom – falei para minha fiel ratinha de estimação –, pelo menos eu tenho um aliado aqui em quem posso confiar.

TRINTA E UM

– Que tal você carregar uma cápsula de veneno nos seus bracinhos e jogá-la no chá de menta dela? Você acha que consegue fazer isso?

Star me encarou, depois arranhou meu peito com as patinhas minúsculas e voltou a dormir. Acho que ela não gostou da minha ideia.

Acordei cedo no dia seguinte. Eu não tinha dormido bem e passei a maior parte da noite virando de um lado para o outro, irritando Star, e agora estava de olhos abertos antes mesmo de a campainha mágica ao lado da minha cama ter me chamado para as tarefas.

Suspirei e afastei Star do meu corpo, colocando-a de volta na cama. Enquanto vestia um uniforme limpo, não consegui evitar revirar os olhos ao pensar em mais um dia de tarefas redundantes. Os mistérios que rondavam o palácio – Ozma, o Mágico, Pete – se acumulavam, mas eu ainda não estava mais perto de descobrir um jeito de matar Dorothy. Quantos dias de trabalho doméstico eu teria que aturar antes de a Ordem fazer contato? Se eu não fosse cuidadosa, muito mais cuidadosa do que fui no solário, não ia importar. Eu voltaria para a masmorra.

Virei para encarar o espelho, verifiquei se estava apresentável e depois busquei no meu rosto ainda estranho um sinal do que Pete tinha visto nele – a coisa que disse a ele que eu não era quem parecia ser. Não encontrei nada.

Dei um pulo quando ouvi uma batida na porta.

Isso era novidade – antes, se alguém precisava de mim, me chamava com a campainha mágica. Ninguém tinha batido na minha porta até agora.

– Só um instante! – gritei, nervosa, pegando Star e enfiando-a embaixo da minha cama. – Fica – sussurrei com urgência. Ela pareceu entender a situação.

Quando vi Jellia acenando alegremente para mim do outro lado da porta, reprimi a surpresa. Talvez ela fizesse uma inspeção semanal nos aposentos das empregadas. Se

fosse isso, eu esperava que Star tivesse a esperteza dos ratos para se esconder.

– Astrid! – gorjeou ela. – Como você está linda! E você é a garota mais sortuda do mundo, hoje!

Fixei um sorriso robótico no rosto.

– Todo dia é de sorte quando se trabalha para Dorothy – respondi.

Jellia deu um risinho. Se ela percebeu minha total falta de sinceridade, não deixou transparecer.

– Essa é a atitude de que gostamos por aqui – disse ela. – Mas hoje é um dia de mais sorte do que nunca, querida. Você tem uma tarefa muito especial. Vai me ajudar a preparar Dorothy para as atividades. O que você acha de ser uma criada auxiliar?

Dei um passo para trás, realmente surpresa.

– Eu? A nova criada pessoal de Dorothy?

– Sim, *você*, sua pata choca – disse Jellia. – Não pareça tão surpresa! Você está aqui há mais tempo que quase todos e provou ser tão leal e amável quanto qualquer uma de nós. Agora venha. Não queremos deixar Vossa Alteza esperando.

– Mas e Hannah? – perguntei, seguindo Jellia pelo corredor num ritmo profissional. Até ontem no almoço, Hannah era a criada auxiliar. Ela não estava no seu assento na hora do jantar, mas eu simplesmente achei que Dorothy havia precisado dela para alguma coisa. O que tinha acontecido com ela?

Jellia olhou para mim e balançou a cabeça com tristeza.

– Hannah está na enfermaria – disse Jellia. – Ela não vai voltar para o serviço no palácio.

Isso não me parecia bom. Levei a mão ao peito, tentando disfarçar minha curiosidade com uma preocupação de irmã.

– O que aconteceu com ela? Ela vai ficar bem?

– Infelizmente, o Leão começou a gostar dela. Gostar *demais* dela. – Jellia suspirou. – Não foi culpa da pobrezinha, o Leão sempre teve problema de apetite. Não havia nada que Hannah pudesse fazer.

– Ele... a comeu? – Imagens de Gert derretendo no chão da clareira da floresta no Condado dos Gillikins voaram até a minha cabeça. Ela havia morrido para me proteger.

Para proteger todos nós. Enquanto isso, o Leão ainda estava vivo, aleijando guardas e andando por aí atacando garotas serviçais inocentes sem nenhum motivo.

– Bom... não ela *toda* – respondeu Jellia. Seu sorriso não vacilou em nenhum momento. – Ela vai ficar bem daqui a pouco e, depois que se recuperar o suficiente, o Espantalho vai consertar seu corpo. Ela vai ficar melhor do que nunca. Na verdade, ela está bem feliz. É uma honra fazer parte dos Soldados de Lata.

Feliz. Claro. Eu estava ardendo de raiva. Ser surrada por um leão e se tornar um dos projetos científicos horripilantes do Espantalho deveria ser uma *honra*, agora? Conforme o calor subia no meu peito, senti minha faca invisível de novo, pulsando com meus batimentos cardíacos em algum lugar dentro do meu corpo. Ela queria sair. Queria provocar algum dano. Desejei que sumisse.

– O Leão ainda está aqui? No palácio?

– Não – respondeu Jellia quando fizemos uma curva e fomos em direção à escadaria grandiosa a caminho dos aposentos de Dorothy. – Glinda decidiu que era melhor ele voltar pra floresta por enquanto. Não queremos outro incidente, e ele mudou muito desde que... – De repente, ela se interrompeu.

– Desde o quê? – Eu me perguntei se ele tinha sido afetado pelo que Gert fez com ele na floresta, mas não consegui perceber nada específico no dia em que o vi no jardim.

Ela desviou o olhar.

– Não importa. Você não está empolgada com sua nova tarefa?

Eu *estava* animada, mas não pelos motivos que Jellia imaginava. Eu também estava com medo. Chegar perto de Dorothy era parte da minha missão, mas isso tudo estava acontecendo rápido demais.

Eu sabia, ouvindo as conversas das outras garotas durante as refeições, que ser uma das criadas pessoais de Dorothy era um cargo cobiçado, reservado apenas para as serviçais mais alegres e dóceis.

– Por que eu? – perguntei.

– Você impressionou a princesa ao longo dos anos. E você *me* impressionou. – Jellia baixou a voz e se aproximou. – Você trabalha muito bem sob pressão, querida. Você vai precisar disso.

Pensei no nosso encontro com o Homem de Lata nos confinamentos estreitos do anexo do jardim. Presumi que Jellia havia bloqueado aquele incidente, armazenado no seu armário especial de negação. Aparentemente, passei uma impressão melhor do que eu imaginava.

– Isso e... – Jellia olhou para mim de esguelha – ... o Mágico te recomendou muito bem.

Parei de repente.

– O Mágico?

– Ah, sim. Ele veio até mim na noite passada e me disse que ficou muito feliz com a sua limpeza. É verdade que o Mágico é sempre cheio de elogios, mas não é comum quando se trata de cuidados com a casa. Você deve ter passado uma bela impressão. Achei que era justo você ter sua chance.

– Eu só estava fazendo o meu trabalho – falei, ainda sem ter certeza do que fazer com tudo isso. Será que o Mágico estava tentando me ajudar? Ele estava trabalhando para a Ordem, me ajudando a entrar no santuário íntimo de Dorothy?

Jellia olhou para mim e me analisou de cima a baixo, confundindo minha confusão com relutância.

– Se você não está preparada pra isso, Astrid, tenho certeza de que qualquer uma das garotas agarraria a oportunidade.

– Não, claro que estou. É só que... pobre Hannah.

– Não é hora de lamentar. Vamos em frente – repreendeu ela. – Só temos uma tarefa, que é agradar a Dorothy.

É, Jellia meio que precisava de um tapa. Mas todas as empregadas eram alienadas, eu não podia culpá-la por ser insensível.

Chegamos à porta dos aposentos particulares de Dorothy. Era verde, pesada e espalhafatosa como o diabo, esculpida em esmeralda sólida e entalhada com um padrão floral rebuscado, os sulcos com fileiras de ouro e joias.

Jellia me deu uma última olhada de cima a baixo antes de entrarmos.

– Aqui – disse ela, enfiando a mão no bolso do avental e pegando um pequeno potinho dourado. – Não devemos usar, na verdade, mas só um tiquinho não vai fazer

mal. – Ela abriu a tampa e o estendeu para mim.

Mergulhei cuidadosamente o dedo ali dentro e o tirei com uma massa de coisa brilhante e oleosa que parecia gloss labial. O rosto de Indigo surgiu na minha mente, e fechei os olhos por um segundo, me lembrando do que ela me dissera sobre isso. Eu o passei nos lábios, sentindo um formigamento enquanto o PermaSorriso fazia efeito. Não era exatamente confortável – parecia que os cantos da minha boca estavam sendo separados por prendedores de roupa –, mas acho que isso era melhor do que deixar Dorothy acidentalmente me ver franzindo a testa.

Devolvi a latinha para Jellia, e ela pegou um pouco para si, renovando seu sorriso antes de guardar a gosma no avental. Quando puxou a mão, ela me deu uma escova de cabelo prateada.

– Lembre-se: são mil penteadas. Não mil e uma nem novecentas e noventa e nove. Não perca a conta. Dorothy vai saber. Ela sempre sabe: já perdemos mais de uma garota assim. Se tem uma coisa que eu posso dizer sobre Hannah é que ela certamente *sabia* contar.

Jellia bateu na porta e, depois de não obter resposta, empurrou-a. Quando entrou, ela olhou por sobre o ombro e sussurrou para mim mais um conselho.

– O que quer que você faça – disse ela –, não encoste nos sapatos.

O quarto de Dorothy era cor-de-rosa de parede a parede. Rosa Pepto-Bismol, rosa algodão-doce, rosa pôr do sol e todos os tons nauseantes intermediários. Uma cama com dossel era envolvida por cortinas de seda cor-de-rosa; o piso era um carpete felpudo rosa de parede a parede; e o teto era coberto pelo que pareciam pedras cor-de-rosa que provavelmente o deixariam cego se você as encarasse por tempo demais.

Se Madison Pendleton um dia viesse a Oz, pensei, poderia conseguir um emprego como decoradora de interiores pessoal de Dorothy.

No meio do quarto, a alguns metros da cama, um tipo de pó verde foi salpicado no carpete num círculo amplo. Dentro dele, um pequeno terrier preto estava correndo empolgado, perseguindo o próprio rabo.

Eu sabia exatamente quem era *aquele*. Totó. Quando ele nos viu, mostrou os dentinhos para mim e rosnou.

Jellia o contornou com cuidado. Fiz o mesmo e, enquanto eu fazia isso, Totó veio para cima de mim, mas atingiu uma barreira invisível. Sem se abalar, ele se levantou e tentou de novo. Dei um pulo, sem querer.

– Não ligue pra ele – disse Jellia, acenando com a mão. – Ele está de castigo de novo. É muito doce, mas às vezes tem problemas pra se controlar.

Não era surpresa que o cachorrinho de Dorothy fosse tão cruel quanto ela. Mas, quanto à própria Dorothy, ela não estava à vista.

Jellia puxou a coberta macia quando passou.

– Iu-hu! – cantarolou ela. – Vossa Majestade!

Não houve resposta.

– Ela provavelmente está no seu lugar preferido – disse Jellia, abrindo uma porta.

Chamar de *closet* seria um eufemismo. Era tão grande quanto uma das cavernas da Ordem. Havia vestidos, curtos e longos, com cintura justa e largos, e vestidos de festa e shorts curtos e calças skinny. As roupas eram infinitas na variedade, mas todas tinham uma coisa em comum: uma estampa xadrez azul familiar.

Quando estendi a mão e passei os dedos no tecido de um macacão xadrez, ele se separou dos outros e flutuou na nossa frente como se estivesse vestido por uma modelo invisível. Toquei num chapéu em seguida, e ele se juntou ao vestido no desfile pela passarela.

Jellia me lançou um olhar penetrante e tocou nos dois itens, mandando-os de volta para seus locais originais. Dei um sorriso, num pedido de desculpas silencioso.

Continuamos pelo closet sem Dorothy à vista. Além da Vossa Pavorosidade Real, havia mais uma coisa ostensivamente ausente nas fileiras e fileiras de roupas: não havia um único par de sapatos.

Finalmente, encontramos Dorothy nos fundos, esticada numa espreguiçadeira coberta em espirais cor-de-rosa. Ela usava um roupão de seda longo – ainda naquele padrão de guingão azul –, e a ponta dos seus sapatos de salto alto vermelhos apareciam por baixo dele.

Mesmo de pijama, ela nunca os tirava. Será que ela *dormia* com eles?

– Você está atrasada – disse Dorothy com frieza, levantando o olhar de uma revista

de moda chamada *Vossa Majestade*. Seu próprio rosto na capa me dirigiu um PermaSorriso.

– Sinto muito, senhora – disse Jellia, com os olhos grudados no chão. – Houve uma perturbação com uma das outras empregadas. Astrid, aqui, vai assumir o lugar de Hannah.

Dorothy me olhou furiosa.

– Ela sabe contar?

– Ela é uma contadora maravilhosa – respondeu Jellia. Fiz que sim com a cabeça, concordando, mas Dorothy já tinha parado de prestar atenção. Ela jogou a cabeça para trás e se alongou, batendo palmas.

– Em que ponto estamos da lista para o baile? – ela exigiu saber.

– Todos que importam estarão lá – afirmou Jellia. – Jinjur, Policroma. Tive até resposta de Trapos, a Garota de Retalhos.

Dorothy franziu a testa, como se não estivesse impressionada com a lista de convidados. Bom, talvez, se ela não estivesse sempre exilando e executando pessoas, elas iam querer participar de suas festas.

– Tanto faz – soltou Dorothy e apontou para a bandeja de esmaltes que estava sobre uma pequena penteadeira no canto. – Anna. Esmalte.

Levei um segundo – e um olhar de Jellia – para descobrir que *Anna* era eu. Fiz que sim com a cabeça, tímida, e levei a bandeja até ela, me perguntando onde deveria colocá-la. Jellia simplesmente deu um tapinha nela, e ela flutuou para longe das minhas mãos, ficando parada no ar.

– Qual você gostaria hoje? – perguntou Jellia, analisando o arco-íris de esmaltes. Fiquei feliz de ver que, pelo menos, quando se tratava de unhas, Dorothy valorizava a variedade. Devia haver pelo menos cem cores diferentes.

Dorothy se sentou reta e colocou os pés no chão. Ao fazer isso, seus sapatos deixaram uma cauda de cometa vermelho-rubi no ar. Tive que me obrigar a não ofegar. Era como se eles brilhassem de dentro para fora, como se quisessem que eu os notasse.

Jellia e Dorothy tagarelavam, decidindo a melhor *nail art* do dia – *listras, espirais ou estrelas*? Elas pareciam estar falando do outro lado de um longo túnel. Eu não conseguia

tirar os olhos dos sapatos. Estava paralisada.

Tão lindo. Tão brilhoso. Tão perfeito.

Uau, recomponha-se, Amy.

Eu me orgulhava de usar o mesmo par destruído de All-Stars falsos desde o primeiro ano. Eles eram amassados, confortáveis e algo que as Madison Pendletons do mundo não usariam nem em um milhão de anos. Nunca dei a mínima para sapatos, especialmente não do tipo ofuscante. Então, por que agora? Alguma coisa não estava certa.

Enquanto eu argumentava comigo mesma, o brilho dos sapatos se intensificava. Percebi que estavam brilhando só para mim, que Dorothy e Jellia não conseguiam vê-los, não como eu. Eles estavam me chamando.

Uma dormência se espalhou pela parte cética da minha mente.

Eu me perguntei como seria ter pessoas esperando por mim do jeito como elas esperavam Dorothy. Como seria ter um closet cheio de vestidos. Como seria ter poder.

O poder que vinha desses sapatos.

Eu os quero, pensei. *Eu preciso deles*.

Eu devia simplesmente pegá-los.

Eu estava vagamente consciente do meu corpo se movendo, minhas mãos abrindo e fechando. Devagar, estendi a mão para os pés de Dorothy.

– Astrid – alertou Jellia, puxando meu cotovelo.

Eu a ignorei. Queria aqueles sapatos.

– *Astrid!* – disse ela de novo, dessa vez com raiva. Ela estalou os dedos no meu rosto, desviando meus olhos dos pés de Dorothy. Pisquei. Olhando para Jellia, me senti eu mesma de novo e percebi que os sapatos estavam fazendo alguma coisa comigo.

Jellia simplesmente me olhou furiosa, como se dissesse *Eu não avisei?*

Dorothy estava ocupada levantando um frasco de esmalte na luz, pensando no cuidado com as unhas. Quando olhei na direção dela, vi seus olhos se estreitarem e sua boca se contorcer num desprezo ínfimo. Será que ela havia percebido? Ela sabia o que seus sapatos estavam fazendo?

– Astrid – ordenou Jellia com firmeza –, a princesa precisa que seu cabelo seja escovado.

– Exatamente mil escovadas! – soltou Dorothy, ainda sem olhar para mim.

Respirei fundo e fui para trás dela. Peguei a escova no bolso e a passei lentamente nos cachos castanhos densos de Dorothy. Seu cabelo tinha cheiro de limão e sol. Eu esperava sentir um cheiro podre por baixo, mas não. O cabelo era todo doce e leve. É esse o cheiro da maldade, percebi.

Uma, duas, três, quatro... contei em silêncio, com cuidado para não puxar com força demais quando encontrava um raro nó. Era até meio relaxante – eu me sentia bem melhor, agora que tinha algo em que me concentrar além dos sapatos.

– Vamos fazer os corações – decidiu Dorothy, finalmente. – Use o glitter rosa. Azul na base. – Ela estendeu as mãos para Jellia, e eu percebi que havia alguma coisa retorcida nelas. O resto de Dorothy era perfeito, mas suas mãos pareciam ser de uma velha.

Jellia pegou um banquinho e separou a primeira cor. Dorothy começou a cantarolar uma valsa baixinho enquanto Jellia começava o trabalho.

Jellia era uma artista. Seus dedos se moviam delicada e rapidamente sobre as unhas de Dorothy, traçando os contornos de minúsculos corações sem o menor erro. Mesmo assim, dava para perceber que não era fácil. A testa de Jellia se enrugou de concentração e logo começou a brilhar de suor enquanto ela trabalhava.

– Me conte as fofocas – exigiu Dorothy. – Ninguém nunca me conta nada. Deve ter alguma coisa interessante acontecendo neste meu palácio. Eu sei que você sabe. Os serviçais sempre sabem.

– Deixe-me pensar – disse Jellia. Enquanto ela falava, olhou para mim, provavelmente para verificar meu progresso. Eu estava no duzentos. Encontrei seu olhar, dei um sorriso tranquilizador e quase cortei a parte de trás da orelha de Dorothy com a escova.

Dorothy nem percebeu: simplesmente continuou a cantarolar sua valsa idiota. Mas Jellia percebeu, se encolhendo por mim por causa do deslize. Foi assim que aconteceu.

A mão de Jellia escorregou. Uma gota de esmalte caiu do pincel. Eu a vi cair, quase em câmera lenta.

O esmalte rosa brilhoso caiu, formando uma bolha no carpete cor-de-rosa.

Dorothy soltou um gritinho.

O negócio é que o esmalte era quase da cor do carpete. Mesmo que não se destacasse, era só uma gotinha minúscula. Ninguém ia perceber. Mas Dorothy saberia.

– Sua idiota! – gritou ela.

Jellia não se mexeu. Seus lábios se contraíram nos cantos do sorriso congelado.

– Princesa Dorothy, Vossa Alteza... eu sinto *muito*. Foi...

Ela caiu de joelhos, em pânico, passando freneticamente um lenço no carpete para apagar seu erro. Mas Dorothy estendeu a mão para interromper a empregada.

– Não. Você só vai espalhar a mancha e piorar tudo.

Jellia olhou para cima, os olhos impossivelmente arregalados por sobre o sorriso congelado. Mas Dorothy já tinha superado. Ou algo assim. Ela balançou a cabeça.

– Devo mandar buscar sabão e água? – perguntou Jellia. – Tenho certeza de que consigo tirar num instante.

– Sabão e água – repetiu Dorothy, bufando. Ela resmungou alguma coisa baixinho, e um chiado de energia saiu da ponta de seus dedos. A mancha minúscula desapareceu instantaneamente. – A sujeira terrível não é o problema, Jellia. O problema é que você foi descuidada. Muito descuidada. Estou acostumada a ter o seu melhor.

– Sinto muito – repetiu Jellia, ainda tremendo, voltando a sentar no banquinho. – Sinto *muito* mesmo. Não consigo imaginar o que aconteceu comigo.

Engoli em seco. De certo modo, Jellia estava me acobertando. Fui eu que a distraí.

A voz de Dorothy de repente ficou cheia de uma gentileza adocicada.

– Ah, Jellia, querida. Você não pode chorar por causa de um pouquinho de esmalte derramado. Vou pensar em *algum* jeito de você compensar isso.

Voltei às escovadas. *Duzentas e uma*. Eu não tinha me esquecido de onde estava. Jellia pegou o frasco de esmalte. Eu esperava que ela ficasse aliviada, mas ainda estava tremendo.

– Só preciso pensar na punição adequada – disse Dorothy.

– Sim, Vossa Alteza.

– Fico pensando no que será...

A mão de Jellia estava tremendo tanto que ela teve que deixar o frasco de lado outra vez.

– Eu mandei parar? – perguntou Dorothy. Os olhos de Jellia se arregalaram, e ela pegou o frasco para continuar. Sua boca ainda estava esticada de orelha a orelha, mas o resto do rosto se contorcia de pavor.

Era *isso* que Dorothy fazia com as pessoas. Eu sabia que ela era cruel, mas o prazer que sentia com a crueldade me deu nojo.

Pensei em Madison Pendleton e todos os seus asseclas, as pessoas que tinham o mesmo prazer em me atormentar na escola. Pensei em Gert, em Indigo e em Ollie pendurado no poste ao lado da estrada. Pensei em todos os novos órfãos da vila de Pumperdink.

Foi aí que outro pensamento me ocorreu. Parecia tão claro. Eu não tinha notícias da Ordem desde que cheguei aqui. Talvez eles tivessem me esquecido. De qualquer maneira, eu estava a uma distância de corte perfeita. E se esta fosse minha melhor chance? Se eu fosse matar alguém, precisava estar no controle, e não confiar em outra pessoa para me dizer qual era o momento certo. Nox tinha cometido esse erro na floresta – ele esperara Gert e Mombi antes de atacar o Leão, e olha aonde isso nos levara: à morte de Gert.

Eu podia fazer isso agora. Dorothy estava distraída, totalmente absorvida em punir Jellia. Ela nunca veria o que estava acontecendo. Nem teria tempo de gritar.

Meu coração estava disparado, mas respirei fundo. Não parei as escovadas. *Trezentas e sete*.

Mudei só um pouquinho de posição e deixei minha mão livre fora da linha de visão de Jellia, bem atrás das costas de Dorothy. A faca se materializou na minha mão, seu calor se espalhando pelo meu braço.

Envolvi os dedos com força no punho. Ninguém tinha percebido. Eu estava a centímetros do pescoço dela. Sem invocar conscientemente um feitiço, ouvi o sangue de Dorothy pulsando nas suas veias.

A vaca estava bem onde eu queria.

Dobrei meu cotovelo para trás e levantei a faca, de modo que ela ficou a um centímetro da coluna de Dorothy. Seria mais fácil rasgar sua garganta ou esfaqueá-la nas costas?

Hesitei. Um instante atrás, eu estava possuída por um par de belos sapatos. Isso estava acontecendo de novo? Eles estavam me controlando agora mesmo? Não. Eu *queria* matar Dorothy. Eu poderia desfazer tudo que ela fez, devolver a beleza e a magia a Oz, criar um felizes para sempre. Estava tudo a apenas um golpe da lâmina e um carpete seriamente arruinado de distância.

Mas será que eu estava preparada? Eu estava pronta para ser Amy, a Assassina? Deus sabe que Dorothy merecia, mas...

Dorothy soltou um grito agudo e ensurdecedor que fez farfalhar as fileiras de vestidos. Ela saiu da espreguiçadeira num pulo, derrubando-a. A escova prendeu no seu cabelo e saiu voando da minha mão. Eu congelei, sem saber se deveria esconder a faca ou mergulhar e atacá-la.

– Guardas! – berrou ela.

Merda, merda, merda, pensei, em pânico. Tomei uma decisão numa fração de segundo – empregada ou assassina – e desejei que a faca desaparecesse. Eu tinha quase certeza de que Jellia não a vira. Mas será que Dorothy viu? Será que ela sentiu a magia? Decidi que me fazer de idiota era a melhor opção.

O Homem de Lata apareceu numa explosão de fumaça, seu machado pronto para atacar.

– Vossa Majestade! – disse ele. – O que há de errado?

Meus olhos dispararam para todo lado, procurando uma saída, só para o caso de Dorothy apontar um dedo na minha direção.

Em vez disso, Dorothy tinha ajeitado a espreguiçadeira e subido nela, tremendo, mas também conseguindo alisar delicadamente seu roupão. Jellia a encarava, confusa, e eu a imitei.

Dorothy mal conseguia fazer as palavras saírem.

– Um... um – gaguejou ela. – Tinha um...

Ela apontou para o canto, e todos os músculos do meu corpo relaxaram quando eu vi que não era a mim que ela estava reagindo. Ela não tinha ideia de que eu estava a um segundo de matá-la.

– Pega – ofegou ela, apontando para o canto bem a tempo de vermos uma bolinha

marrom de pelo correndo por baixo da saia de um dos seus vestidos longos de baile. – Mata! – gritou Dorothy, pulando ridiculamente de um pé para o outro.

Um rato. Era só um rato.

O Homem de Lata olhou para Dorothy, preocupado.

– Claro, minha princesa – disse ele, com algo que parecia carinho na voz. Ele deu um passo à frente e começou a afastar as roupas com cuidado. – Não consigo imaginar como isso deve ser perturbador para você.

– Não – disse Dorothy. Ela estendeu a mão, cega, encontrou o topo da minha cabeça e o usou para se equilibrar enquanto voltava a deitar na espreguiçadeira. Seu medo parecia ter se transformado subitamente em outra coisa. – Você não.

– Princesa? – perguntou o Homem de Lata, confuso.

Dorothy apontou a unha comprida e pintada pela metade para Jellia.

– Você. Você vai pegá-lo.

O rosto da empregada estava sério.

– Sim, senhora – disse ela baixinho. Jellia caiu de quatro e começou a engatinhar pelo chão, desaparecendo atrás dos vestidos. Todos nós a observamos.

– Eu te falei pra parar, Amanda? – soltou Dorothy. – Meu cabelo não vai se escovar sozinho, não é mesmo?

Peguei a escova. *Trezentas e vinte e oito*. Eu nem sabia mais *o que* eu estava sentindo quando voltei ao trabalho. *Trezentas e vinte e nove*.

As roupas farfalhavam e, de vez em quando, tínhamos um vislumbre de Jellia enquanto ela procurava, mas, noventa escovadas depois, ela ainda não reaparecera. Dorothy, o Homem de Lata e eu observávamos atentamente.

– Seria uma honra se você me deixasse pegar a criatura asquerosa – sugeriu o Homem de Lata finalmente. – Com minha velocidade e meu treinamento, seria muito rápido.

– Não, você vai manchar meus vestidos de óleo – disse Dorothy, irritada. – Parece que eu tenho que fazer *tudo* por aqui.

Mesmo com um esforço determinado para não olhar diretamente para eles, percebi que os sapatos de Dorothy estavam brilhando mais do que antes. Ela girou um dedo no

ar e uma bolha cor-de-rosa se materializou na ponta da sua unha.

– Saia daí, Jellia – ordenou ela –, agora que você me decepcionou em todos os níveis possíveis.

Depois de alguns segundos tensos, Jellia saiu de quatro e engatinhou de volta até nós, com o rosto pálido, mas ainda com um PermaSorriso assustador, o cabelo bagunçado e fosco de suor.

– Fica – ordenou Dorothy. Jellia congelou de quatro no chão.

Dorothy deu um leve peteleco e a bolha cor-de-rosa saiu rodando. Ela girou e disparou pelo ar do mesmo jeito que o encanto de rastreamento de Nox fizera, na floresta perto de Pumperdink na noite em que Gert morreu. Depois de alguns segundos, ela entrou nas dobras cor-de-rosa do closet e, menos de trinta segundos depois, voltou, agora rolando pelo chão. Dentro da esfera de chiclete brilhante, um ratinho minúsculo, pouco maior que meu dedão, gemia e arranhava.

Quatrocentas e noventa e nove. Continuei escovando. A bola girou pelo carpete até o lugar onde Jellia ainda estava ajoelhada.

A empregada olhou para Dorothy, numa expectativa amedrontada.

– Pegue – exigiu Dorothy.

Sem se levantar, Jellia obedeceu e, ao fazer isso, a bolha sumiu, deixando apenas o rato na sua mão.

– Agora mate – exigiu Dorothy.

Jellia fez uma pausa, olhando para o rostinho do rato.

– Mas, Dorothy. Vossa Majestade...

– Mate.

– Como?

Até o Homem de Lata parecia um pouco confuso enquanto observava. Ele inclinou a cabeça com curiosidade e jogou o machado sobre o ombro, esperando para saber o que a princesa tinha em mente.

Dorothy deu uma risadinha feminina.

– Ah, Jellia – disse ela. – Eu *sabia* que você era burra, mas não sabia que você era *tão* burra. Quero dizer, você só precisa esmagá-lo.

– Mas... – disse Jellia.

– Jellia, é você ou o rato – disse Dorothy, o tom doce e feminino ausente da sua voz e substituído por uma frieza gélida.

Eu queria desviar o olhar, mas não conseguia. A empregada preferida de Dorothy respirou fundo, fechou os olhos e apertou a mão ao redor do bichinho. Ela o espremeu com força e, ao fazer isso, ouvi um único gritinho. Suas sobrancelhas se comprimiram e se juntaram de agonia.

– Confirme se ele está morto – instruiu Dorothy.

Jellia apertou com mais força. Um fio de sangue escapou por entre seus dedos, mas ela colocou a outra mão embaixo bem a tempo de pegá-lo antes de atingir o carpete.

– Boa menina – elogiou Dorothy. – Viu? Foi tão ruim assim?

Jellia abriu o punho, onde o rato estava deitado inerte, agora apenas uma bolinha de pelo e sangue.

– Onde eu devo... o que eu devo fazer com isso? – perguntou ela, numa voz estrangulada.

– Você tem bolsos nesse seu vestido, não tem? – perguntou Dorothy. – Quero que fique com ele. Pra lembrar do que acontece quando você me decepciona do jeito que fez hoje. E também pra garantir que eu nunca mais veja uma dessas criaturas nojentas no meu palácio.

Sem uma palavra, Jellia pegou o cadáver do ratinho e o colocou no bolso da frente do avental. Dorothy aplaudiu de alegria.

– Maravilhoso. Está tudo bem. Agora vá lavar essas mãos. Não posso ficar com entranhas de rato nas minhas unhas, não é?

Jellia se levantou e saiu do quarto, e Dorothy soltou uma risadinha.

– Ela tem sorte porque eu não a mandei comê-lo – disse ela e olhou diretamente para mim pela primeira vez. – Não é mesmo, Alison?

Fiz que sim com a cabeça, muda, literalmente mordendo a língua. O Homem de Lata gargalhou de um jeito adorador.

Quinhentas e sessenta, contei na minha cabeça, tentando manter meu humor sob controle. Eu devia tê-la esfaqueado.

TRINTA E DOIS

Na manhã seguinte, abracei Star mais apertado do que nunca antes de colocá-la em segurança numa das gavetas da minha cômoda. A ratinha da minha mãe não estava feliz por ser confinada, mas, agora que eu sabia como Dorothy reagia a roedores, eu não ia arriscar. Não podia deixá-la correndo livremente.

Uma noite de sono intermitente não me ajudou a afastar os eventos do dia anterior. Será que eu realmente faria aquilo – será que eu realmente cortaria a garganta de Dorothy? Eu estava pronta – pelo menos achava que sim. Por que hesitei? Será que eu era tão fraca assim?

Falei a mim mesma que não queria estragar os planos da Ordem – eles me mandaram esperar –, mas eu sabia que não era só isso. Eu tinha amarelado.

Saí do meu quarto batendo a porta, frustrada comigo mesma, e fui me encontrar com Jellia. Tínhamos uma reunião para ela passar minhas novas tarefas como criada auxiliar de Dorothy.

Quando a encontrei no salão de banquetes vazio, eu nunca vira Jellia tão distraída. Fios desgarrados se destacavam do seu cabelo normalmente penteado com perfeição; seu sorriso se transformava de vez em quando em algo *quase* parecido com uma expressão de preocupação.

Além disso, ela estava fedendo. Tipo, fedendo *muito*. Ela ainda carregava o corpo do pobre ratinho no avental e, aparentemente, ele estava começando a se decompor ali dentro, deixando-a com um fedor que revirou meu estômago.

Pior ainda, a primeira coisa que ela me disse é que tinha havido uma mudança de planos. Eu já havia sido rebaixada.

Seu tom era impossível de decifrar quando ela falou.

– Depois do desastre de ontem, Astrid, a princesa decidiu que você não é a melhor garota para o cargo.

Meu coração afundou. Aquela foi a última vez que escovei o cabelo de Dorothy, a última vez em que estive nos seus aposentos reais, sem obstáculos para atacar. Será que eu tinha desperdiçado minha melhor oportunidade de matá-la? Será que ela percebera o que eu estava prestes a fazer, afinal? Eu voltara à estaca zero. Nenhum caminho até Dorothy, nenhum contato da Ordem e nenhum sinal de Pete.

Será que eu ficaria presa aqui para sempre, abandonada pela Ordem e totalmente transformada em Astrid? Gradualmente, eu deixaria de ter medo de ser descoberta e faria a transição para o estado perpétuo das outras empregadas, de ansiedade induzida por Dorothy. Amy desapareceria, e eu seria apenas mais uma empregada inferior, presa num lugar, de alguma forma, mais monótono e terrível que o Kansas.

Voltei para minhas tarefas entorpecedoras. Esfregar o chão, varrer, lavar à mão um suprimento infinito de saias de guingão que eu poderia jurar que não tinham sido usadas. E aí, como se o meu dia já não estivesse sombrio o suficiente, o sol se pôs um pouco depois do meio-dia.

– É a festa – explicou uma das outras empregadas durante nosso intervalo. – Vossa Alteza precisa de todo o sono de beleza possível antes do grande dia. Devíamos agradecer simplesmente por ela ter ligado o Grande Relógio.

Quer dizer que, agora, a luz do sol era ditada pela condição da pele de Dorothy. Perfeito.

* * *

O dia – ou noite, acho – se arrastou. Conforme eu realizava minhas tarefas, descobri que minha raiva aumentava. Ontem, Dorothy e suas ações psicopatas tinham deflagrado meu mau humor. Hoje, as pessoas haviam me convencido de que fazer isso era uma boa ideia – Glamora, Gert, especialmente Nox – e tinham me deixado abandonada neste lugar horrível, onde o sol nem brilhava mais. Eles não estavam preocupados comigo? Quanto disso tudo esperavam que eu aguentasse?

Enquanto eu tirava agressivamente o pó das luminárias da sala de leitura de Dorothy, Jellia e seu fedor se aproximaram.

– Está na hora da entrega de feno do Espantalho – disse ela, mantendo distância,

provavelmente consciente do próprio cheiro. – Cuide disso, está bem?

Resmunguei um sim. Eu não via o Espantalho desde aquela primeira noite. Ele estava trancado no laboratório, trabalhando no seu experimento secreto, sua obra-prima, de acordo com o Mágico. As empregadas se revezavam para arrastar os fardos diários dele até o seu quarto e os deixavam do lado de fora da porta. Os fardos estavam começando a formar pilhas. Imaginei o Espantalho – murcho e enrugado por não se estofar – e estremeci.

O fardo era pesado, mas, depois de todo meu treinamento com Nox, foi bom fazer alguma coisa que demandasse mais do físico do que tirar o pó. Na metade da escada, subindo para os aposentos do Espantalho, minhas palmas já estavam grossas por causa da amarração do fardo, e o suor tinha se espalhado pelas minhas costas. Quando finalmente cheguei ao topo, soltei o fardo com um baque, me preparando para empurrá-lo pelo resto do corredor. Foi aí que eu percebi que alguma coisa não estava se encaixando.

Do lado de fora da porta do quarto do Espantalho, uma empregada excepcionalmente baixa e de cabelo preto parecia estar mexendo na maçaneta. Não a reconheci. Ela era nova? Será que não fora alertada para não entrar no espaço do Espantalho sem permissão?

Larguei o fardo e disparei pelo corredor. Se o Espantalho voltasse, essa garota Munchkin seria seu próximo experimento. Eu já vira empregadas demais sendo torturadas durante a semana, muito obrigada.

– Ei – sibilei. – O que você está fazendo?

Surpresa, a empregada virou a cabeça na minha direção. Freei e parei a apenas alguns passos. Não era uma empregada de jeito nenhum.

Era um macaco disfarçado num uniforme de empregada. E não era uma *garota* do mesmo jeito que não era uma empregada.

Era Ollie. Seu rosto não estava mais esquelético e empolado, e o pelo tinha crescido sobre os pulsos cheios de cicatrizes. Ele tinha engordado um pouco. Estava usando um vestido.

– Estou em missão especial para o Espantalho – rosnou Ollie para mim. – Vá encontrar alguma coisa pra limpar.

Percebi que ele estava mentindo. Um meio-sorriso brincou no rosto de Ollie – maligno e triste ao mesmo tempo –, como se eu fosse apenas mais uma empregada marionete para descartar e de quem sentir pena. Ele voltou à maçaneta e, um segundo depois, a porta se abriu com um clique. Ollie cambaleou até lá dentro, sem parecer se importar por eu tê-lo pego arrombando a fechadura.

– Ollie, espere...!

Antes que a porta batesse, entrei atrás dele.

Assim que a porta se fechou, um ciclone de pelo se jogou em cima de mim, os pés de Ollie batendo no meu peito e me jogando para trás, no chão imundo e cheio de lixo do quarto do Espantalho. Eu ainda não havia me recuperado quando ele agachou sobre mim, prendendo meus braços.

– Não grite – chiou ele, o rosto irado a centímetros do meu. – Não quero te machucar, mas farei isso se for necessário.

– O que você está fazendo? – sussurrei de volta. – Sou eu.

Percebi como eu estava sendo burra. Fiquei tão empolgada por vê-lo vivo que me esqueci da minha aparência. Ollie não tinha como me reconhecer no meu rosto emprestado. Havia se passado tanto tempo que ele poderia nem se lembrar de como eu era.

– Só fique de boca fechada – disse ele. – Estou aqui pra pegar informações e depois vou embora. Se você sabe o que é bom pra você, vai fingir que isso nunca aconteceu.

Não consegui evitar um sorriso. Mesmo depois de tudo, ainda era difícil me acostumar com um macaco falante, e era ainda mais difícil levá-lo a sério enquanto ele usava um vestido. Eu poderia ter gritado de alegria. Quem se importava se suas garras estavam se enterrando nos meus braços com tanta força que iam deixar marcas? Ollie estava vivo! Não só isso, mas estava aprontando alguma coisa. Qualquer pessoa que invadisse os aposentos do Espantalho era meu amigo.

Eu poderia tê-lo empurrado e me libertado sem muito esforço. Mesmo com sua força e seus reflexos de macaco, eu tinha certeza de que ele não era metade da lutadora que eu me tornara. Fiquei orgulhosa de pensar nisso, mas não lutei. Eu não queria piorar a situação e arriscar uma briga de verdade, na qual um de nós poderia se machucar. Fiz que

sim com a cabeça, como a empregada covarde que eu devia ser.

O aperto de Ollie afrouxou por um instante, mas depois sua sobrancelha de macaco se enrugou como se percebesse alguma coisa. Seus olhos castanhos se estreitaram e o aperto aumentou.

– Você falou o meu nome – disse ele, com um rosnado ameaçador. – Como é que você me conhece?

– Eu... – Minha mente disparou. Será que eu tinha coragem de destruir meu disfarce? Na última vez que vi Ollie, ele estava escapando de mim e de Indigo. Eu não o culpava por fugir, mas isso não o recomendava como confiável.

Antes que eu conseguisse inventar uma mentira adequada, Ollie se abaixou e cheirou meu pescoço. Quando levantou o rosto, parecia totalmente confuso.

– Você cheira como... – Percebi que ele estava tentando identificar meu cheiro.

Pensei em Star; ela tinha me reconhecido imediatamente. Não questionei o motivo naquele momento – imaginei apenas que era um tipo de sexto sentido de proprietário de animal, mas alguma outra coisa era ainda mais provável. Meu disfarce de Astrid não mudou meu cheiro de Amy.

– A garota da estrada? – perguntou Ollie, com uma expressão confusa. – A que me salvou?

Dane-se. Fiz que sim com a cabeça.

– Amy – lembrei a ele.

– Você está diferente – disse ele, ainda sem acreditar totalmente, ainda sem soltar meus braços.

– É um disfarce – retruquei. – E é muito melhor do que o seu, por falar nisso.

Ollie respondeu com um sorriso cheio de dentes que deixaria até os usuários mais habituais do PermaSorriso envergonhados.

– Amy, a Forasteira! Mas como...?

Ollie saltou de cima de mim, e eu me levantei. Eu ainda não estava totalmente de pé quando os braços fortes e peludos do macaco envolveram a minha cintura – com tanta força que eu mal conseguia respirar.

– Sinto muito por ter te abandonado – ofegou ele. – Não foi meu melhor momento.

– Tudo bem, Ollie. – Dei um tapinha em sua cabeça, e ele me soltou devagar, dando um passo para trás e me olhando de cima a baixo. – Por onde você andou? – perguntei. – Como foi que escapou?

– Consegui chegar até a Floresta Sombria – disse ele. – Tem um grupo dos Ápteros lá, e eles deram início a uma pequena resistência entre os animais.

– Como a Ordem – falei, refletindo em voz alta.

Ele balançou a cabeça peluda.

– Não – comentou ele de um jeito acentuado. – *Não* é como a Ordem.

– O que tem de errado com a Ordem? – perguntei, surpresa.

– Eles não são confiáveis. Qual é a diferença entre uma bruxa malvada e uma princesa má? Você está trabalhando com eles?

– Existem muitas diferenças – falei, na defensiva. Ele olhou para mim com suspeita. – Eles me treinaram. Me ensinaram magia. Agora eu sei lutar. Vou mudar as coisas. Nós podíamos unir forças e...

– Nunca – interrompeu ele com firmeza. – Reconhecemos o que a Ordem está fazendo. Mas já fomos escravizados demais. Conhecemos bem bruxas e mágicos, e não vamos nos comprometer com ninguém.

Comprometer. Eu também estava comprometida – Mombi tinha usado essa mesma palavra para descrever. Mas não era por isso que eu estava aqui. Eu não era escrava de ninguém e estava agindo pelo meu livre-arbítrio.

Não estava?

Deixei a pergunta pra lá por enquanto.

– Por que você está aqui? – perguntei. – Você está procurando os seus pais?

– Meus pais me entregariam a Dorothy no segundo em que me vissem.

– Então, por quê? – Apontei para o cômodo, pensando no seu proprietário sádico. – Você sabe que é loucura invadir aqui, certo?

– Não tenho escolha – respondeu Ollie. – É minha irmã. Maude. Ela está aqui em algum lugar. O Espantalho está com ela.

– Sua irmã...?

Ele respondeu à minha pergunta antes que saísse da minha boca.

– Ela também é uma traidora. Uma das que decidiu manter as asas. Mas ainda é minha irmã. Não posso deixá-lo ficar com ela. Não posso deixá-lo... – Seus olhos ficaram vidrados enquanto sua voz falhava.

Eu me ajoelhei até a altura de Ollie e peguei suas mãos. Eu as apertei com força.

– O que ele quer com ela? – perguntei com urgência.

– Não sei – respondeu Ollie. – Os Ápteros têm espiões no palácio, mas tudo que eles conseguiram nos contar é que ela foi levada. Que o Espantalho tem planos para ela.

– Que tipo de planos? – perguntei, pensando no grande experimento em que o Espantalho estava trabalhando arduamente.

Ollie olhou para seus pequenos sapatos de couro vermelho. Eram iguais aos meus, até as fivelas douradas quadradas.

– Maude sempre foi especial – disse ele devagar. – Um gênio. A macaca mais inteligente que nossa espécie já viu. Talvez mais inteligente que o próprio Espantalho. É possível...

– Ele quer o cérebro dela – falei.

Ollie fez que sim com a cabeça, se soltando das minhas mãos e fechando os punhos.

– Ela tentou me convencer a ficar, a manter minhas asas e me tornar escravo de Dorothy. Achava que se comprometer era nossa melhor chance de sobreviver. Pela primeira vez na nossa vida, eu estava certo e ela estava errada. Aqueles que se sacrificam sempre têm mais a perder – disse ele.

Frustrado, Ollie socou o chão, agitando fios soltos de palha. Eu queria consolá-lo, dizer a ele que tudo ia ficar bem. Mas como podia fazer isso? Pelo que eu sabia, Maude já podia estar morta, com o cérebro liquefeito enfiado numa das agulhas do Espantalho.

Então, outra coisa me ocorreu. *Aqueles que se sacrificam sempre têm mais a perder*.

– Ollie – comecei devagar. – O que isso significa? Essa coisa que você acabou de dizer.

Ele me olhou com uma expressão vazia.

– Esse é o lema dos Ápteros – respondeu ele. – Para nos lembrar do quanto nos sacrificamos por outros, e do quanto perdemos por isso. Um lembrete de que se comprometer é a morte; de que devemos continuar livres.

Deixei as palavras ecoarem na minha mente. Onde foi que eu as ouvi antes?

E aí eu soube: o Mágico tinha usado exatamente essa frase. Não havia feito o menor sentido naquele momento – eu não tinha ideia do que ele estava falando. Ele me dera a pista de que algo terrível estava acontecendo no laboratório. E usara o lema dos Ápteros. Ele estava tentando me dizer alguma coisa. Mas por quê? Qualquer que fosse seu motivo, definitivamente não era uma coincidência.

Ollie andou de um lado para o outro no chão do Espantalho, olhando para o nada.

– Na última vez que vi Maude, Dorothy tinha acabado de entregar minha punição. Ela permitiu que os Alados me confrontassem antes que eu fosse levado para o campo, para ser amarrado. Maude cuspiu no meu rosto e me disse que esperava que minha punição melhorasse meu modo de pensar.

Ele se encolheu ao contar a história. Eu conhecia essa sensação. Todas as coisas indelicadas que minha mãe me disse também estavam gravadas na minha memória.

– Ollie...

– A questão é que não importa. Não importa que ela tenha me abandonado. Ela é minha irmã. Não vou abandoná-la. Preciso encontrá-la. Não me importo com os riscos.

Fiz que sim com a cabeça.

– Está bem – falei de um jeito casual –, eu vou ajudar.

Decidi numa fração de segundo, não foi algo que eu realmente tivesse analisado. Mas eu tinha hesitado antes, com Dorothy bem embaixo da minha faca, e isso só fez com que eu me sentisse inútil por mais um dia. Se eu pudesse dar um golpe contra Dorothy e seu regime, por menor que fosse, eu ia fazer isso. Essa era minha nova política. Dane-se a espera.

Mas Ollie balançou a cabeça.

– Não, essa briga não é sua. Tenho que fazer isso sozinho.

– Pode não ser minha briga – respondi. – Mas conheço o lugar melhor do que você, e não sou um macaco usando vestido. Você vai ser morto se continuar perambulando por aí desse jeito.

– Eu não estava *perambulando*.

– Foi um milagre eu ter visto você, e não outra pessoa. – Balancei a cabeça, pensando

no Mágico, na serendipidade de tudo isso. – Tenho mais chances de encontrar Maude do que você jamais teria.

Uma expressão irritada atravessou suas feições, mas depois Ollie parou para pensar.

– O que a Ordem diria sobre isso? – perguntou ele. – Eles se importam com a minha irmãzinha?

Ele estava certo. Eu sabia exatamente o que Nox diria: não valia a pena arriscar meu disfarce por uma macaca alada – não importa de quem ela era irmã. Minha missão era sobre algo maior, e nada podia atrapalhá-la.

Bom, talvez tudo isso fosse verdade. Mas eles não estavam aqui. Eles não entendiam o que era ficar aqui e observar a crueldade casual de Dorothy, se sentir uma covarde impotente escondida atrás de um rosto emprestado. Eu estava cansada de esperar. Eu era eu mesma. Comprometida ou não com a Ordem, eu ia continuar tomando minhas próprias decisões. E eu sentia, nas minhas entranhas, que essa era a decisão certa.

– O Mágico me disse que o Espantalho está trabalhando em algo grande. Algo que pode fazer com que tudo pelo que a Ordem está lutando seja irrelevante. Eles provavelmente vão me agradecer por descobrir o que é – falei a Ollie, apesar de saber que provavelmente não era verdade. – Se Maude for parte disso, eu juro que vou tirá-la de lá.

Ollie coçou o topo da cabeça.

– Não sei. Como é que você vai encontrá-la?

– Ainda não pensei nisso – respondi.

– De jeito nenhum – disse Ollie, balançando a cabeça. – Você nem tem um plano e quer que eu simplesmente vá embora? Que eu abandone minha irmã? De jeito nenhum.

– Você também não tem um plano – lembrei a ele. – E, além do mais, eu tenho isto.

Com um floreio, a adaga apareceu na minha mão. Eu a coloquei sob o queixo de Ollie, e ele levantou as mãos, com olhos arregalados.

– Calma, Amy – disse ele, olhando para a lâmina. – Qual é seu, hum, argumento?

– Meu argumento é que você vai morrer – respondi. – Você não vai durar mais uma hora aqui desarmado e nessa roupa ridícula. Tenho armas, sou treinada e meio que estou camuflada. Tenho mais chances de encontrá-la do que você.

– Está bem – resmungou Ollie, colocando delicadamente a mão em cima da minha e afastando minha adaga do seu pescoço. – Entendi.

De repente, percebi há quanto tempo estávamos conversando. Jellia já devia ter percebido meu sumiço.

– Você devia ir embora daqui. – Fui até a janela e a abri. – Prometo que não vou te decepcionar.

Olhei para ele. Ollie fez que sim com a cabeça devagar, admitindo para si mesmo que eu era sua melhor opção. Conforme veio andando na minha direção, ele apontou um dedo peludo para o meu peito.

– Te dou até amanhã à meia-noite – rosnou ele. – Os Ápteros têm uma entrada secreta nos Jardins da Realeza. Se você não estiver lá com a minha irmã, vou voltar pro Plano A...

– Se vestir de mulher?

Ollie fez uma careta.

– Você brinca, mas isso é sério.

– Eu sei – respondi, tentando parecer confiante. – Não vou fracassar.

– Obrigado – disse ele baixinho quando estava ao meu lado. – Você é a primeira humana gentil que eu conheci desde que Dorothy assumiu.

Ollie ficou na ponta de seus sapatos de empregada e me deu um beijinho suave e carinhoso no rosto. Depois, se lançou janela afora, agarrando com facilidade o galho de uma árvore próxima e disparando para a cobertura cheia de folhas, desaparecendo na escuridão da noite artificial de Dorothy.

Chega de esperar. Eu tinha feito uma promessa a mim mesma de ajudar Ollie. Agora eu tinha a chance de cumpri-la.

TRINTA E TRÊS

O primeiro passo do meu plano era me livrar do resto das minhas tarefas.

Encontrei Jellia no salão de banquetes, esfregando o piso de quatro. Normalmente, a luz do sol se derramava pelas enormes janelas do salão, mas, com a noite já instalada, Jellia foi obrigada a esfregar à luz de velas. De algum jeito, isso tornava a tarefa ainda mais deprimente.

Antes de me aproximar, inspirei algumas vezes seu fedor de rato morto – o suficiente para me fazer parecer enjoada. Depois, cambaleei em direção a ela, arrastando os pés.

– Astrid – soltou ela, levantando o olhar. – Por onde você andou?

Coloquei a mão na minha testa.

– Estou me sentindo doente – falei para ela. – Meu estômago...

– Esse não é o melhor jeito de tentar voltar a ser criada auxiliar – repreendeu Jellia.

– Sinto muito – implorei, abraçando o estômago. – Mas é melhor eu descansar do que vomitar nos carpetes recém-lavados de Dorothy faltando tão pouco tempo pro baile, não é?

Ela inclinou a cabeça, sabendo que eu tinha um bom argumento. Forçou um sorriso, e eu vi que havia uma pequena mancha de batom nos seus dentes. Isso me deu ainda mais pena dela do que eu já sentia.

– Tudo bem – disse Jellia. – Mas precisamos de você amanhã. Animada e cedo. Sem desculpas.

Saí do salão de banquetes praticamente dobrada, só me endireitando quando tive certeza de que ninguém estava olhando. Não voltei para o meu quarto como faria uma empregada fiel em recuperação.

Em vez disso, fui para o solário de Dorothy.

* * *

Eu havia memorizado o cronograma das empregadas e sabia que o solário já tinha sido limpo hoje. E, em casos de eclipses solares induzidos pela vaidade, sempre dava para contar que o cômodo dedicado à luz do sol estaria totalmente vazio.

Apesar disso, eu me aproximei com cuidado. Peguei um espanador de penas no caminho. Dessa vez, se eu fosse pega – pelo Mágico ou qualquer outra pessoa –, ao menos teria uma desculpa plausível. Só uma limpeza adicional dos artefatos mágicos.

O solário era lúgubre à luz da lua do início da noite. O arco-íris de espreguiçadeiras parecia totalmente sem cor, como se um vampiro dos móveis tivesse passado por ali. As dezenas de arranjos florais que Dorothy exigia que fossem trocados toda semana estavam murchos, já que a luz do sol não tinha aparecido.

Exatamente como eu esperava. Estava vazio.

Atravessei o cômodo na ponta dos pés até o quadro mágico de Dorothy. No momento, ele mostrava um extenso campo de papoulas sob um céu estrelado. Era lindo, na verdade; a única coisa no solário que não parecia desbotada.

– Quadro mágico – sussurrei. – Me mostre Maude.

Onde quer que a irmã de Ollie estivesse presa, era algum lugar escuro. Eu não conseguia vê-la, só um pelo manchado e grudado de suor que oscilava com uma respiração difícil. Percebi algumas faixas de couro prendendo-a a um tipo de mesa. Parecia muito sinistro.

Bom, consolei a mim mesma, pelo menos Maude estava viva.

Então, ouvi o Espantalho. Pulei ao ouvir sua voz e virei de repente, quase invocando minha faca antes de perceber que a voz vinha do quadro.

– Esses malditos cálculos – resmungou ele. – Por que eles não dão certo?

Um corvo guinchou em resposta.

– Eu sei – chiou o Espantalho para o pássaro. – Todos *vão* rir de mim. Me chamar de burro. Me chamar de...

Ele deixou a voz sumir. Ouvi um farfalhar, o arrastado de palha se movimentando e a mão enrugada e com luva de feltro acariciou delicadamente o rosto de Maude. Ela nem tinha forças para se afastar, apesar de eu perceber que sua respiração ficou cheia de repulsa.

– Maude, minha querida – disse ele, pensativo. – Você às vezes tem a sensação de ser observada?

Será que ele sentiu que eu usava o quadro mágico nele? Faria sentido o laboratório do Espantalho ser protegido de alguma forma contra invasões mágicas, especialmente por ser tão hipersecreto.

Olhei por sobre o ombro, mas o corredor do lado de fora ainda estava quieto.

Pensei por um instante. Eu não tinha certeza se o Espantalho tinha algum tipo de sistema de alarme mágico no laboratório ou se ele simplesmente era paranoico – mesmo assim, eu não queria arriscar. E, de qualquer maneira, olhar *dentro* não me ajudaria a encontrar onde ficava o laboratório.

– Quadro mágico – sussurrei. – Me mostre o *lado de fora* do laboratório do Espantalho.

O quadro ficou cinza por um instante, como se estivesse pensando, depois um prédio no território do palácio ocupou a moldura toda.

A estufa. A estufa de *Pete*. Será que o laboratório do Espantalho ficava em algum lugar ali dentro?

Como se respondesse, um dos corvos grotescos com orelhas humanas enormes pousou no telhado da estufa enquanto eu observava. Depois, vi outro e mais outro, todos saindo voando de algum lugar atrás da estufa.

– Quadro mágico – sussurrei, com uma curiosidade mórbida. – Me mostre como entrar.

Com um movimento de translado, a imagem do quadro empurrou a parede frontal da estufa, dando zoom nas fileiras de flores e passando por uma porta secreta trancada. Ali, parcialmente escondida atrás de um pequeno bosque de árvores, estava a maior gaiola que eu já tinha visto. As barras douradas tinham pelo menos três andares de altura, e eu consegui ver uma agitação de penas pretas farfalhando lá dentro.

Um aviário.

Os corvos circulavam e mergulhavam, entrando e saindo da gaiola. Havia centenas, talvez milhares deles, grasnando e tagarelando, se amontoando em cada poleiro disponível, seus olhos humanos salientes, as orelhas se mexendo. Meu estômago revirou.

Era nojento.

O grasnado era alto demais. Alguém no palácio ia escutar.

– Chega – sibilei para o quadro.

O movimento e o som pararam imediatamente, substituídos pela imagem do campo de papoulas à noite.

Eu já sabia o bastante. Ainda não sabia exatamente onde ficava a porta escondida para o laboratório, mas tinha uma boa ideia e já abusara da sorte no solário por tempo suficiente. Virei e fui para o meu quarto.

Quando abri a porta, parte de mim não conseguiu evitar querer que Pete estivesse esperando por mim de novo, mas eu estava sozinha. Seria bom ter mais informações sobre a estufa. E, mais importante, eu precisava de um amigo agora. Alguém para me dizer que eu não estava maluca pelo que estava pensando em fazer: invadir o filme de terror absoluto que era o laboratório do Espantalho.

Peguei Star no seu esconderijo e a aninhei no colo, alisando delicadamente sua coluna branca macia. Havia mais um obstáculo a considerar. Se eu quisesse resgatar Maude, precisaria tirar o Espantalho de lá antes. Meu plano para fazer isso? Não era totalmente sensato.

– Ei, Star – falei. – Você sabe alguma coisa sobre incêndio intencional?

Claro que Star não respondeu. Eu me vi gargalhando apesar do perigo. A Bruxa Malvada do Oeste, ela tinha umas ideias boas.

Que tal um pequeno incêndio, Espantalho?

TRINTA E QUATRO

Soltei um suspiro de alívio na manhã seguinte, quando o sol nasceu normalmente. Dorothy deve ter conseguido um sono de beleza suficiente. O Grande Relógio estava girando de novo.

Passei pelas minhas tarefas diárias como sempre, o tédio e o nervosismo se misturando perigosamente na boca do meu estômago. Ollie se encontraria comigo nos Jardins da Realeza à meia-noite, o que significava que eu tinha que resgatar Maude o mais perto possível desse horário. Eu conseguia esconder minha ratinha de estimação no meu quarto, mas o que faria com uma macaca alada? Não, eu tinha que cronometrar isso com perfeição.

Encontrei Jellia no fim do meu turno. Dois dias daquele cheiro de rato morto tinham provocado grandes rugas no seu exterior jovial. Seus olhos estavam vermelhos, o avental estava amassado e cheio de manchas, e o cabelo estava totalmente bagunçado. Pior ainda, seus lábios estavam tensos, e úlceras de estresse tinham se formado no canto da boca, provavelmente pelo uso excessivo de PermaSorriso.

As outras empregadas mantinham distância, e Jellia, nem um pouco inconsciente dos efeitos do seu aroma pungente, tinha escolhido para si tarefas que a mantinham isolada. Enquanto ela terminava de limpar as caixas de gordura da cozinha, fui até ela como se nada estivesse errado.

– Oi, Jellia – falei, com um sorriso agradecido. – Eu só queria agradecer por ter me dado o dia de folga ontem. Me sinto muito melhor.

Um sorriso frágil se espalhou pelo rosto de Jellia. Por um instante, ela pareceu recuperar um pouco do seu ânimo.

– Claro, Astrid. Não foi nada.

Sem hesitar, agindo como se o cheiro nem me incomodasse, me aproximei para um abraço. Apertei Jellia com força e, depois de uma hesitação momentânea, ela também me

abraçou. E aí ela se grudou em mim por alguns segundos a mais do que a duração normal de um abraço, soltando um barulhinho de lamúria.

– Vai ficar tudo bem – sussurrei para ela.

Quando me afastei, Jellia secou o canto dos olhos.

– Obrigada. Eu precisava disso.

Eu achava sinceramente que Jellia precisava ser animada e queria fazê-la se sentir melhor. Por isso, senti uma pontada de culpa quando me afastei segurando o molho de chaves mestras que eu tinha pescado no bolso não fedorento do seu avental. Ela era a única empregada confiável com acesso a todos os cômodos do palácio, o que significava que eu não tinha escolha a não ser roubar do seu bolso. Eu esperava que ela não percebesse que as chaves tinham sumido até de manhã, quando eu planejava dar um jeito de devolvê-las – perdê-las seria apenas mais uma coisa com o que Jellia surtaria. Mesmo assim, isso precisava ser feito. Eu esperava que o pior cenário fosse Jellia passar a noite sem dormir preocupada com as chaves em vez de uma noite sem dormir com ânsia de vômito por causa do fedor de rato.

Voltei para o meu quarto e esperei a noite cair. Para minha sorte, Dorothy ainda estava na vibração das suas doze horas de sono de beleza, então a lua nasceu imediatamente e o palácio ficou em silêncio. Isso era bom para os serviçais; sem Dorothy dando chiliques por aí, eles podiam relaxar.

Abracei Star antes de sair.

– Se eu não voltar – falei para ela –, encontre um jeito de infernizar todo mundo.

Rastejei escada acima até o quarto do Espantalho sem ver outra alma. Os fardos de palha ainda estavam empilhados perto da sua porta, esperando o destino cruel de serem usados como estofo nas dobras de aniagem de um maníaco.

Eu precisava fazer isso parecer um acidente.

Eu me aproximei do candeeiro de parede mais próximo dos fardos, o que ficava bem ao lado da porta do Espantalho. Lá dentro, a lamparina a óleo decorada reluzia. Invoquei minha faca e a deslizei na base da lamparina, apenas o suficiente para criar uma pequena rachadura. O óleo começou a vazar, escorrendo lentamente pela parede, para o chão e depois penetrando no fardo mais próximo.

Agora eu só precisava criar uma faísca.

Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, minha adaga começou a reluzir num branco quente. Era eu que estava fazendo isso? Ou a adaga estava me ajudando?

De qualquer maneira, a lâmina chiou no óleo derramado, inflamando-o. Uma chama azul se espalhou da parede para os fardos, que imediatamente começaram a explodir e arder. Em breve, todos estariam consumidos.

Usando as chaves de Jellia, entrei sorrateiramente no quarto do Espantalho, fechando a crescente nuvem de fumaça atrás de mim. Chutei alguns lixos no chão – mais palha, papéis soltos, pergaminhos descartados – em direção à porta, sabendo que eles se inflamariam assim que o fogo se espalhasse.

Se um incêndio no quarto não tirasse o Espantalho do seu laboratório, eu não sabia o que provocaria isso.

Em seguida, saí pela mesma janela por onde Ollie tinha escapado ontem, escalando a árvore. Eu não era nem um pouco graciosa como ele – os galhos arranharam meu rosto e as costas das minhas mãos, cedendo com o meu peso, mas consegui descer, com cuidado e em silêncio.

Lá em cima, ouvi gritos vindos do andar do Espantalho. A fumaça agora escapava pela janela por onde eu tinha saído. Do lugar onde eu estava, a meio caminho de descer a árvore, eu tinha uma visão bem clara do território do palácio. Alguns andares acima, um incêndio crepitava, cada vez mais alto. Observei e esperei, começando lentamente a temer que ele não viesse. Que eu tivesse me tornado uma incendiária por nada, colocado meu disfarce em perigo e decepcionado Ollie.

Mas então eu vi uma sombra magrela sair dos fundos da estufa. Era ele! O Espantalho atravessou o gramado do palácio a passos largos, com a cabeça inclinada para cima para ver o brilho de fornalha que emanava do seu quarto. Ele tinha mordido a isca.

Quando ele estava fora do meu campo de visão, desci da árvore, pousando suavemente na sua base. Ao longe, a cúpula da estufa brilhava com o enorme reflexo da lua cheia. Agora não faltava muito.

O território do palácio era tão lindo à noite quanto de dia. Mas, iluminado como estava por lamparinas delicadas e velas reluzentes, não oferecia muita cobertura. Disparei

pelo gramado, esperando que todos estivessem distraídos demais pelo incêndio para me ver.

Na pressa, o Espantalho deixou a estufa destrancada. Atravessei a porta correndo, e o aroma agradável das flores afastou imediatamente o cheiro de queimado do palácio. Parei por um instante, recuperando o fôlego e escutando. Tudo que eu ouvia eram gritos abafados vindos do palácio – nenhum guarda me perseguindo, nenhum Soldado de Lata fazendo barulho na minha direção. Apenas um ou outro grasnado escapava dos recessos escuros da estufa. Consegui. Até agora, tudo bem.

A estufa era cheia de fileiras e mais fileiras de flores, diferente de qualquer coisa que eu já tinha visto. Havia rosas enormes, com flores maiores do que bolas de futebol, e papoulas vermelhas que abriam e fechavam as pétalas em intervalos de segundos, como se estivessem respirando, expelindo um pólen rosa-claro no ar ao fazer isso. Havia tulipas cujas cores mudavam em intervalos de segundos, passando por todas as cores do arco-íris, e girassóis imponentes que cintilavam na quase escuridão, as pétalas parecendo projetar sua própria luz do sol.

As fileiras de plantas seguiam sem parar. Isso, percebi, era como Oz deveria ser em toda parte. Dorothy não estava satisfeita apenas em roubar a magia de Oz – ela também estava roubando o que a magia criava. Um dia, eu esperava ter a chance de ver algumas dessas plantas crescendo na natureza, longe do alcance de Dorothy.

Mas não hoje à noite.

Corri até os fundos, o som dos corvos ficando cada vez mais alto, até que eu estava a alguns passos do aviário. Era agora ou nunca. Ignorei meu medo, destranquei a porta e entrei na gaiola.

Lá dentro, eles estavam por toda parte. Em poleiros no alto e no chão, bicando sementes que eram salpicadas por um alimentador de ferro trabalhado pendurado no teto como um candelabro. Parados, como se fizessem uma segurança cuidadosa.

Apesar da vigília, eles me ignoraram.

Mantive a respiração rasa e firme, esperando que Pete estivesse certo e que nem a audição nem a visão deles fosse muito boa, tentando não pensar nas garras afiadas como lâminas e nos bicos curvos ainda mais afiados.

Eu só tivera um rápido vislumbre do laboratório do Espantalho, mas tinha a sensação de que era no subsolo. Não havia escadas visíveis no aviário. A maior parte do chão era coberta de sementes, penas e cocô de pássaros.

Exceto a fonte de água. Essa parte, estranhamente, estava quase toda limpa. Mais estranho ainda, os corvos não se empoleiravam ali.

Eu me aproximei, passando na ponta dos pés pelos pássaros que procuravam sementes aos meus pés. Passei os dedos na borda da fonte, procurando um botão, um fecho ou qualquer coisa que me desse uma pista do que fazer em seguida.

Nada.

A poça estagnada de água na bacia da fonte estava turva, preta e fedorenta de mofo. Era impossível ver o que havia ali dentro... e isso era um esconderijo perfeito. Tive uma ideia. Estendi a faca e desejei que ela se aquecesse como fizera no palácio. A arma estava ávida para agradar, ficando laranja, a cor de uma brasa quase apagada. Eu me concentrei melhor e aumentei a força até ela estar brilhando tanto que doía olhar para ela.

Eu a enfiei na fonte, e a água soltou vapor quando entrou em contato com a lâmina. Consegui ver através da poça enevoada até o fundo, onde minha faca iluminava uma coisa escura e redonda.

Um botão.

Apertei a ponta da faca contra o botão, e ele cedeu com facilidade.

A fonte desapareceu bem embaixo de mim, e quase tropecei e caí de cara. Mas consegui manter o equilíbrio e olhei para baixo. No lugar onde a fonte estava apenas alguns segundos atrás, uma pequena porta redonda, como um bueiro, tinha aparecido no chão. Eu me abaixei e a levantei hesitante – lá dentro, uma escada descia em espiral até a escuridão.

De algum lugar acima da minha cabeça, ouvi um grasnado alto.

Depois, um farfalhar agitado. Eu tinha chamado a atenção deles.

Outro corvo gritou, depois outro e outro, até que todos pareciam estar gritando comigo.

Um barulho começou a aumentar enquanto minha visão periférica se obscurecia com um negrume agitado. O barulho ficou cada vez mais alto, e eu percebi o que era: o som

de centenas de pássaros batendo as asas ao mesmo tempo. Estavam todos voando direto para mim.

Sem tempo para me preocupar com o que havia lá embaixo, entrei pela porta e desci correndo a escada em espiral. Senti que estava correndo para salvar minha vida, confiando nos meus pés para encontrarem o caminho nos degraus de pedra traiçoeiros. Eles não me decepcionaram. Nox tinha me treinado bem.

A porta bateu com força atrás de mim, e tudo ficou subitamente preto. Sem conseguir enxergar nada, parei e olhei para cima, esperando meus olhos se ajustarem.

Eles não se ajustaram. Decidi acender minha faca de novo, achando mais fácil fazer isso na segunda vez do que na primeira, e a segurei no alto. Ou tentei. Atingi uma pedra a poucos centímetros da minha cabeça. Subi a escada novamente e analisei a parte de dentro da porta, mas ela não tinha maçanetas nem botões. Eu não fazia ideia de como abri-la de novo. *Bom,* pensei, *pelo menos isso vai manter os corvos lá fora*. Além disso, eu podia estar presa. Sem nenhuma outra direção para seguir além de descer e apenas a faca para iluminar o caminho, desci.

Quando os degraus finalmente terminaram, olhei ao redor, com o brilho da minha faca iluminando o salão inteiro. A Casa de Horrores do Espantalho era quase como eu imaginava. Só que pior.

Havia duas mesas compridas de metal com instrumentos terríveis como os que eu tinha visto no quarto dele, e uma cadeira de metal com algemas nos braços e nas pernas. Eu tinha quase certeza de que era ali que Maude estava presa ontem. Então, onde ela estava, agora?

Perto da cadeira havia uma máquina quadrada baixinha, com vários botões e medidores. Estava ligada a um longo tubo de couro. Eu não sabia o que era.

Na parede, havia uma prateleira gigantesca, repleta de potes de vidro enormes – do tipo em que Gert mantinha suas ervas secas e ingredientes de poções. Mas esses potes não estavam repletos de raiz de mandrágora e pó de beladona.

Muitos deles tinham coisas que pareciam cérebros flutuando em algum tipo de líquido verde cintilante. Eu me aproximei. Eles pulsavam. Ainda estavam vivos, percebi horrorizada. Não eram apenas cérebros – também havia outras partes do corpo: orelhas,

mãos e asas brancas minúsculas. De macacos bebês? Estremeci.

Voltei a atenção para uma mesa de desenho feita de madeira, que estava cheia de desenhos e diagramas anatômicos. Havia macacos, Kalidahs, uma galinha e alguns outros animais que eu nem reconheci.

Afastei o olhar e comecei a procurar sinais de vida.

– Alô? – chamei. – Tem alguém aí? Maude?

Eu não estava realmente esperando uma resposta, mas então ouvi um barulho, um gemido quase inaudível vindo de trás de uma porta de metal que eu não tinha percebido nos fundos do cômodo, do outro lado da máquina retangular. O gemido surgiu de novo, mais alto dessa vez, e eu sabia que, por mais que eu estivesse com medo, havia alguém, ou alguma coisa, do outro lado que estava bem pior do que eu.

Prendi a respiração antes de abrir a porta, imaginando todas as coisas terríveis que eu poderia encontrar.

O cômodo ao lado era menor e totalmente repleto de macas de metal enferrujadas. Estavam cobertas de sangue seco, mas pelo menos não havia corpos sobre elas.

Foi aí que eu a vi. Nos fundos do cômodo, uma pequena macaca de vestido rosa com babados estava aterrorizada em uma gaiola de metal onde mal cabia. Penas de suas asas retorcidas e mutiladas escapavam pelas barras.

– Maude? – perguntei com delicadeza. – É você?

Ela me encarou com olhos marrons grandes e assustados. Pareciam os de Ollie, mas sem a malícia. Só que o resto dela não se parecia em nada com Ollie. Sua cabeça tinha sido raspada havia pouco tempo, e seus braços estavam envolvidos em ataduras de pano.

Eu me agachei perto dela.

– Estou aqui pra te soltar – falei, com a voz mais delicada possível.

– Quem...? – grasnou ela, cansada.

– Sou Amy. Ollie me mandou.

– Ollie? – Seus olhos se encheram de uma esperança momentânea antes de se enevoarem de novo. – Não – disse ela. – Ele nunca... por que ele me ajudaria, depois que eu fui tão terrível com ele?

– Por que ele *não ajudaria*? – perguntei.

– Ele estava certo em relação a tudo. Eu devia ter ouvido. – Seus olhos reviraram para dentro da cabeça.

– Maude – falei, estalando os dedos diante do seu rosto. – Você consegue se mexer? Precisamos sair daqui.

Ela fez que sim com a cabeça, mas não se mexeu. Estava desorientada; tenho quase certeza de que achava que eu era um sonho.

Comecei a olhar ao redor, procurando as chaves da gaiola, depois percebi que não precisava. O Espantalho saberia que Maude tinha escapado, então dane-se. Bati no fecho com a adaga até ele quebrar.

O barulho pareceu acordar Maude um pouco, e seus olhos se focaram em mim. Eu me inclinei e a ajudei a sair da prisão e ir para o chão, mas, quando tentei levantá-la para carregá-la, ela afastou as minhas mãos.

– Consigo andar – disse Maude. Pensando melhor, ela colocou as mãos sobre os ombros e procurou as asas, como se tivesse esquecido se ainda as tinha. Conforme ela passava os dedos nas penas manchadas, não consegui identificar se estava aliviada ou decepcionada.

Ela não disse nada – apenas levantou a mão e pegou a minha e andou mancando ao meu lado, passando pelas macas e atravessando a porta até o laboratório principal.

Dava para ouvir os corvos do lado de fora, seus grasnados alucinados ecoando pela passagem. Desse jeito, não íamos conseguir sair.

– Tem outra saída? – perguntei.

Maude não escutou minha pergunta ou preferiu ignorá-la. Seus olhos tinham se enchido de raiva. Ela estava encarando a máquina do Espantalho.

– Ele usou aquilo em você? – perguntei, com a voz sombria.

Devagar, ela fez que sim com a cabeça.

Dane-se tudo. Por que parar de destruir coisas agora? Fui até a máquina e a empurrei. Ela caiu no chão com estrondo, suas engrenagens escapando e voando pelo chão como moedas soltas. Olhei para Maude.

– Ele simplesmente vai consertar – disse ela.

– Eu sei – retruquei. – Mas eu adoraria ver a expressão na cara de palha idiota dele

quando descobrir.

Seus lábios rachados se contorceram, não exatamente sorrindo, mas pensei ter visto um brilho de felicidade em seus olhos cansados.

– O que ele fez com você? – perguntei. – O que o Espantalho está construindo aqui embaixo?

– Eu não... não me lembro.

Ela levou a mão até a cabeça raspada, e seus olhos se fecharam de dor. Não consegui identificar se era física ou mental. Será que doía pensar? Ou doía lembrar do que ele fizera com ela?

– Ele me drenou... – Maude bateu com os nós dos dedos na nuca. – Ele está tentando ficar mais inteligente. – Pensei em Ozma e me perguntei se talvez o Espantalho também a tivesse drenado.

– Mas por quê? – perguntei, olhando ao redor para os equipamentos. A parede de amostras. Devia haver algo mais além de o Espantalho ter inveja do cérebro; nada acontecia no palácio que não beneficiasse Dorothy de algum jeito.

– Ele está tentando... ele vai... – Ela divagou, ficando confusa.

E aí, de repente, os pássaros ficaram calados.

– O que deu em vocês? Calem o bico, seus animais terríveis! – ouvi o Espantalho gritar com os corvos. Ele tinha voltado. O incêndio devia ter sido apagado. Estávamos sem tempo.

– Ah, não... – gemeu Maude. Seus joelhos ficaram fracos, e eu a senti quase cair ao meu lado.

Eu a segurei pelos ombros.

– Me diga que tem outro jeito de sair daqui.

Ela balançou a cabeça, os olhos flutuando até a escada.

– Só por ali.

Presas. Minha única opção era a magia.

– Pegue minha mão – falei para Maude, tentando parecer confiante. – Vou tirar a gente daqui.

Eu nunca tinha ficado muito à vontade com o feitiço de viagem que Mombi me

ensinara, mas, a esta altura, eu precisava arriscar. Era perigoso – Gert e Nox tinham me falado várias vezes que eu nunca devia viajar sem visualizar claramente meu destino, ou poderia acabar me teletransportando para dentro de uma parede de tijolos.

Fechei os olhos e tentei imaginar os Jardins da Realeza. Eu nunca tinha ido realmente até lá, só vira de relance no dia em que o Leão arrancou o olho daquele guarda. Do que eu me lembrava?

Os girassóis. Um canteiro de girassóis enormes se espalhava por onde o Leão estava cochilando. Imaginei as flores, mas não daria certo viajar para dentro delas, a menos que eu quisesse pétalas e ramos saindo de mim. Imaginei o espaço diretamente acima das flores; o ar noturno fresco, a luz da lua, os Jardins da Realeza. Eu me concentrei nos detalhes que estariam *abaixo* de mim, imaginando o espaço vazio para onde viajaríamos.

Seria o feitiço mais poderoso que eu já tinha invocado. E o mais importante.

Minha adaga pulsou na minha mão. Ela queria ficar e lutar. Não era uma estratégia sensata, mas é o tipo de conselho instintivo que você recebe de um objeto mágico cujo objetivo principal é esfaquear.

Ao longe, escutei o Espantalho descendo os degraus arrastando os pés. Ele estava perto, mas eu já estava me imaginando longe dali...

– Segure em mim – sussurrei. Até mesmo minha voz parecia vir através de um túnel, com a magia crescendo dentro de mim.

Senti Maude apertar minha mão e aí eu me soltei – não dela, mas deste lugar. Ouvi um barulho sibilante, senti a magia me desmantelando, e nós sumimos.

TRINTA E CINCO

Maude e eu nos materializamos logo acima dos girassóis, bem como eu imaginara, e caímos amontoadas sobre pétalas e folhas, quebrando ramos no caminho. O chão era macio, e o pouso não foi tão difícil. Tínhamos conseguido. Estávamos vivas.

Eu realizara um feitiço de viagem. A magia mais complicada que já tinha feito. E funcionou. Senti uma gargalhada borbulhando dentro de mim.

– Você está bem? – perguntei a Maude, com a garganta seca de repente, como se estivesse desidratada.

– Estou – grasnou ela em resposta, e nós começamos a engatinhar para sair do meio das flores.

Eu estava exausta. O feitiço havia funcionado, sim, mas todos os meus membros estavam com aquela sensação de agulhadas, e eu tinha a vaga percepção de que deixara parte de mim para trás, como se a magia tivesse cobrado um preço.

Além disso, considerando o quanto o feitiço era poderoso, fiquei preocupada de Dorothy poder tê-lo sentido ou detectado de alguma forma. Não havia nada que eu pudesse fazer em relação a isso agora.

Ollie estava nos esperando. Tudo que eu conseguia ver dele eram os olhos. Estavam vidrados e cintilando em amarelo, brilhando sobre mim.

– Vocês caíram do céu – me disse ele, desnorteado.

Acenei para ele, cansada.

– Nada demais.

Enquanto eu tentava me levantar, Ollie fixou os olhos nos de Maude. Não sei se eu estava esperando que eles se abraçassem ou o quê – na última vez que se viram, ela cuspira nele, então talvez isso fosse meio exagerado –, mas eles não fizeram isso. Foi constrangedor: nenhum dos dois sabia o que dizer, até que Maude finalmente quebrou o silêncio.

– Você voltou pra me salvar – disse ela baixinho. – Depois de tudo...

Ollie a interrompeu com um abraço. Ele a abraçou com força, e Maude o abraçou também, apesar de eu perceber seus dedos roçando nos tocos onde antes ficavam as asas dele. Eu os deixei terem um momento sozinhos, olhando para o palácio. Os Jardins da Realeza ficavam do outro lado do território, longe da estufa e do quarto queimado do Espantalho. As janelas deste lado estavam escuras e vazias. Não havia patrulhas, mas eu não queria arriscar.

– Lamento, pessoal – interrompi. – Mas vocês precisam ir embora.

Os dois macacos se viraram para mim. Maude mordeu o lábio, parecendo subitamente nervosa com alguma coisa.

– Só tem mais uma coisa – disse Ollie, olhando sorrateiramente para a minha adaga.

Meus ombros desabaram. Eu já estava exausta por causa dos eventos da noite, não sabia o que mais podia fazer.

– O que é?

– Você precisa cortar as minhas asas – respondeu Maude.

Eu a encarei.

– Hein, o quê?

– As asas estão ligadas à magia de Dorothy – explicou Ollie de um jeito sombrio.

– Enquanto eu ainda as tiver, ela vai ter poder sobre mim – concluiu Maude. Percebi que ela flexionava as asas enquanto falava, como se tentasse juntar a sensação à lembrança. – Não vou conseguir sair do território do palácio com elas.

Ollie já tinha tirado uma bolsinha do seu cinto, abrindo-a e revelando suturas e alguns panos limpos. Olhei furiosa para ele.

– Você sabia que teríamos que fazer isso.

Ollie fez que sim com a cabeça.

– Sabia. Me desculpe por não ter falado, mas... você se ofereceu.

Girei a adaga na mão, segurando delicadamente a lâmina ainda quente, e a estendi para ele.

– Você faz – falei.

Ollie olhou de mim para a lâmina, depois para Maude. Eu o via tentando se

fortalecer, encontrar a coragem para aceitar meu desafio. Depois de um instante, ele desviou o olhar.

– Eu... não consigo – disse ele baixinho. – Ela é...

Ela era irmã dele. Claro que ele não podia mutilá-la. Essa tarefa era minha.

Maude segurou a minha mão.

– Por favor – disse ela baixinho. Meu estômago deu um nó. – Você já abriu minha gaiola. Agora, me liberte *de verdade*.

Cortá-las era a parte fácil; minha faca era afiada e estava quente. A pior parte, aquela que eu achei que nunca mais ia esquecer, era o som que elas fizeram. E como as asas começaram a voar sozinhas.

O sangue escorria das minhas mãos, tão escuro que era quase preto. O calor da minha lâmina cauterizou um pouco a ferida. Ollie se aproximou de mim, estancando o sangue e suturando onde era necessário.

– Sinto muito. Sinto muito mesmo – fiquei repetindo. Acho que ela não me ouviu. Eu não conhecia nenhum feitiço para entorpecer a dor, ou teria usado. Maude aguentou tudo sem gritar ou gemer, sabendo que precisávamos ficar em silêncio.

Baixinho, quase sussurrando, ela cantarolava uma música estranha e triste. Parecia uma música infantil.

– Nossos pais costumavam cantar isso para nós – sussurrou Ollie. – Um versinho sobre aprender a voar. Eu nem me lembro da letra.

Maude não estava chorando, então eu também contive minhas lágrimas. O mínimo que eu podia fazer era ser tão corajosa quanto ela.

Quando a primeira asa caiu no chão, Maude perdeu a consciência. Verifiquei sua respiração, só para saber se estava viva, mas não tentei despertá-la.

Ollie limpou e colocou atadura no primeiro toco, enquanto eu ia para o outro. Esse demorou mais, porque meus braços estavam pesados e fracos.

Quando tudo terminou, Ollie a colocou nos braços, aninhando-a como um bebê. Ela se mexeu e olhou para mim de um jeito sombrio.

– Obrigada – murmurou.

Fiz um sinal de positivo com a cabeça e abri a boca para dizer alguma coisa. Em vez

disso, acabei caindo de joelhos. Ollie se aproximou, com o rosto agora no mesmo nível que o meu.

– Venha com a gente – disse ele com urgência e apontou com o queixo na direção do muro de pedra que separava os Jardins da Realeza da Cidade das Esmeraldas. – Posso levar você até a Floresta Sombria e os outros Ápteros.

Eu confiava nos macacos. Mas, apesar de não ter recebido notícias da Ordem, sabia que tinha que terminar isso. Balancei a cabeça.

– Não – respondi, trincando os dentes e tentando me recompor. – Minha missão é aqui.

No escuro, não consegui identificar se a expressão no rosto de Ollie era de admiração ou pena.

– Nesse caso, Amy do Kansas – disse ele –, você precisa se levantar.

Eu me esforcei para ficar de pé, todos os músculos feridos e doendo. Senti que podia cair no chão de novo a qualquer momento. Quando finalmente me levantei, Ollie colocou Maude num braço e estendeu a outra mão para mim.

Estendi a mão para apertá-la, pensando que ele estava apenas se despedindo. Mas ele colocou algo metálico na minha mão. Quando olhei, vi que era uma seta de prata minúscula, mais ou menos do tamanho de um ponteiro numa bússola comum.

– Isso vai te levar até os Ápteros – disse Ollie. – Guarde-a em segurança. Fique com ela. Use pra nos encontrar quando mais precisar de nós.

Pisquei para ele, chocada. Ele não fez segredo de como os Ápteros não queriam ter nada a ver com os Malvados. Ele sabia que eu era fiel à Ordem e estava confiando isso a mim de qualquer maneira.

– Não trabalhamos pra ninguém – disse Ollie, como se sentisse minha surpresa. – Mas você se mostrou leal. Você é nossa amiga, e nós vamos te ajudar do jeito que pudermos.

– Obrigada – foi tudo que consegui dizer.

As palavras mal tinham saído da minha boca e ele já estava indo embora, carregando Maude em direção às sombras do muro. Quando chegou lá, ele não escalou. Em vez disso, levantou um canteiro de grama e desapareceu embaixo. Um túnel, percebi. Os

Ápteros tinham cavado um túnel.

A seta de prata se agitou no meu punho, na direção do muro. Agora eu sabia que havia uma saída, mas ainda não podia usá-la.

* * *

Tive sorte de conseguir voltar para o meu quarto, tão fraca que praticamente engatinhei o caminho todo, sem chamar atenção. Em certo ponto, tive que me agachar atrás de uma cortina para evitar ser vista por um par de guardas do palácio. Eles conversavam sobre o acidente esquisito no quarto do Espantalho. Ótimo. Eu esperava que isso significasse que ninguém suspeitava de um delito.

Bom, pelo menos até o Espantalho descobrir que Maude havia desaparecido e surtar.

Tudo que eu queria era cair na cama e dormir por um milhão de anos, mas só podia fazer isso depois de me limpar. Enquanto eu lavava o sangue das minhas mãos na pequena pia perto do armário, o som de ossos quebrando e penas batendo ecoava na minha cabeça. Quando eu fechava os olhos, tudo que via eram as asas retorcidas e feridas de Maude caindo no gramado.

Estremeci. Fazer o Bem estava sendo mais feio do que eu esperava. E o preço... o preço agora era a sensação de que eu sempre precisava olhar por sobre o ombro. Talvez eu estivesse arriscando demais.

E, agora, para me livrar das evidências, eu precisava assumir mais um risco. Eu me sentia tonta, como se estivesse rodando e perdendo o controle, mas me segurei e fiz o que precisava ser feito.

Tirei meu vestido encrostado de sangue e o coloquei cuidadosamente sobre a cama. Acenei o dedo para ele e o acendi com uma chama mágica. Ele queimou rápido e em silêncio, o tecido escurecendo e soltando fumaça, chiando e estalando. Pelo menos, ninguém no palácio acharia esquisito o cheiro de fumaça.

Apesar de o fogo dançar pelos meus lençóis e colchão, o feitiço fez seu trabalho. Eles não foram atingidos pelas chamas.

Fiquei parada ali, praticamente nua, só observando, com os braços cruzados no peito até a evidência ser finalmente descartada. Não restou nem um traço de cinza. Era como se

nunca tivesse acontecido – o quarto nem estava quente.

Só que eu ainda via o fogo ardendo nas minhas retinas quando fechava os olhos. Muito menor do que o que eu provocara do lado de fora dos aposentos do Espantalho. Mas com mais magia. Eu me sentia enfraquecida; havia um vazio na minha essência, como uma fome.

Se Dorothy tivesse detectado meu uso de magia, eu estaria encrencada. Eu precisava de apoio. Precisava de alguém para me dizer que o que eu fizera não tinha sido totalmente inútil – o que era uma macaca, no plano maior? Uma pequena vitória a qual custo?

Onde estava a Ordem? Por que eles tinham me deixado totalmente sozinha?

Virei para o espelho de onde saí dando cambalhota quase uma semana antes.

– Nox – falei. Minha voz saiu com mais raiva do que eu pretendia. – Nox. Não sei se você consegue me ver. Não sei se você está escutando. Mas eu preciso de você.

Não houve resposta.

TRINTA E SEIS

A caçada já tinha começado quando acordei. Pela janela minúscula do meu quarto, observei os macacos cercando o território. Havia dezenas deles no ar, se precipitando e mergulhando. Foi impossível não perceber que, apesar de os macacos alados serem controlados por magia, hoje eles estavam amarrados a longas correntes de metal presas ao pescoço e eram impedidos de descer até o chão pelos Soldados de Lata, que simplesmente ficavam ali olhando para os prisioneiros como se fossem pipas voando na praia. Acho que, com uma macaca fugitiva, eles não queriam arriscar que seu poder mágico sobre os macacos pudesse desaparecer.

Eles estavam procurando por ela.

Eu me vesti devagar, me sentindo toda dolorida, e levei um segundo a mais para me olhar no espelho. Eu meio que esperava que Nox aparecesse ali, mas isso não aconteceu. Beijei Star no nariz e a coloquei em segurança na gaveta. Acho que ela estava se acostumando a isso ou, pelo menos, tinha parado de arranhar para tentar escapar dali.

Quando saí do quarto, tentei injetar uma energia adicional ao meu passo para compensar a sensação de exaustão nos meus ossos. Talvez eu pudesse pegar um pouco do PermaSorriso de Jellia emprestado.

Isso me fez lembrar. Eu tinha que devolver as chaves dela. Daria um jeito de fazer isso no café da manhã. Meu estômago roncava; aparentemente, provocar um incêndio, usar magia demais e cortar as asas de uma macaca deixava uma garota extremamente faminta.

Só que não havia café da manhã: em vez disso, o staff de empregadas estava enfileirado de uma ponta do salão à outra, sem comida à vista.

– O que está acontecendo? – perguntei a Sindra, a empregada ao meu lado, quando me juntei à fila.

– Inspeção surpresa de uniforme – respondeu ela. Sindra piscou seus cílios

extralongos e deu de ombros. Ela não parecia ter a menor ideia de que havia algo acontecendo. Parte de mim invejava sua ignorância.

Jellia andava de um lado para o outro da fila, garantindo que todo mundo estivesse em ordem para a inspeção. Seu cheiro tinha melhorado muito; Dorothy finalmente devia tê-la deixado tirar o rato do bolso. Ela parecia mais alerta do que nos últimos dias, mas não mais alegre. Jellia sabia que alguma coisa estava acontecendo, e isso a deixava nervosa.

Quando ela passou por mim, vi uma leve expressão de alarme passar por seus olhos. Sua boca, provavelmente carregada de PermaSorriso, não se mexia. Minha pulsação disparou enquanto eu tentava ficar calma. Será que eu tinha deixado passar alguma coisa? Será que estava com penas presas ao cabelo?

Jellia deu um passo na minha direção. Ela lambeu o polegar e esfregou bruscamente uma sujeira atrás da minha orelha. Uma sujeira que eu não conseguiria ver no espelho.

– Astrid – disse ela baixinho, sem maldade. – Você anda escorregando na aparência, nos últimos dias. Você realmente precisa aprender a ser mais asseada.

Quando ela se aproximou, aproveitei a oportunidade para colocar as chaves de Jellia de volta no seu bolso. Sua sobrancelha arqueou para mim – talvez ela tenha sentido um puxão no avental –, mas ela não falou mais nada, só analisou meu rosto por um instante a mais, para ter certeza de que eu estava limpa. Soltei um suspiro de alívio quando ela virou de costas para mim e continuou a marchar pela fileira.

Passos pesados de metal contra o mármore se aproximaram, e aí eu tive certeza de que essa não era uma inspeção de uniformes normal. Jellia deu um passo para trás e olhou para nós. Senti as outras garotas ficando tensas ao meu lado quando começaram a perceber que não era Jellia que ia conduzir a inspeção.

Jellia pigarreou.

– Senhoras, o Homem de Lata e seus soldados vão fazer algumas perguntas a vocês. Sejam honestas e concisas. Desde que falem a verdade, nada de mal acontecerá.

Eu sabia que isso poderia acontecer, mas não esperava que fosse tão depressa. Achei que teria um tempo para preparar minha história. Eu me preparei, fazendo meu coração desacelerar, forçando meu rosto a ficar sorridente e plácido enquanto o Homem de Lata

entrava se sacudindo no salão, todo profissional. Jellia fez uma reverência quando ele se aproximou. O Homem de Lata não percebeu o gesto.

O Homem de Lata passou rapidamente pela fileira, mostrando a cada uma de nós uma pequena foto de Maude e perguntando a cada uma seu paradeiro na noite passada.

– Bom, não sei se reconheço essa criaturinha engraçada! – disse Sindra, antes da minha vez. – É um macaco! Eles todos são iguais, pra mim.

Eu quis levantar a mão e dar um tapa nela. Claro que não fiz isso. Eu nem virei a cabeça.

Um instante depois, o Homem de Lata enfiou a foto na minha cara, e eu percebi que não precisava mentir sobre reconhecê-la. O desenho de Maude não era nem um pouco parecido com a Maude que eu tinha resgatado na noite anterior. Sua pele estava bem escovada, e suas asas estavam dobradas nas costas. Usava um arco cor-de-rosa no cabelo e um par de pequenos óculos verdes. O meio-sorriso no seu rosto era inteligente e tímido ao mesmo tempo.

Olhei para o Homem de Lata. Analisei as costuras que mantinham seu rosto de metal no lugar.

– Nunca a vi – menti de um jeito confiante, depois tentei imitar um pouco da estupidez de Sindra. – Não tenho nenhum contato com os macacos. Eles têm piolhos.

Eu me lembrei do que tinha visto do Homem de Lata no quadro mágico do solário de Dorothy, sua paixão pela princesa. Eu conhecia sua fraqueza. Era algo parecido com vê-lo de cueca de metal, pensar nele escrevendo uma péssima poesia de amor para Dorothy com óleo de motor. Naquele momento, isso não me ajudou a me sentir melhor. Ele se demorou na minha frente, passando mais tempo comigo do que com as outras garotas.

– Na última vez que essa macaca foi vista, ela não tinha mais pelos – disse o Homem de Lata. – Nem asas. Use sua imaginação.

Eu não precisava imaginar. A imagem nunca me abandonaria.

– Sem pelo e sem asas? – perguntei, tentando disfarçar uma careta pela lembrança terrível. – Ela não deveria estar morta?

Os olhos do Homem de Lata cintilaram.

– Ela vai estar.

Ele se afastou de mim nesse momento, segurando a foto para todas darem mais uma olhada.

– Esta macaca fugiu do laboratório do Espantalho ontem à noite, bem tarde – disse ele. – Ela estava gravemente machucada. Não poderia ter escapado sem ajuda de alguém de dentro do palácio.

Ninguém disse nada. Abruptamente, o Homem de Lata mudou a estratégia, sua voz exigente e fria.

– Quem é responsável por entregar palha nos aposentos do Espantalho? Dê um passo à frente.

Todo mundo na fila hesitou, mas, uma por uma, quatro de nós demos um passo à frente, incluindo Sindra e eu. Mas o Homem de Lata me encarou diretamente. Ele se aproximou de novo.

– Você está com cheiro de fumaça – disse ele com imparcialidade.

Ele sentia cheiro, com aquela cara de metal? Isso era uma armação?

Pisquei inocentemente para ele.

– Meu quarto fica perto do incêndio, senhor – respondi.

– Me diga seu nome, empregadinha.

– Astrid – respondi, me sentindo menos segura no meu feitiço de disfarce do que nos últimos dias.

– De onde você é?

– Condado dos Gillikins – falei.

Antes que ele pudesse me fazer mais perguntas, Jellia pigarreou alto logo atrás.

– Vossa Grandeza – disse ela, se dirigindo ao Homem de Lata. – Temos tarefas para realizar e já estamos atrasadas. Dorothy vai ficar muito decepcionada se não...

O Homem de Lata me deu uma última olhada. Demorada.

– Empregadas, tão boas em cuidar de todos os detalhes – refletiu ele. O Homem de Lata se afastou de mim, olhando para o resto da fila. – Se alguma de vocês tiver informações sobre nossa macaca fugitiva, sabe onde me encontrar. E não coloquem a palha perto das lamparinas, suas tolinhas.

Com as mãos de metal entrelaçadas nas costas, o Homem de Lata saiu a passos largos

do salão.

– Já para suas tarefas, meninas – cantarolou Jellia quando ele saiu. – Não enrolem. Temos mais trabalho a ser feito do que nunca.

Eu estava virando para seguir Sindra quando senti uma mão no meu ombro. Era Jellia.

– Venha comigo – disse ela. – Tenho uma tarefa especial em que você pode me ajudar.

Isso era incomum. Meu peito ficou tenso, a paranoia fluindo pelo meu corpo. Será que Jellia sabia? Será que ela percebera que eu roubei suas chaves? Que eu as usei para ajudar Maude a escapar? Analisei seu rosto, mas estava plácido e alegre como sempre.

Eu não tinha escolha exceto ir com ela. Conforme ela me conduzia para fora do salão de refeições, senti minha faca sussurrando para eu invocá-la. Mas não fiz isso, não nesse momento. Eu não tinha total certeza do que Jellia aprontava, mas não desconfiava completamente dela. Só teria uma chance para fugir. Eu precisava garantir que ia aproveitar a certa.

– Claro que isso tinha que acontecer tão perto do baile – tagarelava Jellia enquanto caminhávamos. – O Homem de Lata e seus soldados estão destruindo todos os cômodos. Revirando todas as almofadas. Eles não se importam que a gente tenha que arrumar tudo antes da chegada dos convidados de Dorothy. E Vossa Alteza não ficará feliz se qualquer coisinha estiver fora do lugar. Sem falar naquela bagunça no quarto do Espantalho.

Foi o mais perto que ela chegou de reclamar de alguma coisa. Eu a segui e ouvi, me perguntando aonde ela queria chegar.

– Sabe – continuou ela. – Trabalho no palácio há muito tempo. Eu estava aqui até mesmo antes do Mágico. Eu estava aqui durante o governo do Espantalho. Eu estava aqui quando Ozma ainda era ela mesma. Eu estava aqui quando Dorothy retornou.

– Isso é muito tempo – falei, tentando parecer casual, mas eu estava curiosa do mesmo jeito, e não só sobre por que ela conseguia parecer jovem depois de tantos anos trabalhando no palácio. Eu me perguntei por que ela estava me contando tudo isso. Ela nunca se abrira perto de mim. Talvez aquele abraço de ontem tivesse feito uma diferença. Talvez ela simplesmente quisesse conversar.

– Oz passou por muitas mudanças – continuou ela. – Ah, as pessoas falam da *verdadeira Oz,* mas eu nem sei o que eles querem dizer com isso. Oz raramente ficou igual por muito tempo. Essa é a magia, claro. Sempre mudando.

Agora, estávamos subindo a escada. O sorriso de Jellia estava diferente do sorriso falso de manequim. Estava triste e distante.

– Eu também tenho sangue de fada, sabe – disse ela. Nesse momento, eu nem sabia se ela estava falando comigo ou consigo mesma. – Não tanto quanto Ozma, claro. Não é suficiente pra fazer diferença. Mas é suficiente pra saber que as coisas podiam ter sido diferentes.

Por fim, chegamos ao meu quarto. Olhei para Jellia de um jeito questionador. Por que ela tinha me trazido aqui?

– Quero que tenha certeza de que seu quarto está arrumado – explicou ela. Não havia, na sua voz, nenhuma pista de que algo estava fora do lugar. – Eles vão vasculhar todos eles, é claro, e eu sei que você é meio bagunceira de vez em quando. Não quero que eles o encontrem bagunçado. Isso se refletiria mal em mim.

Ela me encarou de um jeito expressivo. Isso era um alerta. Eu não sabia o quanto Jellia sabia, mas ela me trouxe até aqui, me afastou das minhas tarefas só para eu garantir que tudo estava em ordem. Para eu não ser pega.

– Jellia, eu...

Ela levantou a mão.

– Eu espero você na cozinha pra lavar os pratos daqui a pouco.

Sem mais uma palavra, ela se afastou. Mas, quando abri a porta e entrei, percebi que era tarde demais. Tudo estava fora do lugar. Os lençóis tinham sido rasgados. O colchão foi cortado no meio, com penas espalhadas para todo lado.

Quando vi as gavetas abertas, viradas no chão, senti que ia vomitar.

Star tinha desaparecido.

TRINTA E SETE

Do lado de fora da janela, o céu se transformou de azul em roxo e em preto. Apesar de ter passado só um pouco da hora do café da manhã, Dorothy tinha virado o relógio.

Não consegui me importar. Star tinha desaparecido. Meu quarto fora revistado. Eu tinha certeza de que eles sabiam de mim – sabiam quem eu realmente era. O Homem de Lata já parecia suspeitar de mim. Eles tinham juntado todas as pontas.

Eu precisava sair daqui.

Virei para encarar o espelho, que basicamente era a única coisa intacta no quarto. Será que ele também era a saída?

Passei os dedos sobre a superfície lisa e reflexiva, esperando que algum tipo de resposta se revelasse.

– Nox – falei, sabendo, no meu coração, que era inútil. – Por favor, me ajude. Me diga o que fazer. Eu preciso de você.

Achei que tinha visto uma imagem tremer, só um pouco, como quando você joga uma moeda numa poça, e um arroubo rápido de esperança fluiu pelo meu corpo. Mas o espelho não se modificou. Qualquer movimento que eu tivesse visto foi só minha imaginação.

Olhei para o meu rosto, o rosto que não era meu de verdade, e tentei me lembrar de como eu era. Por algum motivo, isso me fez pensar no que minha mãe estaria fazendo. Eu me perguntei quanto tempo se passara desde que fui embora – eu sabia que o tempo aqui não passava igual ao da minha casa. Será que ela agora estava velha? Será que tinha uma vida nova sem mim? Ou, talvez, cem anos tivessem se passado no Kansas e ela agora estivesse morta há muito tempo. Estremeci.

De repente, senti saudade do meu rosto de verdade. Pensei em pegar a faca e me cortar para reverter o feitiço, só para ter um vislumbre da garota que eu tinha sido. Se eu seria capturada ou se eu tivesse que lutar para fugir, decidi que faria isso como Amy.

A lâmina veio com muita disposição. Ela cintilou no espelho.

Eu estava prestes a cortar a palma da minha mão quando ouvi alguma coisa atrás de mim. Primeiro, um farfalhar, depois, um gritinho. Girei e vi Star surgindo de uma fresta entre as tábuas e a parede, um espacinho minúsculo que eu nunca havia percebido.

– Star! – gritei. – Onde diabos você estava? De onde você saiu? – Eu estava tão feliz de vê-la que nem me importei de estar conversando com uma ratinha que não tinha como responder às minhas perguntas. Ela devia ter escapado de algum jeito. Esta é uma coisa que se pode dizer sobre os roedores: eles sabem como fazer uma fuga rápida. Eu só esperava que ela tivesse feito isso *antes* de eles vasculharem minha cômoda. De algum jeito, eu não achava que Dorothy ia aceitar de bom grado uma empregada hospedando uma ratinha no seu quarto.

Eu me ajoelhei para pegá-la, mas ela disparou para longe de mim.

– Star?

Eu me levantei de novo e a observei com atenção. Alguma coisa estava acontecendo – ela corria freneticamente em círculos, como se quisesse chamar a minha atenção.

– O que você está tentando me dizer? – perguntei.

Como se entendesse a minha pergunta, ela disparou até a porta e começou a arranhá-la.

Ela queria que eu a seguisse.

– Sério? Agora?

Era uma péssima ideia. Pior do que péssima. Colossalmente péssima. O Homem de Lata estava destruindo os quartos um por um, o palácio todo estava mergulhado no caos por causa da macaca desaparecida, e eu não tinha certeza se era suspeita ou não. Além do mais, Jellia já me dera cobertura uma vez hoje de manhã, e eu ainda não sabia muito bem o que *isso* significava. O curso de ação mais seguro, por enquanto, era manter a cabeça baixa e me preparar para fugir.

Ou para lutar.

– Star... – falei.

Ela deu um gritinho. Nunca tinha se comportado assim. Era uma diferença brutal dos seus dias letárgicos em Dusty Acres, normalmente dormindo na rodinha de exercícios.

Talvez houvesse algum fenômeno natural em Oz que tornasse os animais mais inteligentes. Quero dizer, os macacos falam, afinal.

Suspirei. *Dizem* que os ratos são extremamente inteligentes. Se ela queria que eu a seguisse, eu ia fazer isso.

Assim que abri a porta, Star saiu correndo sem hesitar. Corri atrás dela. Acho que, se alguém me pegasse, eu poderia dizer que estava tentando estrangular o rato a pedido de Dorothy.

Eu estava nervosa, ainda sem saber exatamente o que estava acontecendo. Mas Star não. Ela se movia com rapidez pela lateral do salão como se soubesse que deveria ser discreta – como se soubesse exatamente aonde ia, exatamente o que estava fazendo.

Depois de algumas viradas, passando por cômodos onde outras empregadas estavam ocupadas demais limpando diligentemente para nos perceber, Star parou de repente, bem diante de uma estátua de Dorothy em tamanho real. Eu provavelmente a espanei algumas vezes – havia outras como essa espalhadas por todo o palácio. Nesta, Dorothy olhava com esperança para o horizonte (a parede), enquanto segurava uma cesta de piquenique, com a cabeça de Totó escapando. Essa versão de Dorothy me lembrava daquela doce e inocente que eu conhecia, do modo como a maioria das pessoas no Kansas pensavam nela: doce e sorridente, com o cabelo preso em duas marias-chiquinhas. Uma pena ela ser fictícia. Olhei para a estátua. Olhei para Star. Ela estava se debatendo de expectativa.

– Tá bom – falei, mantendo a voz baixa. – E agora?

Star rolou e ficou de costas, depois voltou a ficar em pé e olhou para mim.

Eu não entendia linguagem de sinais de ratos, mas sabia que ela estava tentando me mostrar alguma coisa. Olhei para a estátua de novo. Pensei em todos aqueles filmes em que uma estátua disfarça uma porta escondida e quase ri, olhando para Star.

– É tipo quando eu me apoio na estátua e caio num alçapão? – Cutuquei o olho da Dorothy de pedra para dar ênfase, e nada aconteceu.

Em resposta, Star começou a correr em círculos, perseguindo o próprio rabo.

– Star, não tenho tempo pra isso – falei. – As coisas já estão ferradas... por que estou conversando com você? Você é uma ratinha.

Star parou de perseguir o rabo e olhou para mim, levantando uma das patas

dianteiras. Era como se ela quisesse apertar a minha mão.

Rolar de costas. Perseguir o rabo. Apertar a mão. Eram truques de cachorros.

Olhei de novo para a estátua. A pata da frente de Totó estava saindo da cesta. Olhei de volta para Star, em dúvida, e ela soltou um gritinho. Me sentindo um pouco idiota por fazer a vontade da minha ratinha de estimação, apertei a pata de Totó.

Ela se moveu sob a minha mão como uma alavanca. Alguma coisa dentro da estátua fez um clique, e uma onda quase imperceptível atravessou o mármore, como a tremulação de calor saindo de uma calçada no verão.

Star gritou e correu para a base da estátua, atravessando-a, quase como se a estátua fosse um holograma. Hesitante, estendi a mão e encostei no que, segundos atrás, era um mármore frio e sólido. Apesar de não parecer nem um pouco diferente a olho nu, agora minha mão a atravessava direto.

Olhei para o corredor nas duas direções. A barra ainda estava limpa.

Bom, eu tinha seguido Star até aqui.

Respirei fundo, lutando contra o instinto que dizia que eu estava prestes a dar de cara com uma pedra, e atravessei a estátua de Dorothy.

Cheguei numa escadaria de pedra iluminada por órbitas de energia brilhantes e cintilantes que enfileiravam as paredes antigas e rachadas. Olhei por sobre o ombro e, por um instante, consegui ver as costas da estátua de Dorothy, mas depois ela virou pedra sólida. Na minha frente, uma escadaria que só descia. Ótimo.

Ouvi Star tagarelando adiante e segui. O teto acima da escadaria era tão baixo e apertado que eu tive que baixar a cabeça para descê-la. *Provavelmente construída para Munchkins*, pensei.

Alcancei Star no pé da escada. O teto se abria lá embaixo, com as mesmas órbitas da escadaria iluminando uma câmara antiga com piso de terra. A poeira fazia cócegas nas minhas narinas. Parecia que ninguém descia ali havia muito tempo. Eu me perguntei se esse era como um dos túneis por onde Ollie e Maude desapareceram na noite passada.

– Onde foi que você me meteu? – murmurei para Star.

Seguimos o túnel, e os únicos sons eram meus passos suaves e as unhas de Star no chão. Olhei por sobre o ombro uma vez e observei minhas pegadas serem rapidamente

apagadas, como se uma força invisível estivesse dando um jeito de apagar todos os rastros da minha passagem. Comecei a andar bem mais rápido depois disso. Eu tinha a sensação constante de que alguma coisa poderia começar a me perseguir a qualquer momento.

Depois de apenas alguns minutos, o túnel terminou num beco sem saída abrupto. Olhei de novo para trás e não vi a escadaria de onde tínhamos vindo, apesar de não parecer que tínhamos ido tão longe. Em vez disso, o túnel se estendia até o infinito atrás de mim. Alguma coisa me disse que eu não tinha como voltar.

Uma escada fora construída na parede diante de mim. Era de madeira e bamba, e levava a um buraco estreito no teto. Eu a testei, sacudindo-a de um jeito hesitante para garantir que suportaria o meu peso.

Ela balançou, mas não cedeu. Assim, coloquei Star no bolso e comecei a subir, sem saber aonde ela ia me levar. Era apertado; assim como a escadaria, este túnel era basicamente do tamanho de Munchkins. Eu nunca tinha sentido claustrofobia, mas fiquei extremamente aliviada por ver um quadrado de luz acima de mim.

No topo da escada, estendi a mão e levantei uma porta quadrada. Eu a abri devagar, espiando lá fora, sem saber onde ia sair. Lá de cima, a poeira voou no meu rosto.

Era um alçapão construído no gramado, exatamente como o que Ollie usara na noite anterior. Só que este parecia levar a vários arbustos. Bom, pelo menos, ninguém me veria saindo da terra.

Engatinhei e usei as unhas para subir e sair através de folhas, espinhos e galhos. Quando finalmente consegui ficar em pé, olhei ao redor, tirei um monte de folhas do cabelo, espanei a sujeira e descobri que estava no jardim de esculturas do palácio, um lugar que eu tinha visto de longe, pela janela, mas ao qual nunca havia ido. Não era muito longe da estufa, e eu fiquei um pouco nervosa por estar nas proximidades do laboratório do Espantalho de novo tão cedo, mas não havia ninguém ao redor. A busca por Maude devia ter alcançado o outro lado do palácio – os Jardins da Realeza –, onde eles provavelmente já teriam encontrado suas asas mutiladas.

O jardim de esculturas sempre parecera verde e tranquilo de longe. De perto, não era nada disso. Topiarias gigantescas esculpidas nas formas dos indivíduos notáveis de Oz –

o Leão, o Homem de Lata e o Espantalho e Glinda, além de outros que eu não reconhecia –, se assomavam sobre mim, todos escuros e sombrios à luz da lua enquanto me encaravam de um jeito assustador.

Estátuas de pedra em tamanho real se misturavam a elas. Eram feitas de xisto quebradiço e escamoso; todas com olhos que pareciam estranhamente naturais, como se estivessem me observando xeretar por ali. Afastei o súbito desejo de invocar minha adaga.

As estátuas eram cuidadosamente arrumadas ao longo de um caminho de pedra em espiral que atravessava as sebes. Pareciam representar todas as raças e as criaturas de Oz – humanos, Munchkins, Quadlings – e também humanoides esquisitos, como um brutamontes sem braço com cabeça em formato de martelo e um grupo de pessoas do tamanho de duendes com chifres saindo da testa.

Conforme eu me movimentava apressada pelo caminho, Star se contorcia no meu bolso. Estendi a mão para pegá-la, mas ela se libertou da minha mão e pulou para o caminho de pedra. Ela disparou adiante: a perseguição ainda não havia acabado. Dessa vez, não questionei. Ela claramente tinha um destino em mente.

Assim, eu a segui enquanto ela corria, tentando não olhar para os rostos ameaçadores das estátuas me encarando até chegarmos à entrada do labirinto de sebes.

Ali eu parei de repente. Este era um lugar aonde eu *não* queria ir. Enquanto o jardim de esculturas sempre parecera um retiro tranquilo, visto do ponto de observação das janelas do palácio, o labirinto de sebes, por outro lado – mesmo de longe –, *sempre* me dera calafrios.

Não sei por quê. Talvez fosse apenas o modo como ele exalava magia; o modo como parecia mudar e se reorganizar todas as vezes que você desviava o olhar. Mesmo no escuro, as folhas das sebes tinham um tom de verde tecnicolor, tão saturado que a cor quase tingia a atmosfera.

Era o tipo de lugar onde você poderia se perder. O tipo de lugar onde você poderia entrar e nunca mais sair.

Infelizmente, Star não parecia compartilhar meu medo – ela já estava vários metros diante de mim e, se eu não me apressasse, estaria fora de visão antes que eu percebesse.

– Devagar! – sibilei atrás dela, mas Star não me ouviu. Respirei fundo e a segui para dentro do labirinto.

Assim que entrei, as paredes folhosas dos dois lados começaram a farfalhar, subitamente fazendo pequenas flores cor-de-rosa brotarem. A hera cresceu e se contorceu.

Com o coração martelando, olhei para trás. A abertura pela qual eu tinha acabado de passar não estava mais lá. Fora selada atrás de mim com uma nova planta.

– Droga – xinguei bem baixinho. Eu quase esperava que aquelas estátuas congeladas despertassem, mas não esperava que o *labirinto* fizesse isso.

Manter Star à vista de repente parecia mais importante do que nunca – não era mais só uma questão de não perdê-la. Era uma questão de não *me* perder. Ratos supostamente são naturalmente bons em labirintos, certo? Star parecia ter alguma consciência de para onde estava indo, mas eu sabia que, sozinha, ficaria presa para sempre.

Não fazia sentido olhar para trás, então nem me preocupei com isso.

Confiar numa ratinha para me guiar por um labirinto mágico resumia bem minhas últimas vinte e quatro horas. Eu me sentia descontrolada, isolada e sem saber para onde ia. Apesar disso, segui em frente. Às vezes, o caminho era estreito e claustrofóbico, as sebes tão altas que eu nem conseguia ver o topo. Depois eu fazia uma curva e saía numa larga avenida de paralelepípedos onde as paredes de topiaria eram tão baixas que eu seria capaz de pular por sobre elas com um impulso.

Fizemos uma curva e fomos parar num corredor comprido e coberto de hera, onde não parecia mais haver saídas. As sebes se estendiam numa fileira rígida, sem nenhum lugar para ir a não ser em frente. Infelizmente, parecia que o caminho seguia até o infinito, se estendendo a uma distância tão grande que eu não via seu fim. O labirinto parecia sólido, como um mundo fechado em si mesmo.

A imensidão me apavorou. Até Star diminuiu o ritmo e cheirou o ar, olhando ao redor como se estivesse tentando encontrar o caminho.

– Vamos lá, Star – apressei baixinho. – Não me deixe na mão agora.

A parede de sebes à minha esquerda era coberta por uma videira florida, parecida com madressilva, que pingava um néctar de cheiro adocicado. Sem realmente perceber o

que eu estava fazendo, estendi a mão para uma das flores para provar o néctar – o cheiro era tão doce e sedutor. Uma joaninha roxa pousou na flor bem diante dos meus dedos, e a flor se fechou, mastigando e soltando um jato. Dei um pulo para trás. As flores tinham dentes.

Comecei a ir em frente, querendo deixar alguma distância entre mim e as flores. Star caminhava devagar ao meu lado, sem guiar o caminho.

– Onde foi que você me meteu, Star?

Assim que eu falei isso, a cabeça dela se levantou de repente, e ela voltou para o caminho que estávamos seguindo. Star analisou uma das sebes por onde passamos. Parecia igual a todas as outras, mas Star, agora decidida, deu voltas e correu direto através dela. Quando ela fez isso, os ramos deslizaram para o lado, formando uma abertura tão larga quanto uma porta. Ofeguei, mais de alegria do que de surpresa – uma saída! Star atravessou-a correndo, e eu corri atrás dela.

Continuamos correndo, agora sem obedecer aos caminhos estabelecidos pelo labirinto. As paredes continuaram a deslizar para o lado quando nos jogávamos nelas, fechando atrás de nós assim que passávamos.

E aí, finalmente, chegamos ao centro do labirinto. Foi tão inesperado que eu quase tropecei nos meus pés ao parar. Era uma área circular grande, pavimentada com lajotas irregulares. Flores selvagens brotavam por toda parte, a luz da lua incidindo com brilho sobre a superfície delas.

No centro exato da praça havia uma fonte de pedra que parecia mais velha que o tempo. Sua água subia ao céu em espirais e não fazia menção de descer.

Sentado na borda da fonte estava Pete.

Como sempre, ele me encontrara quando eu menos esperava. Assim como a Ordem, Pete era apenas mais um dos meus supostos aliados com quem eu não podia contar.

– Você – foi tudo que consegui dizer, ainda recuperando o fôlego.

– Oi – disse ele de um jeito casual. Ele claramente estava *me* esperando. Sentado ali como se não houvesse nada esquisito em nos encontrarmos na escuridão da manhã para uma diversão no nefasto labirinto de sebes.

Na verdade, do jeito que a meia-lua brilhava no seu cabelo escuro, as cores ao nosso

redor supercarregadas, Pete quase parecia bonito. Sua aparência era melhor do que a usual – como a tradução de um artista para seu eu ideal. Ele parecia totalmente à vontade, como se pertencesse ao lugar.

– Você me trouxe aqui – falei, desconfiada. – Você fez Star me buscar.

– Sim – disse ele. Pete se levantou da fonte, mas não se aproximou.

– Como?

– Star pode não ser capaz de falar, mas não é difícil se comunicar com ela se você souber o truque – respondeu ele.

Mais meias-respostas. Isso já tinha passado muito da data de validade.

– E o labirinto? Como foi que você fez tudo aquilo? Você o controla?

Ele riu.

– Ninguém controla o labirinto. Muito menos eu. É uma coisa viva: como você, eu ou Star. Se você for gentil com ele, ele se lembra. Se ele for seu amigo, vai te ajudar. – Ele sorriu e apontou para tudo ao nosso redor. – Essas sebes e eu temos muitas histórias – comentou. – Por isso, pedi ajuda a elas.

O que ele estava dizendo? Que tinha treinado este lugar?

Dei um passo em direção a ele.

Quem é você?, eu queria perguntar. *O que você quer de mim?*

Eu queria perguntar essas coisas. Mas já tinha perguntado antes. Sabia que ele não ia me dar uma resposta direta. E se Pete, de alguma forma, me respondesse agora, eu não tinha certeza se ia gostar.

– Se você queria falar comigo, por que não foi até o meu quarto, como antes? Por que isso tudo? – perguntei.

– As coisas estão prestes a ficar de pernas pro ar por aqui, Amy – disse ele. – Não é seguro para mim ir ao palácio.

Eu queria rir.

– E é seguro *aqui*? Detesto dizer isso, mas as flores têm dentes.

Pete riu.

– Tá bom, é verdade – disse ele. – Mas, se você conseguir chegar até o centro, estará no lugar mais seguro de toda a Cidade das Esmeraldas. Talvez de toda Oz. Dorothy tem

medo de entrar aqui. Até *Glinda* tem medo. Elas deveriam mesmo; o labirinto é mais poderoso do que elas. Mais poderoso do que Mombi, pra falar a verdade.

Ele ergueu uma sobrancelha de um jeito misterioso.

– Você conhece Mombi – falei. *Claro* que ele conhecia. Eu devia saber.

– Conheço – comentou ele. – Mombi e eu também temos muitas histórias.

– Então *você* é meu espião. A pessoa que está de olho em mim para a Ordem. Foi você que falou para ela me resgatar no início?

Pete balançou a cabeça enfaticamente.

– Não trabalho com a Ordem. Só porque conheço Mombi não significa que eu gosto dela.

– Como você a conhece, então? Espere, não importa. Não sei por que eu achei que você ia responder, já que não respondeu a nenhuma das minhas outras perguntas.

A expressão de Pete ficou sombria.

– Ela pode dizer que está trabalhando pelo bem de Oz, mas Mombi não faz nada pelo bem de ninguém além de si mesma. Pode acreditar.

Revirei os olhos e fui até a borda da fonte.

– Pete – falei. – Por que eu deveria acreditar em *qualquer coisa* vinda de você?

– Acho que não deveria – respondeu ele. Não consegui decidir se ele estava tentando pedir desculpas.

– Então, o que você quer de mim? Por que me trouxe aqui?

– Eu queria que você soubesse como encontrar o centro – disse ele. – Queria que entendesse este lugar. Queria te apresentar, acho. Pode ser útil pra você um dia.

– Me apresentar.

– É.

– Você queria me apresentar pra *um bando de sebes mágicas*. – Eu estava revoltada com o modo evasivo de Pete, mas a parte lógica de mim sabia que este era um lugar valioso para conhecer. Com as coisas esquentando no palácio, o Homem de Lata xeretando e a magia que usei na noite passada, eu podia precisar de um lugar com plantas carnívoras para me esconder.

Pete simplesmente deu de ombros. Ele tentou pegar a minha mão, mas eu a puxei.

– E queria me despedir – disse ele. – Tenho que deixar o palácio. Não pude fazer isso antes. Mas Dorothy está fraca, agora. Ela está sendo atingida por muitos lados. Acho que ela nem percebe. Tenho que ir embora enquanto posso.

Senti isso como um soco no estômago. Por mais misterioso e excêntrico que fosse, pelo menos Pete costumava *tentar* ser útil. Mas agora – exatamente como a Ordem – ele estava me deixando para trás. E eu ainda não tinha respostas. Era uma coincidência ele estar simplesmente de passagem quando meu trailer caiu do céu, e estar sempre aparecendo e desaparecendo?

Eu me afastei dele. Pete era mais do que parecia. Isso estava claro.

– Quem é você? – perguntei.

– Eu tinha começado a pensar que não havia esperança para Oz – disse ele, mais uma vez sem responder à pergunta. – As coisas simplesmente estavam péssimas. No dia em que te conheci, eu estava andando por aí, vendo todos os estragos. Pensando que não tinha jeito de as coisas um dia melhorarem. Que não devíamos nem nos preocupar em tentar. E aí você caiu do céu. Você me lembrou que ainda havia o Bem aqui. Mesmo que fosse apenas a promessa do Bem.

Ótimo. Lá estava essa palavra de novo. Em casa, eu sempre pensava em mim mesma como uma pessoa boa. Talvez uma pessoa boa com algum temperamento, mas, mesmo assim, *boa*. Aqui, em Oz, as coisas ficaram mais complicadas – palavras como *Boa* e *Malvada* tinham perdido seu significado. O que importava era o certo e o errado.

Pelo menos, era isso que eu pensava. Mas Pete achava que eu era *Boa,* e o modo como ele disse isso me fez pensar se ainda importava, no fim das contas.

– Foi egoísta eu ter me aproximado tanto de você – continuou ele. – Mas não foi *só* egoísmo. Eu queria que você sentisse que não estava sozinha, pra você poder ser a força do bem que Oz precisa.

Suas palavras me deixaram instável.

– Não sei o que isso significa – falei. – Eu mal sei qualquer coisa sobre você. Você nem é jardineiro, é?

– Eu gostaria de poder dizer tudo, Amy. Gostaria de poder levar você comigo. Mas não posso. Todos nós temos segredos. – Ele me olhou de um jeito incisivo, e eu me

lembrei de que ainda estava usando o rosto de Astrid. – E agora você está comprometida com Mombi. Não posso quebrar isso. Mesmo que eu quisesse.

Ele também sabia disso. O que mais ele sabia sobre mim?

Virei as costas para ele e passei os dedos na água da fonte. Eu meio que esperava sentir alguma coisa quando encostasse nela – que ela fosse mágica, carregada de algum jeito. Mas era só água.

Então, Pete se levantou.

– Espera... – falei. E me levantei também. – Por favor. – Eu tinha tanto a perguntar a ele. Mesmo que ele não fosse me dar as respostas.

Mas passava os dedos no cabelo, olhando para outro lado. Ele também gostaria de dizer mais, dava para perceber.

– Não confie em ninguém. Não confie nem em mim. Confie em si mesma – disse ele. – Você vai saber o que fazer. Fique em segurança, Amy.

Antes que eu pudesse responder, ele correu e saltou, mergulhando de cabeça na fonte. A água tinha apenas uns trinta centímetros de profundidade, mas o engoliu com facilidade. Corri e me inclinei por sobre a fonte, mas tudo que vi foi uma água clara tremulando sobre o fundo de mosaico. Estava vazia. Ele tinha ido embora. Suspirei de frustração.

– Parece que somos só você e eu – falei para Star.

Pensei em segui-lo – em pular direto na fonte atrás dele. Mas, de alguma forma, eu sabia que a porta que Pete tinha atravessado estava fechada.

Com toda a magia em Oz, com toda a magia que as bruxas tinham me ensinado, havia um truque que eu ainda não dominara: como fazer as pessoas ficarem.

TRINTA E OITO

O labirinto de sebes praticamente me mostrou o caminho de saída, abrindo suas paredes para mim. Conforme eu passava, as flores que mordiam faziam barulhinhos de beijo. Isso não me animou muito.

Devolvi Star para o meu quarto, escondendo-a de novo na gaveta e usando um pouco do recheio do meu colchão rasgado para fazer uma cama para ela. Imaginei que os Soldados de Lata não se preocupariam em vasculhar meu quarto duas vezes. Depois disso, me juntei de novo às outras empregadas, esfregando e tirando pó pelo resto da tarde. Ninguém pareceu ter sentido minha falta, apesar de eu não ver Jellia em lugar nenhum.

Perto da hora do jantar, o sol voltou. Dorothy devia ter acordado.

O staff de empregadas só havia comido metade das refeições quando todas as nossas campainhas começaram a tocar ao mesmo tempo. Alguma coisa estava errada e, enquanto eles nos levavam até o salão do trono, não foi difícil adivinhar o quê.

Não eram só as empregadas. Os corredores estavam lotados de pessoas, todas indo na mesma direção: guardas, jardineiros, entregadores, cozinheiros, todo mundo. Vi até o chapéu do Mágico passando pela procissão.

– Eles sabem quem foi – sussurrou alguém atrás de mim. – Eles descobriram o traidor que ajudou a macaca a fugir.

Apesar de eu mal ter tido tempo de tocar o meu jantar, me senti enjoada. Se eles sabiam quem era, sabiam que *eu* era. Eu sabia como Dorothy gostava de trabalhar: ela estava ansiosa para me chamar na multidão diante de todo mundo, me fazendo implorar e me humilhar enquanto ela me torturava com meu próprio medo.

Pensei em fugir. Eu podia me teletransportar para o labirinto de sebes e me esconder lá. Eu podia escapar antes que os Soldados de Lata tivessem a oportunidade de me pegar.

Ou eu podia invocar minha faca e lutar.

Eu sabia de uma coisa com certeza: eu não ia voltar para uma daquelas celas minúsculas nas masmorras. E sem dúvida não ia para o laboratório do Espantalho para receber um Ajuste de Atitude.

Antes que eu conseguisse tomar uma decisão, Sindra se infiltrou ao meu lado.

– Mal posso esperar para as coisas voltarem ao normal – disse ela. – Sabe, encontrei um parafuso de metal na minha cama. Os Soldados de Lata devem ter vasculhado o quarto. E se *eu* for a traidora? Quero dizer, eu *levei* alguns daqueles fardos de palha.

Balancei a cabeça.

– Você não fez nada errado – respondi e acelerei o passo para ir na frente dela.

Quando entramos no salão do trono, meus olhos pousaram no Mágico. Ele observava a multidão com um sorrisinho inescrutável. Estava parado no meio da multidão, mas separado, também, como se estivesse cercado por uma bolha invisível. Sério, era como se as pessoas tivessem um pouco de medo dele. Elas não queriam ficar muito perto. Fiquei surpresa por ele estar aqui embaixo com todos nós, serviçais comuns.

O staff se movimentava de um lado para o outro, algumas das empregadas aproveitando a oportunidade para flertar com os guardas, mas tudo parou quando o Espantalho e o Homem de Lata entraram. A multidão se calou enquanto os dois assumiam seus lugares ao lado dos dois tronos vazios.

A multidão arfou e bateu palmas quando Dorothy entrou elegantemente no salão. Era a primeira vez que eu a via desde o incidente nos seus aposentos alguns dias antes, e percebi, com repulsa, que todo o sono de beleza parecia estar funcionando: sua pele estava perfeita como a de uma boneca, sem uma única mancha à vista. Os saltos afiados de seus sapatos mágicos – para os quais evitei incisivamente olhar – faiscavam no mármore a cada passo dela. O cabelo de Dorothy quicava nos ombros, ainda mais brilhante e perfeito do que nunca. Ela usava um vestido de couro com aquele conhecido padrão azul e branco que envolvia suas curvas de garota da fazenda antes de formar uma cauda na parte de baixo.

Dorothy sentou em seu trono, cruzou delicadamente as pernas e olhou para todos nós com uma expressão ao mesmo tempo arrogante e assassina. Ao lado dela, o segundo trono – normalmente reservado para Ozma – ficou vazio. Imaginei que a princesa *de*

verdade não era importante o suficiente para ser convidada para ocasiões como essa.

O Homem de Lata bateu com a ponta do seu machado no chão.

– Atenção! – gritou ele, como se todos na multidão já não estivessem encarando o trono.

Devagar, um sorriso de mil watts se espalhou pelo rosto de Dorothy, tão falso quanto o de uma piranha. Ela pigarreou, e sua voz começou a ecoar pelo salão.

– Minha tia Em costumava dizer que não há como ser generosa demais – disse ela. – Minha querida tia Em nunca foi uma princesa, é claro, mas eu ainda tento viver de acordo com seus conselhos. Gosto de pensar que trato todos vocês não só como súditos, mas como amigos.

Ela fez uma pausa, e a multidão reagiu com palmas e gritos, nem tudo completamente forçado. Eu tinha que dizer que essa não era a Dorothy que eu esperava. Ela podia ser uma vaca total em particular, mas certamente sabia conduzir uma multidão.

– E como retribuem minha generosidade? – continuou Dorothy, com a mão elegantemente pousada sobre o decote, o tom subitamente magoado. – Com traição. Traição a mim, traição a Oz, traição a todos *vocês*.

Um resmungo raivoso começou a se espalhar pelo salão. Eles realmente estavam *acreditando* nessa mentira.

Eu praticamente sentia os olhos dela atravessando a multidão e entrando no meu crânio. Sabia que, a qualquer segundo, ela despacharia os Soldados de Lata para empurrar o público e me arrastar até o trono para ser punida diante de todo mundo. Meus punhos se fecharam. Eu estava com medo, sim, mas também sentia a raiva começando a aumentar. Eu precisava estar preparada para invocar minha adaga e garantir que a benevolente governante de Oz morresse primeiro.

– Teremos nossa justiça! – gritou Dorothy. – A verdade sempre se revela.

Gritos de comemoração de novo. Eles não conseguiam decidir: estavam felizes ou com raiva? Será que realmente batiam palmas pela queda de um traidor? Ou porque não eram eles que seriam punidos hoje?

– Leão Corajoso – disse Dorothy através dos dentes trincados –, me traga o traidor.

O Leão saiu a passos largos da porta atrás do trono. Um murmúrio atravessou a

multidão. A figura feroz do Leão sempre era intimidadora, mas o nervosismo que varreu o salão também se devia, em parte, à prisioneira que ele arrastava atrás de si.

Jellia Jamb, a empregada chefe e criada pessoal de maior confiança de Dorothy, com as mãos amarradas nas costas.

Surpresa, me inclinei para a frente, batendo o ombro em um dos guardas. Ele olhou furioso para mim, mas eu mal percebi. Eu não conseguia afastar os olhos de Jellia. Isso não estava certo. De jeito nenhum.

O Leão a segurava com uma das patas enfiadas no seu braço através das mangas bufantes do uniforme. O cabelo dela estava desgrenhado, o rosto pálido e trêmulo. O PermaSorriso tinha sido arrancado do seu rosto. Seu uniforme estava todo rasgado.

Minha mente disparou. Será que era uma armadilha? Será que Jellia me denunciaria? Ou ela assumiria a culpa?

As chaves. Ah, não. Eu tinha roubado suas chaves, eles descobriram e agora ela havia levado a culpa.

Minha culpa. Isso era minha culpa.

– Venha para a frente – exigiu Dorothy, curvando um dedo para Jellia.

O Leão a soltou, e Jellia deu um passo à frente, se endireitando depressa ao tropeçar por um instante.

Dorothy olhou para ela de cima a baixo, soltando um muxoxo. Depois, se levantou e ajeitou as lapelas do colarinho de Jellia.

– Pronto – disse Dorothy, quase intimamente, quase como se estivesse falando apenas com Jellia. Se eu não soubesse de tudo, acharia que havia alguma ternura na cena.

Prendi a respiração. O que ela faria com Jellia? E, mais importante, o que eu ia fazer em relação a isso? Eu não podia simplesmente ficar parada ali enquanto outra pessoa levava a culpa pelos meus crimes contra Dorothy.

– Jellia – disse Dorothy, sentando de novo no trono e cruzando as pernas casualmente. – Você é acusada de libertar a macaca, Maude, das instalações médicas particulares do Espantalho, onde ela estava sendo mantida para seu próprio bem. Como você se declara?

O queixo de Jellia tremeu quando ela abriu a boca para falar.

– Culpada, Vossa Alteza – respondeu ela.

O salão arfou, mas ninguém fez isso tão alto quanto eu. Jellia não tinha feito aquilo – por que ela estava confessando o crime?

– Além disso – continuou Dorothy –, descobrimos várias evidências no seu quarto que sugerem que você mantém contato regular com um bando desordenado de insatisfeitos e usurpadores que usam magia e operam perto do Condado dos Gillikins.

A Ordem. Ela estava falando da Ordem.

Jellia era minha espiã. Como eu pude não perceber isso? Ela me levou para perto de Dorothy. Me deixou verificar meu quarto hoje de manhã. Que inferno, ela provavelmente me deixou roubar suas chaves. Lágrimas se acumularam nos meus olhos – lágrimas de gratidão atrasada, frustração, futilidade. Lutei contra elas.

Jellia não respondeu à acusação de Dorothy.

O Leão se agitou e bateu com as patas no chão, impaciente. Ele rosnou, mostrando os dentes, e Jellia se encolheu para longe dele. Dorothy acariciou as costas do Leão.

– Então? – perguntou ela a Jellia. – O que você me diz disso?

Jellia olhou para o salão. Tentei captar seu olhar, mas era quase como se ela se recusasse a olhar para mim. Ela levantou o queixo.

– Essa acusação é verdadeira – afirmou, com os olhos em chamas. – Sou membro da Ordem Revolucionária dos Mal...

Dorothy se jogou para a frente e estapeou Jellia antes que ela pudesse terminar. Pelo menos nos meus ouvidos, o tapa ecoou como uma trovoada. O salão, que tinha começado a murmurar durante a segunda confissão de Jellia, ficou completamente em silêncio.

Para surpresa até mesmo de Dorothy, Jellia não pareceu intimidada. Em vez disso, levantou a cabeça ainda mais, olhando para a multidão de novo. Era como se ela estivesse se livrando da criatura dócil, servil e usuária de PermaSorriso que todos conhecíamos. Sua coluna se empertigou e seus ombros se ergueram, como se sua persona falsa fosse um peso que ela carregava. A mulher que me puniu por não engomar as pregas da minha saia, a mulher que carregara um rato morto durante dias por ordem de Dorothy havia desaparecido. De repente, ela parecia uma guerreira.

Eu devia ter percebido. Devia ter agradecido a ela por ter limpado do meu rosto o que deveria ser sangue. Por me proteger.

Dorothy se afastou de Jellia, como se escaldada pela sua impertinência descarada. Ela se recompôs e gritou, esforçando-se para ser ouvida acima da multidão cada vez mais barulhenta.

– Traição! Insolência! Magia não autorizada! – Dorothy gritava as acusações. – Eu te condeno a...!

As cordas que prendiam as mãos de Jellia queimaram com um sopro de fumaça. A multidão arfou quando Jellia interrompeu a princesa, sua voz ainda mais alta.

– Povo de Oz! – berrou ela. – A tirania de Dorothy já durou tempo suficiente! É hora de nos rebelarmos! É hora de recuperarmos a magia que é nossa por direito! Meus conterrâneos Ozianos, em épocas como esta, os Malvados se erguerão!

Ninguém sabia o que fazer – a ideia de um decreto real ser interrompido era tão absurda que até Dorothy havia congelado, e seu rosto ficara muito vermelho. Ouvi algumas vaias na multidão, mas uma parte maior ficou em silêncio, alguns se inclinando atentamente para a frente, sussurrando entre si. Outros se dirigiam devagar para as saídas, sem querer se envolver no que viria a seguir.

Olhei para onde o Mágico estava e vi que ele tinha ido embora. Mas para onde?

Dorothy bateu os pés envolvidos em rubis, mais como uma criança pirracenta do que uma princesa real.

– Pare com isso! Eu confiei em você!

Jellia virou para ela e, ao fazer isso, Dorothy lhe apontou um dedo irado. O dedo começou a brilhar.

A faca apareceu de repente na minha mão, quase sem eu perceber, mas ninguém reparou – a atenção de todos estava grudada em Jellia e Dorothy.

Um raio crepitante de eletricidade disparou do dedo de Dorothy na direção da sua antiga empregada. Jellia levantou a mão como se dissesse *Pare*, e o raio quicou nela, voltando na direção de Dorothy. A tirana arfou, mas o Homem de Lata se jogou na frente dela bem a tempo de absorver o feitiço, com faíscas pulando no seu corpo de metal.

– Matem-na! – gritou Dorothy.

A mão estendida de Jellia começou a brilhar. Mas, antes que o feitiço que ela invocava pudesse se formar totalmente, o Leão pulou e enterrou os dentes no ombro de Jellia. Ela gritou enquanto o Leão a rasgava, sacudindo-a para um lado e para o outro até o braço dela sair totalmente, com um barulho nojento. Os que estavam mais perto do trono, inclusive Dorothy, foram salpicados com o sangue de Jellia.

Agora as pessoas gritavam, correndo para as saídas. Outros ficaram, com medo demais até de fugir sem a dispensa oficial de Dorothy. Fiquei parada, congelada, no meio do caos.

O Leão jogou a cabeça para trás – por um instante, a mão de Jellia ficou visível entre seus dentes, depois desapareceu na garganta dele.

– Fiquem e olhem! – berrou o Leão para a multidão. – Vejam o que acontece quando alguém levanta a mão contra a princesa!

Livre da mandíbula do Leão, Jellia desabou no chão. Seu rosto estava mortalmente pálido, mas seus olhos finalmente encontraram os meus, e os dela estavam serenos e firmes. Senti minha faca se carregar com energia mágica. Não sabia se era eu ou a faca fazendo isso – não importava. Eu não podia deixá-la sofrer pelo que eu fiz.

Dei um passo à frente, mas alguém me agarrou pelo ombro.

– Não – sussurrou uma voz no meu ouvido. Inspirei. – Ela sabia os riscos. Sabe o que está fazendo. Ela estava disposta a se sacrificar por você. Não desperdice isso.

Não virei. Não precisava. Eu conhecia aquela voz. Era Nox.

O Leão assomou sobre Jellia com uma pata gigantesca pronta para rasgar sua garganta. O Espantalho deu um passo à frente de repente, se colocando entre o Leão e Jellia, sua boca costurada retorcida num sorriso suave.

– Quero ela viva – disse ele. – Posso criar uma punição mais adequada do que essa barbárie.

O Leão rugiu, sem baixar as patas. Ele olhou de relance para Dorothy.

Ela estava em pé olhando para Jellia no chão, sua expressão fria em contraste absoluto com o brilho atômico que emanava de seus sapatos vermelhos. A multidão ficou em silêncio de novo, coletivamente dando passos pequenos para trás, como se se preparasse

para sua ira. Aos seus pés, o Homem de Lata conseguira ficar de joelhos, ainda sofrendo por causa do feitiço de Jellia. Ele segurou a bainha do vestido de Dorothy e tentou limpar com o dedão uma gota de sangue. Dorothy deu um tapa na mão dele.

– Espantalho, leve ela daqui – ordenou Dorothy baixinho.

Enquanto o Leão e o Espantalho forçavam Jellia a se levantar, Dorothy transferiu seu olhar para a multidão. Seu rosto estava salpicado com o sangue da empregada.

– Que isso sirva de lição para todos vocês – disse ela baixinho, mas sua voz se espalhou por todo o salão do trono. – É nisso que vai dar a revolução de vocês. Na Oz de Dorothy, não há espaço para os Malvados.

TRINTA E NOVE

– Nox? – sussurrei com urgência, arrastada pela multidão que deixava o salão do trono. Eu não sabia ao certo onde ele estava, nem quem ele era. Tinha certeza de que ele devia estar usando o rosto de outra pessoa, como eu. Eu não queria perdê-lo; não agora.

Um cara na minha frente com chapéu pontudo de sininhos na borda – parte de uma trupe de malabaristas, acho – olhou para mim por sobre o ombro. Seu cabelo era louro, a pele era pálida e eu não reconheci o rosto.

– Agora não – disse ele. A voz era toda de Nox. Por sorte, todos estavam falando tão alto que não conseguiram nos escutar. – Vá para o seu quarto – ordenou ele. – Vou para lá assim que puder.

Ele abriu caminho pelo mar de pessoas e sumiu.

Nox devia saber de tudo. Que eu tinha arriscado a missão para libertar Maude e que Jellia fora obrigada a se sacrificar por minha causa. Foi isso que ele quis dizer quando sussurrou para mim, eu tinha certeza. Eu era responsável pelo terrível destino de Jellia, mas como poderia *não* ter tentado libertar Maude? Era a coisa certa a fazer. Pelo menos parecia naquele momento. Agora, era como se eu simplesmente tivesse trocado Maude por Jellia. O laboratório do Espantalho não ficaria vazio por muito tempo. Senti enjoo.

De volta ao meu quarto, sentei na cama, tão confusa e nervosa que era difícil até mesmo me mexer. Peguei Star e a segurei, tentando me acalmar. Não funcionou. Encarei a porta, esperando ela abrir.

Em vez disso, depois do que pareceu uma hora, mas provavelmente devem ter sido uns quinze minutos, a imagem de Nox surgiu no espelho, e ele entrou no meu quarto.

Ainda estava disfarçado, ainda estava com o cabelo amarelo e o rosto redondo que não se parecia em nada com o dele. Mas era ele.

– Desculpe – disse ele. – Detesto invadir.

Eu queria envolvê-lo nos meus braços. Queria beijá-lo. Queria contar tudo a ele.

Sobre como a última semana tinha sido difícil, como eu estava sozinha e confusa sem ele.

– Amy – disse ele, praticamente antes de se materializar totalmente. – Você nos colocou numa posição terrível.

Ele olhou para mim e seu disfarce desapareceu, e o Nox que eu conhecia – sombrio, anguloso e forte – estava diante de mim. Seus olhos ardiam de raiva.

– Jellia vai morrer por causa do seu risco inútil. Ela tem sido uma agente fiel da Ordem quase desde o começo, e agora nós a perdemos. Por sua causa.

– Eu não... – comecei a me defender, mas não sabia como terminar a frase. Desviei o rosto do dele. – Eu tinha que fazer isso – falei. – Não podia deixar o Espantalho fazer aquilo com a pobre macaca. E o Mágico me disse...

– O *Mágico*? – perguntou Nox, incrédulo. – Por que você daria ouvidos a alguma coisa que o Mágico dissesse?

– Ele estava tentando me passar uma mensagem – falei. – Tentando me dizer que Maude era importante. Que o Espantalho estava usando-a para criar alguma coisa. Que tínhamos que impedi-lo.

Nox me encarou como se eu fosse a pessoa mais burra do mundo.

– O Mágico é um manipulador, Amy – retrucou ele. – É isso que ele faz. É assim que ele sobrevive. Você não pode acreditar numa palavra do que ele diz.

– Não posso acreditar numa palavra do que *nenhum* de vocês diz – soltei, meu temperamento fervendo. – Talvez, se você tivesse me falado que Jellia era minha espiã, se eu *soubesse*...

– Você não precisava saber – respondeu ele. – Não era parte do plano...

– Que porcaria de *plano*? – praticamente gritei. Esses dias de frustração, de viver no escuro, estavam começando a ferver no meu sangue. – Você não me disse o que eu devia fazer. Você não me deu nada pra continuar.

Nox balançou a cabeça.

– Quando é que você vai aprender? Algumas coisas são maiores do que você, Amy.

Eu não queria ouvir nada daquela bobagem de missão-acima-de-tudo. Então eu o empurrei. Nox tropeçou, surpreso.

– Você simplesmente me deixou aqui – gritei, cutucando seu peito com o dedo. – Eu

não sabia se ia voltar a ter notícias de algum de vocês um dia.

Nox pegou meus punhos, me impedindo antes que eu pudesse empurrá-lo de novo.

– Você acha que eu *gostei* de deixar você aqui? De não poder falar com você nem ver você, sem saber se estava bem ou não? Eu fiz isso porque tinha que fazer, não porque queria.

– Sou só uma peça de xadrez pra vocês moverem – sibilei, me afastando do seu aperto.

Por um instante, pensei ter visto uma expressão de sofrimento genuíno atravessar o rosto de Nox. Mas depois ele se recompôs, e sua voz ficou fria.

– E agora você estragou tudo – disse ele baixinho. – Tínhamos um plano, e Jellia fazia parte dele. Agora ela se foi, e cada segundo que eu passo aqui coloca em risco tudo pelo que trabalhamos.

– Você quer que eu me sinta pior? – perguntei. – É isso?

– Achei que podia confiar em você – disse Nox. – Achei que você entendia o que estávamos tentando realizar.

Com isso, tive que desviar o olhar. Eu estava furiosa com ele por ter me colocado nessa posição, mas a decisão de libertar Maude foi minha, e isso significava, no fim, que o que aconteceu com Jellia era minha culpa.

– Sinto muito – falei. – Eu não queria que Jellia se machucasse.

– Sentir muito não muda nada – disse Nox com um suspiro. – Só serve para desperdiçar energia. E você vai precisar de cada pedacinho de força para o que está por vir.

Olhei para ele.

– Você vai me dizer o que é, desta vez? Ou vai me surpreender de novo?

– O baile – respondeu ele, ignorando meu comentário. – É lá que vamos atacar.

Claro. O baile de gala que Dorothy planejava havia meses aconteceria hoje à noite. Se ao menos as coisas pudessem ter esperado mais um dia, não estaríamos nessa situação. *Jellia* não estaria nessa situação.

– Eu contaria o resto do plano, mas, neste ponto, mal *existe* um plano – continuou ele. – Sem Jellia, vamos ter que mudar algumas coisas. Jellia escalaria você como

garçonete oficial de Dorothy...

– Garçonete? Sério?

– Dorothy é conhecida por... – Nox hesitou. – Beber. Um bocado.

– Ela é alcoólatra – falei, quase rindo, pensando na minha mãe bêbada jogada no sofá e em quantas vezes eu tinha sido sua garçonete particular. – Eu teria sido perfeita nisso.

– Não podemos controlar a nova empregada chefe, quem quer que seja, então não sabemos se você vai estar na proximidade, nem se você sequer vai trabalhar no baile.

– Eu dou um jeito – falei para ele. – Vou estar sozinha de novo?

– Não – respondeu Nox. – Também vou estar lá, mas você pode não me reconhecer. E o resto da Ordem e seus aliados estarão por perto. Enquanto Dorothy e Glinda estiverem distraídas pela festa, eles vão trabalhar para instalar proteções mágicas pelo palácio, para neutralizar temporariamente o uso de magia. Dorothy não vai poder usar seus sapatos; Glinda não vai poder usar seus feitiços.

– E eu? – perguntei. – Isso significa que eu também não vou poder usar magia.

– Você vai poder usar sua faca – disse Nox. – Mas não será mágica. Será apenas uma faca comum.

– Então eu espero a magia toda desaparecer... e aí?

Nox olhou para mim como se estivesse surpreso de eu estar perguntando.

– Aí você a mata – disse ele.

Pensei por um instante.

– Esse é o seu grande plano? Esfaqueá-la numa festa?

– Sim – respondeu Nox.

– E você não podia ter me contado isso desde o início?

– Precisávamos ter certeza em relação a você – respondeu Nox. – Jellia deveria confirmar se você estava pronta, mas...

Pensei em Jellia, sangrando, com um braço arrancado aos pés de Dorothy.

– Ah, eu estou pronta.

– Neutralizar tanta magia não é fácil – continuou ele. – O palácio é bem protegido. Conseguir colocar um agente aqui *dentro* é mais difícil do que você imagina. Para colocar as proteções, vamos precisar de bruxas estrategicamente posicionadas por todo o

território. Elas só vão ter uma chance de agir e podem não conseguir segurar tudo por muito tempo. Sem Jellia, vai ser muito mais difícil. Mas estarei aqui e, onde quer que você esteja, vou estar bem atrás de você.

Analisei Nox: seu rosto estava sério, mas as palavras me confortaram. Eu não conseguia entendê-lo. Será que ele estava me usando, ou ele realmente se preocupava comigo? Que inferno, eu não conseguia nem me entender. Eu queria beijá-lo ou dar um soco na cara dele?

– Ótimo – respondi, esperando ser tão inescrutável quanto Nox.

Ele olhou para mim com seriedade. A raiva no seu rosto tinha desaparecido agora, substituída pela preocupação.

– Não vou deixar que nada aconteça com você, Amy – disse ele. – Tudo que fizemos é para este momento. Para você. Não nos decepcione.

E aí ele entrou no meu espelho e desapareceu de novo. Não tive a chance de perguntar como eu poderia decepcioná-los se tudo que eles fizeram era para mim. Não importava. O resultado final era o mesmo. Eu ia sair desse corpo esquisito e desse palácio horroroso. De um jeito ou de outro.

E, primeiro, eu mataria Dorothy.

QUARENTA

Dorothy logo nomeou Sindra como a nova empregada chefe.

Sindra tentou ser humilde em relação a isso em nome da memória de Jellia, mas não conseguiu disfarçar a empolgação. Ela assumiu o papel com facilidade, escorregando para a recém-descoberta autoridade como se tivesse sido feita sob medida para ela.

Ela nos fez tirar no palitinho quem limparia o sangue de Jellia do salão do trono.

– Eu faço – ofereci, antes que o processo começasse. As outras empregadas pareceram gratas, inclusive Sindra.

Era culpa minha o sangue dela ter sido derramado. O mínimo que eu podia fazer era limpá-lo.

Eu fiquei preocupada em manter a cabeça baixa depois da prisão de Jellia, mas não havia com o que me preocupar. Nas vinte e quatro horas antes do baile de gala de Dorothy, trabalhamos tanto que não houve tempo para eu fazer nada suspeito.

De qualquer maneira, com o mistério da macaca desaparecida supostamente resolvido, ninguém no palácio parecia muito desconfiado. Dorothy era egoísta demais para perceber que Jellia era apenas a ponta do iceberg. Não me permiti pensar no que poderia estar acontecendo com ela no laboratório do Espantalho. Ela só precisava segurar as pontas por um tempinho. Depois que Dorothy estivesse morta, a primeira coisa que eu planejava fazer era libertar Jellia.

Assim, eu e as outras empregadas esfregamos, limpamos e tiramos pó de todas as superfícies possíveis. Revisamos as listas de cada convidado que ia comparecer e suas exigências estranhas e idiotas. O Prefeito do Condado dos Gillikins só podia ter lençóis roxos; o Homem Desgrenhado queria uma despensa com apenas feijão cozido e um armário repleto dos trapos sujos mais elegantes. Não me preocupei em perguntar quem era o Homem Desgrenhado.

Naquela noite, caí no sono assim que minha cabeça bateu no travesseiro. Eu tinha

passado o dia trabalhando tanto que nem tive chance de deixar minha mente pensar no que estava por vir.

No meu sonho, escovei os paralelepípedos do salão do trono, limpando o sangue de Jellia. Foi exatamente assim que passei a tarde, só que, quando terminei, não fui preparar os quartos dos convidados para a comitiva do prefeito do Condado dos Gillikins, como fiz na vida real. Em vez disso, fui para os corredores e o salão de baile, a cozinha e o solário, todos os cômodos do palácio manchados de sangue e precisando desesperadamente de limpeza. O som da minha esfregação ecoava pelo palácio vazio. O que quer que tivesse acontecido, eu tinha a sensação de que era culpa minha. Eu não sabia muito bem se o palácio de Dorothy estar naquela bagunça abandonada e ensanguentada era bom ou ruim.

Acordei com uma sensação esquisita no estômago. Era a sensação do primeiro-dia-de-aula, mas também era a sensação do dia anterior às férias de verão – eu estava nervosa pelo que tinha que fazer, mas animada de saber que estava quase acabando.

Hoje à noite. Hoje à noite era matar-ou-morrer. Literalmente.

Será que eu ia conseguir?, me perguntei. Será que eu realmente conseguiria matar outra pessoa – mesmo alguém como Dorothy?

Vesti meu uniforme devagar, tendo um vislumbre do rosto de Astrid no espelho pelo que poderia ser a última vez. Quando eu estava vestida, peguei minha faca mágica no ar e a virei na mão, admirando-a. A lâmina brilhosa e com inscrições intricadas; o punho que Nox tinha esculpido só para mim.

Encarei a faca, sentindo a lâmina pulsar com magia na minha mão, e percebi que não apenas conseguiria fazer isso, mas *queria* fazer isso. Depois de ver o que Dorothy fizera com Jellia, sua óbvia indiferença pela vida dela e seu olhar de desprezo para a multidão, como de quem diz *poderia ser qualquer um de vocês*. Dorothy era um monstro.

Não consegui deixar de pensar no que Nox dissera ao me dar a arma, sobre por que tinha escolhido o Magril no punho especialmente para mim. Ele me dissera que se lembrava de mim por causa da maneira como o animal se transformava de algo comum em algo especial – em algo mágico e feroz.

Eu já tinha mudado, eu sabia. Não era nada parecida com a garota no estacionamento

de trailers, nada parecida com a garota que havia chegado a Oz. Mas será que a transformação estava completa? Eu tinha a sensação de que não. Hoje à noite, quando eu matasse Dorothy, seria uma pessoa diferente. Mas quem?

Eu não sabia. Não conseguia imaginar. Talvez não quisesse.

Naquele dia, enquanto eu cuidava das minhas tarefas sob o olhar cuidadoso de Sindra, observei com curiosidade o palácio começar a se encher de visitantes esquisitos. Vi Bolosa, a Boleira de Biscoitos – rodeada de guarda-costas –, com sua bacia cravejada de diamantes cheia de produtos de padaria. Policroma, a Filha do Arco-Íris, flutuou pelo corredor e atravessou uma parede como um fantasma, deixando um rastro multicolorido e brumoso atrás de si. Havia um sapo gigantesco usando terno de três peças e cartola; um cara cabeludo, baixinho e redondo que parecia um troll bem raivoso.

Primeiro, achei que *aquele* era o Homem Desgrenhado adorador-de-feijão, até Sindra murmurar algo bem baixinho.

– Uau – disse ela. – O Rei dos Nomos está ficando *gordo*.

Eu imaginei quantas dessas pessoas *gostavam* de verdade de Dorothy e quantas estavam ali porque não tinham opção. Quem eram os espiões da Ordem? Quando tudo desabasse hoje à noite, será que o sapo gigantesco ia me proteger? Será que eu teria que evitar ser ensacada por um tabuleiro cravado de diamantes? Eu queria que Nox tivesse me dado alguma ideia de quem eram nossos aliados.

Será que todos os convidados de Dorothy eram malvados como ela, corruptos como o Espantalho, o Leão e o Homem de Lata? Ou estavam todos aqui só para deixá-la feliz, sabendo que ignorar um convite oficial de Vossa Alteza era basicamente pedir um mandato de Ajuste de Atitude do palácio?

Não importava, decidi. Eu já conhecia minha inimiga. Isso era suficiente.

No fim da tarde, Sindra reuniu algumas de nós no refeitório das empregadas.

– Muito bem, pessoal – disse ela, radiante, batendo palmas de um jeito animado. – Escolhi vocês, sortudas, para serem garçonetes do baile de gala hoje à noite. Isso significa que vocês têm o resto do dia para descansar, se lavar e se preparar! É a noite mais importante de suas carreiras, então não estraguem tudo.

Era a última noite da minha carreira de empregada, felizmente. Enquanto as outras

davam risinhos animados a caminho dos aposentos, eu me afastei, descendo um corredor antes mesmo de perceber aonde estava indo.

O solário. Eu precisava fazer uma coisa antes que tudo isso acontecesse. Só para o caso de ser o fim.

Passei por meia dúzia de Munchkins com roupas formais coloridas, junto com um par de guardas do palácio, mas continuei olhando para a frente, como se estivesse com a séria intenção de limpar alguma coisa, e ninguém me parou.

O solário estava vazio, então fechei a porta ao entrar e me aproximei do quadro mágico.

– Quadro mágico – falei, baixinho mas com firmeza –, me mostre minha mãe.

O quadro levou um instante, como se estivesse com dificuldade para rastrear minha mãe – qual é a novidade? –, mas, depois de alguns segundos estressantes em que eu me preocupei de ela estar morta, o quadro começou a mudar. A paisagem marítima mudou gradualmente para um cômodo gigantesco, possivelmente um auditório ou ginásio. Luzes fluorescentes, cadeiras dobráveis e uma multidão de pessoas, e não reconheci nenhuma delas.

Não parecia nenhum dos lugares que minha mãe costumava frequentar, e no início eu me perguntei se o quadro tinha se confundido e sintonizado no sinal errado. Até a imagem fazer o panorama de uma mesa com uma urna de café e pacotes e mais pacotes de salgadinho Bugles. Foi quando eu percebi que minha mãe não podia estar muito longe.

Lá estava ela, com o braço até o cotovelo dentro de um pacote, mas, de alguma forma, conseguindo parecer elegante – pelo menos se comparada à última vez que eu a vi. O cabelo estava preso num rabo de cavalo liso, a maquiagem aplicada com bom gosto. Ela sorria enquanto falava com uma mulher que segurava um copo de isopor.

– Eu queria que Amy pudesse estar aqui para ver isso.

Na palma da sua mão havia uma moeda com o número seis. A mulher com o copo de isopor a abraçou e deu um tapinha nas suas costas.

– Seis meses sóbria – disse ela. – Eu só queria não ter precisado perder tudo com que me importo pra conseguir isso.

Não importa o quanto você acha que é durona, algumas coisas simplesmente te

atingem, e normalmente são coisas pequenas. Aquelas que você não espera.

Sequei uma lágrima do canto do olho. Era só uma, mas mesmo assim. Eu não conseguia acreditar que minha mãe tinha mudado tanto.

Fiquei um pouco magoada por ela ter feito tudo isso sem minha ajuda, mas também fiquei orgulhosa. Senti orgulho dela. De repente, senti muita saudade dela.

Mas, ao mesmo tempo, eu não queria ir para casa. Eu ainda não tinha terminado o que vim fazer aqui. Assim como minha mãe mudou, eu também mudei. Aquele lugar onde ela estava – Kansas – não parecia mais a minha casa.

Minha mãe havia encontrado um sentido sem mim. E eu tinha me surpreendido ao encontrar um sentido aqui.

Eu me lembrei do que minha mãe disse sobre Madison Pendleton, sobre como os valentões sempre recebem o que merecem.

Hoje à noite, eu planejava provar que ela estava certa.

QUARENTA E UM

Sindra estava inadequadamente animada, considerando que ontem mesmo o braço da sua predecessora tinha sido arrancado.

– Dorothy não é generosa? – perguntou ela enquanto nos enfileirávamos nos fundos do salão de baile, esperando a festa começar. – Esses novos uniformes são simplesmente lindos. E tão confortáveis, também!

Sorri e fiz que sim com a cabeça. Era verdade que o cetim verde macio do vestido que fomos instruídas a usar na festa era agradável na minha pele, mas pensei que *confortável* era um pouco extremo. Para começar, era curto demais, e eu ficava puxando a saia para baixo para não mostrar a calcinha.

Desde a última vez que eu o vira hoje de manhã, o salão de baile fora abundantemente decorado e transformado ao ponto de estar irreconhecível. Cem bolas de espelho vermelho-rubi reluziam no teto escuro abobadado, mas, diferentemente das bolas de espelho que eu conhecia lá em casa, essas não estavam penduradas em nada. Elas flutuavam sozinhas, pulsando no ritmo da música, mergulhando e pairando no ar e girando como corações vivos brilhantes.

Enquanto isso, o piso de madeira sobre o qual eu passara tantas horas debruçada esfregando tinha desaparecido magicamente, substituído por uma pista de dança transparente que dava para um céu noturno estrelado e brilhante mais próximo do que jamais parecera do chão.

Em vez das toalhas de pano usuais, as mesas estavam cobertas com uma bruma rosa indistinta que parecia ter sido tirada das nuvens do pôr do sol. No meio de cada uma delas havia um centro de mesa que eu reconheci: a flor gigantesca e sempre diferente da estufa – aquela que se transformava diante dos seus olhos de uma rosa em uma dália em uma orquídea em um lírio e continuava mudando num movimento de caleidoscópio que era quase suficiente para deixar a pessoa tonta.

– Está lindo, não é? – sussurrou Sindra com reverência. – Glinda fez a decoração. Ela sempre faz um bom trabalho.

Está um pouco *brega*, eu quis dizer, mas a verdade é que eu também não conseguia deixar de pensar que estava lindo. Saber o que estava por vir – o sangue que quase certamente seria espirrado nas estrelas – me deixava um pouco triste.

– Sim – falei para Sindra. – Está maravilhoso.

Eu sentia a magia fluindo ao meu redor e imaginei quanto do poder de Dorothy foi dedicado a cuidar deste lugar. Isto devia fazer parte do plano da Ordem: com toda magia acontecendo aqui, esperava-se que ninguém notasse as bruxas fazendo as proteções do lado de fora do palácio. Não até ser tarde demais.

As portas se abriram e, conforme os convidados entravam, as bandejas que segurávamos se encheram magicamente com aperitivos e bebidas. Os coquetéis eram enfeitados com o que pareciam ser esmeraldas e rubis de verdade flutuando na superfície.

Meu coração palpitou. Tinha começado – agora não dava para voltar atrás. O único jeito de eu passar por aquela noite era me convencer de que nada estava fora do normal – que matar Dorothy era apenas mais uma coisa para eliminar da minha lista de tarefas diárias. Nada demais.

– OK, meninas – anunciou Sindra, encarando todas nós. – Vocês já viram o que acontece com os incompetentes, certo? Vamos, hum, fazer o contrário. Vamos fazer com que este baile seja assunto durante os próximos anos!

Ah, isso não será um problema, pensei comigo mesma.

As empregadas se dispersaram, cada uma de nós atravessando o salão e oferecendo aos convidados as opções de comidas e bebidas. Servi um grupo de Planagitados que levaram uma eternidade para decidir o que beber, cada um deles assegurando ao próximo que estava tomando a decisão certa, então desistiam da escolha como se precisassem relaxar mais do que tudo. Depois servi a família real de aparência severa do Condado de Winkie, todos vestidos em ternos de lata prensada reluzentes que deixariam o Homem de Lata com inveja. Eles mal olharam para mim quando passei.

Assim que nossas bandejas ficavam vazias, elas se enchiam de novo. Ninguém falava conosco nem prestava muita atenção a nós. Tudo que tínhamos que fazer era ter boa

aparência e não tropeçar.

O lugar todo reverberava com música, e todos os convidados riam e conversavam. Eles se reuniram ao redor de Trapos, a Garota de Retalhos, e começaram a comemorar enquanto ela se empinava e fazia piruetas numa coreografia acrobática que misturava break com vogue e ginástica.

Quando ela deu um salto mortal e caiu num espacate perfeito, um rugido escapou da multidão. Trapos se levantou e agradeceu ao público, e a música mudou para algo mais lento e depressivo. Todas as bolas de espelho que giravam por ali começaram a flutuar em direção ao teto abobadado. Lá, elas se misturaram e começaram a pulsar no ritmo da música, como um enorme coração de rubi.

O coração começou a descer devagar. A conversa no salão diminuiu, e todo mundo parou para observá-lo. Examinei a multidão, tentando identificar todos os participantes importantes. Surpreendentemente, a maioria parecia não estar ali: não vi o Mágico, nem Ozma, nem Glinda, nem Dorothy. O Espantalho, o Leão e o Homem de Lata também tinham sumido.

Pelo menos por enquanto, estava presente apenas a lista dos menos importantes.

Quando o coração de vidro chegou ao chão, explodiu em um jorro de glitter vermelho. Alguma coisa pousou no meu braço, e percebi que os pontos brilhantes de luz vermelha arremessados pelas bolas de espelho tinham se solidificado magicamente em pétalas de rosa. Eu as espanei, tentando ver através da névoa de glitter, confete, pétalas e fumaça cor-de-rosa.

Ela realmente sabia como fazer uma entrada, isso eu tinha que reconhecer. Ali, no centro do salão onde o coração de vidro estivera apenas um instante atrás, estava Dorothy. Seu séquito também apareceu, se espalhando atrás dela – o Espantalho, o Homem de Lata, o Leão e Glinda –, mas se dispersou rapidamente na festa.

Dorothy parecia radiante e majestosa, uma princesa completa. Havia gloss em seus lábios, mas não PermaSorriso – seu sorriso estava fácil e relaxado e, de alguma forma, emitia um calor físico se você olhasse diretamente para ele. As unhas ofuscavam com rubis de verdade; o cabelo fora preso numa torre de cachos em espiral, com fios de ouro passando por eles até um enfeite rebuscado de esmeraldas no topo – a estrada de tijolos

amarelos e a Cidade das Esmeraldas, percebi.

Ela usava um vestido longo, justo e bordado com contas que reluzia na parte de baixo e tinha um corset tão apertado que me perguntei como ela conseguia respirar. Os peitos não eram a única coisa que Dorothy tentava exibir: o rabo de peixe era cortado na lateral, revelando suas partes *mais* importantes.

Os sapatos, é claro.

A multidão ficou enlouquecida com a entrada de Dorothy. Seus gritos e berros ressoaram como um trovão pelo salão enorme. Dorothy bateu os cílios e virou o pulso, falsamente humilde, como se dissesse: *Ah, seus tolinhos*.

Uma das garçonetes correu até Dorothy e, sem olhar, ela pegou um coquetel, os lábios fazendo biquinho no gole delicado. Um longo gole. Finalmente, depois de beber metade do drinque, Dorothy limpou o canto dos lábios com um guardanapo e levantou a mão para silenciar seus súditos adoradores, como se já não estivessem todos olhando para ela.

– Obrigada – disse ela, a voz adocicada. – Estou muito feliz por vocês terem conseguido vir aqui hoje à noite para me ajudar a comemorar essa ocasião maravilhosa.

Um Munchkin vestindo um smoking laranja na minha frente virou para seu companheiro, um homem atarracado e parecido com um monge que usava um quimono estampado e uma trança parecida com um tentáculo, e sussurrou:

– Qual é a ocasião, afinal?

– Ela simplesmente queria dar uma festa – respondeu o outro.

Eu havia imaginado que este era um feriado de Oz que eu não conhecia. Mas todo esse trabalho tinha sido só por um capricho.

Enquanto isso, Dorothy passou a mão na testa.

– Como muitos de vocês sabem, a última semana foi difícil pra mim. Uma das minhas confidentes mais próximas se revelou uma traidora malvada e asquerosa e, como vocês podem imaginar, fiquei bem arrasada. Mas fico muito feliz em dizer que tudo foi resolvido e as coisas estão melhores do que nunca. Agora, antes de voltarmos à dança, eu gostaria de apresentar um convidado *muito* especial que me deixou muito feliz por estar aqui.

O salão de baile ficou em silêncio, e nós ouvimos um farfalhar vindo dos fundos do salão. Um murmúrio baixo percorreu a multidão enquanto ela se afastava para abrir caminho para a pessoa que chegava. De quem Dorothy podia estar falando?

Foi quando eu a vi, andando com movimentos bruscos e esquisitos e mal conseguindo equilibrar uma bandeja cheia de bebidas. O rosto estava inchado e com manchas roxas, e o uniforme verde de empregada respingava sangue. Onde deveriam estar seus olhos havia apenas dois buracos vazios e escuros. A boca estava aberta, como se tivesse sido congelada no meio de um grito.

– Infelizmente, houve um contratempo durante o interrogatório – disse Dorothy –, mas, por sorte, o Espantalho foi inteligente o bastante para reanimar seu cadáver para ela poder estar aqui hoje à noite. Morta ou não, eu não queria que minha serviçal preferida perdesse a festa mais fabulosa que Oz já viu.

Era Jellia.

O Munchkin na minha frente deixou cair o copo. Ele não quebrou; simplesmente foi engolido pelo céu noturno sob nossos pés. Imaginei que, em todo o salão, outros copos estavam caindo sem fazer barulho de outras mãos chocadas.

Eu mal consegui equilibrar minha bandeja.

Ninguém parecia saber o que fazer enquanto Jellia mancava – o rosto de todos tinha a mesma expressão de confusão horrorizada. Até Sindra parara de repente para encarar, com lágrimas marejando os olhos.

– Bom, vamos beber! – Dorothy incitou a todos. – Vamos lá. Eu ficaria muito decepcionada se vocês não bebessem. – Sua voz estava alegre, mas havia alguma coisa nos seus olhos, semelhante a um desafio.

O sapo gigantesco no terno de três peças olhou hesitante para Jellia, depois para Dorothy e finalmente pegou uma taça de champanhe rosé na bandeja.

– Um brinde à lealdade – disse Dorothy. Virando devagar num círculo, para poder ver todo mundo no salão, ela levantou uma taça como se quisesse brindar. Todos a seguiram, levantando suas taças também.

– À lealdade! – gritaram todos. Dessa vez, ninguém soou tão entusiasmado, mas Dorothy não parecia se importar.

De repente, as luzes se apagaram. Por um breve instante, tudo ficou preto. Um barulho de asas batendo veio do alto, como morcegos voando numa caverna, e o salão voltou a se iluminar, agora banhado num brilho fraco e aconchegante. Vários macacos alados mergulhavam devagar sobre nós, cada um com um candelabro cintilante preso à cintura por uma corrente pendurada.

– Agora vamos começar a festa! – gritou Dorothy. Ela soltou um berro eufórico, e uma música dançante começou a soar. Dorothy se agitou, e logo o resto do salão também estava dançando.

Jellia continuou sua marcha pelo salão, cambaleando para um lado e para o outro, com as pernas rígidas, os buracos dos olhos vazios coletando pedaços de glitter perdidos. Todo mundo por quem ela passava pegava um drinque, um pouco relutante. Virou um tipo secundário de dança: ver os convidados se movimentarem ansiosos pelo salão para fugir do caminho de Jellia.

Senti gosto de sangue. Eu tinha mordido com força a parte de dentro da minha bochecha, para me impedir de soltar um grito alto. Eu não acreditava que, em algum momento, hesitara em relação à ideia de matar Dorothy. Ver Jellia cambalear pelo salão em uma imitação da vida exigiu tudo que eu tinha para não atacar Dorothy naquele exato momento.

– Ah, Astrid, há quanto tempo.

O Espantalho estava ao meu lado, sua mão áspera pousando levemente na minha lombar. Eu estava tão distraída lançando olhares mortais para Dorothy que não o percebi se aproximando. Ele pegou uma taça de champanhe da minha bandeja, mas não bebeu. Eu me perguntei se o líquido ia atravessá-lo.

– Essas festinhas não são terríveis? – perguntou ele com preguiça, os olhos de botão acompanhando um par de Munchkins que dançavam rapidamente. – Um tremendo desperdício de recursos.

Não achei que conseguiria olhar para a cara dele sabendo o que havia feito com Maude, e agora com Jellia, e esconder toda a minha raiva e minha repulsa óbvias. Olhei para os meus pés e esperei que isso parecesse recato.

– Acho que são adoráveis – respondi através dos dentes trincados.

– É, bom, faz sentido. – Ele fungou. – Estarei pronto para retomar nossos encontros noturnos em breve, querida. Estou ansioso por isso.

Reprimi um tremor.

– Tenho que ir – falei, e, antes que ele conseguisse responder, coloquei a bandeja no ombro e comecei a circular pela festa.

Percebi Glinda sentada sozinha numa das mesas dos fundos. Ela usava um vestido rodado com babados, o cabelo vermelho preso em um coque rígido e enfeitado com uma coroa cilíndrica alta. Sindra se aproximou dela com uma bandeja de bebidas e a suposta bruxa boa acenou para dispensá-la, sem se interessar. Glinda não tirava os olhos de Dorothy, sua expressão mergulhada no tédio, parecendo um daqueles pais arrependidos que vai a uma peça de teatro da escola e passa o tempo todo mandando mensagens de texto.

Enquanto isso, Dorothy dançava, saltando, se sacudindo e girando. Alguns dos convidados mais ousados – um dignitário Winkie de belas feições, um pirata lindíssimo com perna de pau – tentaram dançar com ela, mas ela os repelia com olhares selvagens, sem interromper seus movimentos. Dorothy parecia um tornado, abrindo seu próprio espaço na pista de dança. Era alucinado e, de um jeito que eu não queria pensar, meio triste.

Mas então o Leão surgiu no meu campo de visão – lambendo as mandíbulas e olhando para mim, porque, aparentemente, patrulhar os arredores e apavorar as pessoas era sua atividade preferida em festas –, e eu percebi que havia ficado parada ali por muito tempo. Desejei, mais do que nunca, que Gert tivesse conseguido matá-lo naquela noite na floresta.

Dei mais uma circulada pelo salão e parei perto de onde o Homem de Lata estava encostado. Ele tinha esticado um smoking sobre a estrutura metálica, apesar de ser grande demais em ângulos esquisitos e não caber nele. Usava um ramo de flores vermelhas na lapela, que já tinha começado a cair.

Ele parecia arrasado, encarando Dorothy com uma combinação de nostalgia e autopiedade. Girava alguma coisa brilhosa nas mãos, nervoso, e eu me aproximei um pouco mais para ver melhor. Era uma rosa de lata, delicadamente moldada e lustrada à

perfeição. Pelo modo como os dedos do Homem de Lata se inquietavam com ela, apertando e girando o caule frágil, achei que ia quebrar a qualquer momento.

Enquanto eu observava, ele pareceu tomar algumas decisões internas muito importantes. Fazia um sinal de positivo com a cabeça, levantava e baixava as mãos, como se estivesse fazendo um discurso para si mesmo, se preparando psicologicamente. Depois, ainda segurando a rosa, ele marchou pela pista de dança em direção a Dorothy.

Alguém pegou um copo de uísque na minha bandeja. Eu me mexi para continuar circulando, mas uma mão segurou meu cotovelo.

– Falta pouco tempo, agora.

Nox. O cabelo voltara à cor original e estava alisado para trás. Ele usava um terno bem cortado, com uma calça skinny. Tirando isso, era totalmente ele mesmo, como se não tivesse medo de ser visto.

– Isso tem que dar certo – disse ele para mim.

Juntos, observamos o Homem de Lata parar diante de Dorothy, se apresentando com uma mesura rígida. Dorothy parou de dançar o twist para encará-lo. Ele lhe ofereceu a flor e, depois de um breve instante de consideração, Dorothy a pegou. Em seguida, após mal olhar para ela, Dorothy a colocou na bandeja de uma serviçal que estava passando.

– Ai – falei. Ao meu lado, Nox deu um sorriso cínico.

Dorothy girou e se afastou do Homem de Lata, voltando para sua dança febril. Por um segundo, parecia que ele ia simplesmente se esconder. Mas então ele estendeu a mão, tentando puxar Dorothy para um abraço desajeitado ou, talvez, iniciar um tango. Ele era tão descoordenado que ficava difícil identificar.

O que ele acabou fazendo foi rasgar a alça do vestido de Dorothy.

– Seu palerma! – gritou ela, alto o suficiente para a festa toda parar. – Seu idiota enferrujado e desmiolado!

Essa era uma oportunidade.

– Segure isso – falei, com o coração martelando, e joguei a bandeja de bebida em Nox. Ele a pegou, confuso, e eu abri caminho pela multidão de Munchkins, Nomos, animais falantes e outros esquisitões variados de Oz, todos observando a cena como idiotas. Eu sabia que o que eu ia fazer era arriscado, mas podia ser que uma abertura tão

perfeita quanto essa não surgisse de novo. Eu me posicionei bem ao lado de Dorothy enquanto ela repreendia o Homem de Lata. Sindra estava dois passos atrás de mim, com os olhos semicerrados e furiosos enquanto eu falava diretamente com Dorothy.

– Princesa – falei, mantendo a voz o mais servil possível. – Não é uma boa hora para trocar de roupa?

Dorothy segurou a frente do vestido com uma das mãos, cutucando o Homem de Lata com o dedo enfeitado de rubi, o olhar furioso como um raio mortal sobre ele. Devagar, com um esforço quase físico por parte dela, Dorothy virou o olhar para mim e forçou um sorriso.

– Sim, Astrid – disse Dorothy. – Que ideia maravilhosa.

Então, ela sabia o meu nome. O fato de ter saído no calor da raiva me fez perceber que, quando me chamou por nomes aleatórios começados com *A* em seus aposentos, ela só estava me provocando.

Dorothy estendeu a mão e segurou meu ombro, invocando um feitiço de viagem sem o menor esforço. As luzes rodopiantes e a música estrondosa da festa sumiram, substituídas pela relativa serenidade do corredor deserto do lado de fora dos seus aposentos.

– Hum – disse Dorothy para si mesma, olhando para as próprias mãos. – Devo ter bebido demais.

Ela tentou nos teletransportar direto para dentro dos aposentos, percebi, mas fracassou. O feitiço das bruxas estava funcionando – elas haviam cortado o suprimento de magia do palácio bem quando eu precisava disso. A magia devia estar escapando dela. Eu também tinha uma sensação estranha de enfraquecimento; era como estar deitada sob o sol e uma nuvem enorme passar lentamente acima.

Dorothy abriu de repente a porta dos seus aposentos e entrou a passos largos, já tirando o vestido.

– Rápido – disse ela por sobre o ombro. – Não vou deixar essa palhaçada roubar mais tempo da minha noite.

Eu a segui, pegando minha faca.

Tive a mesma sensação de me esticar e me contorcer que vivenciei quando estava nas

cavernas da Ordem. Eu era Amy de novo agora, eu sabia. Não tinha pensado no fato de que as barreiras mágicas que as bruxas haviam invocado poderiam destruir meu disfarce. Não importava – não havia tempo para me preocupar com isso agora.

E, de qualquer maneira, ótimo. Eu queria ser Amy quando fizesse isso. Eu queria que Dorothy soubesse.

Ela ainda estava alguns passos à minha frente, atravessando seu closet enorme. Diminuí a distância.

– Alguma coisa com lantejoulas – disse Dorothy. – Elegante, com lantejoulas, curto: é isso que eu quero, Astrid. Encontre. Quanto mais curto, melhor.

– É nele que você quer ser enterrada?

Dorothy congelou, virando devagar para me encarar.

– *Como é?* – disse ela, e as palavras saíram assim que ela me viu, Amy, não Astrid, e arregalou os olhos, percebendo minha faca.

– Isso é pela Jellia – falei para ela, e a faca traçou um arco largo na sua garganta.

QUARENTA E DOIS

Antes que eu conseguisse fazer contato, uma bola preta de pelo rabugenta voou pelo ar, mirando em mim.

Totó enfiou os dentes no meu pulso. Gritei de dor e soltei a faca sem pensar. Observei, horrorizada, enquanto ela caía no chão como se estivesse em câmera lenta.

Dorothy tinha tropeçado para trás quando eu a golpeei na primeira vez, prendendo os pés no vestido que acabara de tirar e caindo no chão. Agora ela gritava, puxando o vestido para cima e se cobrindo rapidamente.

– Pega, Totó! Mata!

Empurrei Totó para longe de mim – ele era pequeno, e sua mordidinha mal tinha rasgado a pele – e saí tropeçando em busca da minha faca. Burra. Eu devia ter simplesmente dado uma facada nas costas dela, mas queria girar a faca figurativamente também.

Dorothy apontou um dedo para mim, os olhos ardendo de fúria, provavelmente tentando me queimar com o mesmo feitiço de raio que jogou em Jellia. Mas essa fúria mudou para confusão e, em seguida, medo, quando o feitiço soltou fagulhas, depois faíscas, e morreu.

Peguei minha faca no carpete rosa, mas, antes que conseguisse atacar Dorothy, Totó se engatou no meu braço de novo. Ele pegou meu antebraço livre dessa vez, então, sem pensar muito, enfiei a faca nele. Totó me soltou bem a tempo, uivando e latindo, contornando meus tornozelos. Salpicos recentes de sangue se acumularam no meu braço, mas eu os ignorei.

– Não machuca meu cachorro, sua vagabunda!

Olhei para Dorothy bem a tempo de ver o banquinho cor-de-rosa de pelúcia que ela havia jogado na minha cabeça. Eu me abaixei para escapar, mas perdi o equilíbrio no processo, cambaleando até a penteadeira mais próxima.

Isso estava ótimo.

Dorothy, usando o vestido que o Homem de Lata rasgou, agora todo amassado e mal colocado, foi em direção à porta.

Merda.

– Guardas! – gritou Dorothy enquanto fugia do quarto.

Totó latiu mais uma vez para mim, depois saiu correndo atrás de Dorothy. Eu os persegui, sabendo que não podia deixá-la voltar para a festa, onde poderia reunir seus guardas. Eu tinha estragado a chance perfeita – decepcionado Nox e a Ordem e, mais importante, Jellia.

Enquanto eu disparava pelo corredor, ouvi alarmes soando em todo o palácio. Os gritos dos convidados ecoavam até ali em cima.

Os corredores estavam mal iluminados – as tochas emitiam menos luz do que o normal, como se até as chamas aqui fossem aumentadas pela magia. No início, não vi Dorothy, mas depois percebi o brilho ofuscante inconfundível dos seus sapatos quando ela fez uma curva.

Eu era mais rápida do que ela. Tinha sido treinada pela Ordem dos Malvados, e ela era preguiçosa, bêbada e acostumada a confiar na magia para se proteger.

Dorothy olhou por sobre o ombro e viu que eu estava me aproximando. Em vez de ir para o salão de baile, talvez sabendo que eu a pegaria antes de chegar lá, ela virou de repente à esquerda, atravessando uma porta normalmente proibida para o staff de empregadas, e subiu uma escada estreita em espiral.

Subi dois degraus de cada vez. As espirais da escada eram tão apertadas que eu a perdi de vista, mas conseguia ouvir o barulho dos seus sapatos e sua respiração pesada e em pânico. Fui em frente, ficando tonta. Qual era a altura dessa torre? Para onde Dorothy estava me levando?

Foi quando senti uma brisa no rosto. Eu estava do lado de fora. Por um segundo, as luzes da cidade sob nós me ofuscaram, depois eu consegui ver de novo. Estávamos num terraço coberto com jacarandá, e Dorothy estava em pé com as costas apoiadas na borda da sacada. O cachorrinho psicopata tremia nos braços dela. Não era mais tão corajoso.

Eu a pegara. Não havia para onde ela ir.

Seus sapatos não iam ajudá-la.

Dei um passo à frente.

Com Dorothy impotente diante de mim, basicamente esperando para morrer, eu hesitei. Era diferente desse jeito – tendo tempo para pensar no assunto, não tentando matá-la no calor do momento. Eu precisava ter sangue frio, me lembrar de tudo que ela havia feito, me lembrar de que a garota parada diante de mim era um monstro.

Mesmo assim, meu olhar foi atraído para o panorama reluzente da Cidade das Esmeraldas, o lugar sobre o qual eu lera nos livros a vida toda. Eu estava mais alto do que jamais imaginei ser possível chegar. Eu me perguntei o que minha mãe pensaria se me visse agora, no topo da torre mais alta do palácio de um mundo encantado a um milhão de quilômetros do estacionamento de trailers de Dusty Acres.

Prestes a esfaquear a antiga heroína da história.

Por algum motivo, Dorothy não parecia mais sentir medo de mim. Ela simplesmente sorria com doçura, os olhos arregalados e brilhando.

– Amy, não é? – perguntou ela com calma. – A que fugiu.

Não respondi. Eu sabia que ela estava ganhando tempo, uma manobra clássica do desespero. Eu me aproximei um pouco mais.

– Acho que eu nunca vou saber o que aconteceu com a verdadeira Astrid – disse Dorothy, suspirando. – Minha doce empregada.

– Como se você se importasse – retruquei, sem conseguir evitar.

Dorothy sorriu com tristeza e voltou o olhar para a paisagem.

– É lindo, não é? – disse ela. – Venho aqui em cima quando quero pensar. Às vezes, é quase como se eu conseguisse ver até o Kansas. Sabe?

Havia um tom resignado e nostálgico na sua voz.

Dessa vez, não deixei ela me jogar a isca. Eu me perguntei se essa mudança súbita na sua personalidade era um grande teatro ou se, talvez, de alguma forma, cortar o fluxo de magia dos seus sapatos estivesse trazendo Dorothy de volta à sanidade.

Dei mais um passo à frente.

Ela não estremeceu.

– Acho que a minha tia Em teria gostado de você – disse ela, ainda sorrindo, falando

casualmente, como se eu fosse uma velha amiga. – Ela ia achar você muito bonita. E ia querer que eu lhe desse uma segunda chance. Ela diria: "Dorothy, não existem maçãs ruins." Ela ia saber que você não é uma assassina. Que eles te enganaram. Ela diria: "Sabe, Dorothy, talvez você e aquela Amy tenham mais coisas em comum do que você imagina."

Eu não era burra – sabia que não podia dar ouvidos a ela. Mas – e se ela estivesse certa? E se nós *fôssemos* parecidas? Dorothy não era assim quando chegou aqui pela primeira vez. Ela só começou a mudar quando matou as bruxas.

Se eu a matasse, isso me faria dar um passo a mais para *me tornar* ela?

Não. Eu não era como ela. Eu era mais forte – forte o suficiente para absorver todos aqueles anos em Dusty Acres, todos aqueles anos sendo nada, sendo um saco de pancadas, e nunca deixar que eles me transformassem em algo parecido com o monstro cruel e deformado que Dorothy tinha se tornado. Matar Dorothy era a única coisa que poderia fazer Oz ser maravilhosa de novo. Isso vingaria todas as pessoas que ela ferira. Era para isso que eu estava aqui. Eu não achava que seria fácil – eu sabia que teria que conviver com o sangue dela nas minhas mãos pelo resto da vida –, mas não deixaria isso me corromper.

O Kansas fazia pessoas fortes. Eu conseguiria lidar com isso.

Por isso, levantei a lâmina. Quando fiz isso, o sorriso modesto e simples de Dorothy se ampliou, se espalhando e virando um sorriso falso deformado, os lábios vermelhos grotescamente esticados de ódio.

– Tarde demais – disse ela, bem quando escutei um barulho seco de metal atrás de mim. Girei para vê-lo atravessar a porta com violência, sua pequena lapela há muito desaparecida, o smoking rasgado em trapos.

O Homem de Lata.

Ele se movia mais rápido do que um homem do seu tamanho tinha direito, seu machado formando um arco prateado ao deslizar pelo ar. Eu me abaixei bem a tempo de salvar minha cabeça de ser cortada, depois me joguei para o lado. O Homem de Lata se colocou entre mim e Dorothy.

– Meu herói – ouvi Dorothy dizer, e o Homem de Lata, rejeitado havia tão pouco

tempo, inflou o peito. Ele me analisou, balançando o machado para um lado e para o outro, e eu vi em seus olhos uma devoção homicida.

Será que eu conseguiria vencer essa luta? Cara a cara com o Homem de Lata, tendo apenas a minha faca sem feitiço?

Ele me atacou, balançando o machado sobre a cabeça como se estivesse cortando lenha. Dancei para o lado, e sua lâmina provocou faíscas no telhado de pedra. Enquanto ele levantava o machado, eu me lancei para a frente e golpeei seu olho, mas ele levantou a mão, na defensiva, e minha adaga resvalou na sua manopla.

– Por que você luta por ela? – perguntei a ele, dando um salto para trás para escapar de outro golpe brutal do machado. – Ela não dá a mínima pra você!

– Cale a boca – retrucou o Homem de Lata, todo concentrado.

Não fui rápida o suficiente no último golpe e recebi um corte raso na barriga. Recuei, tentando colocar mais distância entre nós.

Então eu escutei passos trovejando na escada em espiral. Guardas do palácio, Soldados de Lata ou ambos. O exército todo de Dorothy. Parecia que eram *todos* eles. Todos vindo me pegar.

Prendi a respiração. Não havia como eu enfrentar todos eles assim: sem magia, apenas com uma adaga comum, e um homem de metal psicótico me atacando com um machado.

O Homem de Lata golpeou de novo. Dessa vez, fui em direção à lâmina. No último instante, mergulhei numa cambalhota e deslizei por baixo dele, por entre suas pernas.

Alguns fios de cabelo – o rosa de que eu sentia tanta saudade quando olhava no espelho – flutuaram ao meu redor. Ele quase conseguiu me escalpelar.

Mas ele também tinha cometido um erro. Atrás dele, agora eu tinha o caminho livre até Dorothy.

Dessa vez, não hesitei. Só havia um jeito de cumprir minha missão.

– Mate ela! – gritou Dorothy, tão alto que meus tímpanos estremeceram. – Mate essa trouxa!

– Deve haver algum engano – falei enquanto me apressava na direção dela, com o ombro abaixado. – *Você* é a trouxa. Eu sou a *bruxa*.

Eu me joguei direto em cima de Dorothy, abraçando-a, nossas testas batendo enquanto tropeçávamos para trás. Ela percebeu tarde demais o que estava acontecendo, dando um tapa na minha cara quando devia estar plantando os pés no chão. Fui em frente no ataque, ouvi Dorothy gritar quando suas costas atingiram o parapeito e, juntas, caímos.

De repente, estávamos sem peso, unidas, com as luzes piscantes da Cidade das Esmeraldas estendidas abaixo de nós. Ouvi o Homem de Lata berrar miseravelmente e, assim que começamos a cair, tive um leve vislumbre de Nox quando ele apareceu na sacada com uma espada na mão.

– Amy! – gritou ele, sua voz falhando de desespero.

Não eram os guardas de Dorothy subindo correndo a escada em espiral. Era a Ordem.

Tarde demais. Eles não podiam me ajudar agora.

QUARENTA E TRÊS

É engraçado quanto tempo você tem para pensar enquanto está mergulhando para a morte certa do topo de uma torre. Você pode imaginar que tudo acaba em um instante, mas, na verdade, é exatamente o contrário. É como se tudo ficasse em câmera lenta.

Pelo menos, foi como eu me senti. Eu ainda estava agarrada a Dorothy, e ela batia desesperadamente os saltos um no outro enquanto caíamos. Eu sabia que era uma causa perdida. Sua magia tinha desaparecido.

Infelizmente, a minha também.

Agarradas numa espiral mortal alucinada, meus olhos encontraram os dela e, por um segundo – só por um segundo –, era como se eu a entendesse. Era como se eu me esquecesse de que ela era ela e eu era eu. Nós duas éramos do mesmo lugar e tínhamos acabado aqui. Nós duas íamos morrer juntas.

Acho que ela também sentiu isso.

Mas algo aconteceu. Senti algo quente e latejante percorrer o corpo dela. Tive uma sensação de queimadura nas pernas, vindo de perto dos sapatos de Dorothy. Os olhos dela se iluminaram.

Eu não sabia ao certo se era porque o feitiço que as bruxas invocaram havia quebrado ou porque tínhamos ultrapassado seus limites, mas a magia de Dorothy estava de volta. Ela estava mais viva do que nunca.

Ela bateu os saltos um no outro e sumiu em uma nuvem de fumaça rosa rodopiante.

E eu disparei em direção ao chão.

Mas, se a magia de Dorothy tinha funcionado agora, isso significava que a minha também funcionaria. Eu poderia tentar viajar, mas, do modo como virava cambalhota e girava, eu estava muito desorientada – eu teria lançado meu corpo de cabeça em direção ao chão ainda mais rápido do que já estava indo.

Fechei os olhos, tentando me concentrar. Eu sabia que feitiços de voo eram algumas

das magias mais complicadas e difíceis que existiam, mas, se eu conseguisse fazer alguma coisa pelo menos para diminuir o ritmo da queda, talvez eu tivesse uma chance de sobreviver. Tentei me concentrar em tudo que Gert me ensinara.

Imaginei a energia correndo pelo meu corpo, girando e se reformulando até estar me puxando para cima, de volta para o céu.

E então eu estava flutuando.

Sério. Tinha funcionado. Eu não esperava conseguir nada, e agora voava de verdade.

Meus olhos se abriram de repente.

Foi quando eu percebi que não havia feito nada disso. Quatro patas peludas tinham se prendido ao meu redor, um par embaixo de cada axila.

Macacos. Do tipo com asas. Eles decolavam para o céu e me levavam junto. Os prédios abaixo de nós começaram a encolher. As luzes se afastaram.

– Amy – trinou uma voz conhecida. – Viemos te salvar.

Era Ollie. Ele estava voando de novo.

– Ollie! – exclamei, ainda confusa demais pelos últimos minutos de insanidade para formar um pensamento coerente. – Como...

Inclinei o pescoço por sobre o ombro. Era Ollie mesmo – com uma grande diferença. Ele tinha ganhado asas.

– Você pode fazer muitas coisas com magia – disse ele de um jeito travesso. – O problema é unir tudo.

Então eu vi que suas asas não eram as asas brancas de penas comuns. Pareciam ter sido feitas de jornais velhos e cabides, presos com pedaços de fita adesiva.

– Elas podiam ser mais elegantes, mas eu estava com pressa – disse o outro macaco. Era uma voz feminina, macia e tranquilizante, em contraste com o trinado empolgante de Ollie. Conhecida, ainda que, na última vez em que a ouvi falar, ela estava rouca e meio delirante. – De qualquer maneira, elas funcionam, como você pode ver.

Inclinei o pescoço para olhar para Maude, um sorriso enorme se espalhando pelo meu rosto apesar da minha confusão.

– Maude! – gritei no ar agitado. – Você está bem!

– Graças a você – respondeu ela. – Achei que eu te devia um salvamento.

– Como foi que vocês me encontraram? Pra onde estamos indo?

– Ah – respondeu Ollie. – Não foi difícil. O talismã que eu te dei quando você resgatou Maude... ele não apenas leva você até nós. *Nós* podemos usá-lo para ficar de olho em você.

– Parece que chegamos bem na hora – disse Maude de um jeito seco.

Soltei uma respiração profunda. Flutuávamos sobre a Cidade das Esmeraldas, em direção aos portões oeste. O ar estava frio e refrescante no meu rosto, e a lua assomava, enorme, sobre nós. Estávamos nos movendo depressa, a paisagem deslizando lá embaixo. Eu não sabia que os macacos conseguiam voar tão rápido.

Em circunstâncias diferentes, teria sido divertido. Mas, quando tive a chance de recuperar o fôlego, consegui repassar os eventos da noite. Também conhecidos como o desastre total que foi completamente culpa minha.

O plano tinha sido executado. As bruxas fizeram a parte *delas,* mas eu estraguei a minha de todos os jeitos possíveis. Deixei Dorothy escapar não uma, mas duas vezes hoje, e cheguei bem perto de morrer no processo.

– Me leve de volta pra ela – falei, sem a menor dúvida de que os macacos saberiam de quem eu estava falando. – Não posso deixar a tarefa pela metade.

– Hum, não – disse Maude. – Não te salvamos só pra você poder fugir e cometer suicídio.

– É – acrescentou Ollie –, temos um plano melhor.

Virei a cabeça o máximo que consegui, observando o palácio desaparecer no horizonte. Eu tinha fracassado. Dorothy ainda estava respirando, o que significava que alguém ainda sofria.

– Que plano é esse? – perguntei, me resignando às garras dos macacos.

– Vamos ver o Mágico – respondeu Ollie.

QUARENTA E QUATRO

Alguns minutos depois, Ollie, Maude e eu pousamos num campo do lado de fora dos muros da cidade. A alguns passos de distância, um prédio caindo aos pedaços – talvez uma antiga torre de vigia, a única estrutura visível – parecia prestes a desmoronar.

O Mágico estava nos esperando.

Pete também. Eles estavam em pé no campo, lado a lado, a lua brilhando no rosto. O Mágico inclinou o chapéu para mim enquanto eu saía tropeçando dos braços de Ollie para o chão. Pete me deu um leve aceno constrangido.

Havia uma parte de mim tão aliviada por vê-lo que eu quis me jogar nos seus braços. Mas uma parte maior de mim estava exausta, preocupada e, acima de tudo, *confusa*. Estendi a mão para apertar cuidadosamente o corte na minha barriga, mas não estava tão ruim. Era só um ferimento superficial.

– Amy – disse o Mágico, todo profissional. – Temos muito a conversar e pouco tempo.

– Espera – falei. – Como é que você sabe...?

– Tenho acompanhado suas aventuras de perto desde que chegou a Oz – respondeu o Mágico antes mesmo que eu conseguisse completar a pergunta. – Do melhor jeito que consegui, pelo menos. Não é todo dia que alguém do Outro Lugar chega aqui. Quando isso acontece, as coisas ficam meio confusas. Para o bem ou para o mal. Claro que eu me interesso. Eu também sou de lá, você deve se lembrar.

Olhei para Pete.

– E *você*? Está me espionando para o Mágico esse tempo todo?

– Amy... – disse ele. Mas, como sempre, não respondeu. O silêncio pairou no ar.

– Garanto que tudo será respondido no seu devido tempo – disse o Mágico. – Você escapou por enquanto, mas Glinda certamente está à sua procura neste exato momento. Você pode ter que lutar de novo antes que a noite chegue ao fim.

– Ótimo – retruquei, ignorando a dor na barriga e, na verdade, sentindo um fluxo de energia. – Estou pronta agora. Me mandem de volta para Dorothy e vamos acabar com isso.

O Mágico balançou a cabeça de um jeito enfático.

– As consequências disso seriam desastrosas – disse ele. – Dorothy ainda não pode ser assassinada. Nem mesmo por você.

Eu o encarei, me lembrando do que Nox dissera sobre ele ser um manipulador. Dorothy tinha parecido bem apavorada quando eu estava prestes a esfaqueá-la, e mais ainda quando a joguei pelo parapeito do telhado – nem um pouco como ficaria uma imortal mágica.

– Tá bom, tudo bem – respondi. – Eu quero tentar assim mesmo.

O Mágico gargalhou, com um brilho nos olhos.

– Adoro o seu entusiasmo, mas você ainda não entende como Oz funciona. Eu não esperava que a Ordem te ensinasse *tudo*, mas... eles certamente sabem que você não tem poder contra Dorothy.

Cruzei os braços sobre o peito.

– Não tenho poder? Eles me disseram que eu sou a única pessoa que pode matá-la.

– Isso talvez seja verdade – disse ele. – E talvez não seja. É só uma teoria e, afinal, Mombi e seus amigos já estiveram errados antes. Mas digamos que a teoria das bruxas esteja correta. Só para podermos argumentar. Você acha que Dorothy não sabe? Você acha que ela não fez de tudo para se proteger?

– Claro que sim – falei. – Foi por isso que eu tive que passar todo esse tempo fingindo ser uma empregada. Para poder chegar até ela quando estivesse fraca.

– Vossa Alteza se envolveu em camadas intricadas de proteção, é verdade. E, com a ajuda da Ordem, você já conseguiu destruir muitos desses muros. Mas a princesa não é a única participante do jogo. Ela pode nem ser a participante mais importante. Existem coisas protegendo Dorothy que ela mesma desconhece. Assim como você.

– Ela desconhece. Eu desconheço. A Ordem desconhece. E *você* conhece?

– Ah, Amy. Aprendi um pouco de magia aqui e ali, desde que voltei para Oz, mas vamos encarar a verdade: eu sempre serei um impostor quando se trata desse tipo de

coisa. Minha feitiçaria real não tem nada a ver com *feitiços*. Tem a ver com conhecimento. Eu soube de você no instante em que chegou aqui, não é? Até mesmo o mais inquebrável dos feitiços foi feito para ser quebrado. Você só precisa saber uma coisinha ou outra. A parte de *saber coisinhas*, por acaso, é minha especialidade.

Isso estava ficando muito irritante.

– Olha. Você obviamente quer me dizer alguma coisa – falei, verificando meu relógio imaginário. – Então para de enrolar e fala logo. – Olhei ao redor, nervosa, sabendo que Glinda podia aparecer como um passe de mágica a qualquer momento.

O Mágico suspirou de um jeito teatral e virou a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse realmente se esforçando para decidir.

– Matar Dorothy só pode ser feito por um certo tipo de pessoa, e há quem ache que esse alguém é você. Mas o que a Ordem parece não ter percebido é que só pode ser feito de um certo *modo*. Certas... *ferramentas* são necessárias. Certos itens com os quais a princesa tem uma conexão especial. Você pode ter visto que vários dos *companheiros fiéis* de Dorothy não são exatamente o que costumavam ser. Estou correto?

– Como é que eu devo saber o que *qualquer coisa* costumava ser? – perguntei. – Sou nova aqui, caso não tenha percebido.

– Bom, ouvi dizer que existe um livro – falou ele com uma risada irônica. – Você não o leu? Estou falando, é claro, do Espantalho. Do Homem de Lata. Do Leão. Por que você acha que eles são tão diferentes dos heróis que você esperava encontrar?

– Por causa de Dorothy – respondi. – Ela os modificou de algum jeito.

– Essa seria a resposta óbvia. Talvez até a correta. Mas as coisas sempre são assim tão óbvias? Você ainda não aprendeu que a história *real* nem sempre é a história toda? Os amigos de Dorothy não mudaram só porque são amigos dela. Eles mudaram por causa das coisas que mais valorizam. Ou... as coisas que eles mais valorizam foram modificadas.

– O cérebro do Espantalho – falei, pensando em voz alta.

O Mágico girou o dedo indicador no ar.

– O coração do Homem de Lata...

– Acho que ela está entendendo – comentou ele.

– E a coragem do Leão – terminei.

– Recupere essas coisas e você estará três passos mais próxima de cumprir sua missão.

Balancei a cabeça. Não fazia muito sentido.

– Foi *você* que deu essas coisas para eles. E você nem conhecia magia. Você só estava brincando com eles. Dando o que pediram, quer funcionasse ou não.

– Grande verdade – disse ele. – Engraçado como nem eles pareceram perceber isso. Mas você precisa admitir que meus presentes *tiveram* algum efeito. Você discorda?

– Como posso discordar se não sei do que você está falando? A única coisa que eu sei com certeza é que não confio em você. Nem um pouco.

– E não deve mesmo – disse o Mágico. – Você não deve confiar em ninguém. Sim, eu posso estar mentindo pra você. Por outro lado, qual é o risco de arrancar o coração do Homem de Lata? Só pra ver o que acontece. Se você não fizer isso, ele provavelmente vai te matar de qualquer maneira.

Ele tinha um bom argumento.

– Por que você mesmo não faz isso? – perguntei.

– Ah – disse ele, afastando a ideia com um aceno –, eu nunca tolerei violência. E, de qualquer maneira, foi *você* que veio do Kansas...

A grama ao nosso redor farfalhou, soprada por um vento delicado. Olhei de relance para Pete e o vi encarando o céu noturno. De repente, ele se encolheu e colocou uma das mãos no ombro do Mágico.

– Ela está nos vendo – disse ele. – Ela sabe onde estamos.

O Mágico fez um sinal de positivo com a cabeça, como se entendesse as palavras tipicamente enigmáticas de Pete.

– Temos que sair daqui. Ainda há uma batalha no palácio, mas não vai durar muito tempo. Se ela...

– Ela *quem*? – interrompi, mais do que cansada por não saber das coisas.

– Glinda – respondeu o Mágico. – Nos olhando pelo maldito quadro que eu deveria ter destruído anos atrás...

A noite subitamente clareou com um flash branco, o ar ao nosso redor deslocado à força e repleto do cheiro de óleo de motor. Assustados, Maude e Ollie decolaram.

Protegi meus olhos da luz forte enquanto o Homem de Lata se materializava na minha frente, ainda tremeluzindo com um brilho rosa-pálido do feitiço que o trouxera até aqui. Glinda. Tinha que ser. Eu estava começando a ver, agora, que ela gostava de confiar em outras pessoas para fazer o trabalho sujo por ela. Em vez de me encarar sozinha, ela mandou alguém para lidar comigo.

Seu machado levantava, como se o Homem de Lata tivesse sido arrancado do meio de uma briga e transplantado para cá. Ele olhou ao redor, os olhos ainda se ajustando à escuridão. Abaixou o machado por uma fração de segundo, mas depois viu o Mágico.

– *Você!* – rosnou ele.

– Olá, velho amigo – respondeu o Mágico com tristeza. – Sinto muito por ver que Glinda está usando você como moleque de recados. Não é muito digno, não é?

– *Você!* – gritou o Homem de Lata, indignado. Eu nunca tinha ouvido tanta emoção bruta em sua voz metálica e vazia. – Eu devia saber que você fazia parte disso.

Em seguida ele me rondou, com aquele machado conhecido demais pronto para atacar.

– E você. O que você fez com a minha princesa? Onde ela está? Se você machucou até mesmo um fio de cabelo dela...

– Opa – retruquei. Será que Dorothy tinha sumido depois de se teletransportar para longe de mim? – Não estou com ela.

Obviamente, o Homem de Lata não acreditou em mim. Ele puxou o machado do ombro e se balançou como um lenhador na minha direção, mas eu recuei com facilidade, me sentindo mais forte e mais confiante do que me sentira a noite toda, e peguei minha faca. Senti a magia percorrer meu corpo, carregando a faca com energia.

O Homem de Lata estava sozinho, sem seus soldados, sem Dorothy e a magia dela. E parecia enfraquecido: seu corpo de metal estava surrado; vários dos instrumentos assustadores tinham sido arrancados da ponta dos seus dedos. Ele estava com um amassado enorme na lateral do rosto que se estendia da bochecha até a testa.

A Ordem só tinha me encarregado de matar Dorothy – não houve conversa sobre o Homem de Lata nem nenhum outro de seus companheiros. Mas eles todos eram tão malignos quanto ela, não eram? Eu não conseguira matar Dorothy, mas, se conseguisse

matar o Homem de Lata, isso pelo menos enfraqueceria a habilidade dela de torturar algumas pessoas inocentes, certo?

Eu podia fazer isso.

– Mate-o, Amy – instigou o Mágico. Uma expressão ferida e traída contorceu as feições do Homem de Lata ao ouvir essas palavras. – Eu já falei o que você precisa fazer.

Olhei de relance para o Mágico e o vi acenando as mãos no ar – mas não para me ajudar. Em vez disso, ele construiu o que parecia ser um campo de força verde-brilhante ao redor dele e de Pete. Obrigada, pessoal. Muito cavalheiresco.

O Homem de Lata, no entanto, estava focado apenas em mim. Ele baixou a cabeça e atacou, com o machado estendido diante de si. Enquanto se jogava para a frente, o machado se transformou numa espada comprida e reluzente que quase parecia uma extensão do seu corpo.

Eu estava preparada. Pouco antes de ele me alcançar, pisquei e fui parar atrás dele, que continuou em frente, seu impulso carregando-o adiante. Ele cambaleou por um instante, quase caindo, mas depois se recuperou, girou e – num movimento rápido – arremessou a espada na minha direção. Conforme voava pelo ar, ela se transformou de novo: dessa vez, num turbilhão de facas.

Com algumas viradas rápidas como raio do meu pulso, consegui desviar a maioria delas, mas senti uma roçar no meu rosto. Outra se enterrou na minha coxa.

Sem diminuir o ritmo, eu a puxei, sentindo o sangue quente escorrer pela minha perna, e a joguei para o lado. Com isso e o ferimento que atravessava meu abdome, eu estava uma bagunça. Meu corpo todo sentia uma dor latejante, mas não me importei.

Não me senti mais fraca: me senti mudada. Como se eu realmente tivesse me tornado outra coisa – uma guerreira como Jellia fora ao confrontar Dorothy –, alguém capaz de enfrentar o pior que esses babacas tinham a oferecer e, em seguida, devolver tudo para eles.

O Homem de Lata agora estava desarmado. Pela sua postura, não parecia que ele ainda tinha muita força para lutar.

Eu me lancei no ar e me inclinei num chute giratório que atingiu seu tronco. O Homem de Lata caiu no gramado, e pulei em cima dele.

– O coração dele, Amy! – sibilou o Mágico. – Esse é o único jeito!

Levantei a faca no ar, deixando-a se encher de calor até a lâmina cintilar tão quente que ficou branca. A magia era poderosa neste lugar – eu me sentia supercarregada, mais fortalecida do que nunca, natural de Oz, com uma energia impulsiva fluindo como água do gramado, do ar e da terra e entrando no meu corpo. Na minha faca.

A dor dos meus ferimentos ainda estava lá, mas era fácil de ignorar.

– Por favor! – ofegou o Homem de Lata. Ele agora estava impotente: as armas sumiram, os braços estavam presos ao lado. Seu rosto de metal parecia assustado e patético. – Por favor – repetiu ele. – Eu sei o que fiz. Sei que traí o povo de Oz. Só fiz isso por *ela*.

Uma única lágrima escorreu pelo seu rosto.

Eu me lembrei do que o Mágico dissera mais cedo. *Os companheiros fiéis de Dorothy não são exatamente o que costumavam ser*. Se o resto do que ele me dizia era mentira ou não, essa parte era bem óbvia e, agora, parecia estranhamente relevante. O amor do Homem de Lata era distorcido e perverso. Tinha se tornado algo feio e maligno.

Isso não acontece de repente. Algo fez isso com ele. Imaginei que havia sido Dorothy.

Mas e se fosse o coração dele?

Bom, talvez fosse e talvez não. Não importava de quem era a culpa. Não importava o motivo disso tudo. A vida não é justa. E eu não estava fazendo isso por mim. Eu estava fazendo por Indigo, por Maude, por Jellia e por todos que sofreram por causa de Dorothy. Pessoas como Dorothy não deviam ter permissão para governar. Elas não mereciam um lugar como Oz.

Minha faca crepitou com uma energia azul quando eu a enterrei. Ela afundou no Homem de Lata como uma agulha perfurando um balão.

Quando fiz isso, o rosto dele desmoronou de agonia. Ele começou a chorar com sinceridade – soluçando, na verdade, o corpo oscilando de dor. E começou a parecer estranhamente humano.

– Por favor – conseguiu cuspir. – Por favor, tenha pena de mim.

Era tarde demais. Cortei seu peito na diagonal e tirei a faca apenas para enterrá-la

outra vez, desenhando um *X* no seu lado esquerdo com a lâmina. Ela fez um barulho chiado gratificante e quase não encontrou resistência. Era simples como abrir uma latinha de refrigerante. No fim, ele era feito apenas de lata.

Seu maxilar continuou a abrir e fechar, mas ele não falava mais.

Enfiei a mão no buraco que tinha acabado de fazer e encontrei seu coração. Era macio e aveludado, mas um pouco viscoso também. Eu o arranquei e ouvi um estalo quando ele se soltou dos filamentos de músculo artificial que o mantinham ali.

O Homem de Lata parou totalmente de se mexer. Seus olhos estavam arregalados e destacados, o rosto congelado, agora um registro do seu medo e da sua dor. Lembrei-me das estátuas no jardim de esculturas do palácio.

Segurei o coração diante de mim. Eu havia conseguido. Ele estava brilhando e reluzindo, pulsando na minha mão.

– Me dê aqui, queridinha – disse uma voz. – Não se preocupe. Tudo vai ficar bem, contanto que você o entregue.

Virei a cabeça, surpresa, e vi Glinda parada atrás de mim em seu vestido rosa cheio de babados. A única coisa que sugeria que todo o resto estava menos que perfeito era o vermelho manchado ao redor de sua boca – poderia ser batom mal aplicado, mas parecia muito mais com sangue.

Dei um salto e fiquei em pé, ainda segurando o coração, e me preparei para lutar de novo. Mas, antes que eu conseguisse atacar, um raio verde estalou no ar e atingiu Glinda bem no estômago. Enquanto caía para trás, ela pegou uma varinha com ponta de estrela cintilante no corpete.

– Amy! – gritou o Mágico. – Eu vou atrasar Glinda. Pegue Ozma! Ollie e Maude vão levar você até os outros macacos.

Girei. Ozma?

E aí eu a vi. A bolha verde que o Mágico tinha construído ao redor de Pete para protegê-lo estava se dissolvendo e, ao fazer isso, seu corpo também começou a se dissolver. Onde um instante atrás estava o misterioso jardineiro que era meu amigo, agora eu via a Verdadeira Princesa de Oz. Ela piscou.

– Amy – disse ela. – Amy Amy Amy Amy.

Do mesmo modo que eu estava me escondendo atrás do rosto de Astrid, Ozma se escondia atrás do de Pete.

– Abaixe-se! – gritou o Mágico, e segui suas instruções por reflexo, bem quando um raio rosa-néon de energia mágica crepitou sobre minha cabeça.

– Como... – comecei a dizer, encarando Ozma, mas então o Mágico lançou mais um de seus raios na direção de Glinda, bem quando Ollie mergulhou do céu e me pegou nos braços, me carregando para cima e para longe. Olhei por sobre o ombro e vi Maude, carregando Ozma, logo atrás de nós. No chão, o Mágico estava preso na batalha contra Glinda.

Ao longe, o Palácio das Esmeraldas queimava, iluminado pelas chamas.

Eu me perguntei se Nox ainda estava lá dentro. Me perguntei onde estavam Mombi e Glamora.

Mas o que eu realmente queria saber enquanto voávamos para as nuvens, com a cidade de pedras preciosas queimando sob nós e o coração maligno do Homem de Lata ainda pulsando na minha mão, era onde estava Dorothy. Eu não sabia o que estava acontecendo nem para onde ia, mas sabia o seguinte: isso não tinha acabado. Apesar do meu fracasso esta noite, pelo menos eu estava um passo mais perto. Não importava quanto tempo ia levar – não importava quem eu teria que destruir primeiro –, Dorothy tinha que morrer.

AGRADECIMENTOS

Escrever este livro, andar na Estrada de Tijolos Amarelos, foi a mais incrível jornada, e eu nunca poderia realizá-la sozinha.

Um agradecimento especial à minha linda família. Minha mãe, meu pai e minha irmã, Andrea, que deram cada passo de cada estrada junto comigo, não importa a cor, com seu amor e apoio inabaláveis. E que sempre sonharam mais alto para mim do que eu mesma. Compartilho isso, e tudo que vier depois, com eles. Mãe, você me ensinou a amar, a ler, a escrever e a tentar.

Agradeço ao meu brilhante editor, Bennett Madison, pois, sem ele, Dorothy não teria sido possível. Seu conhecimento enciclopédico de todas as coisas de Oz e sua crença em Dorothy e em mim o tornaram mais do que um editor – ele é um recurso criativo inestimável e um amigo.

Obrigada a James Frey, por seu fantástico apoio e fé neste livro.

À minha equipe fantástica na Harper. Tenho muita sorte de ter Tara Weikum, Jocelyn Davies e Chris Hernandez, cujo entusiasmo por Dorothy e apoio fizeram com que tudo fosse um sonho e cujos instintos e insights editoriais fabulosos ajudaram a moldar Dorothy e trazer Oz para o foco.

Obrigada a Ray Shappell pela capa lindíssima.

Sandee Roston e a equipe de publicidade incrível na Harper: obrigada por me ensinarem e por dedicarem a Dorothy uma quantidade extraordinária de amor e atenção.

Aos meus amigos:

Lauren Dell, minha amiga eterna, por estar ao meu lado desde o começo e ainda estar agora. Annie Kojima Rolland, por dizer *você deveria escrever um livro* antes de qualquer outra pessoa e por me dar uma segunda família para amar. Paloma Ramirez, por realmente ser minha amiga um milhão de anos depois de morarmos no mesmo andar em Columbia. Leslie Dye, pela compreensão. Leslie Rider, por me escutar e cultuar no mesmo altar da perseverança e da lealdade que eu. Carin Greenberg, por me mostrar como se faz e pelos almoços deliciosos e americanos. Jeanne Marie Hudson, pelos conselhos e pelos fotógrafos em cima da hora. E Bonnie Datt, por estar sempre disponível, com empatia e humor, conselhos e coração... por saber que um vestido Nanette Lepore poderia ser o começo de uma amizade linda e absolutamente essencial.

Às minhas outras garotas da noite das garotas: Lexi, Lisa, Sarah, Kristin e Megan. Meus amigos do mundo das novelas, especialmente Jill Lorie Hurst, que foi minha primeira mentora e ainda é uma amiga constante e torcedora na minha vida. Claire Labine, Jim Brown, Barbara Esensten, Paul Rauch e Tina Sloan, que sempre inspiram, aconselham e brilham.

E aos leitores, obrigada, obrigada, obrigada por escolherem este livro. Espero que tenha tudo que eu amo num livro: que leve você para outro lugar, o faça pensar, o faça sentir e ofereça um toque de magia.

A Josh Willis, Don e Sandy Goodman, Sue e Harry Kojima, Chris Rolland, Kerstin Conrad, Nancy Williams Watt, Jim e David Sarnoff, Josh Sabarra, Paul Ruditis e aos muitos amigos e membros da família que não foram citados, mas são muito amados e apreciados!

E um agradecimento especial a Judy Goldschmidt, que tem sido a amiga mais generosa e abriu inúmeras portas para mim. Sou eternamente grata.

A L. Frank Baum, por criar Dorothy e Oz. Espero que ele não tenha se importado muito de eu tê-la pegado emprestado por um tempinho.

Título Original
DOROTHY MUST DIE

Copyright © 2014 *by* Full Fathom Five, LLC

"Edição brasileira publicada mediante acordo com a HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers."

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Gerente editorial
ANA MARTINS BERGIN

Equipe editorial
LARISSA HELENA
MANON BOURGEADE (arte)
MILENA VARGAS
VIVIANE MAUREY

Revisão
ARMENIO DUTRA
WENDELL SETUBAL

Preparação de originais

NINA LOPES

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
GUILHERME PERES

Revisão de arquivo ePub
CLARICE GOULART

Edição digital: Abril, 2016.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Star Books Digital

P161d

Paige, Danielle

Dorothy tem que morrer [recurso eletrônico] / Danielle Paige; tradução Cláudia Mello Belhassof. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016.

recurso digital

Tradução de: Dorothy must die

ISBN 978-85-7980-274-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Belhassof, Cláudia Mello. II. Título.

16-30361

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Danielle Paige é formada pela Columbia University. Antes de começar a escrever livros para jovens adultos, ela trabalhou na indústria da televisão e ganhou o Writers Guild of America Award, além de ter sido indicada a vários Daytime Emmy Awards. *Dorothy tem que morrer* é um sucesso internacional, e todos os livros da série passaram várias semanas na lista de mais vendidos do *New York Times*.